Frances Ann Conant

Perguntas & Respostas III

Tradução: Amadeu António

FRANCES ANN CONANT

PERGUNTAS & RESPOSTAS III

PERGUNTA. — O corpo espiritual necessita de alimento para se manter em existência continuada?

RESPOSTA. — Sim, o corpo espiritual necessita de alimento para se manter em existência continuada; e há muitos corpos espirituais que saíram do corpo físico, e que estão a habitar o mundo dos espíritos propriamente dito, que estão dependentes de tal alimento qual o que possam obter da vida inferior, a fim de que possam existir como corpos espirituais.

P. — O trabalho da vida espiritual é exclusivamente moral e intelectual?

R. — Oh, não; há tantas diferentes gradações de trabalho ou ocupação na vida espiritual quantas as que há na vida terrestre, e mais.

P. — Tendo feito o trabalho de uma esfera e recebido a recompensa, é isso uma qualificação para a esfera seguinte mais elevada?

R. — Não; não é assim que eu entendo.

P. (Do público.) — Como nos é dito que o corpo espiritual necessita de alimento, faria a inteligência o favor de nos explicar isso de modo a que possamos compreender?

R. — Há alguns espíritos ou almas a habitar corpos no mundo dos espíritos que não agregaram para si o suficiente das qualidades primárias da matéria refinada para manter estes corpos em solução permanente, e esses acham necessário ligar-se a corpos mediúnicos, extraindo deles alimento magnético e elétrico — tal como o que pode ser obtido através do alimento, através do ar, através das várias condições que vão no sentido de sustentar corpos físicos. Esta, estamos cientes, é uma nova lição na escola espiritual, mas é uma lição que todos vós tendes de aprender mais cedo ou mais tarde.

P. — Não é esta a razão pela qual os médiuns são tomados e controlados para comer vorazmente, e de tipos particulares de comida tais como os que prejudicariam o médium na condição normal, contudo sob estas circunstâncias aparentemente sem mau efeito?

R. — Sim. O mundo dos espíritos ficou, por assim dizer, inundado com estes espíritos, esta classe de inteligências que não tinham ganho poder suficiente nesta vida terrestre para manter em solução os seus corpos espirituais, e assim tornou-se uma necessidade da Natureza que as portas fossem abertas entre o mundo da mente e o mundo da matéria, para que estas almas famintas, esfaimadas e enregeladas pudessem ser cuidadas na esfera legítima desta terra; pois a terra é a esfera legítima na qual elas têm de se mover e agir por um tempo. É uma das fases da reencarnação, uma espécie de semireencarnação, e contudo é uma fase sumamente potente.

P. — Não poderão algumas das doenças e perturbações de que nós, mortais, somos afligidos, ser atribuídas a este viver de nós por parte dos espíritos?

R. — Sim, pois estes espíritos são parasitas involuntários da humanidade. A fim de existirem nos seus corpos espirituais, eles esgotam as próprias fontes da vida, e deixam-vos pobres de facto.

P. — Então, conforme entendo, podemos presumir que seja uma necessidade?

R. — Sim, é uma necessidade na ordem da Natureza. Não poderia ter sido de outra forma.

P. — Portanto, não poderá ser considerado que, se adotarmos quaisquer meios para prevenir isto, estamos a roubar a outros aquilo de que eles tanto necessitam?

R. — Sim, e contudo não há meios que possais adotar que absolutamente os excluam. Poderíeis mover uma guerra contra eles, mas no final seríeis derrotados, porque eles estão aqui por trás dos elementos subtis, que são os elementos poderosos da vida. Eles podem

tirar proveito deles, ao passo que vós não podeis. A preservação própria levá-los-ia a fazê-lo.

P. — Pode ser correto para eles procederem assim sem olhar ao prejuízo causado àqueles que estão na forma?

R. — Sim, é correto. A preservação própria é uma lei primária da Natureza.

P. — Percebem eles que estão a causar prejuízo àqueles que estão na forma?

R. — Oh, não; eles estão ligados muitas vezes a corpos mediúnicos involuntariamente. Estão acorrentados, por assim dizer, à terra.

P. — Pelo poder da atração?

R. — Sim; não podem sair dali até terem ganho poder suficiente para viverem por si mesmos.

P. — Aqueles mais mediúnicos, suponho eu, são os mais sujeitos a perturbações desta forma?

R. — Sim.

P. — Não é isso o que os constitui como mais mediúnicos?

R. — Certamente.

31 de Out.

PERGUNTA. — São as freiras e outras mulheres por vezes, embora de forma algo secreta, consideradas como a personificação da Virgem Maria?

RESPOSTA. — O vosso orador não tem conhecimento de que tal seja ou alguma vez tenha sido o caso.

P. — São os padres, ou *pères*, ou *curés* por vezes considerados pelas mulheres como a personificação de Jesus Cristo, o esposo da Esposa Geral?

R. — Não; pois isso implicaria mais do que poderia parecer à superfície. Acredita-se que os padres e mestres na Igreja Romana são os anunciadores da vontade de Deus, um manifesto de Deus no humano. O povo comum acredita que eles são especialmente dotados ou ungidos para a sua sagrada missão; e, fossem os dogmas da igreja menos rígidos, esta crença ou fé nos padres poderia resultar em tudo menos em bem para o povo comum, sem instrução. Mas estes dogmas da igreja excluem não apenas a aparência de tal mal, mas o próprio mal. Não que a Igreja Romana esteja sem pecado, pois não está; mas todos estes vários erros que a Igreja Protestante lhe atira à face, o vosso orador acredita serem fantasmas que são o resultado do preconceito e da ignorância.

P. — Em caso de abraços carnais dos sexos opostos, de oficiais religiosos e pessoas, entende-se que a consideração de pecado seja dispensada?

R. — A essa pergunta respondi na anterior.

P. — Pode um padre itinerante (não me limito na pergunta à Igreja Romana), sob qualquer regra subentendida ou secreta, levar consigo uma freira ou outra parte feminina, deixando que as pessoas suponham ser ela sua filha?

R. — É um facto evidente por si mesmo que tal pode ser feito. Não é uma coisa impossível, nem é uma coisa improvável; mas que a igreja sancione tais movimentos é uma coisa bastante diferente. A Igreja Romana não sanciona tal mal. Embora não tenha atingido uma altitude elevada, contudo, como todas as outras igrejas, ela aspira a isso. Como todas as outras, ela por vezes, sem dúvida, recolhe no seu seio aqueles que estão maliciosamente dispostos; mas a igreja não sanciona nenhuma da sua maldade.

P. (Do público.) — Na reencarnação, qual é a lei de atração que opera entre a alma e o corpo humano?

R. — É impossível dizer, visto ser um poder ou força subtil que desafia a análise. Que a lei ou a teoria da reencarnação é verdadeira, o vosso orador sabe; mas o porquê ele não sabe.

13 de Nov.

PERGUNTA. — Numa recente palestra científica em Boston, foi afirmado pelo Professor que, de acordo com observações astronómicas baseadas em cálculos matemáticos, a lua estava a exercer, pela sua influência sobre as marés, um travão sobre o movimento de rotação do mundo, a tal ponto que a terra estava lentamente a parar as suas rotações — sendo o facto facilmente rastreável no último milénio — e que o tempo provavelmente chegaria em algum período da história do mundo em que os dias teriam quinze dias de duração, e as noites quinze dias de duração (do tempo atual da terra), como acontece agora na lua. Está esta teoria destinada a provar-se verdadeira?

RESPOSTA. — Não, não está; nem há nada na filosofia da astronomia pelo qual possa ser provada.

P. — O mesmo conferencista, num outro discurso, declarou que o planeta anelado Saturno tinha sido observado em diferentes ocasiões, através de potentes telescópios (por Herschel e outros), a saltar subitamente para fora num dos lados da sua esfera; isto é — a perder a sua forma esferoidal e a assumir a de uma elipse parcial; a tal ponto que é análogo a uma elevação instantânea de uma cadeia de montanhas de trezentas ou quatrocentas milhas de altura na superfície da terra. Sobre isto ele baseou a teoria de que o planeta Saturno é apenas uma massa fundida, e que estas enormes convulsões são produzidas pelo processo gradual de arrefecimento que ali está em curso. Está isto correto?

R. — Não, não está correto; pois o planeta Saturno chegou a um estado de perfeição maior do que a vossa própria terra. É habitado por raças de seres, muitos deles muito superiores a qualquer uma das raças na terra.

P. (Do público.) — Como obteve a informação de que as pessoas no planeta Saturno estão muito além de nós em inteligência?

R. — Visitando esse planeta e fazendo observações pessoais.

P. — E fez isso?

R. — Fiz; portanto sei.

P. — Ao comunicar com essas pessoas, tem de usar médiuns como faz connosco?

R. — Sim.

P. — É a linguagem das pessoas semelhante à nossa?

R. — Não. Pode haver uma semelhança, mas é muito distante.

P. — Fez mais do que uma visita?

[A resposta a esta pergunta não consta do texto original.]

P. — Esteve lá muito tempo, de acordo com o nosso entendimento do tempo?

R. — Não; mas o tempo bastante suficiente para aprender algo da geografia do planeta.

P. — São os habitantes mortais e imortais, como nós mesmos?

R. — Certamente que são.

P. — Era a superfície do planeta de algum modo semelhante à nossa?

R. — Sim; apenas a vegetação em muitas partes está num grau muito mais elevado de cultivo. Em muitas das artes e ciências eles ultrapassaram-vos; e contudo há raças de seres nesse planeta que são extremamente más, que se deleitam na guerra, e em tudo o que traz miséria à vida humana.

P. — Há alguma atmosfera a envolver o planeta e eles respiram, como nós fazemos?

R. — Se não houvesse, o próprio planeta não poderia estar em existência como planeta.

P. — De que tipo de governo desfrutam eles?

R. — Diferentes formas; algumas bastante análogas às vossas; outras muito à frente das vossas.

16 de Nov.

PERGUNTA. (Do público.) — Não seria melhor se uma pessoa nunca tivesse sabido nada do poder conversor do Cristianismo? Não seria também melhor para algumas mentes se nunca tivessem investigado a Filosofia Espiritual, visto que tende para a loucura entre os destituídos de instrução?

RESPOSTA. — Respondendo à sua pergunta a partir de um ponto de vista finito e limitado, eu diria que sim, seria melhor para uma certa classe de mentes se nunca tivessem investigado o Espiritualismo moderno; melhor para uma certa outra classe de mentes se nunca tivessem investigado as alegações do Cristianismo. Mas, respondendo-lhe a partir de um ponto de vista além do humano, eu diria que todas as coisas são perfeitas e muito boas como são; que a alma que perde a posse das suas faculdades físicas naturais em consequência de investigar o Espiritualismo moderno, ou qualquer outro ismo, ganha uma lição com isso, não na vida mortal, mas na experiência de alma dessa alma. Eu acredito no absoluto — que todas as coisas que são, são de necessidade; que todas as experiências, quer boas, quer aparentemente más, pelas quais a alma passa, são de necessidade para a alma, e portanto muito boas.

P. — Não pensa que muitos médiuns têm feito um grande mal entre certas classes?

R. — Certamente penso; na medida em que estão infelizmente organizados, de modo que atraem a si mesmos uma classe de mestres espirituais que estão mal adaptados para dar a verdade espiritual. E, novamente, há outros que se lançam sobre esta grande e vertiginosa maré de afluxo espiritual antes de estarem meio formados como médiuns e, portanto, o mal daí resulta.

P. — Pensa que mais pessoas se tornam insanas por meio do Espiritualismo do que pela velha Teologia?

R. — Os registos estatísticos mostram que o número de pessoas insanas que foram tornadas insanas pelo Espiritualismo moderno está em grande minoria quando comparado com aquelas que foram tornadas insanas pelo Cristianismo popular. Mas o Espiritualismo moderno é uma criança comparado com o Cristianismo. Não sabemos como estas notas se compararão quando o Espiritualismo tiver mil oitocentos e setenta e um anos de idade.

P. — Eu julgaria pela pergunta respondida anteriormente que não nega que o Espiritualismo seja prejudicial para a humanidade?

R. — Tudo — não me importa se a coisa é boa, muito boa, ou má, muito má, ou situada entre as duas — é, para alguns, um mal positivo. O Espiritualismo moderno propõe-se trazer mais bondade do que mal à humanidade. Até agora tem feito isto, como o seu registo, espiritual e mortal, mostrará.

P. — Pode a verdade, sob quaisquer circunstâncias, ser prejudicial?

R. — Sim, pode; porque as coisas prejudiciais, ou coisas más, desta vida são medidas pelos sentidos desta vida. Portanto, medindo a verdade pelos sentidos da vida mortal, há condições sob as quais ela mais valia ser retida; pois se for expressa causará dano.

20 de Nov.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Há muitos que, durante a sua existência terrestre, derivam grande gozo do privilégio de tocar instrumentos musicais, particularmente o órgão. Eu gostaria de perguntar se esse privilégio termina com esta vida, ou se há provisões feitas para aqueles que cultivaram um gosto musical e se sentiriam pobres se privados dele na vida futura?

RESPOSTA. — Há a maior provisão feita no mundo dos espíritos para todas as necessidades da alma — esta não é exceção. Há instrumentos correspondentes aos instrumentos musicais que tendes aqui na terra. Tão requintados são em tom que, pudésseis ouvi-los,

seríeis transportados no sentimento, se não na realidade, para a vida celestial.

P. — A quantidade de eletricidade na atmosfera da terra aumenta de período para período e, ao mesmo tempo, torna-se ela mais refinada?

R. — Mentes científicas, que investigaram nessa direção, dizem-nos que nunca há mais nem menos eletricidade pertencente a qualquer planeta propriamente dito, em qualquer momento, do que em outro momento. É a mesma ontem, hoje e para sempre. Muda nas suas manifestações, mas em princípio é para sempre a mesma.

P. — De onde vem a eletricidade? Se da terra, evoluem as terras cultivadas uma percentagem maior do que as terras não cultivadas?

R. — A eletricidade é o poder ou força subtil que tinha uma existência antes de os mundos existirem. A matéria atrai e repele a eletricidade de acordo com a sua condição. Dizem-nos que há uma quantidade maior de eletricidade em terras antigas do que em novas.

P. — Alguns pensam que o espírito pode, sob condições adequadas, afastar-se do corpo até ao ponto de se associar com espíritos desincorporados e com eles decidir sobre o rumo que deverá seguir enquanto no corpo; tal como um membro de uma corporação pode concordar com os seus associados em seguir um determinado rumo quando chegar a uma localidade especificada; e que o espírito pode regressar ao seu corpo para o propósito de ser usado pelos seus espíritos associados para levar a cabo o rumo designado, sabendo que estará então inconsciente desse pacto, e possivelmente muito insatisfeito com a sua condição. Pode o espírito controlador dar-nos alguma luz sobre este assunto?

R. — Há uma verdade maravilhosa e bela a subjazem a este assunto. Que a alma é livre para se associar com os seus amigos que passaram além deste estado rude da matéria, é uma verdade absoluta e bem demonstrada. Que ela pode fazer ou quebrar contratos na outra vida é também uma verdade. Agora, no caso de cada médium, cada espírito que possa desejar tomar posse *pro tem* do corpo físico,

primeiro consulta a alma que possui ou tem o controlo legítimo desse corpo; mas um conhecimento dessa consulta não é projetado para os sentidos externos, portanto o médium nesta vida nada sabe sobre isso. Mas não obstante este contrato é feito: Dar-me-ás o controlo da tua vida física por tanto tempo? Sim ou não? Por vezes o espírito estrangeiro sendo repelido, controla contra a vontade da alma habitante, e então não há essas condições harmoniosas que resultariam sob outras condições — aquilo a que chamarias fiabilidade nas manifestações espirituais.

P. (Do público.) — Fala da alma e do espírito em aparente distinção. Há um corpo espiritual que a alma habita, ou são o espírito e a alma um só?

R. — Espírito e alma são dois, sendo um o vestuário do outro — sendo um a máquina através da qual o outro atua. Falo da alma como a vida interior; o espírito como o vestuário dessa alma — como o poder que atua ou opera entre essa alma e a condição física aqui, nesta vida, e que a alma leva consigo para o mundo dos espíritos. É um corpo espiritual a habitar um corpo físico durante a vida física, que é levado com a alma para o mundo dos espíritos na hora da morte.

P. — Pode a clarividência ser obtida independentemente de auxílio espiritual?

R. — Não.

P. — Então o Sr. Fahnestock não está correto no seu livro?

R. — Não se ele assim o determina. Uma pequeníssima perceção da filosofia da vida determinaria essa questão.

23 de Nov.

PERGUNTA. (Do público.) — Suponha-se que uma pessoa está insana ao entrar no mundo dos espíritos; permanece ela nessa condição por algum período de tempo?

RESPOSTA. — Não, não permanece; mas essa condição peculiar do corpo que faz com que o espírito dê manifestações insanas aqui,

tem uma ação reflexa no mundo dos espíritos; em outras palavras, a condição do insano aqui é levada psicologicamente para o mundo dos espíritos e portanto há uma necessidade de tratamento médico mesmo ali. Mas essa condição não dura muito. A alma muito em breve passa além dela; pois não há, na realidade, tal coisa como uma alma insana. A insanidade pertence à matéria, e não à mente.

P. — Os espíritos que partem com outras doenças são obrigados a ser tratados, não é assim?

R. — Sim.

P. — Influenciam os espíritos alguns indivíduos a beber e a cometer outros crimes?

R. — Sim; nunca houve verdade maior. Encontrando condições que são apropriadas aos seus desígnios e desejos, eles ligam-se a essas pessoas que possuem estas condições, e fazem seja o que for que achem conveniente fazer, quer seja embebedarem-se, roubarem ou cometerem homicídio.

P. — Eles não podem, então, ter-se elevado acima da esfera terrestre?

R. — Não, claro que não. Há alguns tipos de inspiração que participam da terra, porque são terrestres. Nem toda a inspiração tende a elevar o inspirado imediatamente a um estado de retidão e paz. Por vezes sois inspirados a partir da ordem mais baixa de condições, por vezes a partir da mais elevada.

P. — Não envolve isso de necessidade o fatalismo?

R. — Certamente que envolve.

P. — Não elimina também a responsabilidade do homem?

R. — Oh, não. O fatalismo inclui a responsabilidade; mas esse mesmo poder do fado determina que vos deveis considerar responsáveis por cada um dos vossos atos praticados no corpo e fora do corpo; que vos deveis acusar perante a lei da vossa própria razão, e ali passar sentença quer para o bem quer para o mal.

ESPÍRITO CONTROLADOR. — Foi-me solicitado solicitar doações desta assistência em auxílio da "Feira Estadual para a Proteção de Animais Mudos" — doações que vão desde um cêntimo até tanto quanto sejais capazes e estejais dispostos a dar, para ser colocado sobre a mesa à medida que sairdes. Visto que este é um passo muito importante na escada do progresso, é de esperar que ninguém pense levianamente dele, mas que todos façam seja o que for que possam fazer pelos seus parentes inferiores (de acordo com Darwin na escala da humanidade).

Tudo o que tende a tornar-nos, aos vivos, e a vós, aos mortos — inverto a ordem, pois na realidade vós estais a habitar em corpos a morrer diariamente — tudo o que tende a tornar-nos mais humanos, eleva-nos para mais perto de Deus; portanto considero a inauguração desta Sociedade como uma das mais grandiosas que jamais ganhou raízes na terra. Seja o que for que façais a um dos mais baixos desses representantes inferiores no "reino da vida", fazeis para o mais elevado, cujo trabalho é. E, lembrai-vos, pedimos apenas um cêntimo. Que aqueles que não são capazes de dar isso nos deem a sua boa vontade, o seu desejo sincero de que a Sociedade se erga, e não caia. Aqueles que podem contribuir, por menos que seja, para as suas finanças, esperamos encarecidamente que o façam. 28 de Nov.

ESPÍRITO CONTROLADOR. — Se o meu irmão tem perguntas, o Índio responder-lhes-á.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — É correto dizer: "A boa e a má vontade são, da mesma forma, o resultado da operação inevitável das leis da Natureza — atração e repulsão", baseando-se nos elementos inerentes e constituintes da faculdade da vontade?

RESPOSTA. — É correto dizer que o Grande Espírito, a habitar em toda a parte, controla todas as coisas, o bem e o mal, e faz com que tudo o sirva, e o sirva bem.

P. — Cometem os bons médiuns alguma vez erros nas suas previsões?

R. — Sim; e por razões que qualquer mente culta pode compreender por si mesma. Os erros cometidos estão sempre na maioria com todos os médiuns, os altamente dotados e os que o não são; porque não há nenhum perfeitamente desenvolvido.

P. — Ao preverem, não leem eles a mente da pessoa a quem estão a fazer essas previsões?

R. — Visto que a mente que ainda encontra abrigo no corpo humano é tão capaz de influenciar estes sujeitos sensitivos quanto o são aquelas que escaparam ao corpo físico, isto é bastante possível.

P. — Eu gostaria de perguntar relativamente a essas palavras de Jesus: "Antes que Abraão existisse, eu sou." Não seria uma inteligência superior, a falar através dele, que afirmava ter vivido antes de Abraão, e não o próprio Jesus?

R. — Disso nós não sabemos. Que Jesus estava bem ciente de que tinha vivido outra vida, e muitas vidas, antes daquela que estava então a viver, nós sabemos; portanto é possível que ele pudesse ter feito referência a si mesmo.

Dez. 5.

PERGUNTA. — Um correspondente pergunta: Qual é a causa da geada nas nossas vidraças a produzir as mais belas árvores, arbustos e flores que a mente poderia imaginar, sem nada do género na Natureza por perto?

RESPOSTA. — "Sem nada do género na Natureza por perto?" Isto é afirmar uma grande coisa, visto que há tanto de Natureza invisível como há de Natureza visível. Estas imagens de geada que vos vêm em tantas formas fantásticas e belas são apenas a condensação do que há na atmosfera contígua à placa sobre a qual estas figuras são transcritas. O movimento e a luz produzem a imagem. Uma das condições mais naturais de todas na Natureza é a beleza artística com que todas as estações são decoradas. A primavera, o verão, o outono e mesmo o inverno, todos vêm sob a mão de um

artista hábil, e contudo o resultado é que a vossa morada terrestre, embora um estado purgatorial de existência, é tornada bela para vós.

P. — Por que não são os espíritos mais justos e generosos para com os seus servos — os médiuns — empregados por eles para fazer o seu trabalho? Se eles têm poder — como afirmam ter — para controlar assuntos de dinheiro e conceder recompensas conforme achem conveniente, por que são servos tão fiéis como Austin Kent e Joseph Baker deixados a morrer de fome ou a mendigar, e a comer o pão amargo da caridade na sua velhice desamparada e sofrida? É correto? É justo receber os seus trabalhos fieis durante tantos anos, sem qualquer compensação justa ou adequada dada em retorno?

R. — Não nos cabe a nós determinar se é justo ou não. Isto sim, todos nós compreendemos — ou pelo menos se não compreendemos é tempo de compreender — que estamos nas mãos de um Poder que nos guia para onde quer que queira. A alguns de nós guia para vales escuros de humilhação, de pobreza e doença; atam as nossas frontes com espinhos; cravam-nos as ilhargas com lanças; pregam-nos à cruz uma e outra vez, enquanto a alguns coroa com flores, e dá-lhes caminhos que são agradáveis e pacíficos pelos quais trilhar esta vida mortal.

Aqueles que acreditam num Poder ou presença de Deus, totalmente sábio, totalmente perfeito, acreditarão naturalmente que todas estas várias condições são condições de bem, de absoluta necessidade. Por mim, acredito que são. Acredito na bondade infinita de uma Inteligência Tudo-Sábia a governar cada um de nós especialmente como a todos nós geralmente. Acredito, como Jesus acreditava, que nem um pardal desce ao solo sem a atenção do nosso Pai Celestial; que o curso do grão de areia está traçado, como está o curso da alma e do corpo.

Acredito que todos temos as nossas órbitas nas quais nos mover — como os mundos fazem — e não podemos balançar para fora delas à vontade; nem pode qualquer pessoa, qualquer grupo, qualquer universo de espíritos forçar-nos a sair dessas órbitas. Vivemos,

movemo-nos e temos o nosso ser nela por força de uma lei inexorável. Quem está, então, em falta se o nosso irmão ou a nossa irmã está na pobreza? Se não houvesse pobres, a condição sagrada de benevolência não poderia ter a sua obra perfeita. Todas as várias faculdades da alma que correm nessa direção seriam de nenhuma utilidade. Ora, visto que são, visto que têm um ser na alma, elas são feitas para uso. A benevolência pede pobres, algo sobre o qual despender-se. Jesus disse — assim o registo nos diz — que vós teríeis sempre pobres.

Ora, visto que na Natureza contemplamos uma variedade infinita em toda a parte, visto que não há duas formas ou condições exatamente iguais, e visto que esta lei da Natureza perpassa a humanidade, é razoável esperar que haverá sempre pobres assim como ricos, ignorantes assim como sábios, bons assim como maus, e aqueles que menos resmungam com o funcionamento sábio de um Deus Infinito correrão mais rápido em direção à meta da paz e da prosperidade. Há na vida uma ampla lei de compensação para todos. Nós sabemos isto, tendo-o demonstrado além da possibilidade de dúvida; ninguém é deixado de fora; cada alma individual vem sob a sua regra benigna; todos receberão exatamente o que precisam, e nada mais.

Dez. 11.

PERGUNTA. — São as doenças mais facilmente curadas através do poder dos espíritos do que por um médico ordinário?

RESPOSTA. — Cientistas médicos na nossa vida encontram muitas classes de doenças, um número quase infinito de classes de doenças. Algumas destas, dizem-nos eles, são mais facilmente alcançadas e vencidas pela força espiritual do que por drogas e medicamentos. Outras não podem ser alcançadas por estas forças espirituais, mas podem-no ser por drogas e medicamentos. Outras requerem ambos, a fim de obter resultados satisfatórios.

PERGUNTA. (Do público.) — Por que razão Theodore Parker fez essa invocação em favor do direito do Príncipe à herança do trono, quando temos tanto sofrimento humano através das suas leis

desumanas? Não seria melhor invocar auxílio para a Convenção pelo Sufrágio Feminino e para o Sindicato dos Trabalhadores?

RESPOSTA. — O nosso irmão Parker não está presente nesta ocasião. A oração por ele oferecida pelo restabelecimento do Príncipe de Gales foi uma oração honesta, sem dúvida uma oração nascida de um desejo sincero de fazer o bem. Ora, visto que em caso de morte do Príncipe de Gales nada além das mais terríveis calamidades, pelo menos de momento, resultaria para a nação inglesa, certamente que foi sábio orar pelo seu restabelecimento. E contudo, sem dúvida, aquele que ofereceu a oração sentiu no íntimo da sua alma que o destino do Príncipe de Gales estava traçado, mesmo então.

Se era seu destino viver mais tempo aqui, ele assim o faria; se não, ele partiria. Sem dúvida também que ele se reconheceria como um agente, um instrumento nas mãos de um Poder Supremo e Tudo-Sábio que governa todos os eventos da vida, e que governa essa oração, bem como governa a queda de um pardal. Todos os vários movimentos de reforma são objeto de especial atenção por parte dos habitantes da vida espiritual superior, pois fique bem entendido que todos eles ali têm origem, cada um deles.

São, se assim posso falar, os projetos de estimação dos anjos. São transmitidos a vós, impressionados em mentes sensíveis e suscetíveis, e evocados ou desenvolvidos novamente dessas mentes para o mundo da humanidade. Qual é o resultado? Eis que uma reforma é inaugurada aqui e ali, neste e naquele caso; pode ser um movimento pelo Sufrágio Feminino, pode ser uma reforma no Trabalho, pode ser uma reforma na Política ou na Religião; mas todas as reformas são semeadas no céu primeiro, e depois germinam na terra.

P. — Que resultado terrível poderia ter resultado da morte do Príncipe?

R. — Provavelmente aquele que teria produzido os resultados mais graves teria sido a nomeação de uma regência, o que teria sido equivalente à deposição da atual soberana. Sob o estado atual de sentimento em Inglaterra, é melhor que, por um tempo, as coisas

permaneçam como estão — não porque sejam no presente o melhor que jamais poderia ser — de modo algum, mas são o melhor para a hora presente.

P. — Não pensa que é impossível para o homem pobre estar reconciliado com a sua condição, ao contrastá-la com a do rico?

R. — É certamente impossível para a mente que raciocina erradamente; inteiramente possível para a mente que raciocina retamente — justamente. O espírito de visão perspicaz que falava através de Jesus há muito tempo previu que haveria sempre pobres, assim como ricos. Não é provável que venha a chegar o tempo em que haverá uma disposição harmoniosa da riqueza deste mundo. Usamos o termo harmoniosa como ele é geralmente definido ou entendido pela humanidade, ao mesmo tempo que reconhecemos o facto de que há uma harmonia Divina em todas estas aparentes inconsistências, uma harmonia Divina existente entre a pobreza mais abjeta e o ponto mais elevado possível de riqueza terrestre.

P. — Vemos exatamente o mesmo tipo de fariseus e saduceus a que Jesus fazia referência, e isso desperta o mesmo espírito que imagino que Jesus tinha quando lhes chamou sepulcros caiados?

R. — Sim, o mesmo espírito existe hoje que existia no seu tempo; as mesmas forças estão a atuar. É correto estar insatisfeito com aquilo que é prejudicial para a sua felicidade; isso não pode ser evitado. É igualmente correto para si estar colocado de modo a encontrar-se num estado de infelicidade; e, por esta razão, a alma nunca é, na minha opinião, chamada a passar por qualquer experiência, quer de tristeza quer de alegria, que não seja uma necessidade para essa alma — que não se torne, por assim dizer, uma alavanca para essa alma, elevando-a para a vida celestial. Como foi dito, os pobres, publicanos, pecadores, meretrizes e afins "entrariam no reino dos céus" antes de outros que eram aparentemente melhores do que eles, porque essas próprias condições seriam uma alavanca, elevando-os mais rápido e mais alto para o reino dos céus.

P. — Não é o corpo humano um microcosmo, contendo tudo na Natureza abaixo dele?

R. — Contém todos os elementos conhecidos na Natureza, no passado, no presente e no futuro. Não acredito que seja necessário que contenha mais do que um elemento de cada tipo, nem acredito que contenha; e por esta razão: não encontramos tais condições ao analisar o corpo. Encontramos todos os elementos na Natureza, e encontramos aqueles que datam de muito antes daqueles com que estamos atualmente familiarizados. Encontramos aqueles que se estendem pelo futuro ilimitado. Estão todos bem classificados e postos em ordem — nem um a mais, nem um a menos.

P. — Usa o termo "elemento" como sinónimo de "átomo"?

R. — Não, certamente que não. Uso-o neste sentido — das forças imponderáveis da Natureza, tudo o que alguma vez foi, tudo o que é, tudo o que alguma vez pode vir a ser.

P. — Não é verdade que alguns corpos têm mais átomos de um determinado elemento do que outros?

R. — Certamente que sim.

P. — Sabem os espíritos a forma dos átomos?

R. — Sabem.

P. — E são esferas perfeitas?

R. — Nem sempre.

P. — Parece-me que, se fossem mais compridos numa direção do que noutra, isso implicaria divisibilidade, e que portanto não seriam átomos.

R. — Não há um único átomo no universo que não seja capaz de ser dividido e subdividido *ad infinitum*. Este é um facto bem provado pela ciência. Pelo termo "átomos", não quero dizer primários. Aquilo que é um primário não pode ser reduzido a mais nada — é incapaz de

qualquer divisão, de qualquer mudança, exceto à medida que se desenvolve na matéria para cima.

É dito pelos cientistas terrestres que há um certo número de primários. Certa vez tínhamos sessenta e quatro; agora há uma simples adição; mas a verdadeira verdade do caso é que há apenas um — isto é, Deus. Qualquer coisa que possa ser analisada — e, para analisar uma coisa, tem de se dividi-la — não é um primário — não pode ser. O mundo tem muito a aprender; e, como somos todos alunos na maravilhosa escola de Deus, esperaremos lucrar amplamente com as nossas vantagens. 19 de Dez.

Discurso

(25 de Dezembro de 1872)

Paz na terra; boa vontade vinda do céu. Cantam os anjos, tal como outrora. Pelos seus abençoados conselhos dados, Sinais de luz brilham de cada margem. Homens sábios vêm novamente adorar No santuário da verdade e do amor; Escutando os brilhantes evangelhos Que falam desde os seus lares no alto.

Hoje toda a cristandade celebra o nascimento de um dos seus médiuns; e resultará algum bem destas celebrações? O observador inconsiderado sem dúvida responderia "Não"; mas aquele que está habituado a sondar fundo nas realidades da vida pensará diferentemente, compreenderá que todas estas circunstâncias de pensamento, que fluem em grandes rios da vida inferior para a superior, têm de receber um fluxo correspondente dessa vida superior. A Natureza e Deus nunca fazem nada pela metade; as balanças estão sempre equilibradas com exatidão. Cada um recebe uma justa recompensa por todas as coisas. Pode não parecer assim, mas assim é, na realidade. Sabei, pois, que naqueles dias em que os vossos pensamentos se dirigem ao mundo dos anjos vós tendes, por necessidade, de receber uma força correspondente desse mundo.

Tendes de ser alegrados nas vossas vidas de alma, embora a experiência não seja projetada para o mundo exterior — exceto em casos raros — destas bênçãos divinas e celestiais de que a alma tem

sede. Mais do que isto: estes dias dedicados a algo mais do que às realidades comuns da vida estão a formar para vós na mortalidade estradas de maravilhosa beleza pelas quais a alma na morte passará. Estas estradas são de necessidade para a alma e, portanto, a sabedoria inaugurou os vossos dias de Sábado — quer sejam os cristãos quer os judaicos, não importa. Os vossos dias de Natal, os vossos dias de Ação de Graças, os vossos feriados militares, cada um deles está unido ao mundo dos anjos, e eles trazem-vos bênçãos que não podeis compreender nesta vida, mas estão todas guardadas e prontas para vós na morte.

PERGUNTA. — A presença de chineses em grandes números neste país afetaria prejudicialmente a questão do trabalho?

RESPOSTA. — Qualquer coisa que sobrecarregue um mercado, quer nesta direção quer em qualquer outra, torna-se um prejuízo positivo para a vida comercial e também para a vida social. Um grande afluxo deste elemento não poderia resultar em nada mais do que um prejuízo positivo para a questão do trabalho tal como ela se apresenta hoje. As classes médias da humanidade americana estão a fazer um grande esforço nesta época para se elevarem além do nível que os seus opressores deitaram para elas.

Elas desejam retirar a injúria do trabalho, torná-lo uma coisa respeitada e honrada; não que o não seja agora, mas não é assim considerado pela classe ignorante aristocrática, pois fique bem entendido que há tanta ignorância com a aristocracia como há com a democracia, e nós pensamos que a maioria está com a aristocracia.

P. — Qual é a nossa verdadeira política em relação ao tratamento a dar-lhes?

R. — Bondade, uma consideração sábia das suas necessidades, lembrando para sempre que vós lhes apresentastes sob muitos aspetos uma falsa luz. Eles foram guiados para as vossas margens pelo seu clarão; é vosso dever prover para eles, assim como é vosso dever não apresentar mais falsas luzes. Vós dais a entender a todo o mundo que este é um país livre, e a verdadeira verdade é que ele está apenas a

começar a aprender o que a palavra liberdade significa; vós dais a entender a todo o mundo que sois liberais; excessivamente liberais com as classes trabalhadoras. Assim sois, quando contrastados com outras nações; mas ainda assim há um amor persistente pelo poder e pela tirania em vós, que tem de ser desarraigado antes que possais ser livres de facto, e possais oferecer um lar e liberdade às nações.

P. (Do público.) — Os esforços atuais para melhorar a condição das classes inferiores terão finalmente sucesso?

R. — Sim, enfaticamente sim; não pode ser de outra forma; porque é um desses movimentos ascendentes, progressivos, que são naturais e legítimos, e eles têm uma alavanca que os força a erguerem-se, quer queiram quer não.

P. — Poderia esse resultado ser acelerado pelo sufrágio das mulheres?

R. — Certamente que será por tal evento. 25 de Dez.

PERGUNTA. — Visto que há espíritos mentirosos, que tentam passar por nossos amigos falecidos, como podemos saber quando as comunicações, ditas vindas de tais amigos, são fiáveis?

RESPOSTA. — Absolutamente falando, nada convosco é fiável. Estes fenómenos espirituais, ou estas manifestações espirituais, estão atualmente na sua infância — nos estágios incipientes de desabrochar. Vós sois principiantes na ciência; os espíritos que regressam são também principiantes na ciência, mas todos vós estais a lutar para obter cada vez mais conhecimento. Mais tarde obtereis o suficiente nesta direção determinada de identificar espíritos para superar, em grande medida, esta dificuldade atual, mas será um crescimento lento.

P. (Do público.) — Podemos ter alguma prova em nós mesmos da verdade da doutrina da reencarnação?

R. — Sim, cada um de vós.

P. — Qual é ela?

R. — A alma carrega consigo mesma registos de todas as condições pelas quais passou. Isso é prova suficiente, e contudo a alma não é capaz de projetar para a existência objetiva uma fração do que ela mesma sabe. Assim, pois, a prova não equivale a nada para vós na vida humana. A alma tem-na; os vossos sentidos externos não a têm.

P. — É natural supor que amigos nossos que partiram, e que foram educados em ideias da velha escola, voltem e estejam interessados nas novas ideias que estão a ocupar as mentes dos seus filhos hoje?

R. — Sim, por que não?

P. — Seria provável que eles lançassem a influência das suas velhas ideias sobre nós, ou seria provável que viessem para o nosso modo de pensar?

R. — Eles não estão obrigados a seguir no encalço dos seus filhos, mais do que os seus filhos estão obrigados a seguir no encalço deles. Eles seguem os instintos nativos e as peculiaridades das suas próprias almas.

P. — Não podem os espíritos assombrar cada casa através das emanações de indivíduos comuns, bem como por meio de médiuns físicos?

R. — Sim.

P. — Por que não o fazem eles, então, dando assim ao mundo evidência difundida da verdade do Espiritualismo?

R. — Os espíritos nem sempre fazem tudo o que vós poderíeis supor que eles quereriam fazer. Talvez tenham ocupações melhores. Este Espiritualismo está a crescer bastante rápido, com aquilo que já tendes. Já ultrapassou cada religião na terra. Deu mais revelação que é revelação divina do que qualquer outra coisa jamais deu, e contudo, propriamente falando, tem apenas vinte e três anos de idade.

2 de Jan.

PERGUNTA. — Se alguém possui beleza de forma e feições nesta vida, segue-se necessariamente que fará o mesmo na vida espiritual, e vice-versa?

RESPOSTA. — Sim; através da lei da correspondência, esta é uma sequência necessária. Visto que o corpo espiritual é constituído por forças que foram recolhidas do corpo natural e dos seus contornos, dever-se-ia supor, pelo menos, que esse corpo espiritual tomaria a semelhança do corpo físico; na verdade, se o não fizesse, haveria milhares de corações desapontados ao entrar no mundo dos espíritos. Encontrariam os seus entes queridos tão mudados que desafiariam o reconhecimento; mas um provedor sábio na Natureza cuidou disto, como de todos os outros assuntos.

P. — É o corpo espiritual uma representação verdadeira do corpo natural no seu exterior?

R. — O corpo espiritual assemelha-se ao corpo natural na maturidade, pois o corpo espiritual torna-se um corpo perfeito por essa altura, e cessa desde essa altura de recolher elementos do corpo natural.

P. — Seria de supor, se a lei da reencarnação é uma verdade, que a alma nas suas migrações tomaria sobre si, de cada vez sucessiva, um corpo de capacidades maiores — de desenvolvimento mais fino. É isto assim?

R. — Não, não é, como tudo na Natureza prova o contrário; pois é por vezes necessário na marcha da alma através da matéria que ela desça e tome sobre si elementos mais rudes da matéria do que aqueles através dos quais já se manifestou, assim ela desce o vale para que possa subir novamente a montanha.

P. (Do público.) — Há algum tempo tive uma comunicação, e o espírito disse: "Quisera eu a Deus ter o poder!" — e depois disse-me o que faria. Antes de partir disse: "Estou fraco." Foi esta falta de poder o resultado do subdesenvolvimento?

R. — Poderia entender isso de muitas formas. Antes de mais nada, deveria entender que todos os espíritos são finitos, e não possuidores da totalidade do poder. Eles têm apenas tanto quanto foram capazes de agregar a si mesmos, e não mais. Um espírito diz: "Estou fraco!" Os espíritos que regressam tomam as condições de ser sob as quais saíram dos seus corpos naturais no seu primeiro regresso. Este é um resultado da lei natural, e não pode ser evitado.

P. — Não têm os espíritos melhores oportunidades para a progressão do que nós temos aqui? Não podem eles progredir mais rápido?

R. — Não; por todas as leis do céu e da terra, não. Tendes aqui exatamente tão boas oportunidades quanto tereis ali.

P. (De um indivíduo do público.) — Foi-me prometido que eu me tornaria um médium. Como posso ser ajudado nisso? O que posso fazer?

R. — Absolutamente nada. Se foi prometido por aqueles cujas promessas significam seja o que for, virá a si sem que faça absolutamente nada.

P. — Disseram-me para tentar.

R. — Então disseram-lhe de forma não sábia. A Natureza é bastante capaz de cuidar desse departamento, bem como de todos os outros. É um dom natural, e não pode ser coagido a existir. Se o tem, florescerá, apesar de tudo o que possa fazer. Nada do que possa fazer irá atrasar ou auxiliar no seu progresso. Esta teoria de fazer médiuns é muito falsa; mais valia falar de fazer a luz do sol.

P. — Não são os médiuns mais suscetíveis de se desenvolverem sob algumas circunstâncias do que sob outras?

R. — Sim; e o poder da mediunidade — o poder que está neles — forçá-los-á a essas circunstâncias; não precisam de ter qualquer preocupação consigo mesmos. Se é necessário que este poder seja trazido para fora através de grande tribulação, eles descerão ao vale da miséria humana. Todos os poderes mediúnicos agregam ao possuidor

as condições necessárias ao desabrochar desses poderes, e no momento próprio eles florescerão. 8 de Jan.

PERGUNTA. (Do público.) — Não é a influência magnética de uma mente a atuar sobre um número de indivíduos a mesma do que a de um espírito a atuar sobre um número de médiuns?

RESPOSTA. — Sim; é uma exibição da mesma força, governada pela mesma lei.

P. — É prejudicial para eles atuar sobre alguém que é mais elétrico?

R. — Não; não se o operador for criterioso e compreender o que está a fazer.

P. — Tem o jejum algum efeito no desenvolvimento dos médiuns?

R. — Sim; o jejum tem por vezes o efeito de trazer à superfície essas condições mediúnicas que de outra forma poderiam permanecer num estado adormecido por muito tempo.

P. — Tem a doença alguma vez a tendência de desenvolver o poder mediúnico?

R. — Sim; mas nunca produz o poder.

P. — Afeta a vida regalada o poder de cura prejudicialmente?

R. — Sob algumas circunstâncias, sim; sob outras, não. Os bons ou maus resultados que possam advir da vida regalada ou austera dependem da condição física peculiar do organismo no momento em que o alimento é tomado ou não é tomado. A condição da máquina determina quer os bons quer os maus resultados daquilo que é tomado para sustentar o corpo físico.

P. — É a morte, a doença ou qualquer calamidade terrestre um prejuízo para a consciência positiva própria?

R. — Não, nem a morte nem a doença; e, propriamente falando, não há tal coisa como morte, porque morte significa aniquilação. Não há aniquilação — de nada; portanto não há morte.

P. — Requerem os médiuns ter certos órgãos frenológicos bem desenvolvidos?

R. — Sim; requerem.

P. — Que órgãos deveriam estar largamente desenvolvidos?

R. — O órgão da espiritualidade, o órgão da firmeza, o órgão da idealidade. Se estes três estiverem bem desenvolvidos, e o poder mediúnico existir em qualquer grau dentro da pessoa, raramente eles serão desviados pelos seus dons mediúnicos, e tornar-se-ão benfeitores do mundo pelo uso desses dons.

P. — Não há um grande número de médiuns que têm a espiritualidade pequena?

R. — Sim.

P. — Quando uma pessoa está neste estado mediúnico, não está a mente da pessoa iluminada, dotada de novo poder, de modo que poderia por si mesma dar manifestações, sem o auxílio de um espírito estrangeiro?

R. — Não; não está. A mente está iluminada; todas as suas capacidades latentes são trazidas à ação — tudo o que é necessário para a manifestação; mas, sem a ação do espírito estrangeiro sobre a mente, não haveria manifestação.

P. — Requer o espírito estrangeiro ser do outro mundo? Não pode uma pessoa na vida terrestre influenciar assim a mente do médium?

R. — Pessoas na vida terrestre podem influenciar pessoas de temperamentos suscetíveis quase tão bem, quase em tão elevado grau, quanto o podem espíritos desincorporados. Este é um facto há muito estabelecido na ciência.

P. — Não procedem algumas palestras, que se julga virem do outro lado, na realidade de mentes na forma, embora sejam dadas através de médiuns em transe?

R. — Sim.

P. — Considera a frenologia como uma ciência verdadeira?

R. — Mais do que isso; sei que o é.

P. — Ao sentar-se para uma imagem de espírito, três formas de espíritos apareceram, uma das quais, apenas, era distinta. Qual foi a razão da deficiência no caso das outras duas?

R. — Em toda a probabilidade, aqueles que falharam em fazer uma impressão distinta na placa não tinham sido capazes de condensar uma forma objetiva a ponto de dar o resultado desejado. Alguns espíritos têm de fazer muitas milhares de tentativas; outros conseguem-no logo da primeira vez.

P. — Não estão os próprios espíritos mais satisfeitos com as manifestações à luz, tais como as que podem produzir através da mediunidade da Sra. Cushman, do que estão com aquelas que são dadas em círculos escuros?

R. — Não, não estão; porque sabem que ambas são ramos igualmente corretos da ciência natural; ambos lhes são caros.

P. — Pode dizer-me por que razão tantos espíritos vêm de New Hampshire, e de redor daqui, enquanto tantos gostariam de ouvir de espíritos de outras partes do mundo?

R. — Posso dizer-lhe que está enganado na sua afirmação por completo, como os registos provarão. Espíritos de todas as partes do mundo habitável visitam este lugar e comunicam.

P. — Pensa que a frenologia, como ciência, terá os seus praticantes regulares, exatamente como a medicina tem?

R. — Penso que será introduzida na prática a ponto de se tornar uma bem conhecida ciência objetiva junto dos cientistas.

P. — Pensa que se tornará uma profissão regular?

R. — Sendo, como é, o índice da alma, das qualidades mentais do indivíduo, é de vasta importância que a raça a compreenda, e mais tarde, quando crescerem até ela, fá-lo-ão. 11 de Jan.

ESPÍRITO CONTROLADOR. — As suas perguntas, Sr. Presidente, estou pronto para as ouvir.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — É geralmente concedido que a influência da lua sobre as marés é a causa da subida e descida das mesmas. Está correto? Ou é o movimento da terra que produz o resultado?

RESPOSTA. — Os cientistas da nossa vida diferem, em muitos aspetos, dos cientistas da vossa vida. Estes consideram que a subida e descida das marés dependem unicamente da ação da lua sobre os fluídos da terra. Os da nossa vida determinam de outro modo: que dependem unicamente dos movimentos da terra, relativos a outros corpos celestes — a lua como um deles — e assim a ação da lua sobre os fluídos da terra é, para eles, uma consideração secundária.

P. (Um verso da Escritura foi lido por alguém no público): Ecl. 3:19; "Porque o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; uma mesma coisa lhes sucede; como morre um, assim morre o outro; sim, todos têm um mesmo fôlego, de modo que o homem não tem preeminência sobre o animal."

R. — Ora, a que equivale tudo isso? Simplesmente ao balbucio selvagem de um cérebro insano, nada mais. O pregador deve ter estado num estado muito místico, para dizer o mínimo, para ter proferido tal balbucio selvagem, para ter dado voz a tal calúnia sobre Deus e as Suas obras; e não nos importa se tal expressão se encontra na Bíblia ou nas Melodias da Mãe Ganso. Não equivale a nada, no que diz respeito à alma e ao seu grande destino. Com certeza, todos os corpos materiais têm o mesmo fôlego; bebem da mesma vida material.

A Mãe Natureza, após um certo tempo, chama por eles para devolverem o que ela lhes deu. Se não houvesse nada mais para nós, seríamos pobres de facto; mas sabemos que há. O fôlego não é a vida; o fôlego não pode pensar, não pode conceber, não pode planear, não pode aspirar.

PERGUNTA. — Pode dizer-nos de que utilidade é a subida e a descida das marés?

RESPOSTA. — Provavelmente há tanta utilidade manifestada na subida e descida das marés quanto na vinda e na partida dos ventos, e em todos os vários fenómenos da Natureza; tendo cada um o seu lugar, e preenchendo esse lugar, sendo cada um concebido pela sabedoria, controlado e conduzido pela sabedoria. É impossível para a mente finita dizer por que razão ocorrem estas manifestações, mas acreditando, como acreditamos, na sabedoria do Criador, ficamos satisfeitos com a manifestação tal como ela é.

P. — Foram dadas diferentes respostas relativamente a se existem animais espíritos no mundo dos espíritos. Que informação daria com referência a essa questão?

R. — Há esferas no mundo dos espíritos onde nenhum animal existe; há outras onde eles existem; mas a esfera na qual eles se encontram com maior abundância é aquela que é contígua à vossa terra — aquela que forma a esfera interior ou círculo espiritual da vossa terra. Estes animais são uma necessidade para os habitantes das esferas nas quais são encontrados; eles não são uma necessidade onde não são encontrados.

P. — Em esferas espirituais mais avançadas há paisagem espiritual; eles têm árvores e plantas, por que não animais? Nós consideraríamos o reino animal superior ao vegetal.

R. — O senhor diz nas nossas "esferas mais avançadas". Estas condições existem em todas as esferas. Nós não sabemos por que razão os animais não são encontrados em todas as esferas, mas sabemos que não o são, tal como as flores tropicais não florescem nas zonas frígidas. Eles não são uma necessidade ali. A paisagem, tal

como é fornecida pela Natureza, parece ser uma necessidade da alma, uma parafernália de que a alma não pode bem prescindir; portanto, encontrámo-la em todas as esferas, tornando-se cada vez mais bela à medida que a alma avança, atendendo assim às exigências da alma avançada em cada esfera por onde passa.

P. — O que devemos entender pelo estado avançado da alma?

R. — Devem entender o crescimento da alma — ou, se preferirem, a sua passagem através da matéria.

P. — A alma em si não cresce apenas à medida que se despoja da matéria, é essa a ideia?

R. — Essa não é a ideia. A alma cresce na manifestação; em princípio, nunca. O crescimento da alma depende das condições pelas quais está cercada. Ela é tão perfeita como alma, na alvorada da criação, como quando passou por inumeráveis condições de vida ou experiência; mas as suas manifestações diferem grandemente à medida que passa através da matéria, à medida que ganha experiência. A vida do carvalho é exatamente a mesma na planta jovem e no grande monarca da floresta — assim é com a alma.

P. — Existiam as almas de toda esta assistência há mil anos, como indivíduos separados e distintos…

[A continuação da pergunta não consta do texto original.] 22 de Jan.

PERGUNTA. (Do público.) — O Prof. Cadwell está na cidade a dar exibições de chamado poder "mesmérico". Após ter manipulado ligeiramente as cabeças das pessoas que se apresentam para serem mesmerizadas, elas declaram que veem qualquer objeto ou cena que ele mencione e, pela sua ação, indicam que acreditam, de momento, que os veem. Na outra noite, além de uma variedade de outras experiências, ele fez com que cerca de uma dúzia de jovens aparentemente o vissem a ferver café num fogão quente, e a aspirar o seu aroma; e quando ele fingiu que o tinha derramado sobre os pés

deles, eles tiraram as botas, e saltaram de um lado para o outro, e agiram como se tivessem sido escaldados.

Contudo, essa cafeteira e o fogão quente não eram mais do que uma caneca de lata vazia sobre uma cadeira e, na realidade, nada lhes tinha sido atirado. Noutras ocasiões, alguns dos seus sujeitos psicologizados aproximavam-se dele de forma ameaçadora, com um pau, como que para lhe bater; mas, após terem erguido o pau, os seus braços eram aparentemente travados por um poder invisível, e não conseguiam bater, embora os seus rostos indicassem que queriam bater. Eu gostaria de perguntar: qual é a explicação para estas pessoas verem aparentemente cenas e objetos que não existiam, e como foi o seu poder muscular detido para impedi-los de bater?

RESPOSTA. — O senhor diz: "Ele fez com que vissem cenas que não existiam." Serei obrigado a discordar dessa afirmação, visto que todas estas condições psicológicas existem, de uma verdade; e são exatamente tão percecionáveis pela consciência dos sentidos espirituais como as condições que são aparentes para todos nesta sala são percecionáveis pela consciência dos sentidos materiais e físicos. Ora, quando for compreendido que todos vós viveis vidas duplas, que possuís uma dupla consciência, uma distinta e separada da outra, estas coisas parecerão menos miraculosas.

O professor de psicologia psicologiza os seus sujeitos através da ação dos seus sentidos espirituais. É verdade que eles não veem café a ferver, não sentem fisicamente qualquer queimadura; e contudo, espiritualmente, esta é uma realidade positiva — exatamente tão realidade positiva quanto é uma realidade positiva que o ébrio, durante um ataque de *delirium tremens*, veja cobras e répteis venenosos, e eles o ofendam.

O senhor diz que isto é a alucinação de um cérebro perturbado. Eu digo que não é. Não há nada em toda a ciência da vida que possa provar que o seja. É uma realidade positiva e espiritual para aquele que vê, que sente e realiza a condição, assim como não é uma realidade para aquele que não vê, não sente e não realiza essa

condição. Ora, então, eu nego que haja qualquer coisa como imaginação. Tudo o que apela a qualquer um dos nossos conjuntos de sentidos, o interior ou o exterior, é real, e torna-se um facto demonstrado para esse conjunto de sentidos, de qualquer modo. Os outros não o podem demonstrar, porque não lhes pertence. O senhor não pode saber que o seu irmão sofre dor, a não ser que ele lho diga; assim, se ele está doente, o senhor não o pode demonstrar. É um facto demonstrado para ele; não o pode ser para si.

Assim é com estas condições que, na sua superfície, parecem ser não-realidades. A lei da psicologia é, propriamente falando, a lei da ciência espiritual; e quando a filosofia espiritual, em todas as suas fases, for melhor compreendida do que é hoje, então esta lei da psicologia entrará em uso. Agora é um mero brinquedo — uma atração para os curiosos.

P. — Seria tão bondoso que explicasse exatamente o que quer dizer com "psicologizar" uma pessoa?

R. — Quero dizer isto: trazendo-as para *en rapport* com os seus pensamentos, com os seus sentidos espirituais. Os seus pensamentos atuam sobre estes sentidos espirituais e produzem estas condições. Por exemplo: o professor de psicologia pensa em café a ferver; os seus sentidos espirituais recolhem a ideia e elaboram-na espiritualmente. O café é fervido; os sentidos espirituais inalam o aroma, veem o café a ferver, realizam o facto.

A primeira coisa a fazer é estabelecer uma ligação entre os dois — sujeito e operador. Os pensamentos do professor atuam como uma chave sobre os seus sentidos espirituais; por sua vez, os seus sentidos espirituais atuam produzindo estas condições objetivamente para os sentidos espirituais do sujeito. É quase impossível elaborar claramente estas ideias abstratas de modo a que vós, que estais limitados por condições mortais, as possais apreciar e compreender claramente. A vossa linguagem é imperfeita. Somos incapazes de transmitir, através do meio da vossa linguagem, as nossas próprias ideias tão corretamente como desejaríamos.

P. — Considera que aquilo que percebemos externamente, com os nossos sentidos materiais, é na realidade o irreal?

R. — Num sentido, não há realidade convosco aqui, em nada; isto é, positivamente, permanentemente falando, não há nenhuma. Vós estais aqui como seres objetivos nesta hora; talvez na seguinte definhai sob o toque murchador da mudança química da morte; mas, à medida que progredis, ou à medida que a alma ganha vantagem sobre a matéria, se familiariza com a matéria e aprende a controlar a matéria, estas coisas serão diferentes; as vossas formas objetivas serão mais reais, mais duradouras, mais permanentes.

P. — Gostaríamos de perguntar, no caso dos sujeitos psicologizados pelo Prof. Cadwell, o que causava a paragem súbita dos braços quando prestes a bater?

R. — A vontade do operador, como é evidente; precisamente como eu, estando fora do sujeito através de quem falo agora, poderia fazê-la fazer qualquer movimento que eu desejasse — e ela seria totalmente incapaz de fazer o contrário.

P. — Como se posiciona fora do médium? Envolve-o, ou fica de um dos lados?

R. — Por vezes somos inteiramente absorvidos pelo médium; noutras ocasiões envolvemo-lo; noutras ocasiões ficamos simplesmente de um dos lados, por vezes atrás, por vezes à frente, colocando as nossas mãos sobre a fronte do médium; mas a forma mais comum de controlar médiuns é envolvê-los. A pergunta tem sido muitas vezes formulada mentalmente, mas acredito que nunca respondida: "por que razão os espíritos controladores manipulam frequentemente o cérebro do médium?" Quando encontram as forças vitais a acorrer demasiado rapidamente das extremidades para o cérebro, eles formam uma ligação, equalizando assim as forças. Sob tais condições encontrará as extremidades frias.

P. — Importa-se de me dizer quem é "Vashti"?

R. — Uma jovem espírito índia, outrora membro da tribo Piegan que habitava o Oeste. Acredito que seja do Minnesota — uma criança que foi massacrada sob Sheridan há cerca de dois anos e meio. Ela tem atualmente nove anos de idade.

P. — Como acontece que ela tenha um nome babilónico ou judaico?

R. — A pronúncia índia adequada do nome é "Vashti", mas os seus amigos americanos — os brancos que a adotaram na vida espiritual e aqui — mudaram o nome para Vashti. Por que razão isto foi feito não sei dizer, exceto por ser mais fácil de pronunciar. Quando estava aqui entre o seu povo índio, ela era Vashti. O nome significava uma cativa, embora ela não fosse uma cativa. Esta criança índia possui traços de caráter extraordinários. É verdadeira num grau elevado; é de raciocínio agudo, e raramente se tem de lhe dizer uma coisa mais do que uma vez antes de ela a compreender. A médium encontra nela uma aliada sumamente potente para manter à distância todos os espíritos que estão dispostos a fazer o mal.

Ela possui um poder elétrico peculiar que é — para usar a expressão de um antigo oficial do exército que gosta de a visitar — "melhor do que uma parelha de canhões". Ela nunca pode ser enganada, e não há nada que a possa atrair para fora do caminho do dever. É uma acompanhante constante da médium, e dedicada aos seus interesses. 16 de Jan.

PERGUNTA. — Como pode um braço espiritual ser desenvolvido no homem, quando o braço físico foi perdido na infância? Não vejo como possa ser desenvolvido.

RESPOSTA. — Os incidentes que acontecem ao corpo humano não acontecem também ao corpo espiritual; portanto a perda de um braço físico na infância não supõe a perda do braço espiritual. Assim o espiritual continua a crescer em correspondência com outras partes do corpo físico.

P. — Um sincero pesquisador da verdade escreve assim: Na 'Vida da Sra. Woodhull', de Tilton, ele diz que ela obedece aos espíritos

porque eles nunca a enganaram. Uma razão muito boa para a Sra. Woodhull; mas, por outro lado, muitos outros foram sumamente e cruelmente enganados. Pessoas pobres foram despojadas do seu escasso amparo, e reduzidas à extrema carência, simplesmente por seguirem os ditames dos espíritos.

Além disso, quando questionados sobre o porquê de terem cometido este mal, a sua resposta habitual é o silêncio; ou, por vezes, a resposta é simplesmente juntar o insulto à injúria. Eu sempre acreditei num Deus justo e amoroso, e que Ele tem de ser todo-poderoso. Mas por que razão Ele permite que os espíritos induzam em erro os infelizes pobres, aumentando assim as suas provações e aumentando as dificuldades da sua situação, enquanto, por outro lado, temos amplo testemunho de que esta mesma influência edifica e contribui para a riqueza, luxo, facilidade e indolência dos ricos, está inteiramente além da minha compreensão. Justiça é justiça, aqui ou no além.

Verdade é verdade, neste mundo ou no próximo. Um dano feito pode ser expiado numa medida, mas nunca pode ser desfeito. Ora, por que razão é tudo isto? Por que aumentar os confortos do rico, e aumentar a aflição do pobre? Por que razão os conselhos recebidos através de médiuns provam ser consolação, riqueza e conforto para uma classe, e para outra — e afirmo que, de longe, a maior — um verdadeiro *ignis fatuus* — uma luz lisonjeira e guia para a miséria?

Não é isto aquilo a que o Ancião Knapp chama 'demonologia'? E se esta tem sido a sua experiência, não está ele certo ao dar-lhe esse nome? Se há verdade nestas revelações modernas, que ela brilhe de forma constante, clara e inconfundível. Não tenhamos luzes de sinalização de naufrados, mas tenhamos o clarão claro e inequívoco da verdade."

R. — Este sincero pesquisador da verdade é tão ignorante da verdadeira filosofia do Espiritualismo — das manifestações espirituais — como o são a maioria destes pesquisadores, quer sinceros, honestos ou de outro modo. Eles parecem não se conseguir livrar da ideia de

que o mundo dos espíritos é habitado apenas pelos puros e pelos bons, quando o facto é que é habitado por todas as classes de inteligência.

O espírito mau, o espírito não desenvolvido tem exatamente tanto poder e, sob muitas circunstâncias, mais poder para regressar do que tem o espírito justo e bem desenvolvido. No caso da senhora mencionada, parece que ela foi afortunada o suficiente para atrair a si mesma um grupo sábio, justo e bom de espíritos, que nunca a enganaram. Essa classe a que este "sincero pesquisador da verdade" se refere parece ter atraído a classe oposta. Uma levou à paz e à prosperidade, enquanto a outra levou à pobreza e à miséria, e sem dúvida a todos os vários incidentes infelizes da vida.

Ora, este "sincero pesquisador da verdade" parece pensar que há algo de errado em tudo isto; quando a verdadeira verdade do assunto é que não há nada de errado nisso. Deveria ser compreendido que há uma lei de forças químicas a subjazem a toda a vida física, e a atuar através da vida física. Jesus compreendeu isto quando disse que o pobre perderia até o que tinha, mas o rico continuaria a ganhar riquezas.

Ora, é um facto científico bem compreendido connosco que aqueles que são capazes de atrair a si mesmos as riquezas deste mundo têm o poder químico atrativo na sua própria composição física, e eles serão ricos, apesar de todas as circunstâncias adversas. Os pobres não têm este poder atrativo, e eles serão pobres, apesar de todas as circunstâncias afortunadas. O antigo ditado, "O semelhante atrai o semelhante", é divina e humanamente verdadeiro. Aquelas pessoas que são pobres, que estão mal providas dos confortos deste mundo, se atraem quaisquer espíritos para si, é provável que seja uma classe que corresponda com elas na condição física, tal como aqueles que são incapazes de os guiar para a riqueza.

Há vários graus desta força química, deste poder de atrair riqueza. Algumas pessoas possuem-no num grande grau. O vosso compatriota, George Peabody, possuía-o numa extensão muito grande. Ele podia obter riqueza quase num virar de mão. Outros possuem-no numa

extensão menor. Cada um ganha riqueza de acordo com o poder atrativo que existe dentro da sua própria composição física. Este é um facto científico, reconhecido na nossa vida, que, mais tarde, os cientistas da terra irão pegar e provar.

Até lá, tem de permanecer como uma mera afirmação da nossa parte. Este "sincero pesquisador da verdade" diz-nos que tem uma crença num Deus tudo-sábio e bom. Nós não hesitamos em dizer a este sincero pesquisador que ele está enganado nessa crença. Ele não acredita em nenhum Deus desse género — ele não tem a mais pálida sombra de fé em qualquer Deus desse género.

PERGUNTA. — Fomos ensinados por alguns espíritos que nós não originamos pensamentos. Eu gostaria de perguntar de onde vêm eles?

RESPOSTA. — Deveria ser compreendido que há um grande mundo de pensamento, tal como há um mundo de matéria, e todas estas belas condições da matéria foram elaboradas a partir deste poderoso mundo de matéria. E assim é com referência ao mundo da mente ou do pensamento. Todas estas elaborações individuais foram recolhidas a partir deste grande reservatório mental. Alguns destes pensamentos pertencem especialmente à vida física, outros pertencem especialmente à vida espiritual; assim, por esta razão, alguns são elaborados através do cérebro físico apenas, outros são elaborados através do cérebro espiritual apenas.

Vós estais constantemente a fazer um duplo pensar. O vosso cérebro espiritual está constantemente a trabalhar a evoluir pensamentos próprios, pois ele recolheu-os, moldou-os e elaborou-os a partir do grande reservatório da mente. Assim é com um cérebro humano. Os cérebros são apenas as máquinas que põem os pensamentos em ação, que lhes dão forma, que os vestem. Eles existiam muito antes de os cérebros humanos ou quaisquer outros existirem.

P. — Visto haver grande ansiedade em saber, eu gostaria de perguntar: está o Dr. Livingstone, o explorador africano, no vosso lado da vida?

R. — O Dr. Livingstone, o explorador africano, não está no nosso lado da vida. 22 de Jan.

ESPÍRITO CONTROLADOR. — Se o senhor tem perguntas, Sr. Presidente, estou pronto para as ouvir.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Importa-se a inteligência controladora de nos explicar o que é entendido, na vida espiritual, pela frase frequentemente citada, "Pecar contra o Espírito Santo"?

RESPOSTA. — Não pode significar nada mais do que isto: pecar contra a luz ou sabedoria mais elevada de que o indivíduo é possuidor. Esse é o Espírito Santo para esse indivíduo, e aquele ou aquela que pecar contra ele não pode esperar perdão dos pecados; seria impossível.

P. (Do público.) — Gostaríamos de perguntar se é possível que um corpo humano seja colocado numa condição semelhante àquela que é chamada Alotrópica, pela qual possa ser movido através do espaço invisível ao olho natural, imponderável aos nossos sentidos?

R. — Sim; o corpo humano pode ser posto em tal condição. Este é um dos muitos pontos da química que são tão bem compreendidos pelos cientistas da terra dos espíritos.

P. — Está Theodore Parker presente?

R. — Está.

P. — Eu gostaria de perguntar se ele esteve com uma médium na terça-feira à tarde, logo antes de o círculo começar — uma Sra. Bowditch — em companhia do Sir Astley Cooper, do Sr. Wesley e de outros.

R. — Não; não esteve.

P. — Tal espírito pretendia estar lá. Como se podem explicar estas coisas?

R. — Há muitas formas de explicar tais coisas. Por exemplo: o senhor pode por vezes receber o pensamento de Theodore Parker quando o espírito não está presente.

P. — Então ele não estava consciente de nada desse género.

R. — Na verdade, ele sabe que tal não poderia ter tido lugar, visto que toda a sua vida esteve absorvida noutro local nessa altura.

P. — Visitou ele alguma vez uma Sra. Laws, da Califórnia?

R. — Sim.

P. — Lembra-se ele de me ver lá?

R. — Não; porque ele não o vê no momento presente.

P. — Pode dizer-me se, ao fotografar espíritos, eles recolhem a aura do indivíduo que vai para tirar uma imagem, ou se ela vem do médium? E, supondo que um médium é desonesto, viriam os espíritos através de um tal médium?

R. — Sim, certamente; tão depressa e tão bem quanto através de um honesto. O médium é um condensador. Esta aura é recolhida das partes que possam estar presentes, e da atmosfera. É transferida para o médium, e ali condensada; depois retirada novamente, e usada como uma cobertura para o espírito.

P. — Podemos confiar nestas fotografias de espíritos tiradas por Mumler como sendo genuínas?

R. — Em muitas delas pode; em muitas delas não pode. O senhor fez uma pergunta honesta; eu dei-lhe uma resposta honesta.

P. — Não estão os espíritos sujeitos a certas limitações, ao controlar certos médiuns? Por exemplo: pode recordar facilmente factos que transpiraram noutros lugares e noutras ocasiões? Mantém o pleno poder da memória?

R. — Não; não mantemos. Circunstâncias, cenas e experiências em que tomámos parte através de um médium raramente são relembradas através de qualquer outro que não aquele através de quem foram experimentadas. Há exceções a esta regra. Os espíritos controladores desta médium superaram, em grande medida, essa condição, embora não inteiramente, de modo algum.

P. — Não está sujeito a enganar-se aqui tanto quanto em qualquer outro lugar?

R. — Nós, ao contrário do chefe da Igreja Romana, não reclamamos infalibilidade, mesmo nestas coisas.

P. — Não seria melhor, então, quando perguntado se estava presente na sessão com a Sra. Bowditch, na terça-feira, dizer, "Não sei", pelo facto de a sua memória não ser de confiança?

R. — Não; porque eu sei. Estive com esta médium nesse dia desde as nove horas da manhã até às quatro horas da tarde; por isso sei.

P. — Suponha-se que o espírito a controlar a Sra. Bowditch me assegurava com igual firmeza que Theodore Parker estava presente nessa altura — o que seria então?

R. — Haveria duas opiniões, e um problema para a razão humana resolver.

P. — Faria indagação sobre se o profeta Samuel, John Brown, Sir Astley Cooper e outros indivíduos proeminentes estavam presentes nessa altura?

R. — Eles são decididamente personagens demasiado proeminentes para estarem juntos num só lugar ao mesmo tempo.

P. — Queremos ser honestos consigo, bem como com outras pessoas; queremos saber se outros dão comunicações de confiança, bem como vós próprios.

R. — Nós declarámos a nossa posição sobre esse ponto. Os médiuns são todos falíveis, e nós também, cada um de nós. Nós damos

a verdade o melhor que somos capazes; ninguém pode fazer melhor. 25 de Jan.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Se a atração da Estrela do Norte faz com que a agulha magnética aponte para o Norte, que atração, se é que há alguma, a faz apontar para o Sul? É dito por alguns marinheiros que, assim que o Equador é cruzado a viajar para sul, a agulha magnética mudará de polaridade, e o polo norte da agulha apontará para o sul. É isto verdade?

RESPOSTA. — Tal teoria é acreditada por um grande número de mentes e é desacreditada por um número ainda maior. Por mim, acredito que os polos norte e sul são os grandes poderes magnéticos que governam as condições e movimentos da terra; que um não é mais magnético do que o outro e, portanto, quando o marinheiro cruza o Equador, e está mais perto do polo sul do que do norte, a agulha voltar-se-á para o centro magnético do polo sul.

P. — Qual é a causa daquilo a que se chama a Inclinação, ou mergulho deste íman?

R. — Isso é sem dúvida produzido pelas forças magnéticas em ação no centro da terra.

P. — Qual é a causa da Aurora Boreal, ou Luzes do Norte?

R. — Há várias teorias com referência a este assunto, mas a mais recente existente é esta: que elas são causadas por uma acumulação de animáculos microscópicos no ar, procedentes de um dos grandes centros magnéticos da terra, quer do polo norte quer do sul. É um facto conhecido na ciência que exibições ou manifestações semelhantes às que são observadas naquilo a que chamais Luzes do Norte são observadas frequentemente pelo marinheiro sobre o oceano, na água.

A ciência demonstrou que a manifestação que ocorre na água pode ser atribuída a animáculos microscópicos, animáculos fosforescentes, que enxameiam nas águas, e que são repelidos de um ponto e atraídos para outro em imensos enxames. Deixando o oceano,

a ciência escalou o ar, e determinou o mesmo relativamente a este belo fenómeno que é tão frequentemente visto, particularmente em latitudes do norte.

P. (Um indivíduo no público citou de memória uma passagem de uma das obras de Hudson Tuttle, convidando a comentários):

"A luz é um composto de inumeráveis elementos. As leis do nosso ser estão no inferno e na miséria até nos colocarmos em harmonia com elas. Quando encontramos aqueles que simpatizam com elas, são eles molestados pelos refinados? Eles não temem a intrusão daqueles que ficariam desgostados com a sua brutalidade; eles não se podem misturar. O homem de intelecto sozinho, embora impelido com a moralidade de um Deus, é incapaz de esforço. Ele nunca pode exercer influência ou poder; ele é desencorajado pela menor oposição, e, um a um, vê os seus planos mais estimados abandonados. A sua voz é frágil, e silenciada pelos sopros mais ruidosos do Erro, cuja voz ressoa com a força da energia combatente."

R. — Nessa ideia há uma grande verdade, embora dita de forma muito verbal, e portanto muito difícil de ser compreendida, e por conta da sua verbosidade, o leitor é propenso a pensar que depois de a alma ter atingido uma certa altitude elevada, ela quer não pode quer não deseja descer a condições mais baixas, o que não é uma verdade. A ideia que se deseja transmitir é esta: que as elevadas inteligências não descem ao nível das mais baixas, mas trazem as mais baixas até ao nível de si mesmas. Isto não pressupõe que as elevadas não possam descer para elevar as baixas.

Ah, não; mas elas não podem ou não descem para habitar permanentemente em condições mais baixas, a fim de se tornarem alavancas para aqueles que estão assim humildemente situados, e de os elevar. Elas são forças atrativas, puxando as mais baixas para mais alto, e continuando ainda em frente e para sempre em frente, atraindo as mais baixas após si mesmas no seu voo. Esta é a missão e o trabalho das Inteligências elevadas. Esta é a verdade que os espíritos

acompanhantes desejavam transmitir através do seu médium Hudson Tuttle.

P. (Do público.) — Eu gostaria de perguntar se o espírito, no seu poder funcional, se desenvolve por uma certa lei de progresso no além — se esses sentidos e as suas funções são sublimados e levados a usos mais elevados no reino espiritual, ou de outro modo.

R. — Todos os sentidos que tendes aqui são duplicados ali; pois descobrireis que tendes necessidade deles ali, por um tempo, pelo menos, mas não ao longo da eternidade. Descobrireis, também, que outros, que estavam em embrião aqui, brotaram para o ser, para o uso ali; e à medida que estes outros desabrocham, alguns dos mais baixos tornar-se-ão não mais uma necessidade para a alma, portanto serão deixados de lado, como a criança põe de lado os seus brinquedos. 1 de Feb.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Como é que as raízes do reino vegetal podem perfurar o solo sem mutilar as suas fibras mais delicadas?

RESPOSTA. — A química diz-nos que é uma lei dos átomos, procurando átomos correspondentes ou aparentados, pela qual cada um pode construir uma nova fase de vida. Ora então, se é uma lei que as radículas tenras penetrem o solo duro sem prejuízo para si mesmas, então claro que é muito fácil para elas fazer isto. Por esta razão, elas, pela e através da ação da lei, não tentarão ir através dos átomos, mas encontrarão os interstícios entre os átomos, e abrirão o seu caminho através deles. Não há tal coisa em todo o reino da Natureza como algo sólido. Absolutamente, não há sólidos na Natureza — sendo o mármore mais duro apenas uma agregação de átomos, cada um dos quais não toca no outro. Sendo isto verdade com referência ao mármore, é igualmente verdade com referência a outras substâncias duras.

P. — Diz-se que os espíritos viajam de lugar para lugar. Ora, que forma assumem eles ao viajar?

R. — Se for um espírito que está a viajar, ele tem a forma do corpo espiritual, e o corpo espiritual tem a forma do corpo natural; mas se for simplesmente uma alma que está a viajar, ela é sem forma — um princípio.

P. — Dão os médiuns comunicações pretendendo ser de indivíduos particulares, quando não são desses indivíduos?

R. — Esse é um facto evidente por si mesmo, conhecido em todo o mundo onde existem manifestações espirituais.

P. — Por que é necessário ter médiuns presentes, para obter testes, como mover mesas, etc.?

R. — Um médium é exatamente tão necessário para a concessão destas manifestações espirituais quanto a chave foi necessária para o vaipara-vento de Franklin, para atrair o fluido elétrico e trazê-lo até Franklin, que estava sobre *terra firma*. Estes médiuns são apenas máquinas — por vezes chamados condensadores — mas mais propriamente intérpretes das verdades que os espíritos desejam trazer aos mortais. Eles são as placas sensíveis sobre as quais os espíritos escrevem os seus pensamentos. E, novamente, eles são os porta-vozes através dos quais os espíritos proferem os seus pensamentos. Eles possuem sempre um duplo sistema nervoso. Aqueles que são menos sensíveis, e têm apenas um único sistema nervoso, não são médiuns; essa é a diferença. Ora, este sistema poroso extra é aquele que os espíritos usam ao manifestar-se a vós, e é exatamente tão necessário para os espíritos — novamente digo — quanto foi a chave para Franklin ao extrair o fluido elétrico das nuvens. Todas as coisas estão dispostas por condições ou leis fixas; e sendo o médium uma necessidade, é um facto fixo na ciência da verdade espiritual, e para sempre será tal.

P. — O que estão os espíritos a fazer todo o tempo após deixarem o corpo?

R. — Eles estão ocupados a conduzir jornais espirituais; estão ocupados a conduzir teatros espirituais; estão ocupados a conduzir hospitais espirituais; a construir casas espirituais; a cultivar terra

espiritual; a aperfeiçoar flores espirituais; e em todas as várias artes e ciências conhecidas por vós, e em muitas mais.

P. (Do público.) — Não exibe o Irmão Denton, ao chamar a Jesus um fanático, o fanático na sua própria ação, e faz com que outros façam o mesmo?

R. — Alguém escreveu que não é sábio dizer a verdade em todas as ocasiões, e não é; mas eu acredito que, no caso em questão, foi sábio para o Sr. Denton falar exatamente como falou. Certamente qualquer mente racional e pensante tem de admitir que se Jesus o Cristo estivesse na terra hoje, e fizesse as mesmas coisas que o registo diz que ele fez no seu tempo, ele seria denunciado como um fanático; ele seria aprisionado, para dizer o mínimo; ele seria rotulado de ladrão, de blasfemo; porque aqueles que fazem muito do que Jesus fez são assim rotulados, são assim denunciados. Nós certamente poderíamos esperar nada de melhor para Jesus, mesmo que ele fosse conhecido como sendo Jesus. Haveria bastantes que teriam saído com algo mais do que varapaus para o vencer nestes dias, como no seu tempo. O Sr. Denton estava certo ao falar como falou, apenas ele colocou o seu assunto, talvez, um pouco grosseiramente.

P. — Foi Jesus retirado da cruz em estado de transe, sabe?

R. — Não sei, portanto não tenho o direito de dar uma opinião. Certos escritores de história profana sustentam o argumento do Sr. Denton de ontem, mas é minha opinião que a história profana, no que diz respeito a Jesus Cristo, não é de confiança; nem acredito que haja qualquer registo de confiança relativamente a este indivíduo tão maltratado. 5 de Feb.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Há algum perdão para o pecado?

RESPOSTA. — O pecado, sendo em si mesmo o resultado da lei natural, não exige perdão e, portanto, nunca o recebe.

P. — Se não há perdão, como são removidas as consequências da transgressão?

R. — A Natureza faz ampla provisão para todas as necessidades dos seus filhos; e visto que o pecado é o resultado de uma imaturidade do fruto na árvore da vida, a Natureza, de mãos dadas com o tempo e a eternidade, através de leis naturais, compensa os seus filhos por todos os seus sofrimentos que possam vir até eles durante este estado de crescimento ou viço.

P. — Fazem os átomos do corpo físico qualquer parte do corpo espiritual?

R. — Num sentido, sim; e noutro sentido, não; visto que os átomos se tornam elementos antes que possam entrar na composição do corpo espiritual. Então eles não são mais átomos; e contudo, no processo de desabrochar natural, eles são usados na construção do corpo espiritual.

P. (Do público.) — Antes da Revolução foi publicada uma série de cartas, ostentando a assinatura de "Junius". Pode dizer-nos quem era este indivíduo?

R. — Não sei. 6 de Feb.

PERGUNTA. (Do público.) — Houve alguma vez um tempo na história do planeta Terra em que os seres humanos, quer encarnados quer desencarnados, não existissem?

RESPOSTA. — Oh sim; isto é, quando eles não existiam no planeta Terra, ou dentro da esfera de vida peculiar do planeta Terra.

P. — Eu pretendia ir mais atrás do que isso. Houve alguma vez um tempo em que o ser humano essencial não existisse?

R. — Sim, acredito que houve um tempo na história da Terra, e de todos os outros planetas, em que os espíritos humanos não existiam sobre eles, nem mesmo em essência, nem mesmo num estado desencarnado.

P. — Existiam eles em qualquer outra localidade, se não sobre a terra?

R. — Certamente, visto que a alma ou inteligência nunca foi criada. Há céus, ou estados de existência divina, distintamente separados de todas as coisas humanas, no que diz respeito ao nosso entendimento da humanidade. Nós falamos destes estados de vida como estando "acima" de nós. Ora, assim é, mas talvez não em localidade. Eles podem estar no extremo sul; podem estar no extremo norte, este ou oeste; podem estar abaixo de nós bem como acima de nós; mas, divinamente falando, estão sempre acima de nós.

P. — Em que localidade estavam estes seres humanos espiritualizados quando a própria terra era uma névoa de fogo?

R. — Não sei.

P. — Mas afirma a sua existência?

R. — Sim, afirmo a sua existência, porque acredito que eles estiveram sempre em existência; pois acreditar no contrário é acreditar que em alguma passagem da sua existência eles poderiam ser aniquilados. Uma coisa que foi criada está sujeita à destruição.

P. — Conhece alguma ordem de seres mais elevada do que seres humanos aperfeiçoados, querendo dizer por estes últimos, anjos ou espíritos?

R. — Não, nem acredito que existam seres mais elevados.

P. — Não é possível que possa haver?

R. — Sim, é possível, e, relativamente falando, é muito provável; mas visto que os seres humanos são capazes de atingir a mais elevada altitude espiritual que conhecemos, é muito difícil, veja, para nós saber ao mesmo tempo de quaisquer seres mais elevados, de quaisquer que excedam aqueles que habitaram um corpo humano, em sabedoria, em verdade, em encanto, e em todas as coisas que vão no sentido de constituir uma alma perfeita. Essa classe de seres conhecida no livro primário como anjos, a quem o artista junta asas, porque o seu próprio intelecto não chegou a uma altitude suficientemente elevada para saber que o espírito pode navegar ou locomover-se no ar sem elas, pela luz do Espiritualismo desce aos nossos próprios entes queridos

falecidos. Eles são os anjos. Quando um veio a um dos nossos antigos médiuns, o médium queria adorá-lo; mas ele disse-lhe: "Não faças tal coisa, pois eu sou um dos teus irmãos".

P. — O que entenderia pela palavra "arcanjo"?

R. — Um misticismo, um mito, um mero termo usado para transmitir a ideia de um certo conjunto de espíritos, ou grupo de anjos mais elevados do que os anjos. O senhor deve entender por esse termo tanto quanto nós deveríamos entender pelas asas que o artista usa para representar um anjo.

P. — O que são os terceiros céus referidos nas Escrituras?

R. — Há muitos céus — exatamente tantos quantas as almas que precisam deles. Três, com os antigos, simbolizava unidade, verdade e sabedoria. E quando essas almas tinham atingido todas estas perfeições espirituais ou divinas, acreditava-se que elas entravam no terceiro céu. Apenas podiam habitar ali aqueles que estivessem desabrochados em todas estas diferentes direções. 8 de Feb.

PERGUNTA. — Se o espírito é Deus, (como tenho visto afirmado pela inteligência,) e o homem é uma porção individual do mesmo, por que não é Deus tangível bem como o homem individual?

RESPOSTA. — A mente individualizada do homem não é tangível. O senhor nunca viu a mente, só vê as manifestações da mente. O senhor vê exatamente tanto de Deus; e é tão absolutamente impossível definir o homem, analisar o homem, quanto é definir Deus, analisar Deus.

P. — Um astrónomo hindu faz a seguinte afirmação: que durante o presente ano um meteoro flamejante passará pela terra, e no curto espaço de vinte e quatro minutos destruirá a vegetação, e matará milhões de pessoas. Pode dar alguma informação sobre este assunto?

R. — Este astrónomo aproximou-se da verdade: "um meteoro flamejante", diz ele. Ora, se ele tivesse falado no plural em vez de no singular, teria ficado mais perto da verdade, como as vossas próprias pradarias do Oeste testemunharão nos últimos meses.

P. — Foram esses incêndios do Minnesota causados por meteoros a cair?

R. — Assim os cientistas na nossa vida determinaram.

P. — Foi o incêndio de Chicago assim causado?

R. — Não.

P. — Controla o espírito que controla os rapazes Eddy alguma vez a Sra. Conant?

R. — Sim, muito frequentemente.

P. — Pode dizer por que poder se movem os espíritos de um lugar para outro?

R. — A vontade é o poder executivo. As correntes magnéticas e elétricas são os veículos ou servos desse poder. O senhor envia os seus pensamentos a acelerar ao longo do fio elétrico. Parte de uma extremidade da bateria. O pensamento prossegue até atingir outra bateria, e depois a mente humana analisa-o, organiza-o em palavras. Ora, a vontade humana enviou primeiro esses pensamentos pelo fio elétrico. A corrente elétrica a correr ao longo desse fio foi o veículo da vontade humana ao longo de uma das grandes estradas que o engenho humano estabeleceu entre um ponto e outro. O espírito viaja de uma forma precisamente semelhante. É intimamente análogo aos vossos métodos de telegrafia.

P. — Poderia sugerir quaisquer medidas que servissem o bem-estar temporal do homem?

R. — Nós estamos constantemente a sugerir-lhes, a cada momento das vossas vidas, e vós estais tão constantemente a vivê-las o melhor que podeis. A Natureza nunca se move aos saltos, nem vós.

P. — Por que razão uma pessoa que está intensamente desejosa de comunicar com amigos espíritos deve ser constantemente frustrada? Há alguma lei conhecida que governe o assunto?

R. — Sim, há. Um desejo extraordinário atua por vezes como uma força positiva contra o espírito que possa desejar comunicar. Se desejais receber comunicações numa forma não adulterada, deveis ser negativos vós mesmos. Se sois negativos, e o médium que selecionais é negativo, raramente sois enganados ou desapontados. 12 de Feb.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Importa-se o espírito controlador de explicar o que pode ser feito nas instalações onde um médium é desenvolvido para espíritos de uma ordem elevada, e é controlado por eles — quando é possível e há também uma classe de espíritos de uma ordem enganadora que estão continuamente a intervir e a interferir com os mais elevados? Não há forma de o médium expelir os maus e receber os bons, ou têm os poderes do mal a capacidade de predominar sobre os de ordem elevada, com a exclusão total do bem?

RESPOSTA. — Há apenas uma forma certa e adequada de agir sob tais circunstâncias, e essa é educar estes espíritos não desenvolvidos. Eles vêm para ser educados. É a missão do médium, e daqueles que assistem o médium, educá-los. É chegada a hora de terdes algo mais a fazer além de receber constantemente do mundo dos espíritos. Algo é exigido de vós em favor destes espíritos ignorantes, viciosos e não desenvolvidos. Se sois mais sábios, melhores, mais morais e menos viciosos do que eles, deveis educá-los e enviá-los como anjos de luz ministrantes. Cumprireis assim uma missão mais elevada, um trabalho mais grandioso do que podeis realizar em qualquer outra direção. Falar em expeli-los, enviá-los embora! Isto é apenas fugir ao dever que Deus, na Sua maravilhosa sabedoria, impôs sobre vós.

P. (Do público.) — Eu gostaria de perguntar se a previsão, que o espírito parece possuir, depende da observação de causas, ou se é uma faculdade inata da alma?

R. — É parcialmente dependente — alguns determinam que o é inteiramente — de causas fora do indivíduo; mas, eu penso, é apenas parcialmente dependente de causas exteriores. A alma é possuidora,

sempre, da faculdade de previsão ou clarividência; mas esta faculdade permaneceria para sempre inativa se não houvesse nada para a chamar para fora. Ora então, "eventos futuros" — assim diz o ditado — "lançam as suas sombras diante de si". Isso é verdade. Estas sombras, que são as realidades, de facto, atuam sobre a alma clarividente, e projetam a profecia para a vida objetiva. Os profetas não o são porque desejam sê-lo, mas porque são forçados a sê-lo.

P. — Tendes obras de arte e estátuas na vossa vida?

R. — Certamente; temos algumas das mais belas estátuas que a mente pode possivelmente conceber, e algumas que as mentes humanas não podem conceber.

P. — Existe em forma substancial, convosco, ou é meramente uma agregação, uma assimilação de princípios?

R. — É em substância para nós. Seria em princípio para vós. Por exemplo, eu tenho um grupo de estátuas na entrada da minha morada, na vida espiritual, cujo centro é a estátua da minha médium, através de quem falo agora. É tão real, para mim, como qualquer uma que alguma vez vi na terra; talvez mais, pois o artista na terra dos espíritos tem o poder de imbuir o seu trabalho com aquilo que representa vida, de modo que apela mais sensivelmente, mais poderosamente à alma humana do que qualquer coisa aqui alguma vez apelou ou poderia apelar à alma humana.

P. — Eu gostaria de perguntar se é possível para um espírito prejudicar outro, como um mortal pode prejudicar outro?

R. — Os corpos espirituais são corpos materiais, portanto sujeitos à destruição, portanto sujeitos a prejuízo.

P. — Eu perguntaria se este grupo de estátuas seria visível para qualquer um de nós, se passássemos para a vossa esfera; se é uma realidade objetiva para todos os que venham por esse caminho?

R. — Certamente. Espero em algum tempo futuro ter o privilégio de o apresentar a si mesmo.

P. — Não estão os princípios acima do espírito, na classificação?

R. — Sim.

P. — Se um espírito pode prejudicar outro, é possível para ele obliterar a vida individual?

R. — No que diz respeito ao exterior, é.

P. — O que acontece, então, à individualidade interior?

R. — Está pronta para ser reencarnada novamente. Tendo perdido um corpo, está pronta para tomar outro.

P. — Nesta esfera, ou na esfera espiritual?

R. — Nesta esfera. Estas infrações de um corpo sobre outro raramente acontecem connosco, porque há sistemas de educação connosco pelos quais a alma é muito em breve educada para saber que qualquer prejuízo que inflija a outro regressa com dupla e tripla força sobre si mesma; por isso o opressor fica com a pior parte. Uma vez que a alma realize plenamente esta verdade, raramente comete infrações sobre os direitos dos outros.

P. — Não é esse o caso nesta vida, numa medida?

R. — É possível ser o caso, e é, por vezes; mas tais casos estão muito na minoria, tenho pena de dizer, por causa do vosso sistema defeituoso de educação. Vós afirmais, no vosso código educacional, o que não podeis demonstrar e provar. Isto, nós não fazemos. Vós dizeis ao pecador: "Se pecares, irás para o inferno." Como o podeis provar? Ele ri-se de vós com desprezo, e continua a pecar, geralmente. Vós dizeis ao ébrio: "Continua a beber, e desperdiçarás as forças vitais do teu corpo, e encherás a sepultura de um ébrio." Ele não vos presta atenção. Porquê? Porque não podeis demonstrar a veracidade dessa afirmação para ele. Por que não o fazeis? Porque o vosso sistema educacional é defeituoso do centro à circunferência. Não é o que deveria ser. É como se tivésseis começado pelo fim errado, tentando trabalhar para dentro.

P. — Tem lugar a reencarnação num mundo para o qual a alma possa ser atraída?

R. — Sim; mas o processo de reencarnação não tem lugar sempre imediatamente após a dissolução. Por vezes passam milhares de anos antes de a alma tomar outro corpo.

P. — É afirmado numa publicação recente do Espiritualismo que cada espírito é reencarnado muitas vezes — por vezes num corpo masculino, por vezes num feminino; também, que estas reencarnações ocorrem não apenas no planeta a que pertence, mas também em todos os outros planetas mais desenvolvidos do que ele, pertencentes ao mesmo sistema planetário.

R. — Isso pode ser verdade; mas eu sei que um espírito que já teve uma encarnação no planeta Terra, se tem necessidade de outra encarnação, é geralmente atraído para esse planeta, embora seja por vezes de outro modo. 13 de Feb.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Um número de espíritos tem comunicado através do *Banner of Light*, afirmando terem sido suicidas, representando-se como estando satisfeitos com as suas condições — não lamentando no mínimo o ato — e afirmando ser felizes. O seu correspondente recebeu recentemente uma mensagem através de J. V. Mansfield, declarando que as pessoas que cometem tal ato com o único propósito de encontrar entes queridos falecidos seriam excluídas da sua presença por milhares e milhares de anos da vida terrestre. Importa-se a inteligência controladora de explicar?

RESPOSTA. — Uma diferença de opinião, certamente, se nada mais. Assim, a inteligência que controla o Sr. Mansfield declara que o suicida seria separado dos seus entes queridos por milhares de anos do tempo terrestre. Eu nego essa afirmação, pois tenho abundante evidência em contrário. Não pretendo argumentar a favor do ato do suicídio, de modo algum. É um dos caminhos mais certos para a infelicidade de que tenho conhecimento, e ninguém o pode tomar sem sentir as consequências do modo mais amargo. Não deveis supor, porque o suicida regressa e declara que é feliz, que ele não tem

desgostos pelo que fez — que nunca os teve, de modo algum; mas deveis entender que ele passou além dessa condição — saiu da escuridão para a luz — o que é a prerrogativa de cada alma viva sob todas as circunstâncias.

P. — Há muitos casos em que os espíritos dizem aos seus amigos na vida terrestre que virão para a vida espiritual num tempo determinado. Um, por exemplo, diz: "Diz à minha mãe que ela virá daqui a seis anos; disseram-mo." Alguns dizem "que o sabem pelo registo." Desejamos saber se há tal registo guardado?

R. — Há um registo guardado no mundo dos espíritos de todos os atos de cada alma viva. Ora lembrai-vos, cada um de vós terá o privilégio de examinar este registo por vós mesmos quando entrardes na terra dos espíritos. É de esperar que seja encontrado limpo, e não manchado.

P. — O ponto especial da pergunta era se havia um registo guardado da duração de tempo que cada indivíduo havia de viver aqui na terra.

R. — Sim, há; mas não está geralmente ao alcance de ninguém, exceto dessas inteligências espirituais que estão suficientemente avançadas em sabedoria para assegurar que não farão mau uso de tal conhecimento.

P. — Pecam os homens na vida espiritual? Se sim, qual é a natureza do pecado? Não é um facto que o pecado é consequência dos nossos desejos, os quais pertencem inteiramente à terra?

R. — O pecado é geralmente entendido como uma violação da lei espiritual, mas essa não é de modo algum uma definição correta. O pecado é um resultado da imaturidade. Ora, visto que há milhões de espíritos a entrar no mundo dos espíritos propriamente dito num estado imaturo, constantemente, deveis esperar que eles pequem. "O salário do pecado é a morte." Morte para o interior? Não; para o pecado. Os teólogos cometem um grande erro ao determinar o contrário. Todo o pecado tem eventualmente de morrer; não pode ser de outra forma.

P. — É possível na vida terrestre para as pessoas viverem fiéis às suas mais elevadas convicções de direito?

R. — Não, penso que não, porque estão no meio de condições que as atraem para este caminho, e isso tão poderosamente que são pouco mais do que farpas sobre o oceano, a flutuar com a maré.

P. — Se o pecado não é uma violação da lei espiritual, e apenas leis espirituais existem no estado futuro, como pode o homem pecar no estado futuro?

R. — Primeiro, então, nego que possa haver uma violação da lei espiritual. O pecado nada tem que ver com a lei. Não é o resultado de uma violação da lei; é um resultado da imaturidade das condições através das quais a alma se expressa; é uma TENTATIVA de violar a lei — nada mais do que isso.

P. — Então o pecado não é uma transgressão da lei?

R. — Não na minha mente. A maçã, nos seus estágios iniciais, é azeda. Mais valia dizer que essa era uma maçã pecaminosa; assim é na Natureza. Mais tarde ela torna-se amadurecida, através da influência do sol e do ar, da chuva e dos sumos do solo. Torna-se madura, então a sua acidez passou; ela entrou num estado correto. A sua pequena alma expressa-se harmoniosamente através dela. Ela, em outras palavras, cessou de ser uma maçã pecaminosa. O pecado morreu, sendo vencido pelo bem. Assim é no que diz respeito à humanidade; vós estais constantemente a pecar.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Por que razão um Judd Pardee, que, enquanto vivia no estado mortal, era um firme Espiritualista, um escritor, conferencista e médium, não regressa e comunica, através dos Círculos Públicos do *Banner*, as suas visões na íntegra relativamente à terra dos espíritos — se há tal terra — e torna o assunto claro e tangível aos sentidos humanos? Se há algum espírito qualificado para fazer isto, ele certamente deveria ser classificado entre os primeiros. Eu conhecia-o bem enquanto aqui, e tenho estado pacientemente à espera de algo dele tão explícito que todas as dúvidas

relativamente ao "outro país" pudessem ser dissipadas da minha mente.

RESPOSTA. — As coisas espirituais têm de ser espiritualmente discernidas, espiritualmente entendidas, e não podem, por possibilidade alguma, ser entendidas por quaisquer outros meios — pelos sentidos do corpo físico. Portanto é absolutamente impossível para qualquer espírito ou espíritos transmitirem-lhe uma ideia clara do que é o seu lar na outra vida. Eles podem aproximar-se — podem dar-lhe tanto quanto o senhor pode entender, mas a realidade plena têm de a reter, porque o senhor não os poderia entender. Muitos espíritos regressaram, dando descrições do mundo dos espíritos, e quantos há entre aqueles que reconheceram os espíritos que foram capazes de assimilar e apropriar-se das verdades que eles transmitiam.

Eles estão muito na minoria, e poderiam ser facilmente contados, sem dúvida. E estas pessoas que clamam mais vigorosamente para saber o que é o mundo dos espíritos, e pedem sinais e por esse algo maravilhoso que provará além de dúvida que há tal terra, são geralmente aquelas que são menos capazes de receber qualquer verdade desse género, se ela lhes fosse dada; elas não a podem apropriar.

O meu amigo não podia. Se eu lhe retratasse um panorama inteiro do mundo dos espíritos, ele diria: "Bem, essa conversa é muito bonita, mas como é que sabe que é assim — aí é que está o problema — como é que sabe? Não sabe, e, embora milhares de espíritos corroborassem a ideia, não ficaria melhor em sabedoria." Deveis ver por vós mesmos; deveis esperar para saber o que o mundo dos espíritos é, na realidade — até verdes lá e serdes capazes de discernir as coisas do espírito com os vossos sentidos espirituais.

P. (Do público.) — Algum poeta disse: "Há uma divindade que molda os nossos fins", eu gostaria de saber o que a inteligência pensa desta ideia?

R. — Penso que é uma verdade absoluta, certamente, significando que há um poder divino a governar-nos nas condições de

vida, quer queiramos quer não. Não fazemos um único movimento, nem mesmo o erguer das nossas mãos, sem a sanção desse Poder Divino.

P. — Não está esse Poder Divino na alma humana, em vez de fora dela?

R. — Habita, tanto fora como dentro da alma humana; na verdade, não há lugar onde não esteja. Visto que este Poder Divino governa todas as coisas, está em toda a parte — nesta mesa, nesse candelabro, nas paredes desta sala, nestas flores, em toda a parte. Prove a qualquer alma que ele deixou um único lugar sem a sua presença, e prova a essa alma que os universos e as almas e todas as coisas são capazes de aniquilação, e podem, em algum momento, ser varridos para o esquecimento.

P. — Eu concedo que Deus está personificado dentro da alma humana, mas não nas paredes desta sala. Acredito numa lei da Natureza a governar em tudo abaixo do homem.

R. — O que é essa lei da Natureza?

P. — Deus é algo mais além dessa lei da Natureza.

R. — Prove-nos a sua assunção. Isso é nada mais do que uma assunção.

P. — Para o provar levaria mais tempo do que aquele que estaria disposto a conceder aqui.

R. — Fosse concedida uma eternidade, não o poderia provar. Na minha mente Deus está em toda a parte.

P. — Eu concedo que ele está em toda a parte onde a vida humana está em existência.

R. — É aí que entra o seu egoísmo humano. O senhor é muito propenso a tropeçar nesse ponto, excessivamente propenso, especialmente quando habita dentro da sombra destas sepulturas de carne. Uma vez que saia de dentro delas, verá as coisas diferentemente. Não pensará tanto no pequeno Eu; descobrirá que

Deus habita na rosa exatamente tanto quanto no coração humano — a expressão apenas é diferente: Deus está expresso como a lei da rosa determina, na rosa; como a lei da alma humana determina, na alma humana. Deus não é um violador da lei. Este nosso Deus dá-nos um grande exemplo — tendo feito leis, ele nunca…

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Anexamos o seguinte para a consideração da inteligência controladora nos seus Círculos Públicos:

UM REMÉDIO PARA A VARÍOLA:

A declaração que segue de um correspondente do *Stockton (Cal.) Herald* tem circulado pelos jornais. Um antigo californiano diz que o viu testado com inteiro sucesso. Reproduzimo-lo, portanto, pelo valor que tiver:

Anexo a presente receita que foi usada, que seja do meu conhecimento, em centenas de casos. Prevenirá ou curará a varíola, embora as pústulas se estejam a encher. Quando Jenner descobriu a vacina bovina em Inglaterra, o mundo da ciência lançou uma avalanche de fama sobre a sua cabeça; mas quando a escola de medicina mais científica do mundo — a de Paris — publicou esta receita como uma panaceia para a varíola, passa despercebida. É tão infalível como o fado, e vence em todos os casos. É inofensiva quando tomada por uma pessoa de saúde. Curará também a febre escarlatina. Aqui está a receita, como a usei, e curei os meus filhos da febre escarlatina; aqui está como a usei para curar a varíola. Quando médicos doutos disseram que o paciente devia morrer, ela curou.

Sulfato de zinco, um grão; digital (*digitalis*), um grão; meia colher de chá de açúcar; uma com duas colheres de sopa de água. Quando bem misturado, adicione quatro onças de água. Tome uma colher de hora a hora. Qualquer uma das doenças desaparecerá em doze horas. Para uma criança, doses menores, de acordo com a idade. Se os condados compelissem os seus médicos a usar isto, não haveria necessidade de leprosos. Se valoriza o conselho e a experiência, use isto para essa terrível doença.

RESPOSTA. — A dose certamente tem de ser variada de acordo com a constituição do paciente. Remédios semelhantes para doenças semelhantes foram usados há muito tempo, sempre com sucesso — assim afirmam os registos médicos — portanto não sei de razão nenhuma pela qual este não deva responder ao propósito nestes dias. Ambos estes remédios por si mesmos são inimigos de todas as condições febris do sistema, e diz-se que possuem propriedades extraordinárias, quando combinados, para aliviar o sistema de todas as febres eruptivas. Não tenho conhecimento pessoal com este remédio, mas estou bem familiarizado com aqueles que estão familiarizados com ele, e que sem hesitação, sem dúvida, a partir da nossa vida, dariam o seu testemunho a favor dele.

P. — É o presente sistema de vacinação prejudicial?

R. — É, de forma condenável — desculpe a expressão, por ser a única adequada ao caso. Sob circunstância alguma deveria ser tolerado por uma comunidade inteligente.

P. — Porquê?

R. — Porque introduz no sistema mil males pelo bem de expelir um, e quando o único é expelido, os mil permanecem, como a vossa população americana testemunhará. As sementes de tísica de qualquer ou de todos os vários órgãos do corpo, em nove casos em cada dez, são de rastrear até à vacinação.

P. — Há algo que se pudesse substituir, para mitigar o mal da varíola?

R. — Ar fresco, dieta adequada, banhos adequados; depois, se ela vier, deixá-lo-á num estado melhor do que aquele em que o encontrou, portanto provará ser não um mal, mas um bem positivo.

P. — Há alguns artigos de alimentação que promovam a varíola?

R. — Sim, há muitos. A carne de porco é um, em todas as suas formas, sob todos os vários sistemas de culinária que são conhecidos. O uso excessivo de milho é outro. Eu poderia continuar a enumerar

quase *ad infinitum* esses artigos de dieta que estão em uso comum, que estariam em harmonia — pelo menos — com a doença da varíola.

P. — Eu gostaria de perguntar, o que pensa de Cristo?

R. — Penso dele como penso de cada outro Filho de Deus, que ele era o filho de Deus; que ele tinha uma ascendência terrestre fisicamente; que ele era divinamente inspirado, e numa extensão maior provavelmente do que qualquer outro do seu tempo, mas em nenhuma extensão maior do que outros que o tinham precedido e partido, ou aqueles que estão entre vós no presente dia.

P. — Pode haver um começo sem um fim?

R. — Na minha mente, não.

P. — Provarão os Internacionais ser uma bênção ou uma maldição para o nosso país?

R. — Ambos.

P. — Qual receberemos primeiro, a bênção ou a maldição?

R. — Provavelmente a maldição. No final, provará ser uma bênção.

P. — Não existiam os mundos de Deus desde sempre?

R. — Não este mundo, certamente.

P. — Como é com Deus?

R. — Acreditamos na eternidade de Deus, que este princípio de poder, de sabedoria, de amor e de verdade nunca teve um começo, e consequentemente não pode ter fim. 20 de Feb.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Tem o conhecimento de nós mesmos um começo e um fim?

RESPOSTA. — No que diz respeito à personalidade dos corpos físico e espiritual, há um começo e um fim para o conhecimento de nós mesmos.

P. — Jesus e os seus seguidores imediatos ensinam que há grande mérito na fé. Ora, na minha mente, fé sem evidência é tolice; com ela, uma necessidade. Dar-nos-á o espírito controlador as suas visões sobre o assunto?

R. — Jesus usou o termo fé como sinónimo de crença, de desejo. Ele combinou os três, exatamente como cada mestre espiritual deveria fazer hoje, ao propagar verdades espirituais. Por exemplo: se o meu irmão ou irmã deseja ser informado espiritualmente, então eu posso informá-los sobre qualquer matéria com que esteja familiarizado espiritualmente; mas se não desejam, então os meus esforços falharão em atingir as suas almas, não podem entrar na esfera do seu entendimento. Jesus compreendeu isto; consequentemente quando disse "Assim como é a vossa fé, assim vos seja feito", ele queria dizer: "Se tendes fé em mim, e nas minhas obras, posso fazer muito por vós; se não tendes, não posso fazer nada." Ele poderia ter dito: "Se estais espiritualmente prontos para receber o meu ensinamento, ou os meus poderes de cura, então posso transmiti-los a vós; se não estais, não posso fazer nada por vós."

P. — De onde teve origem o mal chamado Sábado Cristão?

R. — Os antigos, particularmente os antigos egípcios, tinham grande fé na divindade dos números. Três, formando o triângulo sagrado, era para eles particularmente sagrado; sete, ilustrando os sete números harmónicos da música e da natureza, era quase igualmente sagrado; e eles tinham o hábito de fazer uma aplicação, particularmente nos seus ritos e cerimónias religiosas, destes números sagrados; treze era outro, vinte e cinco era outro, trinta e sete era outro; mas os números três e sete eram tidos como os mais sagrados, e assim eles aplicavam-nos, não apenas às suas cerimónias religiosas, mas nas suas ocupações de todos os dias. Eles reservavam um dia em três para o culto do sol, um dia em sete para o culto do Deus que se supunha presidir à vegetação. Em anos posteriores uma seita chamada Cristãos, professando seguir os passos daquele chamado Cristo, pediu emprestado este número sagrado e anexou-o ao seu chamado Dia Santo ou do Senhor. Assim, veja; é apenas um mito roubado, afinal.

P. — É o movimento de balanço dos berços prejudicial para as crianças de peito?

R. — A mãe dos tempos antigos responderia: Não. Em toda a probabilidade a mãe dos tempos modernos, que sabe muito pouco sobre o cuidado do seu bebé, responderia: Sim. Pode dar a preferência a quem escolher. Eu adicionarei que a ciência está do lado da mãe antiga.

P. — O que faz com que algumas crianças quase constantemente bolsem o seu alimento? É um sinal de saúde, como alguns pensam, ou não?

R. — O senso comum determinaria que o estômago do bebé tinha sido sobrecarregado. Em toda a probabilidade esta é a causa em sete casos em cada dez. A Natureza cuida do pequeno estômago. Se permite que o bebé sem inteligência tome demasiado para dentro dele, a Natureza rejeita-o de imediato. Depois os ignorantes declaram que algo se passa com a criança. E assim é. A Natureza está a cuidar dela.

P. — É prejudicial para os bebés dormirem na mesma cama com as mães?

R. — Novamente, a Natureza determinou que sob todas as circunstâncias ordinárias a mãe e a criança deveriam repousar juntas.

P. (Do público.) — É correto para as pessoas procurarem o conselho dos espíritos com respeito a assuntos de negócios materiais?

R. — Por vezes é correto. É correto quando empenhou todos os esforços honestos e falhou em ter sucesso, e não sabe, por si mesmo, para que lado se voltar. É correto, então, pedir conselho de qualquer fonte de onde o possa obter. É sempre melhor pedir primeiro às suas próprias faculdades até ao seu limite máximo.

P. — Estão eles mais capazes de nos dar conselho do que nós de julgar por nós mesmos?

R. — Sob algumas circunstâncias eles estão muito mais capazes de lhe dar conselho do que o senhor de julgar por si mesmo; sob

outras circunstâncias, o senhor sabe muito melhor como proceder do que eles.

P. — Uma vez fui colocado numa posição em que era impossível para mim saber que caminho seria melhor tomar; e cedi à direção dos espíritos, e segui as suas instruções dia após dia, sendo constantemente assegurado de que me aproximava do fim desejado, quando, a verdade era que estava tão longe dele quanto possivelmente poderia estar.

R. — Em primeiro lugar, não deveria depositar confiança em cada espírito que regressa. Deveria saber, tanto quanto possível, quem está a consultar.

P. — Eles deram o nome certo.

R. — Deveria exigir algo mais do que o nome.

P. — Eles pareciam ter o conhecimento que era necessário, deram certos termos técnicos que implicavam que sabiam do que estavam a falar; contudo o resultado foi inteiramente contrário ao que era esperado.

R. — Nesse caso, o espírito poderia ter sido honesto, poderia ter acreditado que estava a fazer exatamente o correto por si, quando a verdadeira verdade era que estava a fazer exatamente o errado. Os espíritos são bastante propensos a ser enganados, com referência a assuntos mortais, quanto de outro modo. Eles não são infalíveis, como o chefe da Igreja Romana. Não o exija deles, então, quando pedir conselho.

P. — O senhor disse-nos que o conhecimento de nós mesmos tinha um começo e um fim. Qual seria a nossa condição depois de esse conhecimento terminar?

R. — Eu disse, com referência ao corpo físico e espiritual — querendo dizer com referência ao organismo, à forma. Ora, é minha crença que muitos de nós viveram em outras formas. Talvez cada um dos elementos do meu público tenha vivido em outra forma além daquela que ocupa agora, e não têm recordação do facto, porque isso

pertencia à forma, e morreu com a forma. A alma tem faculdades separadas suas. Entende-se a si mesma no presente, no passado e — acredito — no futuro. É uma entidade desprendida do Infinito, de Deus — uma parte de Deus, tão indestrutível quanto Deus; portanto não teve começo, e não pode ter fim.

P. — A alma humana, como é agora, não tem conhecimento de uma existência anterior à do corpo?

R. — Mas tem; a alma tem esse conhecimento, embora não possa projetar esse conhecimento através dos sentidos humanos.

P. — Ora, o que sou eu mesmo?

R. — Essa é uma pergunta difícil de responder. No que diz respeito a si, no presente, é um corpo físico atuado por uma alma pensante; mas, no que lhe diz respeito como relacionado com a eternidade, o senhor é essa alma pensante, e o corpo não é mais para si do que este lenço é para mim ou para a minha médium. É para uso, e para mais nada. Não é uma parte da médium ou de mim mesmo; nem é o corpo uma parte do homem real ou da mulher real. Vós, cada um de vós, atuai sobre esses corpos, como eu atuo agora sobre este que me é alheio, que não me pertence, apenas por uma hora. A Natureza aluga-vos estes corpos por um período mais longo ou mais curto; vós não podeis dizer quão longo isso possa ser. 26 de Feb.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Um Dr. Bogert, de Bay City, Mich., envia o seguinte parágrafo impresso para consideração no Círculo Livre, pela inteligência controladora:

"CURA DA TÍSICA COM QUEROSENE. O Sr. A. H. Brown, de Mecklenburg, N. C., informa o *Charleston Southern Home* que a sua mulher tinha uma afeção nos pulmões que ameaçava terminar com a vida dela muito em breve. No dia 10 de Agosto ela começou a tomar dez gotas de óleo de querosene ao ir para a cama, e manteve-o, até que uma cura inteira foi efetuada. Em duas semanas ela começou a notar uma mudança favorável, e melhorou de forma constante até resultar numa cura completa. Ele diz que outros o experimentaram com resultados igualmente felizes."

Qual é o princípio desconhecido no querosene que removerá a causa da tísica? Também, em que estágios da doença se podem esperar os resultados mais favoráveis?

RESPOSTA. — O seu correspondente deseja sem dúvida saber algo mais relativamente às propriedades medicinais do querosene. Todas as doenças do corpo humano existem em consequência da presença de veneno nessa localidade. Em outras palavras, a doença é um veneno; o querosene é também um veneno; ele contém um dos venenos mais ativos conhecidos no reino mineral.

Cientistas médicos dizem-nos que sob certas condições ou estágios da tísica pulmonar, este veneno no querosene atua favoravelmente sobre o veneno existente nos pulmões do paciente que está a sofrer de tísica. Os discípulos de um certo eminente médico alemão acreditam na teoria de deslocar um veneno administrando outro. Ora então, este é o princípio sobre o qual o querosene atua favoravelmente sobre o doente.

PERGUNTA. — Atua ele mais favoravelmente no início da doença, ou em qualquer período subsequente?

R. — Diz-se não ter efeito a menos que haja tubérculos nos pulmões.

P. — Certos historiadores modernos afirmam que os antigos sacerdotes egípcios dos graus mais elevados estavam familiarizados com a clarividência e o magnetismo. Pode o espírito controlador dizer-nos em que grau eles os compreendiam, e em que extensão os usavam na sua civilização?

R. — Sim, a inteligência controladora pode responder a essa pergunta, provavelmente melhor do que qualquer outra pessoa. Estas ciências que são tão pouco conhecidas hoje eram bem conhecidas naqueles dias; pelo menos pelos sacerdotes egípcios. A clarividência era uma ciência reconhecida; a comunhão com os espíritos algo não apenas acreditado, mas positivamente conhecido; e governava todos os atos das suas vidas.

O magnetismo, ou o fluxo de forças curativas através do corpo, era o mais potente de todos os remédios em uso para os doentes, e o sacerdote que não pudesse curar os doentes por este poder era prontamente deposto — não podia mais exercer o cargo após uma única falha. Isto pode ser classificado entre as "Artes Perdidas", mas o espírito de descoberta que é abundante na presente era está a questionar relativamente a estas artes perdidas, e esta é uma das que trouxe até ao limiar da presente hora, e está intimada perante a barra do senso comum; e no futuro, esta, bem como muitas outras das artes perdidas, será recuperada, restaurada, e encontrará um lugar proeminente entre as ciências do presente dia.

P. (Do público.) — O que causou a perda destas artes para a humanidade depois de uma vez as terem obtido?

R. — Os egípcios não deixaram registo dos seus atos nesta direção, e, na verdade, o que deixaram nunca foi ainda decifrado pelos vossos homens sábios do presente dia, ou de qualquer era. As antigas pirâmides hoje desafiam a análise. Os vossos homens sábios não sabem dizer por que razão foram erguidas, ou mesmo quando, ou sob que circunstâncias.

P. — Tem algum conhecimento da matéria?

R. — Se sei? Sei.

P. (Do Presidente.) — Está disposto a dar-nos informação?

R. — Em algum momento, sim.

P. — Estava este dom de cura especialmente confinado a uma certa classe dos egípcios — uma certa ordem de sacerdotes, por exemplo?

R. — Sim, estava confinado aos sacerdotes, e eles acreditavam que recebiam os seus dons diretamente dos deuses ou espíritos falecidos. Eles chamavam-lhes deuses; vós chamais-lhes os vossos amigos que partiram antes de vós.

P. — Transmitiam eles esta informação ao povo, como vós dais informação no presente dia, ou guardavam-na exclusivamente para si mesmos?

R. — Aqueles que pediam informação recebiam-na sempre. Aqueles que não pediam, não podiam esperar recebê-la.

P. — Eram os Druidas da Europa Ocidental descendentes dos Zendes da Pérsia? Se não, de onde obtiveram os seus ritos e mistérios?

R. — Eles eram descendentes dessa raça ou ordem.

27 de Feb.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — É afirmado no Novo Testamento que certos homens sábios vieram do Oriente para adorar o Menino Cristo; e foi sugerido que quando, em anos posteriores, certos homens proeminentes estruturaram a religião mais tarde chamada Cristã, atribuíram a história de Jesu Chrishna, trazida por esses homens sábios, a Jesus de Nazaré, de cujas obras nenhum registo permanecera. Quais foram os factos relativamente a esta matéria? — e de que país vieram os homens sábios?

RESPOSTA. — Há tanta ambiguidade e escuridão espiritual a envolver todos os registos de cada herói religioso, que é quase impossível determinar de forma absoluta e correta a seu respeito. Que a vida de Jesus o Cristo foi análoga à vida de Chrishna é um facto demasiado claro para ser disputado; e, na verdade, os mesmos pontos proeminentes que foram encontrados na vida de Jesus encontram-se sempre nas vidas de outros heróis religiosos, ou deuses na carne. Este facto prova apenas uma verdade, a saber: que a divindade, a extraordinária divindade espiritual com que estas várias personagens parecem estar dotadas é, afinal de contas, uma criança da humanidade, um ser a brotar da mesma fonte humana, falível em si mesmo. Estes homens sábios que o registo nos diz terem vindo adorar o Menino Jesus eram homens de reputada sabedoria em matérias religiosas, e também nos dogmas da Igreja Egípcia. Eles tinham sido ensinados a acreditar na vinda de exatamente uma tal personagem; eles estavam à espera de um tal evento; e sem dúvida foram ter com o menino Jesus

para testar a validade da sua reivindicação por certos poderes que julgavam possuir — e talvez possuíssem — para testar tais matérias.

Ora, que uma tal personagem como Jesus o Cristo tenha tido uma existência terrestre é um facto que nunca vos poderá ser claramente provado enquanto estiverdes a habitar aqui na carne, mas um facto que é tão claramente provado para os habitantes do mundo dos espíritos como é um facto para mim que estou a falar através deste sujeito mediúnico alheio hoje. Não é uma matéria de crença, nem é de registo simplesmente, mas de absoluto conhecimento para muitos dos habitantes do mundo dos espíritos.

P. — Os espíritos afirmam que as várias ordens secretas e fraternidades existentes entre nós, ou pelo menos algumas delas, são perpetuadas na vida espiritual. Se assim é, são os meios de reconhecimento os mesmos? — e são tão facilmente preservados da deteção por parte daqueles que não são membros como nas nossas sociedades terrestres?

R. — É verdade que todas as várias associações para o bem que têm uma existência na terra são perpetuadas no mundo dos espíritos, e todos os vários modos de proteção contra a fraude, por parte de estranhos, existem ali como aqui; mas, enquanto há um perigo de a fraude ser exercida sobre os membros destas várias sociedades que se formaram para bons propósitos aqui, não há perigo ali. Há esferas magnéticas tão rigidamente observadas ali que nenhum estranho por possibilidade alguma pode entrar nela. Os maldispostos, no mundo dos espíritos, são contidos pelos bons; e os poderes que são feitos uso para os conter são essas mesmas forças imponderáveis que estão a correr por todas as vias e graus de vida aqui convosco, mas são tão pouco compreendidas por vós. Se fossem compreendidas, não precisaríeis de algemar os vossos prisioneiros; poderíeis segurá-los por cadeias mais poderosas do que quaisquer de ferro ou aço.

P. — Pode a mente humana atingir uma conceção mais verdadeira, bela ou enobrecedora da Divindade do que aquela em que Ele é representado para o mundo da alma como o que o sol é para o

mundo da matéria, e de quem o sol é portanto o emblema próprio? Não é este o sentido em que as antigas raças compreendiam e praticavam o culto do sol? e não está alguma forma deste culto destinada a prevalecer novamente?

R. — Sim; e se a mente humana acolher e se apropriar de todo o bem que está abraçado nesta ideia, parece-me que ela pode tão bem encontrar o seu céu aqui como em qualquer outro lugar.

P. (Do público.) — Pecou Jesus alguma vez?

R. — Certamente, Cristo pecou. Ele nunca afirmou que o não tinha feito, e por esta razão: Cristo era apenas um dos frutos na árvore da vida humana. Essa vida humana está, atualmente, num estado imperfeito. A alma de Cristo, ao expressar-se através de uma vida humana, era tão propenso a cometer erros, provavelmente, como vós ou eu; e isto é pecado — não na aceção habitual do termo, mas realmente, verdadeiramente pecado.

P. — Paulo fez essa afirmação quanto a Jesus. Ele disse que ele foi tentado em todos os pontos como nós somos, contudo sem pecado. Então Paulo deve ter-se enganado na sua afirmação.

R. — Sim, bem como em uma grande quantidade de outras coisas.

P. — Poderia ele ter evitado pecar?

R. — Não, por possibilidade alguma, sob as circunstâncias existentes.

P. — Seria, então, pecado, se ele o não podia evitar?

R. — Sim, exatamente como a maçã não pode evitar ser uma maçã verde; contudo é uma maçã verde, não obstante.

P. — Pode-se violar uma lei moral, quando se não pode evitar?

R. — Vós nunca podeis violar qualquer lei natural — qualquer lei divina.

P. — São todas as leis naturais?

R. — Certamente que não — as vossas leis civis, por exemplo.

P. — Leis divinas — não são elas naturais?

R. — Sim, e nunca podem ser violadas.

P. — Não são as leis morais leis divinas?

R. — Sim, e nunca podem ser violadas. No vosso mal-entendido da lei vós procurais violá-la — isso é pecado; mas nunca a violais de facto. No vosso mal-entendido colocais-vos em antagonismo com a lei, e a lei vira-se contra vós; vós não podeis prejudicar a lei.

P. — Por que razão deveria qualquer um ser prejudicado se não pode evitar entrar em antagonismo com a lei?

R. — Eu acredito na necessidade de todas as coisas que são más bem como boas. A criança pequena não sabe que o fogo queima, e põe a mão no fogo. A lei do fogo não faz aceção de pessoas — queima a criança pequena e inocente, como queimaria a si ou a mim.

P. — Então acredita que tudo o que é, é correto?

R. — Sim, divinamente falando.

P. — Admitiria que o errado é correto?

R. — Sim, certamente, visto que existe de necessidade; então o errado é correto — o modo que o nosso Deus tem de nos purificar, e de nos adequar para o céu. Todos nós sofremos ao fazer o errado, e o sofrimento pode ser as águas que purificarão as nossas almas.

P. — Então não é o homem meramente uma máquina, com corda dada como um homem dá corda a um relógio e o deixa andar?

R. — Oh, não. O homem tem responsabilidade igual às suas capacidades de raciocínio; ele é responsável perante si mesmo por todos os atos da sua vida.

P. — Então pode ele ser responsável perante alguém mais elevado do que ele mesmo?

R. — Não, não há necessidade disso; Deus coloca um monitor divino dentro de cada alma viva que determina o que é correto e o que é errado, e guiará finalmente essa alma para longe de todo o errado para o correto absoluto. Este é todo o Deus com que o senhor ou eu ou qualquer pessoa alguma vez se familiarizará.

P. — Estará o homem alguma vez onde não possa fazer o errado?

R. — Oh, sim, quando tiver sobrevivido a toda a imaturidade da vida, e tiver atingido um estado puramente amadurecido, ele cessará de fazer o mal.

P. — Quando ele cessar de fazer o mal, será porque não possui a capacidade, ou porque se não sente disposto?

R. — Se ele se não sentir disposto, não terá a capacidade.

29 de Feb.

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Certos geólogos acreditam que houve outrora no Oceano Atlântico, a oeste de Gibraltar, uma grande ilha que possuía, em virtude da sua relação com a Corrente do Golfo, um clima deleitável, mas afundou-se debaixo do oceano há muitos séculos. Eles sugerem que poderia ter sido esta terra a que os antigos chamavam Atlanta. Pode o espírito controlador dar-nos alguma informação sobre ela?

RESPOSTA. — Que houve tal extensão de terra, por volta dessa altura, é um facto cientificamente conhecido pelos espíritos que fizeram investigações nessa direção; mas que ela ostentasse o nome de Atlanta, nós não sabemos; na verdade, os nossos registos informam-nos que este continente sobre o qual habitais ostentou outrora esse nome.

P. — O ditado "Pedi, e recebereis" parece ter sido comum junto dos sábios de todas as nações e eras; mas, na nossa linguagem, não seria "Exigi, e obtereis" mais de acordo com as versões antigas?

R. — Não, penso que não. Pedir significa simplesmente isto: colocar-vos numa condição de serdes capazes de receber. Quem quer que faça isto receberá certamente seja o que for que for pedido.

P. — Se a doutrina da reencarnação é verdadeira, por que razão ninguém na terra se reconhece como a viver uma segunda vida?

R. — Que a doutrina da reencarnação é verdadeira de facto é provado por toda a Natureza, e que há apenas casos raros em que a memória é exercida neste particular é também uma verdade. Há muitos que têm uma memória distinta, mesmo aqui nesta vida, de terem vivido uma vida anterior. Estas pessoas são as exceções, não a regra. Ora, todos os corpos naturais estão providos de certos conjuntos de órgãos, através dos quais a alma se pode expressar num grau limitado — através dos quais ela pode viver a sua vida presente; assim, pois, torna-se uma condição anormal, quase não natural, para alguém ser capaz de se lembrar de qualquer coisa que tenha transpirado consigo, como alma, através de outra vida orgânica.

P. — Não obtenho exatamente a resposta que queria, e essa é: por que razão haveria uma objeção em reconhecer o facto de viver uma segunda vida, por parte daqueles que se lembram?

R. — A alma apega-se tenazmente às coisas do presente, para que possa desenvolver-se através da lei presente. Há uma objeção natural existente com quase toda a alma viva que tem a sua existência numa forma física à doutrina da reencarnação, e por esta razão: sendo não educados nesta direção, os indivíduos supõem que, se viveram outra vida, como representantes dessa vida eles têm de ser aniquilados ou perdidos, visto que não carregam nenhuma recordação dessa vida para aquela em que atualmente existem; mas isto é um erro.

A alma guarda todas as suas joias no seu próprio repositório sagrado, e nunca perde qualquer experiência por que tenha passado. Não deveis supor, porque a alma não pode projetar a memória eterna, a memória infinita, através de órgãos finitos, que ela se não lembra. Oh, não! Se uma alma alguma vez se expressou através de um John Smith, ela lembrar-se-á dessa experiência, mesmo que possa ser uma

Rainha Vitória no presente. A ignorância é a mãe desta indisposição para acreditar na doutrina da reencarnação. A sabedoria mostraria as suas belezas, inclinaria a raça, como um todo, a favorecê-la.

P. — Eu perguntaria, então, visto que a reencarnação é possível, é ela obrigatória?

R. — É certamente. Não penso que tivésseis mais voz na matéria do que tivestes em vir a este mundo.

P. — Não é lei natural?

R. — É, e, portanto, obrigatória para a alma.

P. (De outro indivíduo.) — Para a minha mente é uma matéria demasiado sagrada para dizer muito a seu respeito no presente.

R. — Certamente que é, porque a maioria da humanidade não chegou a uma condição de ser capaz de a receber, de a compreender e apreciar. 4 de Março

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Chegará o tempo em que a morte física do homem não terá lugar como acontece agora?

RESPOSTA. — Sim, a visão do Revelador não foi nenhum mito, mas um sublime presságio de um bem vindouro, de um novo céu e de uma nova terra, onde habitaria a justiça, de um tempo em que o último inimigo, a Morte, seria vencido. E como acontecerá isto? parece-me ouvir o interrogador perguntar. Desta forma: fisicamente, vós sois os filhos desta terra, nascidos da terra, terrestres, sujeitos à dissolução, morte, decomposição, desintegração; mas à medida que esta terra amadurece, se aperfeiçoa a si mesma, ela produzirá filhos perfeitos; todos os seus produtos serão perfeitos; e o que será então? Ora, então, estas distinções arbitrárias de vida e morte serão abolidas, visto que são um resultado da imaturidade da terra. Quando a terra estiver amadurecida, então estas coisas não existirão mais; o último inimigo será vencido mais tarde. Jesus compreendeu isto. Os seus mestres divinos inspiraram-no muito largamente nesta direção, e ele estava constantemente a incutir esta verdade sobre os seus seguidores.

P. — É a opinião de alguns que as casas construídas principalmente de pedra ou metal, ou ambos, têm uma influência prejudicial, pelo menos sobre algumas pessoas, que aquelas construídas de madeira não possuem. Se assim for, qual é a razão disso? E não poderá ser neutralizado por um arranjo adequado dos mesmos materiais, ou por alguns outros meios?

R. — É um facto bem conhecido e estabelecido que habitações construídas inteiramente de pedra e metal não são as melhores que poderiam ser, para a saúde. Elas atraem uma grande quantidade de humidade da atmosfera e dos objetos circundantes, mas não a absorvem até essa extensão que outros materiais fazem — todos os tipos de madeira, por exemplo — e assim esta humidade é deixada na superfície, e gera animálculos venenosos que são absorvidos a cada respiração pelo habitante da habitação. A vossa Alfândega é uma exibição clara desta lei. Não há um único funcionário saudável ali, nem um só. Quem é de culpar? Ora, os homens científicos desta era, certamente. Eles deveriam ter ensinado o povo melhor; mas como os teólogos, eles são guias cegos de cegos, e ambos caem na cova juntos.

P. — Que influência, se é que alguma, tem a altura das divisões sobre a mente?

R. — Bastante ar fresco é uma necessidade conhecida para a saúde. A saúde é uma necessidade para um fluxo livre de pensamento. A mente torna-se mórbida à medida que as condições do corpo se tornam mórbidas. Se não dais ao corpo ar fresco, e suficiente dele, ora, então atraís condições mórbidas para a mente, e ambos sofrem da mesma forma.

P. — Como considera o espírito controlador as escolas Jardim de Infância de Froebel? Em que pode o seu sistema ser melhorado? Em suma, quais são os meios pelos quais o corpo e a mente podem ser melhor educados?

R. — O vosso orador considera-as favoravelmente, contudo elas são apenas os degraus inferiores na escada da progressão nesta

direção, e à medida que a mente avança haverá uma melhoria nesta como em outras direções.

ESPÍRITO CONTROLADOR. — Percebendo que há ainda um mal-entendido com referência às cartas colocadas sobre esta mesa para serem respondidas por algum espírito ou espíritos, farei novamente uma explicação a seu respeito, informando-vos primeiro, então, que é necessário que inverteis a ordem das coisas, ao colocar o vosso nome — o nome do autor da pergunta — no exterior do envelope, e o nome do espírito ou espíritos endereçados no interior.

Isto é necessário por esta razão: a minha médium, durante a resposta a estas cartas, está num estado semiconsciente. Ao seu lado está alguém do nosso grupo, delegado para a instruir na resposta a estas cartas. Ela olha para o nome na carta, fixa-o na sua mente; ele é lido da sua mente pelo espírito em conjunção com ela. Imediatamente o nome é chamado em voz alta. Se há alguém no nosso círculo de espíritos que conheça tal pessoa, ele ou ela responde de imediato, e chega-se à frente — entra em comunicação com a minha médium o melhor que pode, lê o conteúdo da carta, e instrui seja qual for o espírito que está a instruir a minha médium para a resposta. Ora, é um processo muito simples, mas, como todos os outros, exige certas condições, as quais, se cumpridas, encontram geralmente um resultado de sucesso; mas se não, a culpa é vossa, não nossa. 5 de Março

PERGUNTA. (De um correspondente.) — Como podemos saber que pessoas estão adaptadas para se sentarem juntas em círculos de desenvolvimento?

RESPOSTA. — Há vários métodos pelos quais isto pode ser determinado. Primeiro, se desejais organizar um círculo cientificamente, considerai o desenvolvimento frenológico de cada participante, e deixai que todos se harmonizem. Deixai que a espiritualidade e a idealidade predominem. Não formeis o vosso círculo com aqueles que estão desarmoniosamente desenvolvidos nesta direção, pois, se o fizerdes, alguns do grupo estarão a carecer de um dom, outros de outro, e "uma casa dividida contra si mesma não

pode subsistir". A fim de compreender como formar tais círculos adequadamente, deveis educar-vos relativamente à lei e ordem da vida humana. Deveis começar na base, e subir cada degrau sucessivo na escada da educação física, e então não tereis de me perguntar a mim ou a qualquer outra pessoa quem deveis selecionar ao formar círculos de desenvolvimento adequados e harmoniosos.

P. — Conflita a doutrina do Espiritualismo com o plano de salvação ensinado no Novo Testamento, a saber: arrependimento, e fé em Jesus Cristo?

R. — Não, certamente que não; mas ela ilumina esse plano — torna-o compreensível. Em vez de inspirar alguém com fé no homem Jesus, inspira alguém com fé nas doutrinas como verdadeiras que ele pregou — no amor a toda a humanidade, na regra de ouro como apresentada por Confúcio e demonstrada por Jesus. A ignorância fará um conflito aqui, mas a sabedoria trará harmonia.

P. — O Espiritualismo é acusado por alguns de ser o anti-Cristo — de ser capaz de enganar, se fosse possível, os próprios escolhidos. Pode o espírito explicar, e livrar a doutrina desta acusação?

R. — Não; porque é uma acusação verdadeira. Espíritos, na e fora da forma, são capazes de engano; e como este Espiritualismo está fundado na crença na comunicação de espíritos falecidos, esta, claro, é uma das suas ideias fundamentais — algo que se apresenta ao observador desde o início, algo com que todos se familiarizarão quando cruzarem o seu limiar.

Eles aprenderão que a vida é a vida em toda a parte, e bastante tão imperfeita além da sepultura como deste lado dela. O Espiritualismo vem dizer a verdade, por mais desagradável que possa ser. Se o vosso amigo que era um ladrão ou um mentiroso aqui partiu além da sepultura, ele é, em toda a probabilidade, um ladrão e um mentiroso ali. O Espiritualismo dir-vos-á isto. A Ortodoxia dir-vos-á o contrário. Dir-vos-á quer que eles não podem passar o abismo entre vós e eles, quer que eles foram para a vida celestial, e portanto não desejam regressar. O Espiritualismo diz a verdade simples, natural:

assim como a Morte vos transporta para o outro lado, assim o outro lado vos encontra; e como o outro lado vos encontra — se regressardes de todo a estas margens — assim vós sois.

P. (Do público.) — Eu gostaria de perguntar ao espírito controlador se ele acredita que qualquer espírito na forma material tem de passar por quaisquer cenas que não sejam absolutamente necessárias?

R. — Não, certamente que não; porque acredito num Deus de justiça e sabedoria e amor — numa Suprema e Soberana Inteligência a governar em todas as coisas, no erguer desta mão, no deixá-la cair. Jesus disse: "Nem um pardal cai ao solo sem que o vosso Pai Celestial tome conhecimento da sua queda; e de quanto mais valor sois vós do que muitos pardais?" Parece-me que, se Jesus falou a verdade — e eu certamente acredito que falou — todos os atos das nossas vidas, quer bons quer maus, são controlados pela Infinita Sabedoria, e portanto de necessidade para nós.

P.—Dos doze aos trinta anos, parece não haver qualquer registo da vida de Cristo. Como é que ele esteve empregado durante esses anos?

R.—Os pais da igreja entenderam por bem, ao organizar a vossa Bíblia, excluir toda a vida de Cristo que fosse prejudicial para ele enquanto Deus encarnado, e assim classificaram como positivamente apócrifa toda essa porção da sua vida entre os doze e os trinta anos. Mas ele diz-nos, e os registos na nossa vida dizem-nos, que esteve empregado parte do tempo como arquiteto, desenhando habitações; parte do tempo como carpinteiro, trabalhando com as mãos; parte do tempo a escrever hieróglifos que ele próprio não compreendia; parte do tempo em comunhão com espíritos desencarnados; mas o seu controlo durante a maior parte do tempo foi exercido por uma classe não desenvolvida de inteligências, que, segundo ele diz, foram utilizadas para o chicotear ao serviço de seu Pai. Tendo feito isto, estava pronto para carregar a cruz, para que pudesse usar a coroa. 7 de março.

Pergunta,—(De um correspondente.) Uma família reúne-se na terra dos espíritos e têm eles lá o mesmo amor e respeito uns pelos outros que têm na vida terrestre?

R.—Sim, reúnem-se; mas não se deve esquecer que há mais famílias que não têm respeito umas pelas outras, nem amor umas pelas outras aqui, do que aquelas que têm. Aqueles que aqui estão unidos por laços familiares devido às rígidas necessidades desta vida, e nada mais, estão lá separados. Aqueles que aqui estão unidos pelos laços do amor, pelos laços de afinidade natural de alma, estão lá juntos; e formam belos grupos no mundo das almas, como raramente encontram nesta vida.

P.—(De Orris Barnes de Clay, N.Y.) Pergunte ao espírito controlador se estou correto na minha opinião de que existe um rio subterrâneo que passa do Oceano Pacífico para o Golfo do México, e ali forma o que é chamado de Corrente do Golfo; sendo o Pacífico mais elevado do que o Golfo, dá-lhe um impulso poderoso, e assim temos um fenómeno maravilhoso chamado Corrente do Golfo. Se eu estiver incorreto, poderá o espírito controlador dar a sua opinião?

R.—O vosso correspondente chegou ao limite externo de uma verdade; mas não está positivamente correto ao acreditar na existência de um rio subterrâneo. Existem — assim nos dizem os cientistas que investigaram nesta direção — correntes subterrâneas de água que fluem para esse ponto. O vosso correspondente chama-lhes «um rio». Ele viu água corrente, clarividentemente, sem dúvida. A única diferença está, provavelmente, no nome que lhe deu.

P.—Assume que vem do Oceano Pacífico?

R.—Não assumo nada; aqueles que fingem saber é que assumem.

P.—Um espírito disse, através da Sra. Conant: «Há aqueles na vida celestial que nunca foram chamados a passar pela matéria, e não sabemos se alguma vez o serão». Essas almas não sofrem na vida celestial? — ou sabem elas como apreciar a felicidade sem o sofrimento? Se uma alma pode tornar-se individualmente sábia sem o sofrimento elemental, por que não todas?

R.—É impossível transmitir à mente humana uma conceção justa do que é uma alma que nunca esteve unida à matéria; por conseguinte, é-nos impossível elucidar claramente este assunto. Sem dúvida, o vosso correspondente foi ensinado a acreditar que toda a alegria é resultado do contraste com o sofrimento. Bem, no que diz respeito às coisas físicas e terrestres, isto está correto; mas, à parte das coisas terrestres, não está correto. Uma vez que a alma nunca foi criada, deve ter tido sempre existência; e como há constantemente almas a nascer em corpos humanos, deve supor-se, pelo menos, que existe, em algum lugar da economia divina de Deus, um reservatório — se assim posso falar — para almas desimpedidas, almas à espera de tomarem sobre si a cruz da matéria. É verdade que não sabemos se todas serão chamadas a passar pela matéria; mas creio que essa é a crença geral, pelo menos.

P.—Foi dito ontem no Music Hall que o homem possui agora o poder pelo qual poderia, se soubesse como usá-lo, mover objetos materiais sem contacto com eles. Será isto feito por alguém que viva agora, enquanto estiver nesta vida?

R.—Sim; e está a ser feito todos os dias. O espírito tem um poder ilimitado sobre a matéria, e na exata medida em que compreenderem as leis que governam as coisas materiais, os átomos materiais que desejam transportar de um ponto para outro, nessa exata medida serão capazes de os controlar, e não mais além. Agora, o mundo dos espíritos está aqui convosco — pelo menos um grau dele. Aqui, no vosso meio, há milhões de espíritos que, invisíveis, povoam a terra e estão constantemente a conceber meios e modos de vos libertar do cativeiro da matéria.

Ora bem, estes são os vossos educadores; mas devem primeiro começar por se educar a si mesmos, familiarizando-se convosco — de que são feitos física e espiritualmente. Assim, averiguam até que ponto podem contar convosco na realização de qualquer movimento científico. Por exemplo, se eu quisesse mover esta mesa através do intermédio da minha médium, primeiro informar-me-ia sobre as condições elétricas e magnéticas da minha médium, bem como sobre a

sua condição espiritual e as relações existentes entre o seu espírito e o seu corpo. Se, após esse exame, eu descobrisse que podia extrair dela certos elementos poderosos, necessários para mover todos os corpos ponderáveis, saberia então que podia mover a mesa, porque podia extrair esses elementos. Depois poderia juntá-los a outros que eu próprio forneceria espiritualmente, e talvez chamasse em meu auxílio uma dúzia, vinte ou uma centena de outros espíritos, talvez mortais; mas preciso de ter um instrumento de condensação, que tem de ser a médium.

Tendo extraído estes elementos e preparado os mesmos na atmosfera, procuraria então tornar a minha médium negativa, completamente negativa, e por esta razão: para que ela não pudesse, através de uma condição positiva, tomar aquilo que naturalmente lhe pertencia e roubar-me o que eu desejava usar. É por isto que, quando se sentam em círculos para manifestações físicas, às vezes falham. Os médiuns, tornando-se positivos, tomam para si o que os espíritos lhes retiraram para realizar as manifestações. Tendo tornado a minha médium negativa, de modo a poder manter em solução os elementos dela extraídos, concentraria então a minha vontade nisso e no objeto que desejava mover. Ao fazê-lo, poderia perpassar qualquer objeto ponderável com este elemento.

Ora bem, fica tudo vivo com parte da minha vida e da vida daqueles de quem extraí este elemento ou poder necessário para o movimento dos objetos. Todas estas partes, particularmente o instrumento de condensação, estão negativas. Este próprio objeto tornou-se parte da minha vida. Posso levantá-lo tão facilmente como levanto a minha mão. É, temporariamente, parte do meu corpo; não importa se é o monumento de Bunker Hill, posso movê-lo com a mesma facilidade. Quando esta lei, esta ciência, deveria dizer, for melhor compreendida, em vez de sobrecarregarem as vossas mãos, sobrecarregarão os vossos cérebros, moverão objetos à vontade e darão a volta ao mundo em menos de quarenta minutos. 11 de março.

ESPÍRITO CONTROLADOR.—A minha atenção foi chamada para as necessidades de uma mulher na pobreza, alguém que dedicou a

maior parte da sua vida a cuidar de um parente doente que dependia dela e que, agora que esse parente foi trasladado para a nossa vida, se vê deixada, na sua velhice, doente e na pobreza; e, na sua aflição, apelou ao mundo dos espíritos. O mundo dos espíritos respondeu, e eu sou apenas o porta-voz dos seus amigos, desejando uma pequena contribuição em seu favor.

Agora, Senhor Presidente, quero dois dólares do seu bolso, dois dólares da minha médium e cinco dólares do meu público. Isto, segundo me dizem, pagará a renda que está agora vencida, salva a senhora de problemas imediatos e dá-nos tempo para olhar em redor e ver o que mais podemos fazer por ela. É de esperar que os amigos aqui reunidos não pensem que nós, do mundo dos espíritos, estamos constantemente a mendigar-lhes, mas lembrem-se de que vós estais constantemente a pedir-nos, e que, como têm sempre os pobres convosco, devem esperar que os vossos bolsos sejam sobrecarregados de tempos a tempos, que almas benevolentes na vossa vida e na nossa vos peçam auxílio. Se não o tiverem para lhes dar, deem os vossos melhores votos, e isso já será algo; será muito para aqueles que estão em aflição; mas se a Mãe Natureza, através dos seus vários meios, vos concedeu com generosidade, não se esqueçam daqueles que foram menos generosamente munidos e, no futuro, onde os vossos tesouros forem reunidos nestas coisas pelo mundo dos anjos, ter-vos-ão tudo restituído com juros celestiais.

Aqueles que ajuntam os seus tesouros no céu nunca os perdem; nenhum incêndio os pode queimar; nenhuma inundação os pode arrastar; nenhum ladrão os pode roubar; nenhuma traça ou ferrugem os pode corromper. Estão salvos e aguardarão a vossa chegada à outra vida; e então ser-vos-á fácil exigir o que é vosso e recebê-lo. (Ao presidente.) Informará a minha médium do meu pedido. 11 de março.

P.—(De um correspondente.) Em «Antiguidades Mexicanas do Lord Kingsbury» está o que alguns supõem ser uma representação de um astrónomo a olhar para os céus, enquanto aos seus pés se senta o escriba, que está a registar as suas observações. Tinham os Astecas o

telescópio, como isto indicaria? Se sim, há algo nas ruínas da sua civilização que possamos descobrir que favoreça isso?

R.—Aqueles que fizeram descobertas nessa direção aprenderam que os Astecas estavam familiarizados com este ramo da ciência, e acredita-se que, à medida que for feita uma pesquisa maior no sentido de obter um conhecimento da sua condição como povo, aprenderão que isto é uma verdade, pois existem registos que, em si mesmos, são tão inconfundíveis como os vossos registos escritos.

P.—O «Medium and Daybreak», um jornal espiritualista publicado em Londres, informa-nos de que a Menina Lottie Fowler (uma médium americana, atualmente de visita a Inglaterra) foi recentemente transportada ao longo de uma milha e meia enquanto estava em transe, para uma sessão que se realizava na casa dos Srs. Herne & Williams, «passada através de uma janela de vidro, ou parede sólida», e colocada sobre a mesa. Agora, o que eu, bem como outros, desejamos saber é se há a mínima verdade em tais afirmações. Em outras palavras, foi a Menina Fowler levada para uma sala, como narrado no jornal inglês, cujas portas e janelas estavam fechadas na altura? Se assim for, explique por favor sob que lei, para nós desconhecida, tal fenómeno poderia possivelmente ter tido lugar?

R.—Sabemos que ocorrem fenómenos aparentemente análogos a este; mas com referência a este caso particular, não temos conhecimento.

P.—(Do público.) Têm o inferno do vosso lado da casa?

R.—Sim, em abundância.

P.—A arder?

R.—Sim.

P.—Pode dar uma pequena descrição dele?

R.—Bem, eu tenho o inferno quando faço algo que considero não ser exatamente o melhor que poderia ter feito; quando fico convencido de que cometi um erro e pratiquei um ato errado, sinto remorso por

isso. O meu Deus censura-me por isso, castiga-me severamente, queima-me, pica-me, gela-me; contudo, eu vivo e torno-me mais forte através do sofrimento. É isto que quero dizer com inferno. Todos vós o terão até que tenham ultrapassado a prática do mal. Não me refiro a fogo e enxofre — certamente que não. Isso é um mito pertencente às épocas sombrias, e nunca deveria ter sido arrastado para esta era de iluminação.

P.—Qual é o melhor caminho a recorrer para se ser feliz?

R.—Façam exatamente o melhor que souberem. Nunca defraudem o vosso próximo; tratem o vosso inimigo com cortesia e bondade; conquistem o diabo, se possível, pelo amor; vençam todo o mal com o bem. Se fizerem isto, não terão muito do inferno, mas sim uma grande porção do céu.

P.—E se o conquistássemos com golpes?

R.—Às vezes torna-se uma necessidade fazê-lo, mas eu preferiria tentar termos mais suaves primeiro. Nunca vi um diabo que não pudesse conquistar com golpes muito suaves. Todos os diabos que já encontrei foram conquistados desta forma.

P.—Não seria um homem um suicida se fosse derrubado e a adaga estivesse erguida sobre a sua cabeça, caso não fizesse qualquer esforço pela sua vida?

R.—Equivalente a isso, certamente. A lei da preservação pessoal está implantada dentro de toda a natureza humana, e surgirá em socorro dessa natureza humana. É necessário que o faça, mas deve estar sempre sob a orientação da razão. Algumas naturezas humanas ditar-lhe-iam que matasse os seus perseguidores de imediato; outras lutariam com eles, vencê-los-iam, atá-los-iam, metê-los-iam na prisão e depois procurariam reformá-los. Esta, para mim, é a melhor via. É isso que quero dizer com permitir que a razão nos governe nisto, como em todas as outras coisas. 12 de março.

P.—(De um correspondente.) Quais são os princípios básicos mais sólidos de ação reformadora relativamente ao Mal Social?

R.—A compreensão da lei natural e a obediência a ela.

P.—Diz-se na Sagrada Escritura que tudo o que semearmos, isso também colheremos; e ainda que seremos recompensados segundo as nossas obras. Se assim é, o que faremos com a doutrina da expiação?

R.—Lançai-a para o meio das coisas obsoletas e inúteis.

P.—A reencarnação de qualquer alma ocorre sempre no mesmo planeta, ou pode ela viver em momentos diferentes em planetas diferentes?

R.—Que nem sempre ocorre no mesmo planeta, este vosso orador sabe-o, pois ele próprio foi reencarnado em dois outros planetas além deste.

P.—Relativamente à reencarnação, gostaria de dizer que ouvi uma palestra de Emma Hardinge, na qual o espírito controlador provou, para sua própria satisfação, sem dúvida, que não poderia existir tal coisa. Foi argumentado que isso destruiria toda a harmonia da outra vida e romperia toda a ligação e simpatia dessa vida com esta.

R.—A posição da senhora em questão é diretamente oposta à minha sobre este assunto. Os ensinamentos dados através dessa senhora, relativos a esta matéria, devem estar de acordo com as suas próprias noções preconcebidas; certas ou erradas, por esta razão: ela está fortemente carregada com um elemento positivo que nenhum espírito ou espíritos consegue vencer sempre, e eles nunca pretendem vencer esse elemento em questões abstratas deste tipo; portanto, obtêm a opinião da senhora, e nada mais.

P.—(Do público.) Na sua experiência de reencarnação noutros planetas, viveu uma verdadeira vida através de um corpo próprio, ou foi simplesmente pelo controlo de médiuns?

R.—Quero dizer algo além do facto de ter falado através de outros médiuns; quero dizer que vivi uma vida — que tomei sobre mim a experiência inerente ao ser físico — nasci e morri lá, exatamente de acordo com a lei da vida planetária. O livro da vida, de que se fala na vossa Bíblia, não é um mito, mas uma solene realidade.

O visionário disse: «E os livros foram abertos». O que queria ele dizer? Simplesmente que os registos foram apresentados a cada alma viva, de todas as suas experiências através da matéria, quer numa vida quer numa dúzia. Estes registos são infalíveis, nunca enganam, e quando os indivíduos os leem, mesmo que a memória falhe, sabem exatamente onde se colocar.

P.—Existe algum meio pelo qual possamos saber se a alma está suficientemente adiantada, para que outra encarnação não seja necessária?

R.—Nunca ouvi falar de nenhum espírito que tivesse avançado a tal grau de conhecimento; talvez existam.

P.—Devo entender que a reencarnação é inevitável para todas as pessoas que habitam sobre a terra?

R.—Sim, inevitável para todos os que gozam da vida eterna. É necessário que a alma agregue a si mesma certos elementos, ou um certo número de elementos, antes de poder tornar-se herdeira da imortalidade no futuro, antes que possa ter a certeza de que existirá como uma entidade individual ao longo de um futuro sem fim. Para obter estes elementos, torna-se necessário que a alma obtenha certas experiências através da matéria. Se estas não forem obtidas por uma revolução ou uma vida, a alma regressa novamente, retoma os fios quebrados, talvez noutro planeta, e prossegue a elaborar para si mesma uma veste nupcial — uma veste adequada para durar ao longo de eras sem fim.

P.—A sua afirmação de que, se a alma não obtiver o que é necessário através de uma vida, parece implicar a possibilidade de que o possa fazer.

R.—Não sabemos se não é possível, por isso é mais seguro assumir a posição que tomámos.

P.—Há alguém na humanidade que não possua os elementos da imortalidade?

R.—Sim — digo SIM, enfaticamente. Imortalidade significa algo mais do que ir além da sepultura, algo mais do que existir por centenas, milhares ou até milhões de anos. Significa uma eternidade futura. As almas, enquanto almas, independentemente da matéria, sempre existiram. Estou a falar da imortalidade daquela individualidade que se equipara à Natureza, pela qual costumam conhecer-se uns aos outros — aquilo que dá forma à alma —, aquilo que dá experiência à alma. O elemento-alma, entenda-se o que digo, é em si mesmo eterno. Nunca tendo sido criado, nunca pode ser destruído; essa imortalidade que pode apelar como tal aos sentidos humanos, essa depende de condições, como depende a tempestade, a luz do sol, o fogo ou a água, a doença ou a saúde. 11 de março.

P.—(De um correspondente.) O que entendiam os antigos budistas como sendo o lugar chamado Nirvana? E qual era a condição daquelas almas que o alcançavam?

R.—Os antigos budistas entendiam esta condição como sendo de suprema felicidade — uma na qual a alma deveria compreender a sua unidade com Deus — a sua própria vida divina; mas não acreditavam que todas as almas estivessem destinadas a alcançar tal condição. Acreditavam que dependia do organismo terrestre que tinham recebido — da condição dos seus corpos espirituais; do cumprimento correto dos seus votos a Buda, e de várias outras circunstâncias demasiado numerosas para mencionar; mas aqueles que alcançavam essa condição atingiam um estado imortal — o Paraíso da alma.

P.—No «Banner of Light» de 27 de janeiro de 1872 é publicada uma sessão dirigida pelo Barão Von Humboldt, na qual ele fala de ter visitado o planeta Saturno, o que me sugeriu a seguinte pergunta: Pode o Barão Von Humboldt, ou qualquer outra pessoa no mundo dos espíritos, controlar um médium artista para executar um retrato de um habitante do planeta Saturno, ou de qualquer outro planeta exceto o nosso?

R.—Sim, creio que isto pode ser feito; mais do que isso, creio que será feito. As leis planetárias são as mesmas em toda a existência

planetária e, portanto, os habitantes de qualquer outro planeta não são assim tão diferentes daqueles com quem estamos familiarizados na nossa própria Mãe Terra.

P.—Não há muitos planetas onde a humanidade esteja muito mais adiantada do que a nossa?

R.—Certamente, tal como nós estamos mais adiantados do que muitos outros; quanto mais antigo é o planeta, mais perfeitas são as suas produções.

P.—Naturalmente, a humanidade não pode esperar mostrar sinais de maior maturidade enquanto o planeta não tiver chegado a um estado mais perfeito.

R.—Está dependente da Mãe Terra para aquilo que o corpo físico há de ser, e se a Mãe Terra só consegue dar frutos imperfeitos, por causa do seu próprio estado imperfeito, isso não prova que ela nunca dará frutos perfeitos. Pelo contrário, ela profetiza um futuro grandioso e sublime para as gerações vindouras.

P.—Olho para todo o mundo; o que vejo? Dor, tanto física como mental, miséria de algum tipo, em quase toda a parte, e a morte dos corpos dos homens e dos animais, por fim. Agora, gostaria de perguntar ao espírito controlador se a miséria existente que há neste mundo, e sempre houve, não é uma prova da doutrina da depravação total?

R.—Não, certamente que não. Não pesa o peso de uma pena na balança, dado que a Mãe Natureza está constantemente a aperfeiçoar os seus filhos, e há um avanço constante na civilização em tudo o que tende para a elevação da matéria e da mente. Prova, se é que prova alguma coisa, que a doutrina da depravação total é falsa. Prova simplesmente isto: que somos fisicamente filhos da terra, portanto terrenos, e que a alma está a lutar através desta condição imperfeita para se manifestar o melhor que pode; que está a gemer para ser libertada destas condições adversas, para que possa florescer numa maturidade perfeita e naquela plenitude redonda que lhe pertence enquanto alma.

Assim, ela sofre; há miséria mental, há miséria física, e haverá sempre enquanto houver uma distinção tão ampla entre alma e corpo, e essa distinção ampla manter-se-á até que a Mãe Natureza possa dar representações perfeitas da vida física. E depois? Bem, não haverá mais morte; o último inimigo — diz o Revelador —, que é a morte, será vencido, absorvido pela vida. O que significa isto? Que quando este planeta se tiver tornado numa esfera perfeita, dará à luz produções perfeitas.

Nessa altura, haverá essa harmonia perfeita entre corpo e alma que eliminará esta morte arbitrária, que muitas vezes separa violentamente a relação existente entre a alma e o corpo, causando dor do corpo e dor da alma. Isto será abolido. O medo da morte, o Espiritualismo está a eliminá-lo. A Mãe Natureza, com o tempo, tirará a própria morte. Ao falar da morte, falo dela segundo o entendimento humano.

P.—(Do público.) Gostaria de perguntar se há alguma forma de prevenir a varíola, exceto o método atual da vacinação?

R.—O qual é um método abominável (desculpem a expressão, visto ser a única adequada ao caso). Aqueles que dele fazem uso apenas introduzem mil males no organismo para prevenir um. Sim, existe outro método, mas a humanidade dificilmente estará disposta a fazer uso dele. É este: se o corpo humano não fosse obrigado a processar, através do estômago e dos vários órgãos que constituem a vida orgânica, partículas que são inimigas da saúde sob a forma de alimento, haveria uma barreira contra a varíola; por outras palavras, se vivessem devidamente, se ingerissem alimentos adequados e não desadequados e, além disso, se todos os corpos humanos se submetessem a um banho diário, haveria outro preventivo.

Água, ar fresco e alimentação adequada seriam os melhores preventivos conhecidos em toda a natureza contra a varíola e outras doenças contagiosas. Os registos médicos mostram-nos que este processo de vacinação é tudo menos uma bênção. Os registos de um dos maiores hospitais da Alemanha provam-nos que dois terços de

toda a tuberculose pulmonar podem ser atribuídos diretamente à vacinação.

Quatro quintos de todas essas combinações de doenças conhecidas pelo nome de escrófula podem ser atribuídos diretamente à vacinação; e assim eu poderia continuar, preenchendo o registo tal como esta prática imprudente tem preenchido os vossos cemitérios e povoado o mundo dos espíritos. Certos médicos dizem-vos que existe uma coisa chamada matéria vacínica pura. Eles sabem perfeitamente que não é assim. Não há nenhum que seja cientificamente informado que não saiba perfeitamente disso quando faz essa afirmação. O Dr. M. de Dorchester sabe perfeitamente disso, e o processo pelo qual está a passar, de retirar matéria vacínica de certos animais que mantém para esse fim, é de ganho material, e nada mais. O bem da humanidade tem tão pouco a ver com isso como as afirmações de Jay Gould têm a ver com o bem do grupo da Erie.

Os homens da medicina no Velho e no Novo Mundo estão a adquirir alguma sabedoria sobre este assunto. Estão a começar a questionar se este é o melhor método de prevenir a varíola. Veem que não é um preventivo absoluto em caso algum, e que há muitas pessoas que, embora tenham passado pelo processo regular de vacinação e este tenha corrido bem para elas, podem contrair varíola a qualquer momento na sua forma mais virulenta. Todas essas febres eruptivas que assumem tipos violentos na infância, em quase todos os casos, podem ser atribuídas à vacinação; é um facto inegável que a classe médica de todas as nações está a começar a compreender. Agradeçamos a Deus que estejam a fazer um começo nesta direção.

A varíola não é um mal tão grande afinal, se devidamente compreendida e devidamente tratada — pois se alguém passa com sucesso por ela, faz uma limpeza completa de todos os outros venenos que o organismo possa conter, e deixa-vos com a vossa casa varrida e adornada. Ora, a vacinação não faz isto. Introduz um veneno que está constantemente a circular pelas veias, gerando o mal a cada passo, e torna-se uma morte física positiva na maioria dos casos. 18 de março.

COMUNICAÇÕES DE ESPÍRITOS NA FORMA

Pergunta: Como é que, em alguns casos, os espíritos vêm aqui e comunicam, alegando ser residentes do mundo dos espíritos, enquanto ainda estão a viver na forma?

R.—Têm muito a aprender a vosso próprio respeito enquanto espíritos — na verdade, sabem tão pouco sobre vós mesmos que se pode dizer que mal saíram da primeira letra do alfabeto da existência humana. O termo espírito significa algo que pode ir para onde quer que queira, por ser superior à matéria e às leis da matéria; e embora esteja por algum tempo especialmente unido a um corpo de matéria (falando eu agora de um espírito humano), contudo, mesmo durante esse período, ele pode ir para onde quer que queira; é tão livre como o pensamento pode ser, e se conseguem conceber o envio do vosso pensamento para os vossos amigos que estão distantes de vós, também poderão ser capazes de conceber a possibilidade de o vosso espírito seguir esse pensamento sem o conhecimento do vosso ser externo.

Ora, isto é um facto. Os espíritos no corpo têm exatamente o mesmo poder de deixar os seus corpos e ir comunicar através destas especialidades da vida — os médiuns — como têm aqueles que estão separados dos seus corpos — os desencarnados, os mortos, como lhes chamam. A única diferença está no grau; o espírito desencarnado pode geralmente exercer um domínio mais firme sobre um médium do que aquele que ainda está agarrado a um corpo à distância e a tentar controlar um corpo aqui ou noutro lugar qualquer. A comunhão dos espíritos significa algo mais do que a comunhão com os mortos: significa que há uma comunicação estabelecida entre todos os espíritos, quer sejam habitantes deste planeta ou de outros, quer estejam no corpo ou fora do corpo.

Estas manifestações, que vos parecem carregar o carimbo da fraude à superfície, são exatamente tão genuínas, tão perfeitamente de acordo com as leis da comunhão espiritual e da Natureza, como são aquelas que vêm diretamente de espíritos que foram recente ou há muito habitantes da terra dos espíritos propriamente dita. Ora, é

chegado o momento de vós, Espiritualistas, começarem a ter uma visão mais ampla do que significa o Espiritualismo. Nós sempre vos ensinámos que ele significa a ciência inteira da vida — a vida aqui —, a vida em todo o lado.

Agora, se um espírito no corpo se encontra em condições de poder deixar, ou deseja deixar temporariamente a sua forma física terrestre, pode fazê-lo; pode vir aqui ou ir para outro lugar comunicar através de médiuns, dando-vos uma mensagem espiritual tão genuína como aquela que está agora a passar pelos fios humanos e a ser enunciada através destes lábios humanos.

Os Espiritualistas são demasiado propensos a lançar o grito de fraude a tudo o que lhes chega e que não compreendem. Ora, seria muito mais honroso para eles se, em vez de lançarem este grito, pusessem o ombro à roda intelectual e a fizessem girar até que ela resolvesse o problema para eles, para sua inteira satisfação.

Pergunta: Na hipótese de toda a vida animal ser varrida da face da terra hoje, seria a dita terra novamente abastecida? Se sim, quanto tempo depois, e viria esse abastecimento através de criação especial, ou através da teoria Darwiniana ou de outra forma? Em todo o caso, seria essa última criação superior, mais divina do que aquela que a precedeu?

R.—O vosso correspondente pressupõe algo que, sendo não natural, não pode acontecer e não acontecerá. Ora, não nos cabe a nós determinar que resultados poderiam seguir-se a tal curso não natural, a tal infração ou destruição das leis que governam a Natureza.

(O presidente apresentou cartas de vários correspondentes, expressando o desejo de que certos espíritos pudessem ser ouvidos neste plano, e fazendo o pedido para que comunicassem.)

R.—Tais questões deveriam ser expressas num envelope e colocadas sobre a mesa. Seguindo esse procedimento, é possível que os amigos desejados sejam atraídos ao local e possam responder ao chamamento, mas essa é a única forma que conheço pela qual os que procuram este Pão e Vida podem ser respondidos.

Pergunta: Não ensinam os espíritos mais sábios que é nosso dever investigar, e não aceitar implicitamente como verdadeira, qualquer proposição ou afirmação vinda deles?

R.—Oh, sim; primeiro, procurai, para que possais encontrar; depois, provai que aquilo que procurais é o que estais a procurar. Essa é a vossa alçada; e se falharem em fazê-lo, mais cedo ou mais tarde, ficarão insatisfeitos com a vossa busca e com o vosso achado.

Pergunta: Tem o pensamento forma ou tangibilidade, ou uma existência real? E existe um meio pelo qual o pensamento seja transmitido através do espaço?

R.—Todos os pensamentos tomam a forma do objeto pensado. Eles são transmitidos através do espaço, como a vontade daquele que pensa.

Pergunta: Se os nossos amigos espíritos fabricam um corpo para se assemelhar ao seu próprio, a fim de se manifestarem a nós, podemos conversar com o que é apenas uma semelhança do nosso amigo?

R.—Para fazer um apelo definitivo ao sentido humano, torna-se necessário que o espírito desencarnado por vezes se materialize, que reúna em si certos elementos, a partir dos quais compõe um corpo material, um corpo correspondente em estatura e em traços àquele que deixou na morte. Ora, não há nada de milagroso ou não natural em conversar com um espírito através de um corpo assim. É tão natural conversar com um espírito dessa forma como é conversar comigo desta forma. Este corpo é tão estranho para mim como aquele é para o espírito que o constituiu para esse fim especial, mas ambos são legítimos para usar e cumprem a sua missão.

Há muitas coisas para vós, Espiritualistas, aprenderem nesta era, as quais parece que falharam em aprender, e uma destas coisas parece-me ser esta: que o espírito desencarnado tem liberdade para usar todos os elementos que encontra na Natureza para a prossecução dos seus fins para o bem. Se ele pode servir um propósito melhor — fazer mais bem manifestando-se através da forma de uma pomba do que através

da forma humana —, é perfeitamente legítimo que o faça. Se pode servir melhor os seus propósitos para o bem manifestando-se através de um artigo de mobiliário, é perfeitamente legítimo que o faça. Não é qualquer depreciação para o espírito desencarnado que ele regresse e dê pancadas nas vossas mesas, vire as vossas cadeiras e se manifeste através dos vários meios conhecidos por vós como Espiritualistas. Todas estas variedades de meios usados por espíritos desencarnados são legítimas, e são-no porque o Pai deu ao espírito o domínio sobre tudo na Natureza, e disse a esse espírito: «Agora faz com que estas coisas te sirvam.» Isto significa muito.

O espírito deseja após a morte regressar, provando a sua vida continuada àqueles que ama aqui no corpo mortal; ele toma e faz uso daqueles meios que lhe são mais apropriados no momento, e eles são, todos e cada um, legítimos e abençoados por Deus.

Pergunta: A que distância da terra fica o lar dos espíritos?

R.—Falando propriamente, e medido de acordo com a medição terrestre, fica a cerca de sessenta e cinco mil milhões de milhas. O vosso correspondente fez uma pergunta direta. Eu dei uma resposta direta.

Pergunta: É uma vida moral suficiente para assegurar a felicidade no futuro?

R.—Certamente que é; pois uma vida moral assegura a presença continuada daquilo que uma vida moral compra — felicidade, satisfação da alma, essa aprovação que vem dos sentimentos mais elevados da alma.

Pergunta: Consideram os espíritos importante entrar para a Igreja?

R.—Sim, é de vasta importância para algumas almas, porque há algumas que não conseguem encontrar a felicidade que procuram fora de uma forma exata de cerimónias como essa.

Pergunta: Qual é a causa do diferente estado de felicidade no lar dos espíritos?

R.—Cada espírito individual difere, contudo difere de todos os outros espíritos, no ambiente externo, nos poderes internos. Sendo este o caso, cada um atrai a si diferentes partículas ou essências de espírito, através das quais encontra a felicidade, ou o céu. As partículas componentes de cada flor, embora extraiam o seu sustento do mesmo solo, encontram contudo uma expressão diferente das de todas as outras flores; a rosa é a rosa, o lírio é o lírio, o cardo é o cardo, e assim por diante.

O mesmo acontece com as almas humanas: todas vivem na sua esfera peculiar, todas possuem um reino do céu para si mesmas. O meu reino do céu não pode, por possibilidade alguma, ser o vosso reino do céu, porque há algumas coisas no meu reino que não seriam o céu para vós, e há algumas coisas no vosso reino que não seriam o céu para mim.

Pergunta: Com que idade após a conceção pode uma criança viver, após ser expelida da mãe, e crescer na vida espiritual? Foi-me dito, a partir da vida espiritual, que uma criança pode viver assim, mesmo que tenha sido concebida há apenas meia hora e depois destruída.

R.—Conceção significa a união da alma com a matéria. Uma união assim é indissolúvel; um começo assim não tem fim; estende-se até ao infinito, de onde veio; assim, então, a criança torna-se uma alma viva, separada e distinta de todas as outras almas, e sujeita à lei do crescimento e do progresso desde o segundo da conceção — não importa se é lançada fora no momento seguinte, se a conceção tiver ocorrido — isso significa uma união de alma e matéria.

Pergunta: Três vezes me foi mostrado um belo espírito infantil, e foi-me dito que era o meu próprio bebé que nasceu muito prematuramente há cerca de um ano. Poderia essa criança, após a morte do corpo terrestre não formado, ter imediatamente um corpo terrestre perfeito, ou seria necessário o mesmo período de tempo que leva na terra? Se for este último caso, requer uma mãe espiritual para a

sustentar e carregar, ou a sua formação e crescimento são completados por outro método?

R.—Uma certa quantidade de tempo é certamente requerida para aperfeiçoar o corpo espiritual sob tais circunstâncias, como sob todas as outras circunstâncias. A criança introduzida prematuramente no mundo dos espíritos mantém o seu elo com a mãe. É um nascimento não natural e tais crianças não podem ser separadas do tronco progenitor, espiritualmente, embora o sejam fisicamente, e através dessa ligação espiritual, esses pequenos corpos são construídos, e o crescimento prossegue e torna-se maturado e aperfeiçoado.

Pergunta: Para Theodore Parker: «O lar de onde nenhum viajante regressa» abriu as suas portas para milhares nos visitarem, se o testemunho de um número incontável nesta terra cristã é digno de consideração, mas onde fica esse lar, sou muito incapaz de saber. Fala-se dele como um mundo não dissemelhante do nosso, com escolas e belos lares espirituais, e como o senhor afirmou, nele tem duas estátuas em frente da sua casa, uma das quais é a da Sra. Conant. Pode, se quiser, dizer-me onde fica esse lar? Alguns dizem que o mundo dos espíritos é uma condição, mas as casas têm de ter localidade, e o Sr. Davis localiza-o como uma faixa distante junto à Via Láctea; mas, como o senhor tem nesse mundo um lar e alguns bens imobiliários, perdoar-me-á por remeter a minha questão para um habitante em vez de para um agente.

R.—O mundo dos espíritos foi localizado muitas vezes e por cientistas mais capazes do que eu. Este mundo dos espíritos, que está a enviar a sua grande vaga de fundo de mente e poder para a sua terra natal, nestes dias, é um mundo real — o corpo espiritual desta terra natural —, tendo uma existência tão positiva, tão tangível e legítima como esta terra tem. Está localizado a cerca de sessenta mil milhões de milhas desta terra. Está ligado a esta terra por um número infinito de esferas magnéticas e elétricas — faixas magnéticas; alguns chamam-lhes pelo termo simples de fios magnéticos. Eu digo que este mundo dos espíritos está ligado à terra por estas grandes vias magnéticas sobre as quais milhões de espíritos vão e vêm. O mundo

dos espíritos não é um deserto vasto e árido — de modo algum. Não é um mundo sem som ou sem substância — de modo algum. É um mundo que possui toda a variedade de paisagem que este mundo possui, e algo mais. Há árvores, flores, solo, água, montanhas, vales, oceanos, terra firme; tudo o que a Natureza produz tem ali a sua contrapartida, e algo mais. O que é esse algo mais? Ora, é uma condição mais elevada; é uma condição que é uma necessidade para os novos atributos de que a alma se descobre possuída após a morte; mas sobre estas coisas é desnecessário que eu fale, porque não tenho nada com que as comparar, e só vos podemos ensinar por comparação.

O vosso correspondente gostaria de saber como vivo e onde vivo. Bem, eu habito uma bela vivenda nos arredores da Cidade de Spring Garden, pois há inúmeras cidades, vilas e aldeias no mundo dos espíritos. Esta vivenda é particularmente adaptada às minhas necessidades, exatamente o que é necessário para fazer emergir todos os sentimentos mais finos da minha alma. Eu vivo ali; aprecio a vida ali; mas não fico ali o tempo todo. Oh, não; eu venho aqui para trabalhar, e vou para ali para trabalhar, mas quando desejo recolhimento, quando desejo os confortos de um lar, vou para ali, pois garanto-vos que a alma liberta tem necessidade de um lar mesmo após a morte, como tem necessidade antes da mudança. 11 de dez.

Pergunta: Está uma pessoa psicologicamente sujeita à vontade de outra responsável pelas ações cometidas sob tal influência?

R.—Sim, absolutamente sim, por muito estranho e inconsistente que possa parecer. A alma é o deus do corpo, e considera-se responsável, absolutamente assim, por todos os atos praticados no corpo e através dele. Não é da conta de nenhuma outra alma, sob tais condições, considerar alguém responsável, mas é da conta da alma individual considerar-se responsável por todos os atos praticados no corpo.

Por exemplo, é da conta da alma da minha médium considerar-se responsável por tudo o que eu possa dizer — por tudo o que qualquer outro espírito possa dizer ou fazer, e contudo, externamente, a minha

médium está totalmente inconsciente do que está agora a passar-se; divinamente, ela está agudamente consciente, porque a alma nunca adormece nem dorme. Ela faz o registo de tudo o que é feito no corpo, quer o corpo atue como um autómato perante as condições envolventes, quer preste obediência exata às exigências da alma — é tudo o mesmo. A alma, como deus do corpo, é responsável pelos atos praticados no corpo.

Pergunta: Ora, se outro indivíduo me faz uma grande injustiça e um grave mal, não considero eu essa alma responsável, e não tenho o direito de o fazer?

R.—Pode fazê-lo, mas questiono o direito. Tem certamente o direito de chamar a atenção do espírito para o mal feito, para o despertar nessa direção; mas o seu direito não se estende além disso, na minha perspetiva, visto que, no absoluto, cada alma é o seu próprio Deus, e resolve por si mesma todos os males que possam agrupar-se em redor dela enquanto alma. Não pode ser da sua conta nem da minha tomar os males que pertencem a qualquer outra alma e forçar a responsabilidade sobre essa alma. Não há necessidade disso. Se a alma é preguiçosa em despertar para a sua responsabilidade numa determinada direção, e a pessoa é a parte lesada, é certamente da sua conta despertar esse espírito nessa direção; mas tendo feito isso, fez tudo o que era necessário fazer. Depois deixe com Deus; e quando orar a Deus, pedindo pelas bênçãos, ore por esta alma que o prejudicou, pedindo pelo despertar da responsabilidade que lhe pertence nessa direção; depois deixe com Deus, e fique descansado que dela será cuidado.

Pergunta: Poderá o espírito controlador informar-me, por favor, o que causa as pancadas a que os médiuns chamam pancadas espirituais?

R.—Estas pancadas, ou sons, são concussões elétricas. São produzidas por uma agregação de força elétrica e pela condensação dessa força, ao ser passada através do médium e novamente colocada em contacto com a forma ou matéria bruta. Por exemplo: eu desejo

dar uma pancada, ou som, sobre esta mesa. Posso recolher certas forças elétricas da atmosfera, ou, talvez, dos vossos diferentes corpos.

Vou passá-las através do condensador, ou médium, e depois libertá-las e enviá-las pela força da minha vontade sobre esta mesa, se desejar dar uma pancada ali; sobre o teto, se desejar dar uma pancada ali. Quando a eletricidade assim enviada se encontra com a eletricidade residente nos átomos do objeto que encontra ou atinge, ocorre então uma concussão e o som atinge o vosso ouvido.

Pergunta: Quantos planetas do nosso sistema solar atingiram a sua maioridade?

R.—A pesquisa telescópica determina quatro: Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno.

Pergunta: Como se comparam os planetas altamente desenvolvidos em densidade com este planeta?

R.—De acordo com a ciência astronómica terrestre, eles são muito menos densos, porque mais afastados do centro. A ciência astronómica determinou que Mercúrio é o mais denso dos planetas no sistema solar. Esse é certamente o mais próximo do planeta-pai. Se isso é verdade, então os planetas mais avançados são os menos densos. Embora eu diga que há apenas quatro planetas altamente desenvolvidos pertencentes ao sistema solar, quero que compreendam que o telescópio revelou apenas Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno; mas a ciência tem muito mais a fazer nessa direção. Há muitos, muitos mais por revelar que estão muito mais avançados do que estes quatro. 30 de dez.

Pergunta: Foi dito por alguém que é agora de Vinya Villa, Cidade de Spring Garden, Mundo dos Espíritos, afirma que Theodore Parker reside numa bela vivenda nos arredores da cidade, onde se pode ver a crescer em beleza todas as belas flores que deleitam os sentidos, e belos frutos; e todos os dias tropas de espíritos felizes vão até lá para o ouvir discorrer sobre algum assunto, ou questão, ou experiência desta vida terrestre. «Ele coloca-se na sua varanda coberta de vinhas com a cabeça descoberta, e discorre ali como nunca o fez aqui», etc. Serão

algumas destas palestras adequadas para nós, e quererá o Sr. Parker ter a bondade de nos dar uma delas que considere que será a mais útil para nós?

R.—Uma vez que estes discursos são adaptados puramente a condições espirituais e necessidades espirituais no mundo dos espíritos propriamente dito, dificilmente teriam utilidade para vós, mortais, pela razão de que não os compreenderiam. E, além disso, não poderiam fazer qualquer aplicação deles; portanto, o tempo gasto na sua proferição seria — no meu entender — gasto em vão, ou numa tentativa de gratificar o que pode parecer curiosidade fútil. Seria muito melhor para os mortais atenderem a estas lições dadas na vida terrestre, antes de procurarem aquelas que pertencem especialmente aos habitantes do mundo das almas.

Pergunta: Nenhuma nação pode prosperar sem um sistema financeiro bem definido — um meio de troca que seja moeda de curso legal e que não possa ser monopolizado. Tendo estudado este assunto durante muitos anos, e visto muitas crises financeiras, e a grande aflição daí resultante, parece-me que o sistema bancário livre de Lysander Spooner de Boston, que se baseia em hipotecas sobre bens imobiliários, é o melhor jamais proposto neste país. Deve haver muitos espíritos que sejam capazes de nos dar sugestões valiosas sobre como fazer o dinheiro mais barato e melhor para esta nação. Poderá o espírito controlador, ou qualquer outro capaz de responder a esta pergunta, fazê-lo, por favor?

R.—Que uma reforma em matérias de dinheiro é necessária é eminentemente percetível hoje nesta parte do mundo; mas antes que essa reforma possa ser estabelecida com sucesso em condições objetivas, deve primeiro ser estabelecida na condição espiritual do povo. Deve haver menos amor ao ganho — ganância —, um desejo de monopolizar. O atual sistema bancário derivou inteiramente do monopólio dos Yankees; e, até que esse espírito seja esmagado, nenhuma forma melhor poderá encontrar existência entre vós. Aquilo a que o vosso correspondente se referiu é certamente muito bom, e talvez tão bom quanto vós poderíeis compreender ou fazer uso.

Há muitos espíritos no mundo das almas que ficariam gratos por remediar os assuntos a este respeito; mas eles sabem que a semente espiritual deve primeiro ser semeada, e um certo tempo deve decorrer para que essa semente germine e produza flor e fruto, antes que muito possa ser feito de uma forma absolutamente objetiva a este respeito; e, com o tempo, depois de esta nuvem financeira ter passado, vereis sem dúvida o resultado da influência espiritual nesta direção.

Mas esperemos que este espírito encontre homens sábios e bons em número suficiente na terra para captarem as verdades que eles ofereceram, e solo bom o suficiente para as fazer crescer e levá-las à perfeição, para que não haja mais o grito de «estou arruinado devido a uma crise financeira». Não há necessidade disso. Uma república e um governo, se conduzidos de forma correta, deveriam estar isentos de todos os males semelhantes; mas a verdade é que há sementes do mal no vosso governo que têm de ser erradicadas antes que estas grandes reformas possam ser inauguradas.

Sessão conduzida pelo Prof. Olmstead Pergunta: Não era o agregado do bem no mundo, antes da Nova Dispensação, bastante igual ao que tem sido desde então? Na verdade, fez a religião de Cristo pelo mundo aquilo que se reivindica para ela? Se, hoje, as igrejas fossem convertidas em escolas industriais, não estaria a humanidade mais avançada, em vez de as manter como atualmente — dois terços delas representando um inferno teológico, e o outro terço a combater entre o Darwinismo e a decência um dia em cada sete?

R.—Todo o bem, tal como o seu oposto, é eterno, infinito — é desde sempre e para sempre; portanto não há mais bem, enquanto bem, no mundo agora do que aquele que alguma vez houve. A inteligência humana apenas passou a compreendê-lo melhor do que nos anos passados, isso é tudo. As diferentes religiões que atuam neste oceano eterno de bem trouxeram todas à superfície exatamente a quantidade de bem que foram capazes de receber, de agarrar, de compreender, mas todas elas ficaram muito aquém do padrão que cada uma estabeleceu para si mesma.

E isso é bom, porque deixou algo para que outro faça, e o grito de «Excelsior» ainda se ouve na terra, e os anjos ainda o estão a ecoar de margem em margem, e as almas ainda estão a captar o eco e a esforçar-se por coisas melhores e mais elevadas — por aquilo que fará avançar a sua felicidade tanto aqui como no futuro. Sim, se as igrejas fossem transformadas em escolas industriais, elas reuniriam, sem dúvida, mais do bem nas suas várias fases do que sob o clã particular da teologia.

Pergunta: Parou o sol sob o comando de Josué?

R.—Sim — mas um sol pintado no estandarte egípcio, e que representava o sol nos céus. O porta-estandarte parou, à espera do comando de Josué para avançar, liderando os exércitos — foi tudo; não o centro do nosso sistema solar, de modo algum.

Pergunta: Partiu o Mar Vermelho as suas águas para que os filhos de Israel pudessem passar em terra seca?

R.—Sem dúvida que essa ocorrência teve lugar, mas não como um favor especial para os filhos de Israel passarem. A ocorrência tinha lugar semestralmente naquele ponto.

Pergunta: A pergunta foi feita no último círculo: «Parou o sol sob o comando de Josué?». A resposta foi: «Era o sol nas suas bandeiras — o porta-estandarte deteve-se ao comando de Josué». Ora, o falecido Theodore Parker — o melhor erudito em hebraico do seu tempo — disse que o problema estava na tradução; na verdade, o estilo oriental de expressão era florido e poético. O que o autor queria dizer, e em hebraico disse, foi: «Tão grandiosa foi a obra feita por Josué, que pareceria como se o sol tivesse parado no seu curso, para lhe dar tempo de a realizar». Desde que o Sr. Parker está na vida espiritual, fizeram-lhe essa pergunta e ele respondeu exatamente o mesmo que respondeu na vida terrestre, e como aqui é afirmado. Por que razão diferem tanto os espíritos, e como deverão os que estão na vida terrestre julgar?

R.—Bem, não vejo uma diferença assim tão grande, pelo menos nada que detraia da verdade, de qualquer um dos lados. A afirmação feita por Theodore Parker na vida terrestre, faz a ele hoje, e é capaz de a provar, se necessário. A afirmação feita pela inteligência controladora que falou sobre estes estandartes como representando o sol e a lua é igualmente verdadeira. Ao comando de Josué, estes porta-estandartes pararam, para que certas ordens pudessem ser melhor executadas. A interpretação correta é que pareceria que o sol parou ao comando de Josué, para que o seu exército pudesse ser vitorioso; mas, mais à frente, o leitor tem que Josué só teve de dizer a palavra e o sol parou, o que qualquer filósofo sabe que tem de ser um erro.

Pergunta: É a personalidade de Deus visível para os espíritos? E, se sim, como é que ele é?

R.—Sim, a personalidade de Deus é visível para os espíritos, e essa personalidade é representada através de todas as várias formas que constituem as diferentes condições de vida. Vemos Deus na flor, vemo-lo na tempestade, na luz das estrelas, no dia e na noite, no santo e no pecador, mas de nenhuma outra forma.

Pergunta: Se Deus não é um indivíduo ou uma personalidade, por que razão dirigir-nos a Deus em oração?

R.—Deus, para a consciência inteligente, é o agregado de toda a inteligência. A criança com fome, ao levantar a crosta de pão até à boca com a mão, primeiro ora à mão para que ela se torne um instrumento no seu alimento. Como é que ela ora? Ora, envia a sua vontade através de todas as fibras nervosas do braço e diz à mão: «Pega na crosta de pão e leva-a à boca». Isso é oração, exatamente tanta oração como aquela que escutaram destes lábios humanos há uns momentos. Há tantas espécies de oração quantas as condições pelas quais se ora.

Pergunta: Acredita-se no mundo dos espíritos que alguém maior do que Jesus virá, assim como ele foi maior do que os homens do seu tempo?

R.—Sim; porque há diferentes graus de grandeza. Nenhum ser pode carregar em si a totalidade da grandeza — a totalidade do poder; cada um carrega exatamente o quanto está adaptado a carregar, e não pode carregar mais. Alguém maior do que Jesus, em certas direções, tem por necessidade de vir, porque as eras que hão de vir exigirão um maior; e cada exigência na Natureza recebe a sua provisão adequada.

Pergunta: [Do público.] O senhor estava a falar de um mundo ou reino espiritual deste lado do verdadeiro mundo espiritual, a muitos milhões de milhas de distância. De que modo podem os espíritos existir deste lado do mundo dos espíritos?

R.—Como é que o senhor existe?

Pergunta: No físico.

R.—Puramente? Não é o senhor um espírito hoje, tanto quanto alguma vez será?

Pergunta: Não me dou conta disso nesse sentido.

R.—Não, certamente que não. O senhor vive agora no mundo sensorial; esse está na ascendência; mas é um espírito, contudo. Eu não daria muito pelo senhor se não fosse. Ora, então, se o é, o grau em que vive aqui nesta vida é, para si, um mundo espiritual.

Pergunta: A que distância da terra estão as chamadas segunda e terceira esferas?

R.—Não reconheço que as esferas estejam localizadas a qualquer distância particular. Para mim, são estados de inteligência, graus de

felicidade ou de miséria, conforme o caso. Estas são as esferas do mundo dos espíritos, e estão naquele mundo dos espíritos de que lhe tenho estado a falar; e, em grau, estão aqui convosco. Entenda que estas esferas não as compreendo como localizações — simplesmente condições da mente ou do ser.

Pergunta: Então, estão deste lado do verdadeiro mundo dos espíritos?

R.—Pertencem à vida individual e estão onde quer que o indivíduo esteja localizado. O senhor tem a sua esfera espiritual consigo. Leva-a consigo para onde quer que vá. Eu tenho a minha comigo; todos os outros têm o mesmo.

Pergunta: Então dar-nos-ia a informação de que estamos a viver no mundo dos espíritos hoje?

R.—Em certo grau está, certamente.

Pergunta: Não tão conscientes disso como seremos quando passarmos para fora do corpo?

R.—Oh, não, porque, como diz São Paulo, «veem através de um espelho, de forma obscura;» por outras palavras, estão delimitados pelo sentido físico e não podem transcender isso. 4 de maio.

Pergunta: Qual é o princípio fisiológico do crescimento das plantas?

R.—As plantas vivem e crescem a partir de centros polares, positivo e negativo, extraindo do mais baixo e do mais elevado, da atmosfera, do solo, e concentrando o que obtêm nas suas próprias vidas interiores, e irradiando-o de acordo com a lei sob a qual têm existência. Talvez seja o lírio, talvez a rosa, ou talvez o cardo, mas todas elas desenvolvem os seus poderes a partir de dois centros

polares — sendo estes centros polares os poderes motores que recolhem para a planta, e distribuem depois de terem recolhido.

PERGUNTA.—A seguinte é uma versão dada de como é obtida a força para levantar o piano, através da mediunidade da Sra. Youngs, a médium física. O poder magnético que emana do corpo da médium forma o cobre, e o magnetismo espiritual dos invisíveis produz o zinco, sendo a atmosfera a solução que forma a bateria, a qual, quando aplicada ao instrumento, ou a outros artigos a serem movidos, remove a pressão e, de momento, vence a lei da gravidade, e o objeto é levantado num grau, de acordo com a quantidade de ar deslocado no esforço. Está esta teoria correta? Quer a inteligência elucidar totalmente este assunto, por favor?

RESPOSTA.—Sim, no essencial, está correta... Poderia elaborar o assunto, se fosse necessário, mas não é. O vosso correspondente, sem o saber, quase cobriu todo o campo.

P.—Por que poder levam os invisíveis as pessoas pelo ar, e as trazem para uma sala fechada onde um círculo está sentado para manifestações dos seus amigos espíritos?

R.—Bem, se vos dissesse que foi feito pelo exercício do poder da vontade, dir-vos-ia a verdade; mas esta vontade atua sobre forças na Natureza, alterando-as, encarrilando-as e guiando-as como um condutor hábil guiaria a sua junta.

P.—Os invisíveis seguem esses corpos pelo ar e ajudam a sustentá-los?

R.—Nem sempre; mas estão sempre em ligação espiritual com eles; contudo, na primeira experiência, geralmente seguem-nos.

P.—Explicará a diferença entre atração magnética e amor? A atração magnética, de momento, parece possuir todos os atributos do amor, mas não é permanente. Como e por que é assim?

R.—O amor, sob todas as circunstâncias, é algo dependente de circunstâncias, e altera-se à medida que elas se alteram. O ser a ser

amado deve possuir os requisitos do amor, pelo menos à compreensão daquele que ama; mas se ocorre uma alteração naquele que ama, ou naquele que é amado, a este respeito, então o amor morre ou altera a sua condição. Falais da eternidade do amor! Bem, enquanto elemento, enquanto poder, é eterno, mas as suas manifestações são tão mutáveis como o vento.

P.—[Do público.] A alma perpassa a totalidade do corpo físico, ou apenas uma parte dele?

R.—Faço uma distinção entre a alma e o espírito. Ao espírito chamo matéria atenuada, sublimada; à alma chamo o poder subtil que atua sobre esta matéria, joga entre as partículas mais finas e mais brutas, mantém-nas em movimento e produz todas as manifestações de vida. Este maquinista subtil tem residência nas forças nervosas do corpo, e contudo atua através do corpo por inteiro.

P.—Uma pergunta anterior referia-se à diferença entre atração magnética e amor. Gostaria de perguntar se há alguma diferença?

R.—O amor, conforme aplicado à inteligência humana, difere certamente da atração magnética. A atração magnética é simplesmente esse poder que existe nos átomos, mantendo-os nos seus devidos lugares; o amor, que é uma especialidade do espírito, mente, alma ou inteligência humana, é uma coisa bastante diferente: usa esta atração magnética como sua serva, mas não é a atração magnética, de maneira alguma. 5 de out.

PERGUNTA.—[De um correspondente.] Allan Kardec diz que artigos de vestuário, ornamentos, flores, etc., podem ser e são materializados por espíritos, mas que tais materializações têm apenas uma existência temporária, que materializá-los permanentemente seria contrário à ordem. Por outro lado, o espírito Katie King, numa sessão em Londres, com o Prof. Crookes e outros, cortou um pedaço da sua túnica, e esse pedaço de pano ainda permanece materializado. Qual destas afirmações está correta? Por favor, esclareça-nos.

RESPOSTA.—Ambas; porque ambas têm apenas uma existência temporária. Aquelas materializações que ocorrem nestes dias, que

logo se esvaem perante os olhos do observador, pertencem à mesma família a que pertencem estas materializações — [apontando para as flores sobre a mesa] frescas e fragrantes da mão da Natureza, tendo cada uma o seu grau especial de vida formal que lhe foi prescrito. Uma forma, para ser mantida em existência objetiva, deve ter um certo domínio específico sobre o planeta em que nasceu, do qual extrai a sua vida objetiva.

Ora, a duração de tempo em que permanecerá uma coisa objetiva depende inteiramente da força ou poder de atração que existe entre si mesma e a terra. É uma das fases da lei da gravidade. As folhas caem em obediência à lei da gravidade; as formas dissolvem-se em obediência à mesma lei; mas se uma certa relação harmónica específica é mantida entre o planeta e a coisa objetiva — a flor ou o grão de areia, ou seja o que for — o corpo humano, ou o manto que adorna o corpo humano — enquanto uma devida quantidade de harmonia for preservada, digo eu, entre si mesma e a terra, permanecerá uma realidade objetiva; mas quando essa harmonia começa a diminuir, então a coisa começa a esvair-se — a velhice aproxima-se, a podridão sucede-se, e a coisa deixa em breve de ser uma realidade objetiva. Estas materializações improvisadas não têm como objetivo ter uma permanência duradoura aqui na vida mortal, e por esta razão: exigiria demasiado do precioso material de que são feitas para induzir tal condição; não que não possa ser feito, mas não seria sábio fazê-lo.

P.—Acredita o Sr. Parker que «o amor, sob todas as circunstâncias, é dependente de circunstâncias»? Não possui a alma nenhum atributo que seja imutável? Deve o amor ser sempre e para todo o sempre inconstante?

R.—O amor é uma propriedade inerente da alma, portanto eterno, mas as manifestações do mesmo são dependentes de condições mutáveis, portanto as manifestações do amor são mutáveis, têm por necessidade de o ser, mas há algumas almas que lançam em direção à matéria fibras de amor tão fortes, uma ação de amor tão intensa e perfeita, que atraem essas condições da matéria por um período de

tempo quase, senão infinito, ou eternidade, deveria dizer propriamente, para junto de si — formando para si um centro de vida, um reino do céu; e há algumas outras almas que lançam estas fibras de amor tão debilmente, e se agarram àqueles que são amados tão fracamente, que logo se perdem em confusão — a morte sucede-se, e o anjo retira-se para o seu céu nativo, e aguarda ali por alguma oportunidade melhor para se expressar. O amor, entenda-se o que digo, creio ser um elemento inerente da alma, indestrutível e, no que a si mesmo diz respeito, imutável, mas nas suas manifestações altera-se perpetuamente, assumindo uma variedade infinita de formas, desde aquela expressa em direção à flor até àquela expressa em direção à melhor flor — a humanidade. 6 de out.

PERGUNTA.—A parábola do homem rico e de Lázaro é universalmente citada pelos nossos irmãos cristãos (Lucas xvi: 19-31) para mostrar que não há esperança para os ímpios, mas que eles estão destinados aos tormentos do inferno, sem trégua, havendo um abismo intransponível entre as esferas inferiores e superiores. Que pecado foi alegado contra o homem rico para o consignar ao tormento eterno? E que bem tinha feito Lázaro para ser levado pelos anjos para o seio de Abraão?

É alegado que o homem rico se vestia de púrpura e de linho fino, e regalava-se sumptuosamente todos os dias; e que Lázaro era um mendigo, que jazia ao seu portão, cheio de chagas, e desejava ser alimentado com as migalhas que caíam da mesa do homem rico. A sentença de Abraão: «Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens na tua vida, e Lázaro da mesma forma os males; mas agora ele é consolado, e tu és atormentado.» De acordo com a Igreja Cristã, esta é a infalível palavra de Deus; e dez mil sermões foram pregados a partir do texto precedente. O Novo Testamento está cheio de parábolas ridículas assim, para enganar o povo.

Marcos iv: 10: «E, quando se achou só, os que estavam ao redor dele com os doze interrogaram-no sobre a parábola. E ele disse-lhes: A vós vos é dado saber o mistério do reino de Deus, mas aos que estão de fora todas estas coisas se dizem por parábolas: Para que, vendo,

vejam, e não percebam; e, ouvindo, ouçam, e não entendam; para que se não convertam, e lhes sejam perdoados os pecados.»

Gostaria de ouvir as opiniões do Espírito Controlador no Círculo do Banner of Light a respeito do homem rico e de Lázaro, e se ele nos aconselharia a tornar-nos mendigos na rua para nos assegurar um lugar no seio de Abraão, ou noutro lugar bom qualquer.

R.—Os antigos professores de moral achavam necessário, ao lidar com o povo que estavam a ensinar, trazer perante as suas mentes estas imagens mentais no seu sentido mais extremo. O professor estava sem dúvida a lidar com uma classe de pessoas que não só olhava de alto para os pobres, mas usava absolutamente de maus-tratos para com eles de todas as formas, e sabia que, de modo a impressionar uma influência contrária sobre eles, seria obrigado a recorrer a quadros extremos, e a impressionar estes tão vividamente, tão fortemente quanto possível sobre as suas mentes. Esta é uma delas, e destinava-se ao povo a quem era especialmente dirigida naquela altura.

Não foi dada porque alguma vez tenha havido, haja ou possa vir a haver um abismo intransponível entre quaisquer condições de mente, ou porque haja estados de existência no mundo dos espíritos de miséria dos quais o espírito não possa ser redimido. Sei que a imagem pareceria transmitir essa ideia, e transmitiu a milhões, e era necessário que o fizesse, a fim de realizar o seu trabalho devidamente e bem, com aquela classe de pessoas para quem era destinada e a quem foi dada. Ora, então, estes quadros da Bíblia, estes rígidos editos bíblicos, não se destinavam especialmente a todos os tempos, a todas as classes de pessoas, a todas as raças de homens e mulheres, mas destinavam-se particularmente a essas tribos rudes a quem foram dados. Ao lerem a vossa Bíblia, deverão manter sempre isso em vista; assim cometerão menos erros e estarão menos sujeitos a apoiar-se em nada, no que diz respeito à história bíblica.

P.—[De um Espiritualista.] Quer o espírito dizer-nos, por favor, por que razão, ao responder a estas cartas, não são mais definitivos. Se

elas vêm realmente dos nossos amigos espíritos, eles poderiam muito bem, penso eu, dar uma resposta longa, em vez de uma que se possa tomar por sim ou não, ou por coisa nenhuma?

R.—Nós nunca propusemos, ao responder a estas cartas neste local, dar nada mais do que um monossílabo em resposta; e por esta razão: tudo o que seja mais esgota a médium noutro tanto, e há apenas aquela quantidade de poder especial excedentário ou poder mediúnico deixada em reserva para a resposta a estas cartas, apenas essa quantidade e não mais; portanto, nada mais se pode obter. Às vezes faz-se um esforço para ir além dos limites mediúnicos, e qual é o resultado?

Ora, geralmente, uma falha em dar uma resposta correta, ou qualquer resposta de todo. Ora, nós dissemos-vos claramente através do Banner, repetidamente, que apenas poderíamos responder a uma ou duas perguntas, no máximo, e estas seriam respondidas em monossílabos, apenas sim ou não, nada mais; pois não nos propomos matar a nossa médium para servir a curiosidade de quem quer que seja, seja plebeu ou rei. 1 de out.

PERGUNTA.—Ouvimos frequentemente alguns espíritos dizerem: «Se soubessem apenas o que fazer neste mundo antes de terem partido, teriam feito de forma diferente.» Quer o espírito dizer-nos, por favor, o que fazer?

RESPOSTA.—Essa seria certamente uma tarefa difícil. Cada vida possui luz própria suficiente para a guiar em segurança através dos diferentes graus do ser e, finalmente, fazê-la aportar ao céu ou a um estado de paz e felicidade. É uma observação comum entre os espíritos que regressam: «se soubessem mais, teriam feito de forma diferente.» Bem, sem dúvida que sim; mas como não souberam, é inútil passar o precioso presente em lamentações sobre isso.

É suficiente que cada alma faça o seu melhor sob todas as circunstâncias, quer no corpo quer fora do corpo; quer na vida celestial quer cá em baixo nos infernos da vida mortal. Faça o seu melhor: viva à altura da luz mais elevada que tem: isso é tudo o que é

exigido; e o Juiz da Terra, que nunca o abandonará, não o condenará sob tais circunstâncias. Pode ser punido por erros, mas apenas por amor, para que não os cometa novamente.

P.—Um espírito alegando ser o Sr. William White disse num círculo na passada terça-feira à noite que Boston, em seis meses, teria um grande revivalismo do Espiritualismo. De que caráter especial será ele?

R.—Este vosso orador não tem conhecimento de qualquer especialidade desse género. Que estais perpetuamente a ser levados para condições espirituais mais elevadas e mais perfeitas, sei-o; que ides ser especialmente dotados nessa direção dentro dos próximos seis meses, não o sei; e se o nosso Irmão White fez tal asserção, atrevo-me a dizer que a fez com base na observação de outros, não na sua própria.

P.—Quando se sonha com os mortos, e os reconhecemos como estando ainda a viver na carne, serão tais sonhos sugeridos pelos espíritos dos falecidos, ou produzidos pela sua proximidade com o sonhador na altura?

R.—Os sonhos são mais ou menos sujeitos da condição peculiar em que o sonhador existe. Sob algumas condições, o sonhador é levado de volta ao passado, e vive novamente nesse passado; sob outras, é projetado no futuro, e vive palpavelmente nesse futuro; sob outras, permanece no próprio presente.

Os sonhos são por vezes induzidos por uma condição desequilibrada do corpo: estes não são de confiança; noutras alturas são produzidos pela intervenção de algum espírito ou espíritos para diferentes fins: talvez para avisar o sonhador de um perigo, ou para esclarecer o sonhador sobre pontos acerca dos quais ele deseja ser esclarecido; ou para ter uma conversa social com o sonhador. Quando o sonhador regressa a esta vida objetiva, lembra-se disso, geralmente, em fragmentos, não como um todo perfeito.

P.—Quando sonhamos com os vivos, será tal sonho produzido pelo pensamento da pessoa com quem sonhamos estar fixo no

sonhador na altura, ou pelo facto de o espírito dela ou dele deixar o corpo e aproximar-se do sonhador na altura de tal visão, ou serão outras causas a produzi-lo?

R.—As causas que produzem os sonhos são quase infinitas. Essas duas especialmente nomeadas pelo vosso correspondente produziriam tal condição.

P.—Existe algum critério pelo qual possamos distinguir tais sonhos como tendo uma fonte ou causa espiritual, ou como sendo dependentes da influência da imaginação?

R.—Tenho pouca fé neste poder da imaginação. Acredito na realidade de todas as coisas que existem. Se alguém sonha, há uma causa para isso — uma causa real, absoluta, literal. Pode ser, como notei antes, por uma condição desequilibrada do corpo físico — um estômago sobrecarregado, um cérebro sobrecarregado, por um pensamento na pessoa com quem sonha antes de adormecer, por essa pessoa pensar em si, ou por ela deixar absolutamente o seu próprio corpo e vir em espírito até si.

24 de set.

PERGUNTA.—Do público. Qual é a condição, na próxima vida, daqueles que cometem suicídio?

RESPOSTA.—A condição do suicida no mundo dos espíritos depende muito do grau de motivo suicida que possa ser atribuído ao suicida; pois é um facto sabido por aqueles que observam nesta matéria que quase toda a raça humana está perpetuamente a fazer aquelas coisas que são suicidas. Não estão a viver de acordo nem mesmo com a sua melhor luz. A maioria deles curva-se seja perante a moda seja perante Mamon, à custa do corpo e dos seus melhores interesses; mas aqueles que deliberadamente cortam a ligação entre a alma e a sua máquina — o corpo — são aqueles que são considerados suicidas por aqueles que olham apenas para a superfície das coisas e nunca penetram além da mera crosta. A sua condição é por vezes uma condição muito lamentável, pois olham para si mesmos, muitas vezes, como cobardes e como tendo feito a pior coisa que poderiam ter feito

por si mesmos, como tendo-se privado das melhores condições sob as quais poderiam ser elevados mais alto em felicidade e inteligência, tendo-se privado dessas próprias experiências de escuridão de que a alma tinha necessidade para poder gozar mais plenamente de condições de felicidade e do céu.

Há algumas almas que, por uma longa série de anos — falo como de tempo —, não podem ser levadas a gozar de nada no mundo dos espíritos, a não ser contrastando a sua condição nessa vida com aquilo por que passaram aqui. Para todas essas, o sofrimento é uma necessidade eminente para a felicidade da alma no mundo dos espíritos. É a escadaria mais grandiosa pela qual a alma poderia passar para alcançar o seu céu. Ora, se tais almas cortam deliberadamente a ligação e se tornam no absoluto suicidas, quando vierem a saber o quanto perderam com o ato, o seu remorso é geralmente muito agudo, e recusam ser consoladas, e vivem num abatimento total até ultrapassarem, por árduo trabalho espiritual, essa condição peculiar.

Há outros que o tomam mais facilmente; que não estão tão dependentes das condições desta vida para a felicidade na próxima. Saem mais cedo da sombra; mas, sob todas as circunstâncias, aqueles que deliberadamente, conscientemente cortam a ligação que une a alma ao corpo aqui, sofrem no mundo dos espíritos pelo ato.

P.—Qual é a condição do maníaco no mundo vindouro?

R.—A loucura é uma coisa que pertence ao corpo — ao corpo físico. É como qualquer outra doença e, portanto, a alma apenas tem uma ação reflexa da loucura depois de ter passado do corpo de carne, que é apenas temporal e em breve passa. Não há, absolutamente falando, espíritos loucos. A alma — a parte pensante, está sempre certa. O defeito está na máquina através da qual ela se manifesta.

P.—[Do público.] Tive experiência de loucura no mundo dos espíritos — espíritos que morreram há quinze anos ainda nesse estado.

R.—Então teve certamente uma experiência que este seu orador não teve. Esta ação reflexa da loucura pode ser mantida por um período indeterminado de tempo, mas, apesar de tudo, não é loucura; é

apenas a sombra que foi lançada sobre o espírito ou alma, em consequência da densa escuridão por que passou aqui nesta vida, isso é tudo.

21 de set.

PERGUNTA.—Existe algo como um casamento eterno entre duas almas individuais?

RESPOSTA.—A eternidade é um algo que não podemos compreender inteiramente, que não podemos abarcar. Embora possamos ter tido uma existência desde toda a eternidade passada, a tenhamos no presente e pertençamos a todo o futuro, contudo, no presente, podemos controlar e dominar apenas uma parte, portanto seria totalmente impossível dizer se duas almas poderiam ou não por toda a eternidade estar unidas num só casamento; mas é minha crença que tanto da eternidade pode ser reunido na experiência de duas almas casadas que o tempo se perderá.

P.—[Do público.] Sabem os espíritos, no mundo dos espíritos, mais sobre uma eternidade do que nós sabemos aqui no corpo?

R.—Eles foram apenas um pouco mais longe na estrada da vida e, portanto, sabem apenas esse tanto mais sobre a jornada; isso é tudo.

P.—À medida que progridem, não se esquecem da sua experiência terrestre?

R.—Sim; porque podem conter ou usar apenas essa determinada quantidade no presente. Assim, então, uma grande quantidade do passado deve ser excluída, e quase toda, senão toda a totalidade do futuro.

P.—Como é com os espíritos relativamente ao castigo? São eles castigados por cometerem crimes por ignorância, ou por fazerem qualquer coisa com uma intenção honesta?

R.—Oh, sim, qualquer coisa que interfira com, ou tente interferir com o curso da lei natural — lei divina —, recebe castigo por isso, tal como o bebé recebe castigo por pôr a mão na chama. Não sabia que ia

queimar, mas recebeu o castigo e, ao receber, ganhou uma experiência que o impedirá de passar por esse caminho novamente.

P.—Consideram os espíritos na outra vida que a Bíblia Inglesa — particularmente o Antigo Testamento — seja algo mais do que uma história dos judeus?

R.—Compreende-se que é apenas uma história fragmentária das tribos de homens que viviam naquela secção da terra naquela altura. Recebeu o batismo da santidade através da influência sacerdotal, e para fins egoístas. As escrituras de Deus, escreve-as Ele mesmo com a Sua própria pena infinita de circunstâncias, e não necessita que sejam circunscritas dentro dos limites de qualquer livro escrito; mas Ele requer uma eternidade para as escrever, e dá-vo-las dia a dia, hora a hora, átomo a átomo, à medida que viajam ao longo do caminho da vida.

Todas as nações mantiveram a crença de que tinham certas revelações diretas de Deus. Num certo sentido, há uma verdade subjacente à sua crença; mas que este registo escrito seja a totalidade da verdade, deve ser falso. É apenas um dos átomos que se manifestam através da inteligência humana; um fragmento tão pequeno, quando comparado com as grandes e infinitas escrituras do ser de Deus, que dificilmente vale a pena passar tanto tempo, tanto tesouro, tanta felicidade e vida humana a cavilar sobre ele.

P.—É Cristo o elo de ligação entre o mundo espiritual e o natural? Compreendia ele o que ensinava a respeito de anjos, espíritos, etc.?

R.—Cristo era um médium de uma ordem muito elevada e, nesse sentido, era divinamente dotado. Ele falava com Deus dessa forma, e de nenhuma outra. As revelações que o povo recebeu através dele, durante os dias da sua curta vida terrestre, foram recebidas através do poder mediúnico e de nenhuma outra forma, pela sua mediunidade. Ele era um elo de ligação entre os dois mundos.

P.—Há muito mais espiritualidade no presente do que havia quando Cristo estava na terra? Tem havido uma linha contínua de progressão desde então?

R.—O mundo cresceu. O planeta produziu melhores espécimes de humanidade, consequentemente melhores máquinas intelectuais; e depois, também, o mundo é mais densamente povoado hoje do que no seu tempo; mas, mesmo agora, se estivesse para...

PERGUNTA.—[De S. Hamlet.] Foi asserido que existe uma terra habitável no Círculo Polar. Não militam as descobertas feitas contra esta ideia? Por exemplo, o conhecimento de que aquilo que se supunha ser um mar Polar aberto provou ser apenas um alargamento do Canal Kennedy.

RESPOSTA.—Aqueles cientistas que fizeram desse assunto matéria de investigação garantem-nos que há um país habitável além dos polos e, mais ainda, que os cientistas irão, com o tempo, demonstrar esse facto, e que a demonstração do mesmo não entrará em conflito com as descobertas absolutas que têm sido feitas nessa direção.

P.—Qual é a melhor resposta a ser dada pelos habitantes do mundo dos espíritos à pergunta: O que é o espírito?

R.—Espírito é matéria, e matéria é espírito, mas num estado tão finamente atenuado que se torna, para os investigadores, algo que eles não conseguem demonstrar de forma cabal e positiva, porque eles, estando rodeados por matéria bruta, estão escurecidos por ela. Veem, como um tal de São Paulo disse, «através de um espelho, de forma obscura». Com o tempo, como espíritos, verão face a face. Estas formas espirituais serão reconhecidas como sendo tão materiais no absoluto, se não no grau, como o são estas formas de que vós tomais conhecimento, com que a vossa ciência lida. A única resposta positivamente correta que se pode dar é que a matéria é espírito, e o espírito é matéria.

P.—O protoplasma da teoria de Darwin — como veio a existir? Foi autocriado, ou foi criado?

R.—Não sabemos, visto que não estávamos presentes quando Deus foi feito.

P.—Qual está correta — a teoria de Demócrito, de que os átomos são o fundamento de todas as coisas, ou a de Leibniz, quanto às mónadas?

R.—Os átomos, no que diz respeito às formas, são certamente o fundamento, porque todas as formas estiveram outrora num estado atómico, e são apenas uma agregação de átomos no absoluto.

P.—Como é que a teoria do idealismo aparece aos espíritos desencarnados? Vista do ponto de vista deles, tem alguma fundamentação razoável? Podem eles perceber que nós temos um conhecimento supersensível da existência de fenómenos e coisas?

R.—O idealismo é apenas o alcance da alma presente na matéria bruta em direção àquelas coisas que lhe pertencem no seu estado de existência mais divino e elevado. Idealizar é simplesmente raciocinar a respeito de coisas espirituais ou divinas, e é a via-férrea sobre a qual a alma, enquanto está ligada ao corpo de carne, passa e repassa, recolhendo bênçãos da sua condição divina de onde veio e para onde tende.

P.—Quando um médium curador cura pelo uso do magnetismo, de onde vem esse magnetismo? É um produto do organismo do curador, ou vem do espírito?

R.—Às vezes vem dos desencarnados que estão a controlar o médium, às vezes vem das condições envolventes e às vezes do corpo físico do médium — conforme as condições do doente o exigirem. 15 de set.

PERGUNTA.—Consideram os espíritos com algum favor as ideias e declarações extremas daqueles que participam na recente Convenção da chamada Associação Nacional dos Espiritualistas nesta cidade? Há ou não há nelas mais de verdade do que de erro?

RESPOSTA.—O velho adágio de que «o semelhante atrai o semelhante» é uma verdade. Estes mortais que se reúnem para dar

expressão às suas ideias atraem uma classe similar de inteligências desencarnadas — aquelas que simpatizam com eles na crença e na ação; mas não é minha crença que os habitantes mais avançados do mundo dos espíritos propriamente dito simpatizem com as declarações extremas que foram ouvidas naquele local.

P.—Caros amigos espíritos e amigos da humanidade, um ser muito próximo e querido para mim é viciado no uso de bebidas alcoólicas, o que o torna moroso e indelicado para com a sua família, causando muita dor e sofrimento. Prescreverão um remédio para tal doença?

R.—Cada caso especial precisa do seu próprio remédio especial ou método de cura. Ora, a fim de prescrever com sucesso, o médico seria obrigado a compreender não só a constituição física desse indivíduo, mas também a intelectual; e como não estamos de posse desse conhecimento, não podemos dar uma resposta inteligente à pergunta aqui.

P.—Estive a ler um relato dado por um cirurgião inglês de uma série de feitos em necromancia tal como realizados no templo de Juthia, no Sião, por Tepada e a sua trupe de malabaristas reais. Quase os mesmos têm sido produzidos na Índia inferior de tempos a tempos, e são fiados por aqueles cujo testemunho não podemos desmentir.

Procurámos através de muitos caminhos uma explicação para estes mistérios, e tínhamos quase desistido em desespero, quando nos ocorreu o pensamento de que o vosso douto amigo indiano, Rahmohun Roy, nos poderia dar luz sobre este assunto, e explicar se estas atuações são prodígios de malabarismo, ou um estágio avançado de manifestações físicas espirituais, das quais nós, como povo, somos dolorosamente ignorantes?

R.—É um facto bem conhecido por muitos espíritos que o Oriente tem muitos médiuns dotados e que, desde um período muito remoto, estas chamadas manifestações físicas têm sido coisas de ocorrência comum e diária entre eles. Ora, sem dúvida, Rahmohun Roy dir-vos-ia, como o ouvi dizer a outros, que se estas manifestações

ocorrem, claro que ocorrem devido à presença de médiuns que estão devidamente desdobrados nessa direção, que estão muito à frente dos médiuns desta localidade.

P.—[Do público.] Sendo a alma do homem uma emanação de Deus, pode ser poluída pelo pecado?

R.—Não, certamente que não; em tempo algum, nem por qualquer possibilidade. Vós falais de queda — de a alma humana se tornar degradada. Podíeis com igual razão declarar que o Espírito Infinito de todo o Bem poderia cair e tornar-se degradado. Não pode ser; é apenas no parecer exterior — uma manifestação que pertence mais à matéria do que à alma. A alma foi, é e para sempre será pura, intacta de todo o mal, porque é o Deus, o único reino do céu que a alma finita pode alguma vez compreender.

P.—Tive uma consulta com uma médium. Os espíritos que se manifestaram disseram que era difícil dar os seus nomes na primeira aparição. Por que razão é assim?

R.—Os nomes são ideias arbitrárias e, sendo tais, despertam condições arbitrárias no cérebro do médium quando solicitados e, ao despertar essas condições, é quase totalmente impossível obter o nome, a não ser quando o médium está inteiramente inconsciente; nessa altura é feito com relativa facilidade.

P.—Torna-se o médium mais inconsciente à segunda, terceira ou quarta vez?

R.—O espírito tem geralmente um controlo melhor quanto mais frequentemente entra em contacto com qualquer médium em especial — atrai-o cada vez mais profundamente, envolve-o cada vez mais intimamente no abraço espiritual. Às vezes é feito perfeitamente logo à primeira vinda, mas não muitas vezes, exceto com essa classe de médiuns que, sob todas as circunstâncias, são lançados num estado de transe absolutamente inconsciente.

P.—No caso de um espírito estar a controlar uma pessoa, e essa pessoa estar consciente, estão duas almas nessa altura em posse desse corpo?

R.—Sim, estão; mas uma senta-se calmamente em suspensão perante a outra. Há um entendimento sob tais circunstâncias entre o espírito propriamente dito, ou espírito do médium, e o espírito estranho. Por exemplo: se o vosso amigo deseja controlar o médium, esse amigo diz: «Agora, desejo que fiques completamente negativo e me me permitas usar o teu corpo orgânico.

Podes fazê-lo?» «Sim, vou tentar.» «Não importa o que eu possa dizer, ou o que eu possa fazer, tu não irás interferir comigo?» «Não.» «Não importa o quanto eu vá contra as tuas ideias do certo ou do errado, tu não irás interferir?» «Não.» Ora, se o contrato for mantido entre os dois, as manifestações são geralmente muito perfeitas, mas nem sempre é mantido quando o espírito do médium está consciente.

P.—Por que razão não pode o espírito do médium dar conta desse acordo?

R.—Porque se retirou a tal ponto do sensório exterior que fica incapaz de o fazer, geralmente — nem sempre é assim; há tantas fases diferentes de mediunidade quantas as diferentes partículas que compõem o universo; não há duas iguais. 17 de set.

PERGUNTA.—Quem escreveu o Livro de Mórmon?

RESPOSTA.—Uma classe de espíritos desencarnados, ou existências post-mortem, que tinham em vista o bem da raça humana, que não sabiam exatamente como se expressar, mas fizeram o melhor que puderam através do médium que empregaram.

P.—É sabido com certeza, pela inteligência controladora, que Shakespeare escreveu as obras que lhe são comummente atribuídas, ou é Bacon o verdadeiro autor delas?

R.—É sabido com certeza que William Shakespeare escreveu as obras que lhe são atribuídas; não há qualquer especulação quanto a isso, entre nós.

P.—É esta terra uma esfera e, se sim, quantos milhares de milhas tem de circunferência e qual a distância em relação ao sol?

R.—Consultai a vossa geografia; ela dir-vos-á tão bem quanto eu.

P.—O que faz com que a agulha magnética aponte sempre para o norte?

R.—Atração natural; nada mais.

P.—Existem cerca de sessenta primatas, ou princípios elementares, no mundo material, a partir dos quais, através do processo de evolução, supomos que toda a matéria é formada. Existem também primatas de inteligência, ou princípios elementares de inteligência na matéria inorgânica que, através do processo de evolução, produzem na matéria inorgânica a inteligência humana?

R.—No absoluto, há apenas um primata na Natureza; nas manifestações da Natureza parecem existir cerca de sessenta e tal, de acordo com a ciência; mas cerca de oitenta e sete, de acordo com a ciência espiritual. Ora, a matéria, na sua ação, reflete o que se passa no reino espiritual. Assim, então, existem estes mesmos primatas, espiritualmente considerados, e a sua ação e poder sobre a matéria é análoga àquela que a ciência acolhe e com que lida.

P.—Um correspondente, tendo lido o «Diakka» de Davis e estando muito satisfeito com ele, pede a opinião da inteligência controladora sobre as visões ali expressas.

R.—Que há uma grande verdade subjacente à teoria avançada no livro chamado «Diakka», admito-o; mas que todos os espíritos que visitam a terra e se manifestam através de médiuns modernos ou antigos possam ser classificados como «Diakka», nego-o, a menos que possamos alterar o significado do termo «Diakka» para nos servir — a menos que ele possua o poder de ser levado e usado para fins celestiais bem como para fins infernais ou malignos. O Sr. Davis falha em apresentar a ideia sob a sua luz mais elevada e melhor no «Diakka»; mas, apesar de tudo, há uma verdade a que, mesmo assim

vagamente apresentada, muitas almas se agarrarão e serão por ela beneficiadas.

P.—[Do público.] Tornar-se-á a telegrafia espiritual universal com o tempo, e substituirá a material ou física?

R.—No que diz respeito às coisas espirituais, tornar-se-á certamente universal; mas a aplicação não será nem poderá ser feita à matéria bruta. Essa exigirá sempre algo menos espiritual — algo mais aparentado com o que tem agora. Lidarás com os relâmpagos que podes ver, enquanto o Espiritualismo lida com aqueles que não podes ver. 10 de set.

PERGUNTA.—[Por J. L. M.] No Livro de Daniel, capítulo dez e versículos 12 e 13, há esta passagem: «Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras. Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para me ajudar, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia.» E mais adiante, versículos 20 e 21: «E disse: Sabes por que eu vim a ti?

E agora voltarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia. Mas eu te declararei o que está escrito na escritura da verdade; e ninguém há que se esforce comigo nestas coisas, senão Miguel, vosso príncipe.» Ora, isto pareceria indicar que havia, em tempos antigos, espíritos tutelares que presidiam aos destinos de nações particulares e as influenciavam mais ou menos para o bem ou para o mal, e que estes espíritos tutelares por vezes entravam em conflito com outros ou eram por eles opostos. Podem as inteligências supernas, do seu ponto de vista e conhecimento superior das forças espirituais que operam na terra e nos negócios das nações, explicar esta passagem, de modo a que o mistério seja esclarecido para a nossa compreensão?

RESPOSTA.—Bem, é simplesmente uma conversa que teve lugar entre um espírito protetor e o seu médium — nada mais. O

mundo dos espíritos está, por necessidade, amplamente interessado nos assuntos da sua terra natal. Digo por necessidade, porque é a lei que todo o espírito se refine e progrida, se torne poderoso e feliz, em correspondência à forma como auxilia a matéria e a eleva. Assim, então, estes grupos, ou bandos, ou congressos de espíritos, ao tomarem conhecimento dos assuntos dos mortais, ao fazerem o seu melhor para elevar as condições pelas quais os mortais estão cercados, são eles próprios adiantados, tornados felizes e estão simplesmente a cumprir as leis da vida, de que o mais elevado governará e instruirá o mais baixo, e do mais baixo receberá a sua elevação, para ir ainda mais alto.

P.—[De H. A. C.] Em que respeito e até que ponto difere a ação de um espírito desencarnado sobre o nosso organismo da de um espírito encarnado?

R.—Um espírito desencarnado atua mais poderosamente devido às condições refinadas que compõem os poderes através dos quais atua. Um espírito encarnado atua, mais ou menos, através das condições inerentes à matéria na vida física, sobre a matéria bruta, e está, em maior ou menor grau, dependente dessa matéria para a sua ação. Não é assim com o espírito desencarnado. Ele atua de uma forma mais refinada e, portanto, mais poderosa. Os espíritos desencarnados eletrizam — se me for permitido usar o termo — as condições do físico, e isto é feito, não por essa eletricidade bruta que pertence especialmente à matéria, mas por essa eletricidade mais refinada que pertence especialmente ao espírito ou matéria atenuada, pois tal é o espírito.

P.—Deseja explicar a diferença, se houver, entre clarividência, visão e sonhos que prefiguram ou apresentam ocorrências que depois realmente têm lugar?

R.—São fases diferentes de um e do mesmo poder.

P.—[Do público.] Qual é a lei de precedência pela qual a inteligência controladora governa o médium? É cortesia ou força?

R.—Ambas combinadas.

P.—Qual é o modus operandi da materialização? E qual o seu sucesso futuro?

R.—Bem, seria impossível responder à sua pergunta com clareza, mas faremos o melhor que pudermos. Um espírito que deseja materializar-se para ser visto pelos seus amigos na vida mortal, fá-lo, claro, através de certas leis fixas; e quanto mais familiarizado estiver com as operações dessas leis, mais bem-sucedido é. Ora, a primeira coisa a fazer é formar um círculo de positivos e negativos — tê-los tão equitativamente equilibrados quanto possível.

Não é frequente que estejam sequer perto de equilibrados e, portanto, vós ficais muitas vezes sem receber aquilo que pedis; mas, tendo organizado as coisas a esse respeito, torna-se então necessário extrair um elemento ou poder do próprio médium, pelo qual uma força positiva e negativa da vida material possa ser extraída de todas as partes presentes, e delas levada para o próprio médium e ali condensada. Aquilo que no início era um vapor torna-se tão profundamente material e condensado como a água, e, através da vida nervosa do próprio médium, é mantido em reserva. Essa vida nervosa torna-se, temporariamente, um reservatório deste poder que foi recolhido do círculo e, nele, cada espírito que deseja materializar-se é obrigado a mergulhar ou a ser batizado, a fim de tomar sobre si estas condições materiais.

Depois, todas as funções do corpo espiritual atuam sobre esta matéria pela qual se hão de materializar e, eis que cada órgão é levado a realizar as suas funções próprias e legítimas, exatamente como fazia na vida física, ou exatamente como seria chamado a fazer no físico. Assim, temporariamente, eles são, para todos os efeitos, carne e osso. Têm osso, músculo, tecido, tendão e nervo — todo o corpo físico por inteiro. Jesus disse a Tomé: «Mete o teu dedo no meu lado. Um espírito não tem carne e ossos como vedes que eu tenho», demonstrando claramente que era um corpo físico, mas era exatamente um como aquele que os vossos espíritos materializados tomam hoje. 14 de set.

PERGUNTA.—[De um correspondente.] Pode uma pessoa sem experiência prévia do género esperar que uma mesa faça alguma demonstração para si própria a sós, ou é a presença de um ou mais habitualmente necessária?

RESPOSTA.—Deve compreender-se que todas as partículas de matéria são médiuns para o Espírito, são vias-férreas sobre as quais e pelas quais o invisível se manifesta ao visível — às coisas na vida mortal, humana. Ora, este poder de mediunidade que existe em corpos humanos é por vezes um poder de que o indivíduo não tem conhecimento durante toda a vida da forma; mas noutras alturas ele desabrocha, floresce e dá frutos naquilo que é conhecido nestes dias como manifestações espirituais. Ora, se uma pessoa possui este poder e um espírito é chamado a atuar sobre uma mesa — se me permite o exemplo —, embora este poder nunca tenha sido tornado manifesto antes, pode sê-lo nessa altura. Nem sempre é necessário que haja dois ou mais para produzir estas chamadas manifestações físicas; mas é sempre necessário que a mediunidade, tal como existe em corpos humanos, seja usada como um poder de intervenção ou intermédio entre a inteligência que produz o movimento e a coisa a ser movida.

P.—Se for mal-sucedido após uma ou mais tentativas, será provável que a perseverança seja acompanhada de algum resultado diferente?

R.—A perseverança é por vezes necessária para obter estas manifestações, mas nem sempre. Se qualquer parte que deseja as manifestações se sente segura de que elas virão perseverando, então atenda de todas as formas à admoestação e meça forças perseverando, se deseja tal resultado.

P.—São todos os animais imortais, ou continuam todos a existir após o que se chama morte? Se assim for, torna-se a abundância de vida de insetos um incómodo ali, por exemplo, mosquitos, formigas, gafanhotos, lagostas, moscas, pulgas, etc.?

R.—A vida de todas as coisas é imortal, mas as formas estão para sempre sujeitas à lei da mudança, não sendo a minha nem as vossas

exceções. Estes incómodos companheiros da vossa vida humana, fiquem descansados, não vos incomodarão mais no segundo grau de vida, embora em muitos lugares os vá encontrar ali, mesmo assim. Sob muitas condições, ali, eles prosperam bem, sob outras não podem existir; mas não serão mais um aborrecimento para vós na outra vida.

P.—Se todos estes animais e insetos vivem novamente, como subsistem?

R.—Alimentam-se de vegetais, folhagens e tais grãos como são autóctones do clima em que existem; pois não deveis supor que o mundo dos espíritos é um deserto árido — de modo algum; é um jardim florido, cheio de todas as coisas preciosas.

P.—[Do público.] Em diferentes reencarnações de um indivíduo, é o sexo o mesmo em cada uma?

R.—Oh não, nem sempre. Pareceria a alguns que isto seria um ir para trás positivo, mas não é assim. Mudança e intercâmbio, para todo o sempre, parecem ser a lei da matéria ou da forma, pois não podemos conceber uma forma sem matéria.

P.—Quando os espíritos regressam tão frequentemente sem serem chamados, por que razão não podem vir quando especialmente desejados?

R.—O sol brilha hoje e abençoa-vos com a sua presença — pode não fazê-lo amanhã. Não vos podemos dizer porquê, sempre, nem podemos dizer por que razão um espírito chamado num dado momento falha em aparecer, a menos que estivéssemos no local a fazer observações. Mas deve compreender-se que o regresso dos espíritos é governado por leis que não podem ser transgredidas; e se vós exigis manifestações que viriam fora da lei pela qual podem ser dadas, então não podeis receber as manifestações. 7 de set.

PERGUNTA.—Tem o espírito materializado, como se vê em exibições deste fenómeno, toda a maquinaria vital de circulação como os mortais, ou é meramente uma crosta extraída dos elementos e a

aderir ao negativo, semelhante ao íman, revestindo-se com partículas de mineral, exibindo a forma existente?

RESPOSTA.—Possui certamente toda a maquinaria necessária à vida animal e espiritual, mas é-nos dito por aqueles cientistas que têm estado amplamente interessados neste tipo de fenómenos que, embora o espírito materializado possua tudo o que os humanos possuem, contudo está numa condição tão rarefeita e espiritualizada que está mais perto da vida espiritual do que desta vida — contudo é material: é o suficiente de matéria para trazer o espírito ao reconhecimento mortal, e isso é tudo o que é exigido.

P.—Não são a consciência e a admoestação do espírito uma e a mesma coisa?

R.—Sim; porque a consciência é uma coisa do espírito, e a admoestação é apenas uma das manifestações do espírito.

P.—[De E. Goodwin, Nova Iorque.] Como meu mentor, dir-nos-á como é que os governos nas segunda ou terceira esferas encaram a tentativa de quebrar o testamento de um pai honrado e a má administração do património para fins egoístas?

R.—Todos os governos no mundo dos espíritos têm a Justiça por base: são fundados sobre isso; existem apenas por e através disso; portanto encaram todos os atos injustos como errados e como algo pelo qual o infrator, mais cedo ou mais tarde, será obrigado a pagar a penalidade.

P.—Provocam tais coisas angústia aos pais no seu lar espiritual?

R.—Certamente que provocam.

PERGUNTA.—[Pelo Dr. Funk.] No Banner de 13 de junho, no Departamento de Mensagens, o espírito controlador disse que «a cremação era um ultraje à lei natural», etc. Quer ter a bondade de dar uma razão explicativa para essa afirmação?

RESPOSTA.—Nego que tal afirmação tenha sido alguma vez feita com a intenção de ser compreendida da forma como o seu correspondente parece ter compreendido.

P.—[Por A. M. S.] Pode o espírito controlador, ou algum químico, informar-nos de um processo melhor, mais rápido ou mais barato de separar o ouro dos sulfatos do que o método atual por calor intenso?

R.—Há muitos químicos no nosso mundo dos espíritos que, sob condições adequadas e através de médiuns adequados, sem dúvida teriam todo o gosto em dar instruções nessa direção, como aliás já fizeram em muitos casos, mas este local não é o sítio onde alguém possa receber uma resposta adequada acompanhada de uma demonstração dessa resposta, a qual seria tão necessária como a própria resposta.

P.—A nossa estatura é a mesma na vida espiritual e nesta? Se assim for, como podem milhões de espíritos permanecer numa só sala, como se diz ser feito pelos invisíveis?

R.—Deve compreender-se que as paredes das vossas salas se esvaem, e a sala que é extremamente pequena num sentido mortal pode ser ampliada até à capacidade do Estado de Massachusetts, num sentido espiritual. Os espíritos, ao virem a este local ou a qualquer outro, não estão obrigados a encolher-se dentro destas paredes de matéria. A matéria é subserviente a eles; eles não o são a ela. Se estas paredes fossem sólidas, como os senhores supõem, seria de outro modo. Não o são; são suficientemente porosas para não oferecerem qualquer obstrução ao espírito que entra ou sai, e são simplesmente como um véu fino suspenso como uma divisória entre certos grupos de espíritos.

Um pequeno grupo pode ocupar o espaço dentro destas paredes, enquanto milhões podem ir para fora; e contudo, ao falar sobre o vosso público, diríamos que tínhamos aqui tantos — talvez dez mil — , e no entanto todos vós sabeis que nenhuns dez mil espíritos tendo corpos do mesmo peso dos corpos mortais poderiam caber neste lugar.

E então? Ora, temos de pôr-nos a trabalhar para ver quanto poder o espírito tem sobre a matéria — em que condição a matéria apela ao espírito que ascendeu além das brutalidades da vida mortal. Ao deixar esta médium, se eu desejar sair desta sala, não seria obrigado a pedir-vos que destrancassem a porta para me deixar sair — oh não; porque eu encontraria amplos meios de saída em cada ponto de que me aproximasse.

P.—Dizem-nos que os espíritos maus são cuidados em instituições no mundo dos espíritos. Como é então possível que eles regressem e voltem a cometer o mal, a menos que lhes seja permitido fazê-lo? E por que razão lhes é permitido?

R.—Dizem-vos que os espíritos maus são cuidados no mundo dos espíritos. Bem, e são-no, tal como o são neste mundo. Se eu vos perguntasse: «Por que razão não cuidam dos vossos assassinos aqui? Por que razão não os mantêm na prisão?», diriam:

«Ah! nós cuidamos; temos as nossas prisões; temos as nossas instituições pelas quais a sociedade é protegida contra os seus membros delinquentes.» E no entanto a sociedade está inundada deles. O mesmo acontece connosco. Há instituições nas quais muitos, muitíssimos, são cuidados; mas há muitos, muitíssimos, fora delas, e estes que estão de fora são os saqueadores da vida humana.

P.—Quer ter a bondade de perguntar a um dos colaboradores do vosso grupo, N. G., por que razão a sua sobrinha, uma médium que está convosco há cinco meses, não comunica como prometido antes da sua partida? Responda, por favor, através da sua médium.

R.—Essa é uma pergunta que pode ser tão bem resolvida através da filha da senhora que vos escreve como através de qualquer outra pessoa. 8 de set.

PERGUNTA.—Um correspondente do Oeste pergunta por que razão os espíritos que estão a fazer um bom trabalho para a humanidade nem sempre dizem a verdade? E cita o caso de dois proeminentes médiuns físicos, que fazem um bom trabalho ao convencer o mundo da verdade da comunhão espiritual e das

manifestações físicas, onde os grupos de espíritos controladores se contradizem redondamente. O grupo que controla um médium afirma que são os mesmos espíritos que controlam o outro médium, e o controlo deste último nega-o tão positivamente quanto possível. Como se explica isto?

RESPOSTA.—Nem sempre é possível traçar uma linha de divisão entre uma mentira e a verdade, elas estão por vezes tão intimamente relacionadas; e acontece que os humanos, ao fazerem a sua avaliação nestas matérias, muito frequentemente chamam à verdade mentira, e à mentira verdade. Ora, então, a meu ver, a verdade vista por uma alma a partir do ponto de vista particular dessa alma de ver ou perceber, poderia ser uma falsidade absoluta para qualquer outra alma.

Como nos é possível julgar num caso destes? A falta, se alguma houver nesse caso especial, poderá residir no próprio investigador, poderá residir no médium, poderá residir nas condições envolventes, e poderá residir nos grupos controladores dos dois médiuns; mas o vosso correspondente deveria aprender, se ainda o não fez, que não é possível para nenhum espírito na forma emitir um julgamento correto a respeito de qualquer espírito fora da forma, ou das manifestações que eles possam produzir através de todo e qualquer médium. Digo que não é possível. Podem ter uma opinião, e ficar satisfeitos nesta ou naquela direção; mas não há autoridade absoluta na matéria que possa ser conhecida.

P.—[Por L. M. G.] Poderia qualquer embarcação de navegação marítima construída pela terra e atualmente existente, ao navegar ou seguir a chamada Corrente do Golfo, alcançar um mar do Polo Norte sempre aberto — ou massa daquilo a que nós, pessoas encarnadas na carne, chamamos água — ou um continente terrestre no Polo Norte, adequado para qualquer um dos atuais habitantes destes Estados Unidos nele habitar enquanto assim encarnado? Existe tal mar, ou tal continente?

R.—Existem tanto um mar aberto no Polo Norte como um continente; mas esse continente não seria, em clima, adaptado ao povo deste continente, nem do continente Oriental, de maneira nenhuma; está demasiado afastado em latitude. 23 de junho.

PERGUNTA.—No ano de 1867, um tal Dr. E. Woodruff, de Grand Rapids, Michigan, publicou sob a forma de panfleto uma teoria emprestada sobre o modo de criação, e uma «visão» representando grandes transformações físicas, e uma profecia vaticinando quando essas transformações teriam lugar, a saber:

«Que durante vinte e um dias, com início a 26 de janeiro de 1889, um novo planeta será formado a partir de uma faixa de matéria desprendida do sol, e uma nova lua a partir de uma faixa de matéria que atualmente circunda a terra, e que a nossa lua atual será então empurrada para mais longe, mudará o seu eixo polar e assumirá a rotação diurna; que a atmosfera da terra será então purificada pela mudança predita; que as doenças de causas naturais serão doravante desconhecidas.» Eu perguntaria às inteligências controladoras que conhecimento ou crença têm relativamente aos acontecimentos preditos, tanto quanto aos factos como ao tempo, incluindo os sismos, os erguimentos, a extraordinária atividade vulcânica e os furacões dos acima referidos vinte e um dias.

RESPOSTA.—Que tais transformações não podem, de acordo com a demonstração científica e natural, ter lugar no tempo especificado, tenho a certeza. Estas transformações, ou algo semelhante a elas, podem ocorrer talvez daqui a dois milhões de anos, dificilmente antes disso. A terra não está suficientemente madura; o seu satélite não está suficientemente maduro.

P.—Dará o espírito controlador a sua opinião quanto à autenticidade das materializações nas sessões dos Irmãos Eddy? Parecer haver uma grande divergência de opinião entre os Espiritualistas sobre este ponto.

R.—Que os espíritos são capazes de se materializar através da mediunidade dos Irmãos Eddy, sei-o; não é uma especulação para

mim — sei-o. E que o têm feito em muitos, muitíssimos casos, sei-o. Das fraudes de que se tem falado, nada sei. Estou à procura da verdade, e geralmente obtenho-a. Diz-se muita coisa com referência a estes médiuns Eddy que mais valia não ser dita, porque o dizer vem do preconceito, vem daqueles que não ficaram satisfeitos nem com os médiuns nem com as manifestações. Há dois lados na questão e, provavelmente, enquanto forem dadas manifestações, haverá dois. Será uma questão em aberto; alguns acreditarão, outros duvidarão. Quanto a mim, sei que a sua mediunidade é autêntica, portanto posso avalizá-la.

P.—Na primeira mensagem de William White, ele disse que havia um inferno pior na vida espiritual do que o descrito pelos Ortodoxos. Escrevi-lhe a pedir uma explicação. Na sua mensagem ele diz que contou as coisas como elas eram. Quer esclarecer-nos sobre o inferno aludido?

R.—Há muitos infernos. Esse remorso que nasce na vida espiritual em consequência de ter feito o mal aqui, é o pior tipo de inferno. Exclui os seus possuidores de toda a boa sociedade ali. Torna-os — como um dos meus irmãos disse recentemente neste local — leprosos espirituais; são evitados por todos e exalam uma atmosfera que é tóxica, para junto da qual ninguém quer ir. Têm de ultrapassar isso, de se livrarem disso antes de poderem ser felizes, antes de poderem gozar de qualquer uma das belezas da terra ou condição em que foram introduzidos. Estão situados de forma muito semelhante à de um homem que estivesse extremamente sedento, com água diante de si e sem ser capaz de a beber.

P.—Por que razão são os vossos círculos habitualmente conduzidos por espíritos como Theodore Parker, Thomas Paine, Abner Kneeland e outros de mentes liberais, em vez de Lyman Beecher, Dr. Edwards, Dr. Hopkins e outros que foram grandes luminares na escola Ortodoxa?

R.—Eu diria a esse correspondente que nós temos uma forma de tratar dos nossos próprios assuntos que nos convém. Se não lhe

convém a ele, lamentamos, mas não podemos mudar para lhe agradar. Muitos desses espíritos tomaram parte ativa connosco e pertencem ao grupo que aqui controla, mas depende da condição física e espiritual do médium saber quem controlará num determinado momento. Eu poderia ser selecionado para um certo dia, e descobrir, quando esse dia chegasse, que o médium me repelia, e eu não seria capaz de entrar na sua atmosfera física ou espiritual.

O que se há de fazer? Ora, talvez um Lyman Beecher tenha de ser chamado, e ele poderia fazer melhor do que eu — talvez um Thomas Paine; qualquer um que pudesse servir para a ocasião e estivesse disposto a servir seria chamado. Deixem-me ir um pouco mais longe e dizer: nós não somos Ortodoxos nas nossas visões, mas inteiramente liberais; pertencemos à maior classe de liberais. Essa é talvez a razão pela qual tantos espíritos liberais controlam, em vez de Ortodoxos; no entanto, esses mesmos espíritos Ortodoxos estão, muitos deles, grandemente liberalizados e mais do que nós.

P.—Por que razão não são os espíritos capazes de se materializar agora, até ao ponto em que se diz que Jesus o fez, há muito tempo?

R.—Eles são. Pergunte ao Prof. Crookes se não são; pergunte às pessoas que frequentam as sessões da Menina Florence Cook, em Londres, se não são. O testemunho delas é certamente tão bom como esse testemunho bolorento que se encontra dentro das capas da Bíblia, ou de qualquer outro livro.

P.—Tornou-se a materialização uma das artes perdidas no mundo dos espíritos?

R.—Não, não perdida, certamente que não, mas apenas suspensa em consequência da condição da terra e dos seus habitantes. 25 de junho.

Asa Vermelha

Asa Vermelha vem ao vosso conselho para falar sobre os seus médiuns indiozinhos; ouvem-no? [Sim.] Lá longe, na terra onde o sol nasce, Asa Vermelha tem dois médiuns, dois indiozinhos — uma a

que chamam rapariga, um rapaz. Asa Vermelha e o seu irmão, Grande Índio, fazem muitas coisas com eles; às vezes levam-nos lá para cima na caban onde vivem; fazem muitas, muitas coisas que as caras-pálidas nos vossos cabanas da cidade gostariam de ver; por isso, Asa Vermelha quer trazer os seus médiuns aqui, e a squaw que cuida deles diz: «Asa Vermelha, vai lá e dize-me: tens a certeza de que podes fazer bem com eles longe de casa? Dá-me a certeza disso, eu levo-os, vou por ti; mas não gosto de ir e descobrir, quando lá chegar, que não podes fazer nada.»

Eu estive aqui três vezes; eu acho que tenho a certeza de que posso fazer bem com eles. Eu não posso adormecer e falar como falo aqui, mas eu falo no ar; vocês seguram a boca dos meus médiuns, eu falo ali — eu falo para vocês ali.

A squaw pergunta: «Vais deixar as pessoas verem quando levantares as crianças?» Não! não! não! «E porquê?» Nós não vamos ter-vos a chorar porque o Asa Vermelha os deixa cair. Vejam-nos quando estiverem em cima; vejam-nos quando estiverem em baixo; não os vejam ir. Vejam-nos quando estiverem em cima, vejam-nos a ir em volta, em cima; mas não os vejam quando começarem daqui para... Não, não prometo isso.

Tu perguntas, squaw: «Vais levá-los lá para cima para as janelas altas, como fazes em casa?» Sim; tenho quase a certeza de que posso fazer isso. Vocês veem-nos quando estiverem em baixo; veem-nos em cima; mas não os veem ir.

E tu dizes: «Deixas-nos olhar o tempo todo, Asa Vermelha?» Sim, olhem; mas não os veem ir. Eu não prometo isso; mas eu prometo-vos trazê-los aqui, sinto que tenho a certeza de que posso fazer bem; e cuidarei deles.

Pões isso na tua grande folha falante? [Ao Presidente.] Vais pôr em breve? [Será publicado dentro de dois meses no curso regular.] Oh, não; demasiado tempo passado: Sabes, eu quero trazê-los quando a geada vier; o Grande Chefe diz que pode imprimir agora. Asa Vermelha falou. Asa Vermelha vai-se embora. 29 de out.

PERGUNTA.—O Gen. Perrin, um francês que comanda as forças terrestres do Rei do Sião, escreveu para um jornal francês um relato das suas explorações entre as ruínas de Ancor-Niat, no Sião, onde outros exploradores o precederam. Ele fala de ver grande número de monumentos, templos, palácios, colunas, escadarias para torres imensas, pilhas de mármore, etc.; também que o povo desse país diz que estas ruínas se estendem por um círculo de doze a quinze léguas de diâmetro, estendendo-se até ao território do Camboja, mas não têm qualquer conceção dos construtores, embora a sua literatura recue séculos atrás. Quer a Inteligência controladora informar-nos se sabe alguma coisa sobre estas ruínas? Que cidade existia ali? E de que império era a capital?

RESPOSTA.—São provavelmente as ruínas da antiga cidade de Boual, no Sião. É um facto bem conhecido na história chinesa e siamesa que existiu um antigo Sião, tal como existe um nos dias de hoje. Estas são algumas das ruínas. Dizia-se que o antigo era, em beleza arquitetónica, mais magnífico do que qualquer outra coisa que o mundo alguma vez viu, mas certas tribos (digo tribos porque o povo era bárbaro) pelas quais estavam cercados moveram-lhes guerra. A guerra durou séculos e, finalmente, o antigo Sião tornou-se uma ruína.

P.—Não é uma terrível crueldade deixar os animais domésticos sem proteção contra as moscas quando estão a trabalhar ao nosso serviço?

R.—Certamente que é; e aqueles que tal fizessem deveriam ser deixados sem proteção eles próprios, na mesma direção.

P.—Há alguma forma melhor de assim os proteger do que cobri-los em grande parte ou na totalidade com um pano fino? Se sim, qual é?

R.—Não há forma melhor, provavelmente, do que cobrir o animal com um pano, e abandonar a noção de cortar as caudas aos cavalos — essa proteção natural que é melhor do que todas as outras coisas.

P.—Não se darão melhor os animais de criação, quando no pasto, se forem protegidos das moscas, durante o calor do dia, pelo recolhimento em estábulos escurecidos?

R.—Talvez sim; e contudo haveria uma questão que poderia surgir em sentido contrário.

P.—Podem os espíritos beneficiar a humanidade informando-nos sobre como lavar flanelas de lã de modo a não as encolher?

R.—Este vosso orador não é nenhuma lavadeira — não está nada familiarizado com essa arte tão útil. Se estivesse, teria muito gosto em dar a informação; mas uma senhora que me diz que o era quando estava aqui voluntaria-se a fazê-lo. Por isso dou-a em segunda mão: Ela diz: «Lavem as flanelas em água tão quente quanto as vossas mãos possam suportar, usando sabão abundantemente em ambas as águas. Usem duas águas, e nunca as enxaguem. É o enxaguar que faz o mal.» Supõe-se que ela saiba. Dou-a a partir dela — a Velha Margaret —, não de mim próprio.

P.—Não é a universalidade da angústia imerecida uma boa prova de que Deus não é tão bom quanto poderia ser?

R.—Não, eu não o entendo assim. A angústia imerecida pode ser por vezes a própria escada pela qual a alma passará para a felicidade merecida, para a paz perfeita. Ora, então, em que é que a angústia imerecida detrai do amor, da sabedoria e da misericórdia de Deus?

P.—Que efeito tem sobre nós exclamar, ao presenciar sofrimento que não podemos aliviar e não podemos considerar merecido: «Oh, por um Deus mais bondoso, mais sábio»?

R.—Bem, tem o efeito de fortalecer os bons propósitos no indivíduo. Cada desejo saudável e puro fortalece aquele ou aquela que o faz em algo de bom, deixa-os um pouco mais alto, um pouco mais perto do Deus perfeito, o Deus ideal que estabeleceram para si mesmos adorar.

P.—Digo a todos com quem falo que não espero quaisquer favores de Jesus ou de qualquer outro judeu após a morte. É isto imprudente ou errado?

R.—Bem, sim; eu diria que sim. Pode vir a ficar grato por aceitar um favor dele e de outros judeus. 18 de junho.

PERGUNTA.—Suponha-se um círculo no qual estão dois médiuns: pode um espírito controlar os dois ao mesmo tempo?

RESPOSTA.—Oh, sim; um espírito pode psicologizar e assim controlar quase qualquer número de médiuns, e contudo o controlo diferirá de acordo com a tendência natural ou constituição do médium controlado.

P.—Algumas afirmações a respeito da «Reencarnação» foram-me comunicadas por um espírito através da mediunidade de uma amiga, as quais não posso aceitar. Este espírito diz-me que os gémeos, embora dois indivíduos enquanto na forma terrestre, tornam-se como uma só alma na vida espiritual; isto é, se um parte antes do outro, o espírito do falecido vive sempre perto do seu companheiro da terra, e torna-se, por assim dizer, uma parte dele próprio e, quando este entra também na vida espiritual, a alma de um é fundida na do outro e torna-se apenas um indivíduo.

Se esse é o caso, como é relativamente a gémeos de temperamentos, gostos e desejos opostos, frequentemente antagónicos na vida terrestre? Onde está o processo de assimilação que unirá dois indivíduos dissimilares numa reencarnação perfeita na vida espiritual? E como é relativamente a gémeos, masculino e feminino; qual deles será? Como isto é algo novo para mim, e pode ser para muitos outros, desejo apresentar estas afirmações ao Círculo de Espíritos para elucidação.

R.—O poder de atração, de afinidade existente em gémeos é por vezes (em casos raros, contudo) suficientemente forte para produzir tal efeito. Estas são as exceções, não a regra, garanto-lhe.

P.—Este mesmo espírito também me informou que as almas na forma terrestre, envoltas em escuridão e a viver no pecado, cruéis e vingativas, se se tornarem boas e suaves, atenciosas e amáveis, não foram elas próprias que mudaram, mas a alma de um espírito luminoso e bom foi reencarnada neles. Assim, os espíritos bons prevalecerão sobre os maus e elevá-los-ão para fora da escuridão. Portanto, parece que não será por nenhum mérito próprio que eles ascenderão da sua condição, mas através da bondade de outro. E se isto for verdade, por que razão não há mais elevação? Por favor, esclareça-nos.

R.—Se essa fosse uma verdade universal, a humanidade seria pobre de facto; mas sei que não é. Cada alma individual possui os seus próprios poderes para alcançar o céu. Se ascende de todo, ascende pela sua própria bondade inerente, trabalhada por vezes e frequentemente por influências externas; mas a bondade está lá: é a prerrogativa da alma individual, e não devida à reencarnação de qualquer outra alma. Essa é a minha experiência. Tenho observado amplamente nestas matérias e tenho a certeza de que não estou enganado.

P.—É uma bela verdade que os seres luminosos acima de nós se aproximam das nossas almas, soprando palavras de consolação e encorajamento, elevando-nos muitas vezes para fora das sombras, deixando a impressão da sua presença connosco, para que possamos saber que fomos batizados com o seu amor. Sim, sei que os anjos estão frequentemente perto de nós; mas que os espíritos puros e impuros se fundam como um só é uma filosofia que não compreendo, e desejo sinceramente esclarecimento sobre o assunto.

R.—Puros e impuros fundem-se como um só apenas desta forma — assim como a luz vence a escuridão, como a força vence a fraqueza, como a sabedoria vence a ignorância; mas todo o mal desaparece quando o espírito puro se funde com o outro espírito, garanto-lhe. 22 de junho.

PERGUNTA.—Qual é o efeito sobre pessoas mediúnicas que são negativas e estão num estado de desdobramento, se se misturarem indiscriminadamente na grande variedade de atmosferas humanas em que por acaso ou de outro modo possam ser lançadas?

RESPOSTA.—Todas as pessoas que são sensíveis a influências da vida futura, daquilo a que podem chamar «terra das sombras», são também extremamente suscetíveis a todo o tipo de influência com que possam entrar em contacto aqui nesta vida, e algumas destas influências atuam como ácidos sobre os metais — consomem-nos, corroem-nos, põem-nos doentes e por vezes produzem a morte. Os médiuns, aqueles que são sensíveis a impressões da «terra das sombras», deveriam ter cuidado com quem lidam, aqui nesta vida, mas nem sempre é possível escolher, e portanto estas pessoas são sempre sofredoras. São os mediadores de todas as eras; estão constantemente no fogo onde as lenhas estão a arder ao seu redor, e por vezes os seus amigos, inconscientemente, fornecem as lenhas mais verdes que produzem a dor mais intensa.

P.—É a obsessão um conflito entre um espírito bom e um mau, onde o espírito mau tem o controlo superior?

R.—Obsessão é um esforço para controlar um médium... Posse é ter controlado o médium — não importa se é um espírito bom ou mau.

P.—Por que razão é que muitos espíritos regressam e dão provas de identidade, ou falam de eventos que se passaram enquanto na forma terrestre, e quando questionados honestamente sobre a coisa mais simples que ocorreu na vida terrestre, não sabem, ou não parecem dispostos a dar qualquer resposta satisfatória?

R.—Os espíritos que regressam têm apenas aquela quantidade de poder que podem usar, cada um de acordo com a sua capacidade de uso. A alguns é dada uma área maior de poder mediúnico na altura do controlo; outros têm uma área muito pequena, e amontoam nessa área todos os factos que, para eles, pareceriam os mais potentes. Tudo o que por acaso fique de fora pode ser pedido por vós, mas em vão; não se pode amontoar lá para dentro. Esta é a lei.

A mesma lei que determina relativamente às ondas do mar, à manhã e à tarde, ao nascer e ao pôr do sol, determina relativamente a esta coisa, e nem vós nem eu a podemos quebrar, por muito que o cético possa gritar: «Dêem-me outro sinal».

P.—Explicará por que razão um espírito não pode desenvolver-se e cuidar de si próprio, na vida espiritual, sem incomodar os mortais?

R.—É uma pergunta em si mesma inexplicável, como a vida o é. 15 de junho.

PERGUNTA.—Poderá a inteligência controladora fazer o favor de declarar as suas opiniões sobre o teatro de marionetas do D. Roberto (Punch e Judy) e o seu efeito nas crianças pequenas?

RESPOSTA.—Dificilmente se há de supor que a inteligência controladora saiba alguma coisa sobre o teatro de marionetas do D. Roberto, ou o seu efeito nas crianças pequenas; e contudo, supondo que é um desses espetáculos de rua que são prevalentes nas grandes cidades, só tenho a dizer que, enquanto tal, é sem dúvida um divertimento inocente. Há algumas mentes que até tais divertimentos inocentes desviam, mas a maioria não é assim afetada por eles. O que é alimento para um é veneno para outro. O que levaria um a uma conceção mais elevada da vida e do ser, arrastaria outro para uma condição inferior de vida; mas deste espetáculo particular do D. Roberto sei pouco, portanto pouco posso dizer.

P.—Qual é o tratamento mais benéfico, o mais próximo do certo, o mais prático para a doença: o alopático ou o homeopático?

R.—Nenhum deles está certo e nenhum está errado. Cada um deles possui certos elementos de bem e certos elementos de mal. O verdadeiro médico deveria buscar os seus remédios em todo o universo, não rejeitando nada. Portanto, sob tais circunstâncias, deveríamos favorecer o eclético.

P.—Dir-nos-á a inteligência controladora por que razão as pessoas que deixam este mundo na infância e progridem até à idade adulta, ao regressarem através de vários médiuns, usam o mesmo

modo de falar de quando partiram? Por que razão não acompanham a voz e o estilo de linguagem a mente ou o espírito? Por que razão deveria um homem de vinte anos reter o dialeto da sua infância?

R.—Eles regressam tomando sobre si essas condições — demonstrando-vos o poder do regresso. Se eles voltassem para vós no seu verdadeiro estado espiritual, reconhecê-los-íeis? Oh, não. Nem um em cada dez de vós o faria. Vós não estais suficientemente avançados no Espiritualismo para isso; estais ainda na infância da verdade espiritual. Quando tiverdes crescido para a compreender, será uma coisa bastante diferente. Nessa altura a mãe saberá que a criança que deitou a dormir regressará amadurecida, e não como um bebé; mas, no presente, os espíritos dão-vos o que podeis digerir, e vós mal sois capazes de digerir mesmo isso; e contudo pedis alimento mais forte.
16 de junho.

PERGUNTA.—Acabo de ler a biografia da Sra. Conant. Gostaria de perguntar se devo entender que «aves, cães e outros animais» habitam realmente a vida espiritual? E, se assim for, em que difere a teoria espiritual de hoje do credo hindu? Não fui capaz, ainda, de encontrar uma única fase do Espiritualismo com a qual não estivesse familiarizado há muitos anos; e, de facto, em muitos casos, a mitologia hindu está muito à frente do nosso atual sistema de religião. Queira explicar, por favor.

RESPOSTA.—Os hindus eram Espiritualistas, os Espiritualistas do tempo, das condições em que viviam. A alma é imortal, e se tudo possui uma alma, então tudo é imortal. Não necessariamente na forma — as formas não são imortais —, estão perpetuamente a mudar. Mas a ideia, o princípio, o pensamento envolvido na forma é imortal e progride de forma para forma, lenta mas distintamente.

Sendo isto verdade, aves, flores, animais, na verdade tudo o que ides encontrar aqui, deve encontrar uma expressão no mundo dos espíritos. Os hindus tinham a ideia certa destas coisas, mas o cristão de hoje chama-lhes «pagãos» e deseja cristianizá-los, por outras

palavras, batizá-los numa fé que é inteiramente alheia à natureza e à verdade. Eles têm a verdade da matéria, o Cristianismo não a tem.

P.—[Do público, J.] Quer dizer por que razão é que algumas pessoas que acreditam no Espiritualismo, e acreditam há quinze ou vinte anos, nunca conseguem receber uma prova ou mensagem sob forma alguma?

R.—É sem dúvida atribuível ao facto de nunca terem encontrado nenhum médium que lhes pudesse dar alimento espiritual adaptado às suas necessidades. O Espiritualismo, como qualquer outro ismo, como todas as condições da vida, é apenas uma ação de forças químicas e, portanto, sujeito à lei mais rígida. Aquelas pessoas que desejam receber mensagens dos seus amigos na outra vida e não as recebem, são em certo grau desafortunadas, porque não conseguem encontrar aqueles que detêm a chave de ouro para elas. Estes médiuns poderiam deter a chave de ouro para milhões de outras pessoas, mas não ter nada para elas. 12 de maio.

PERGUNTA.—Têm os espíritos de índole má na outra vida muito poder para interferir com os espíritos bem-dispostos ou bons, ou para os controlar?

RESPOSTA.—Sim, sob certas condições. Se estas condições favorecerem a ascendência do poder do mal, ora, ele tem a ascendência apesar do bem; mas se estas condições não o favorecerem, ele não a pode obter. Todos os movimentos da vida, quer neste mundo quer no outro, estão sujeitos a condições, à lei, e por muito que se possa falar sobre a quebra da lei, sabemos que nenhuma lei jamais foi quebrada se era de Deus. Pode ser infringida; podeis guerrear contra ela, mas não a podeis quebrar. Estes espíritos de má índole estão em oposição ao bem, sempre, e sempre que encontram condições que favorecem a sua ação, têm o poder nas suas mãos; mas se estas condições não os favorecerem, então estão em minoria.

P.—Se os constituintes do corpo humano determinam se um homem há de ser rico ou pobre, qual é a utilidade do esforço humano para acabar com a pobreza?

R.—Os constituintes do corpo humano também determinam esses esforços para acabar com a pobreza. A ação deles é tão necessária como a ação de qualquer outra força ou forças na Natureza. Podíeis com igual razão dizer: se Deus governa em toda a parte e faz todas as coisas como Lhe apraz, qual é a utilidade de eu tentar fazer o bem ou fazer o mal? Sou apenas uma lasca nas ondas do Tempo. Estes mesmos constituintes físicos determinam para vós que fareis o esforço e que sereis responsáveis.

P.—Se há tanto bem e tanto mal no mundo neste momento como em qualquer outra altura, e como haverá sempre, onde está a nossa esperança de felicidade final? O que é a progressão senão o aumento do bem e a diminuição do mal?

R.—Eu não acredito que haja tanto de mal no mundo agora como em qualquer outro período; pelo contrário, acredito que é da ordem da Natureza e da lei divina que o bem vença todo o mal, senão seríamos pobres de facto; e o mundo tem milhões de eras de idade; tem estado a crescer estes milhões de anos, e a crescer para fora das condições brutas para condições mais finas, perdendo a sua grosseria, tomando sobre si condições mais perfeitas — aquelas melhor adaptadas à felicidade humana, aquelas mais próximas da lei divina. Ora, então, se assim é, não pode haver tanto de mal na terra agora como em qualquer outro período. 14 de maio.

PERG. (De um correspondente.) Entre as Perguntas e Respostas no *Banner* de 23 de dezembro, abre-se um assunto de considerável interesse, sobre o qual gostaria de receber mais luz da inteligência controladora. É feita a declaração de que "Nascem descendentes aos pais no mundo espiritual." Supõe-se ou sabe-se se o "processo de geração continua nas esferas superiores indefinidamente"?

RESP. Até onde vai a minha experiência, aprendo que o processo de geração, no que diz respeito à espécie humana, começa aqui e termina aqui; e, no entanto, há nascimentos espirituais a ocorrer a cada hora na nossa vida — a cada momento, a cada segundo, de acordo com o tempo terreno — e desta forma: estais constantemente a emitir

da vossa vida esses germes que precisam de individualização, que precisam de ser cercados por amor, por sabedoria e força, para que possam amadurecer em inteligência no mundo espiritual. Estes germes que são expelidos da vossa vida, antes de serem introduzidos na existência aqui, estão destinados a uma existência individualizada no mundo espiritual; e todos eles precisam de pais e mães lá. Eles não têm a força do pai para os manter em posição até que se tornem existências individualizadas; por isso, neste sentido, há nascimentos no mundo espiritual, mas em nenhum outro de que eu tenha conhecimento.

PERG. (Do público.) Sansão era tão forte fisicamente como o Livro representa?

RESP. Não, certamente que não; mas há algumas pessoas de tal modo constituídas mediunicamente que uma grande quantidade de força física pode ser exercida através delas. Ele pertencia a essa classe, sem dúvida.

PERG. Suponho que era o mesmo poder que é exercido pelos médiuns de efeitos físicos na atualidade?

RESP. Sim.

PERG. O Ir. Wheelock fez uma declaração no domingo no sentido de que viria o tempo em que os espíritos estariam na tribuna e falariam ao povo através de corpos materializados.

RESP. Essa é a minha crença, que o farão, de facto. Para mim, equivale quase a conhecimento. Acredito que ainda estarei na tribuna do Music Hall e falarei ao povo, materializado, tanto quanto alguma vez o fiz quando no corpo físico; e isso antes de passarem muitos anos.

PERG. Quantos anos antes de isso acontecer? — mais de vinte e cinco, acha?

RESP. Penso que não. Os químicos e cientistas na nossa vida estão a fazer progressos muito rápidos a esse respeito — estão a aprender a lei e como adaptar-se a ela. Todas as forças da Natureza

estão destinadas, assim creio, a tornar-se submissas à alma, e esta é uma delas.

PERG. Não acha que Henry Ward Beecher se tornará Espiritualista?

RESP. Henry Ward Beecher é tão bom Espiritualista como qualquer um que esteja nesta sala.

PERG. Por que razão não se assume, então?

RESP. Quando estiver completamente convencido de que o seu bolso não será afetado pelo Espiritualismo, ele falará abertamente.

PERG. Está muito distante o tempo em que ele se assumirá?

RESP. Não sei; mas não penso que esteja.

PERG. Ele não tem tido manifestações na sua igreja com as quais esteja satisfeito?

RESP. Sim; e na sua família, e através de si próprio.

PERG. Algum destes teólogos se assumirá antes de os Espiritualistas se organizarem sobre uma base permanente?

RESP. A sua assunção depende mais da popularidade do Espiritualismo do que da organização. Os pregadores populares obtêm sempre os maiores salários; portanto, é do seu interesse estar do lado popular. Henry Ward Beecher pregaria o Espiritualismo se estivesse convencido de que poderia sair-se tão bem financeiramente como se sai com a sua semi-Ortodoxia.

PERG. Depreendo que não é a favor da Ortodoxia?

RESP. Sou a favor da verdade e do direito.

PERG. Não acha que o Espiritualismo está mais em harmonia com a sua natureza do que a doutrina que ele prega agora?

RESP. Certamente. Henry Ward Beecher é verdadeiro por dentro e não verdadeiro por fora. Ele sabe o que é a verdade; ele abraçou-a. Ele tem o grão puro; ele dá à sua congregação a palha.

PERG. Considera-o um homem honesto?

RESP. Não.

PERG. Nem eu.

RESP. Nem ele próprio se considera assim.

PERG. Defendo que é uma boa doutrina, quando um homem acredita numa coisa, defender a sua posição como um homem.

RESP. Essa é certamente a melhor coisa que se pode fazer pela alma humana.

PERG. Por favor, explique o que quis dizer com individualizar os germes expelidos das nossas próprias naturezas espirituais?

RESP. Reunir a eles esses elementos necessários para a forma e para a experiência. A vossa individualidade depende da quantidade de elementos que obtiveram da Natureza. Ora, a Natureza estende-se para além desta terra. Ela passa por todas as esferas espirituais; pois, sem a Natureza, não poderia haver forma; sem forma, não poderia haver experiência. Ora, estas pequenas crianças abandonadas precisam de assistência para reunir a si próprias esses elementos necessários para construir a forma — estruturas através das quais a alma se possa manifestar e tornar-se individualizada.

Quando permanece aqui na vida da mãe durante o tempo devido, reúne esses elementos a partir da vida da mãe. Quando é expelida antes do tempo devido, fica sem esses elementos; então, alguém tem de auxiliar o pequeno germe-alma a reuni-los para si próprio. Quando alimentais os vossos bebés, fortaleceis a forma; na vida espiritual, eles fazem ainda mais do que isso — eles constroem a forma. Na conceção, o germe-alma torna-se simplesmente conjungido à matéria.

Ora, supondo que é expelido imediatamente a seguir a isso, não está de todo individualizado; está ligado à matéria, mas não individualizado. Não reuniu nenhum dos elementos necessários à individualização. Assim, uma vida de mãe é necessária no outro mundo — o amor de uma mãe e a força de um pai. Todas as almas são

primeiro conjungidas à matéria através das relações sexuais aqui nesta vida, aqui na esfera terrena. Essa é a tarefa desta vida. 19 de março.

PERG. (De um correspondente.) Gostaria de pedir muito respeitosamente ao espírito no controlo do médium hoje que expusesse brevemente à assistência a sua experiência na vida espiritual. Quais foram as suas impressões e sensações quando se descobriu pela primeira vez como um espírito desencarnado? Quem encontrou? Encontrou um grande número de pessoas ou apenas algumas? Reconheceu aqueles que viu como seus parentes e amigos? Em caso afirmativo, eram eles mais belos de se contemplar do que eram na vida terrena? Em que consiste o seu mais elevado prazer e felicidade?

Quando sei ser um facto positivo que devo em breve e com toda a certeza ir para qualquer parte do mundo onde nunca estive e da qual tenho pouco conhecimento, é-me então agradável encontrar um amigo que acabou de regressar da localidade para onde sou obrigado a ir. Como é uma verdade inequívoca que todos e cada um dos que estão agora nesta sala e noutros locais devem em breve passar da vida terrena para a vida espiritual, eu, pela minha parte, desejo obter todo o conhecimento possível relativamente à vida após o que se chama morte.

RESP. O seu correspondente — Senhor Presidente — impôs-me uma cruz que, no entanto, tomarei e carregarei o melhor que puder. As minhas primeiras emoções experimentadas na vida espiritual foram longe de ser agradáveis, pois tinha levado comigo desta vida certas sombras que me obscureciam a luz da vista e me tornavam quase imbecil para tudo o que soubesse a verdadeira felicidade. Fui tentado nesta vida e, devido à minha fraqueza, caí. Embora fosse um pregador na igreja que para mim era a única Igreja verdadeira e Santa, contudo, quando o diabo veio a mim sob a forma de bebidas alcoólicas, cedi à tentação e tornei-me um bêbedo. Caí da fé da igreja — já não podia receber a absolvição dela ou dos seus membros e, na minha mente, portanto, estava privado de Deus e do céu, e neste estado saí deste mundo.

Quando entrei no mundo espiritual, encontrei-me numa condição de infelicidade e estava insatisfeito com o que me cercava, e contudo tinha uma consciência interior de que era tudo o que tinha merecido. Tinha perdido a minha boa herança; tinha vendido o meu direito de nascença ao céu por um prato de lentilhas — por outras palavras, por um copo de bebida. E assim vaguei durante meses, encontrando muitos dos meus antigos amigos, que tinham uma palavra amiga para mim — que me asseguravam todos de que acabaria por me erguer da minha condição sombria; contudo, o juiz que me condenava estava dentro de mim próprio.

Sentia que tinha cometido um pecado contra o Espírito Santo do meu próprio ser e que não havia perdão para isso. Podia superá-lo; podia tornar-me absolvido através do sofrimento — mas de nenhuma outra forma. Por fim, fui suficientemente afortunado para me cruzar com um antigo amigo que nunca tinha conhecido nesta vida e, no entanto, ele era meu amigo porque eu amava o registo da sua vida. Tinha-o lido muitas vezes com prazer e tinha rezado — oh, quão fervorosamente! — para que me pudesse tornar como ele. Tinha sentido a inspiração das suas boas ações e tinha ansiado por me elevar para longe da minha própria escuridão e obter algo da sua luz. Quando o encontrei no mundo espiritual, a minha alma instintivamente reconheceu-o, e eu disse: "Isto é o Cardeal Cheverus." "Sim", disse ele, "é um servo de Deus e de todos os Seus filhos — permite-me que te sirva." Eu disse: "Diz-me, então, oh santo padre, o que devo fazer para ser salvo?" "Não me chames santo padre", respondeu ele; "sou um dos teus irmãos; há apenas um Deus — um Santo Pai — sobre todos nós." "Bem, irmão, então", disse eu, "diz-me o que devo fazer?" Ele respondeu: "A terra — a nossa igreja na terra — está a gemer para ser libertada da escuridão da ignorância. Regressa, toma a tua cruz, vive de novo, até onde fores capaz, através da vida mediúnica na terra; retrata os teus passos, absolve-te através das tuas boas ações e leva a luz à igreja na terra; e, com o tempo, os esforços combinados de pessoas como tu hão de remir essa grande massa de almas ignorantes — os seus membros — que estão a gemer para serem libertadas da ignorância e do crime."

E assim regressei à terra; tomei a minha cruz; aprendi os caminhos da vida mediúnica; entrei na Igreja Católica; comunguei com os seus padres; coloquei a luz que o Grande Espírito se dignou dar-me sobre os seus altares e estou a esforçar-me dia a dia, hora a hora e momento a momento por me erguer de todas as sombras e, à medida que me ergo, erguer outros, estando certo de que este é o caminho estreito e apertado que conduz ao céu ou à felicidade.

PERG. (Do público.) Gostaria de perguntar (prosseguindo o assunto um pouco mais longe) se a escuridão de que se falou era meramente mental ou se era uma escuridão objetiva complementar a uma condição mental; ou se era algo semelhante a uma falta de visão aqui?

RESP. É uma condição mental e, contudo, afeta as coisas objetivas. Eu via paisagens belas e encontrava pessoas belas, e elas eram todas horrorosas para mim. Mesmo as crianças pequenas da outra vida não me conseguiam inspirar amor. Eu não estava em condições de entrar no céu, portanto era um inferno para mim. O sol espiritual brilhava intensamente, mas eu não o apreciava mais do que apreciava o sol desta vida, que costumava muitas vezes brilhar intensamente quando eu estava bêbedo, demasiado bêbedo para apreciar até as bênçãos deste mundo. 21 de março.

PERG. (De um correspondente.) Podem os espíritos tratar todos os assuntos claramente através de um único médium?

RESP. Não; pois 'todos' significa muito. Significa o infinito; ao passo que um médium é apenas finito. Todos os espíritos comunicantes que regressam estão obrigados a ser governados pelas capacidades naturais dos seus médiuns; não podem ir além delas.

PERG. Uma vizinha minha, uma mulher de bons hábitos e uma mãe bondosa, depois de frequentar uma reunião de reavivamento metodista e se tornar excessivamente religiosa, foi subitamente atacada de loucura e, na ausência do marido, matou o seu filho bebé (segundo diz ela) sob o comando de Jesus, a fim de salvar o mundo.

Ora, o espírito dela tornou-se louco ou está ela a ser controlada por algum outro espírito? Dê-nos toda a luz que puder sobre o assunto.

RESP. Nada sabemos deste caso em particular, mas sabemos que não há espíritos loucos. A loucura é uma doença inerente à vida física; e embora os seus efeitos sejam levados além da vida física para o mundo espiritual, não há espíritos loucos. Muitas pessoas ficam loucas por obsessão; na verdade, há quem nos diga que pelo menos um terço de todos os que são sujeitos à loucura o são por obsessão. Estes casos exigem não drogas e medicamentos, mas tratamento psicológico, psicopático; daí a necessidade, a absoluta necessidade de uma tal instituição. 25 de março.

PERG. (Do público.) Gostaria de perguntar se as mesmas leis dinâmicas vigoram na vossa esfera como entre nós?

RESP. Sim, apenas vós tendes a crosta exterior desses princípios ou poderes. Nós temos a vida interior deles. Todos estes corpos ou condições que têm existência convosco têm uma existência correspondente connosco.

INTELIGÊNCIA CONTROLADORA. Não havendo mais perguntas para consideração, proponho responder, em breve, a uma que recebi de alguém que me diz ser um pregador do evangelho, numa das vossas cidades do Oeste. Ele diz-me também que é crente no Espiritualismo moderno há mais de quinze anos. Na medida do possível, ele tem pregado e praticado as suas verdades e diz: "Agora, faço aos espíritos controladores nas sessões do *Banner of Light* esta pergunta: 'Apoiamos a mulher Victoria C. Woodhull ou as doutrinas perniciosas por ela ensinadas? Desejo saber por vós próprios.'"

Primeiro, então, não tenho a certeza de compreender o que o bom irmão quer dizer com apoiar a mulher Victoria C. Woodhull. Não sei se quer dizer num sentido limitado ou ilimitado; mas tenho esta resposta para dar: eu apoio-a como apoio qualquer outra mulher ou outro homem que compõe a querida humanidade de Deus, e desta forma: todo o bem que possa ser dado por qualquer indivíduo, é dever de qualquer outro indivíduo apoiar, precisamente a quantidade disso

que parecer ser boa para esse indivíduo, e não mais; precisamente o que ele puder apropriar para uso, para melhoria, e não mais.

"Apoiamos as doutrinas perniciosas por ela ensinadas?" Sim, no sentido mais amplo e divino, pois estas doutrinas não são de modo algum perniciosas, exceto para aqueles que acham por bem, por razão da sua própria ignorância, pervertê-las, para arrastar o amor — por exemplo — até ao estado mais baixo de luxúria. Victoria C. Woodhull fala abertamente sobre a doutrina promulgada como "Amor Livre". O que quer ela dizer? Luxúria Livre? Não devemos de todo supor que sim. De qualquer modo, o mundo dos anjos não supõe tal coisa. Se o nosso irmão o supõe, colheu-o do seu próprio coração vil. Deve ser vil; não pode ser de outra forma.

Aqueles que procuram lambuzar as verdades mais elevadas e divinas de Deus com a lama e a vaza de uma sociedade corrupta dificilmente deveriam ser chamados professores; eu não estaria disposto a aceitá-los como tal. É chegada a hora de olharmos as coisas de frente — de todas estas questões morais, sociais e políticas virem a debate, deverem ser tratadas sem panos quentes. Se o mundo dos anjos as pode tratar assim através de Victoria C. Woodhull, desejemos-lhes e a ela bom proveito e não procuremos obstruir as rodas do carro do progresso com as nossas insignificantes bolas de calúnia. O meu bom irmão pode pensar que sou um pouco duro — talvez seja; mas não conheço outro termo que se adeqúe tão bem ao seu caso. É para o seu próprio coração vil que o digo e o repito. Ele saberá melhor do que ninguém por que razão fiz esta afirmação genérica.

E, no entanto, há espaço para uma reforma divina nele, e tempo para ela, como há para qualquer outra alma viva; e na medida em que ele me possa ensinar a verdade, estou disposto a ser ensinado e não hesitarei em colocar-me em pé de igualdade com ele, em qualquer altura, a debater estas grandes questões que o mundo lançou à superfície da sociedade, para que as almas humanas individuais as possam agitar. O professor dos tempos antigos, de quem o meu irmão fala tanto, não hesitou em descer aos infernos da vida para aí pregar o

evangelho, e certamente os seus seguidores de hoje não precisam de temer seguir os seus passos.

O meu irmão não precisa de ter medo de que o Espiritualismo ou os Espiritualistas sejam minimamente prejudicados por agitar esta grande questão do momento. Se o Espiritualismo é de Deus, está destinado a vencer todo o mal com o seu bem. Se não é de Deus, Victoria C. Woodhull pode muito bem pregar o seu sermão fúnebre como qualquer outra pessoa. 26 de março.

PERG. (De um correspondente.) Informará a mente controladora o mundo (se for conhecido na esfera espiritual) sobre qual foi a inteligência que inspirou Volney ao produzir as suas maravilhosas "Meditações sobre as Ruínas"?

RESP. É perfeitamente possível que se possa dar uma resposta correta a essa pergunta; mas não é de todo provável que o mundo a apreciasse se fosse dada. O vosso orador tem de confessar que não está de posse desse conhecimento, portanto não vo-lo pode transmitir.

PERG. Se desejarmos fervorosamente que uma amiga espiritual se manifeste de alguma forma, será provável que tenhamos uma manifestação ao sentarmo-nos a sós, à noite, tranquilamente?

RESP. Certamente que não, a menos que a pessoa sentada tenha o poder necessário para tal manifestação. Seria o mesmo que esperar receber um telegrama da Europa sem cumprir os meios habituais.

PERG. Qual é a sua ideia sobre recompensas e castigos futuros?

RESP. Certamente não está de acordo com a antiga ideia teológica. Acredito que cada pecado receberá a devida quantidade de castigo e que é desta forma que o pecado há de ser expulso da terra. Aqueles que pecam têm de sofrer por causa do pecado. Não há perdão para o pecado. Acredito que o castigo segue imediatamente ao pecado. Não têm de esperar até depois da morte para receber o castigo.

PERG. Qual é a condição dos suicidas no outro mundo?

RESP. A sua condição é de si mesmos; por outras palavras, descobrem que se levaram a si próprios para esse outro mundo e, em vez de se livrarem do que desejavam, acrescentaram-lhe algo. O suicida, é verdade, pode livrar-se de um corpo em sofrimento; mas a ação reflexa desse sofrimento o suicida carrega-a consigo para o mundo espiritual e tem de a superar por condições naturais. E depois, cada suicida sente que foi um cobarde. Há uma certa quantidade de remorso que acompanha a vida espiritual inicial de cada suicida; eles arrependem-se de ter cometido o ato.

PERG. (Do público.) Algumas pessoas estão loucas quando cometem suicídio. O espírito sofre nesse caso?

RESP. Sim, no mesmo sentido em que a criança sofre quando põe a mão no fogo: a Lei não faz distinção de pessoas ou condições.

PERG. Alguns espíritos disseram-me que não sofreram muito (tendo cometido suicídio enquanto loucos); que o seu próprio espírito nada tinha a ver com isso.

RESP. Há diferentes graus de sofrimento neste caso, como em todos os outros. Alguns não sofrem muito intensamente. Aqueles com quem travei conhecimento dizem-me todos que sofreram intensamente.

PERG. Qual é a natureza do seu sofrimento?

RESP. Remorso — arrependimento —, uma sensação de ter feito algo que não se devia ter feito; de que, se se tivesse tomado outro rumo, teria sido muito melhor. Aqueles que não deixaram amigos aqui a chorar pelo seu ato suicida sofrem menos do que aqueles que deixaram amigos aqui que estão a chorar em consequência do seu ato, e por esta razão: todo o desgosto desta vida, em tais circunstâncias, reflete-se sobre o espírito e toma uma ação dupla e potente, de modo que se torna como uma sombra, uma névoa, uma neblina, a sombrear todas as condições sob as quais o espírito, durante algum tempo, existe.

PERG. Se a loucura foi provocada por circunstâncias sobre as quais não tinham controlo, sofreriam tanto como sofreriam se tivesse sido provocada por negligência própria em obedecer às leis físicas, ou por qualquer tipo de obstinação ou negligência?

RESP. Penso que não. Penso que a negligência deliberada na obediência à lei geraria maior sofrimento do que o contrário; na verdade, sei que é assim. 28 de março.

PERG. Que relação tem Cristo com os homens, a partir do que viu desde a vida terrena?

RESP. Como acredito na paternidade e maternidade de Deus e na fraternidade e sororidade da humanidade, posso dar apenas uma resposta a essa pergunta, e essa é: que ele foi o nosso irmão mais velho e que, na medida em que era mais esclarecido do que nós, ele foi o nosso professor, o nosso Salvador, talvez. Se ele nos pôde esclarecer e ajudar a libertarmo-nos da escravidão do mal e da fraqueza que acompanha a nossa vida humana e a nossa vida espiritual, então nessa medida ele foi o nosso salvador — mas de nenhuma outra forma.

PERG. (De John H. Crawford.) No *Banner* de 9 de março, faz-se Swedenborg dizer, em resposta à pergunta "O incêndio de Chicago foi uma bênção?": "Sim, todos os incidentes da vida são bênçãos." Novamente, na mesma página, faz-se a pergunta: "A presença de chineses em grandes números afetaria prejudicialmente a questão do trabalho?" E o Padre Fitz James responde: "Um grande afluxo deste elemento não poderia resultar em nada a não ser num prejuízo positivo para a questão do trabalho tal como se apresenta hoje" — com mais do mesmo género. Ora, um prejuízo positivo não pode ser uma bênção. Se pode sê-lo, então as palavras não significam nada na expressão dos nossos pensamentos; e opressão, ignorância e vilipêndio significam as mesmas coisas que liberdade, inteligência e bom nome.

Branco significa preto; luz, escuridão; dor, prazer, etc. Se calamidades tão terríveis como o incêndio de Chicago são bênçãos, não teria a bênção sido maior se a parte restante da cidade tivesse sido

destruída? Se a perda de vidas — que se supôs ser de quinhentas a mil e quinhentas — foi uma bênção, por que razão a perda das trezentas mil vidas ali existentes não teria sido uma bênção maior? Se toda a calamidade foi uma bênção, por que razão o incêndio de todas as cidades da União e a perda de todas as vidas nelas existentes não seria uma bênção maior? Qual seria o maior prejuízo positivo — o incêndio de todas as cidades do país, com a perda de todas as vidas nelas existentes, ou a emigração para esta terra de liberdade de meio milhão de chineses pobres, ignorantes e oprimidos? Gostaria de ter respostas de forte bom senso a estas perguntas — não respostas que possam ser interpretadas de ambas as maneiras ou de qualquer maneira com base na teoria de que "tudo o que é, está certo". Não quero nenhuma resposta absurda de que o que pode ser prejudicial hoje pode ser glorioso amanhã, ou o que pode ser uma calamidade para uns pode ser uma bênção para outros.

Se eu esmagar o meu membro por o meter ignorantemente no caminho de uma das grandes rodas de Deus, Deus não fica satisfeito, a humanidade não é beneficiada — logo, como pode isso ser uma bênção? Por que razão a tentativa de violar as leis de Deus por parte dos arquitetos e proprietários de casas de Chicago, ao construírem caixas de acendalhas e tentarem assim o vento e as chamas para a destruição de milhões dos ganhos árduos das próprias classes que gostaríamos de proteger do esforço chinês, juntamente com o sofrimento, a miséria e a morte prematura de homens, mulheres e crianças como consequência natural, haveria de ser uma bênção? Gostaria que os meus antigos amigos e conhecidos — John Pierpont e Theodore Parker — respondessem a estas perguntas sem qualquer dissimulação ou sofisma.

RESP. Ele quer uma resposta que lhe agrade, a qual provavelmente não obterá. Não é difícil perceber que o seu correspondente caiu no erro em que muitos caem: o de fazer de todo o mundo espiritual uma unidade de pensamento, de crença e talvez de ação, em vez de o tomar como ele é constituído, por individualidades distintas, todas possuindo as suas próprias opiniões sobre todo e

qualquer assunto. Ele colocou um Swedenborg e um Padre Fitz James no mesmo plano de pensamento. Um poderia ter considerado o incêndio de Chicago uma maldição absoluta e o outro poderia tê-lo visto como uma bênção, e contudo ambos estarem certos, e terem igual direito às suas opiniões e à expressão das mesmas. Ora, o seu correspondente admite no seu artigo que Chicago foi construída com caixas de acendalhas. Muito bem; se assim foi, estava na altura de aprenderem uma lição no que respeita à arquitetura.

Os selvagens deste continente e de outras partes do mundo recebem a sua educação através das repreensões severas da Natureza, e pelos decretos severos da Natureza que os forçam em certas direções, educando-os por processos duros. Por exemplo, o selvagem aprende que o temporal o aflige — é demasiado severo para o seu bem corporal. O que faz ele? Ora, constrói para si uma cabana, de início com paus e pedras pequenas. O temporal desce sobre ela, a cabana é destruída, e isto é tanto uma bênção como uma maldição. Para o sentido finito, é uma maldição; para a Sabedoria Infinita é uma bênção, porque ensina o selvagem a construir com mais força e melhor.

Assim, ele arranja pedras maiores, arranja ramos de árvores maiores, aprende a cimentá-los. Cobre-os com peles, toma todas as precauções que lhe é possível tomar, no seu estado rude, para ter a estrutura permanente, para que possa resistir à tempestade. Talvez seja bem-sucedido na sua segunda tentativa — talvez não. Se for, isso apenas prova que a destruição da sua primeira cabana foi uma bênção, por muito que ele tenha sofrido em consequência disso, visto que lhe ensinou uma lição que ele nunca mais poderá esquecer. Ora, então, a todos esses proprietários de imóveis de Chicago foi ensinada uma lição igualmente boa. Eles não construirão mais cabanas de madeira, visto que o fogo é um elemento que está entre eles a cada passo. É necessário, portanto, se este elemento é um inimigo sem travão, travá-lo — torná-lo um servo —, dizer-lhe: "Até aqui e não mais além", através de edifícios à prova de fogo.

Chicago fará provavelmente isto no futuro — pelo menos fará a tentativa de o fazer, sem dúvida, e portanto, quando considerado sob essa luz, é uma bênção; mas quando considerado pelos sentidos humanos — medido pelo sofrimento do corpo e da mente que foi infligido aos habitantes dessa cidade fustigada —, é uma maldição. As bênçãos e as maldições vão de mãos dadas. Não há como negar este facto — é patente em toda a Natureza. O céu não está afinal assim tão longe do inferno — não há nada senão uma divisória muito fina a separá-los. 1 de abril.

PERG. (De um correspondente.) Pode a inteligência controladora informar-nos há quanto tempo interromperam a construção do grande templo do Sol, em Baalbec, e como manuseavam essas rochas imensas, e que género de homem vivia nesses dias?

RESP. Não sabemos, portanto não podemos responder.

PERG. Dará o espírito controlador as suas visões relativamente à teoria darwiniana?

RESP. O Prof. Darwin é uma dessas mentes enérgicas que sondou para além da superfície das coisas, foi além do exterior mais agradável até ao interior menos agradável. Ele arrancou da Natureza essas verdades que estavam à espera de vir a lume ao comando da inteligência. O Prof. Darwin não se atreve a dizer que a alma do humano não é superior à alma do bruto, mas diz isto: que o corpo humano não passa de um grandioso fruto de toda a vida animal inferior, e prova-o sem sombra de dúvida, pois há registos no corpo físico que o apoiam na sua teoria, que nos dizem que fomos aves, bestas, peixes e répteis — que todas estas ordens inferiores da Natureza são nossas irmãs, algumas delas muito intimamente aparentadas connosco, porque não as ultrapassámos.

O Prof. Darwin lançou no mundo uma teoria que desafia o pensamento mais profundo das mentes científicas e desafia a refutação. É uma teoria baseada nas verdades imutáveis da Natureza, e não há nada, em minha opinião, em todo o domínio da inteligência que a possa derrubar. É suscetível de demonstração, de prova

incontestável, e aqueles que não são suficientemente sábios para provar a teoria como verdadeira por si próprios não têm o direito de dizer que não é verdadeira. Têm o direito de dizer que não acreditam nela, mas não têm o direito de dizer que não é verdadeira, porque não sabem, não fizeram uso dos meios que há no universo para serem usados, para saber se é verdadeira ou falsa; portanto deveriam estar calados, pelo menos.

PERG. Devemos entender que o indivíduo nomeado como condutor de uma sessão é essencialmente o autor da invocação e das respostas dadas nessa sessão?

RESP. Sim.

PERG. Podem os espíritos manifestar-nos a imagem, digamos, do meu pai, a menos que o espírito do meu pai esteja presente como uma espécie de estrutura para a exibição?

RESP. Sim, podem, exatamente tão bem como você pode pintar um quadro do seu amigo, ou de alguém que nunca conheceu, e apresentá-lo como uma imagem dessa pessoa.

PERG. Não se seguiria, então, que se eu visse o que me parecesse ser uma imagem do meu pai, o meu pai estaria necessariamente ali presente?

RESP. Sim, seguir-se-ia, como uma necessidade absoluta, e por esta razão: porque a forma viva, palpitante e tangível está lá, enquanto no outro caso seria apenas um quadro, um algo inanimado, a menos que fosse movido. Em Moravia é bastante diferente. Lá tem não só a forma, mas o espírito a habitar a forma.

PERG. Como distinguir, então, se se trata de um simples quadro ou se o corpo espiritual está presente?

RESP. Exatamente como distinguiria uma tal condição de coisas aqui nesta vida. Saberia a diferença entre o seu amigo e o quadro dele?

PERG. Por norma.

RESP. Em todos os casos, depreendo eu. Não se atreveria a dizer que aquele quadro ali adiante [apontando para um na parede] era o original a partir do qual foi tirado. Saberia avaliar melhor. O mesmo faria com estes quadros espirituais. Um possui vida, inteligência — tudo o que acompanha um espírito; o outro não.

PERG. Supondo que eu visse o que aparecesse aos meus olhos como uma imagem perfeita do meu pai, em Moravia, e houvesse silêncio perfeito; e eu, estando não familiarizado com uma tal exibição de espírito como essa, como poderia saber se era o meu pai que estava presente, ou se alguns espíritos tinham feito uma imagem dele e a tinham apresentado ali?

RESP. Nessas circunstâncias, certamente que seria difícil saber. 2 de abril.

PERG. Dizem que os nossos amigos espirituais não têm ideia do tempo quando preveem um determinado acontecimento. Porquê? Se têm um conhecimento tão superior para prever acontecimentos futuros, pensaria que pudessem ter uma ideia do tempo.

RESP. "Dizem" é um grande contador de histórias. "Dizem" está nos lábios do coscuvilheiro, nos lábios do caluniador, nos lábios do ignorante e, às vezes, nos lábios do sábio; e contudo, quando perguntamos quem são eles, ninguém sabe. São um conjunto ambíguo de indivíduos, não tendo lugar, e sendo pouco mais do que líderes de cegos, sendo cegos eles próprios.

Que os espíritos têm uma ideia do tempo foi provado em milhões de casos nos últimos vinte e quatro anos; que podem calcular tão rigorosamente em relação ao tempo como você pode é um facto sabido para muitos indivíduos, sim, para milhares que testaram os seus poderes. Cometem muitos e grandes erros, é verdade, mas não é porque não tenham ideia do tempo, mas sim porque as condições sob as quais comunicam consigo são imperfeitas — não são o que deveriam ser; estando situados de forma semelhante a um médico ou cirurgião se estivesse prestes a amputar um membro com um canivete cego; dificilmente seria capaz de fazer bem o trabalho; mas dê-lhe

outro instrumento, e um adequado, e veria uma exibição bastante diferente. Não quero dizer com isto que a culpa seja inteiramente dos nossos médiuns.

Às vezes reside parcialmente neles, parcialmente no interrogador, na atmosfera, nas influências planetárias, nas influências exercidas sobre o espírito e sobre o médium e sobre o interrogador — nas circunstâncias envolventes —, e de facto eu poderia continuar a enumerar até ao infinito circunstâncias que constituem condições adversas através das quais os espíritos são obrigados a comunicar consigo; mas que não têm ideia do tempo, quando cometem erros com referência ao tempo, não é verdade. Sabem tanto sobre o tempo como você, e provavelmente bastante mais.

PERG. Li no *Banner* que a Lua é habitada tanto por homens como por animais. Ora, o Prof. Shaler, de Harvard, e todos os outros homens científicos que fizeram da Lua um estudo especial, declaram sem qualquer dúvida que as condições necessárias para sustentar a vida não estão lá, nem nunca estiveram. Como explicar estas contradições aparentemente descaradas?

RESP. É muito fácil explicá-las. O Prof. Shaler não esteve lá; outra pessoa esteve. Um tem conhecimento absoluto; o outro tem palpites, apoiados por um pouco de conhecimento científico — muito fraco, diga-se de passagem. Harvard não se pode gabar de muito.

PERG. (Do público.) O que há a impedir que tenhamos uma telegrafia espiritual prática entre uma cidade e outra?

RESP. Simplesmente isto: uma compreensão mais perfeita da ciência por parte dos espíritos e um poder mais perfeito de transmitir o que eles — os espíritos — sabem a vós, mortais. Já foi feito em alguns casos. Isso prova a lei — e "o que foi feito, pode voltar a sê-lo".

PERG. Podem os espíritos comunicar com uma pessoa que não tem crença na sua comunicação com ela?

RESP. Certamente que podem. Comunicam com crianças pequenas, que não podem, de modo algum, ter qualquer crença ou descrença na matéria. 8 de abril.

PERG. Gostaria de ver respondida uma pergunta. O ministro metodista deste lugar declarou, há um ou dois domingos, à sua congregação, que era um Espiritualista, mas não um Espiritista. Por favor, informe-me qual é a diferença?

RESP. Para mim, são sinónimos; portanto não pode haver diferença entre eles. Significam uma e a mesma coisa. Os mortais são aptos a cavilar sobre coisas muito pequenas. Os religiosos são aptos a gastar demasiado tempo precioso a discutir por causa de termos. Seria melhor que sondassem para lá dos termos e alcançassem o espírito deles e, então, se achassem por bem discutir, que o fizessem; será uma guerra santa. Agora, é precisamente o oposto.

PERG. (Do público.) Os espíritos deixam alguma vez o corpo antes de o corpo morrer?

RESP. Sim, cada um deles. Há uma certa liberdade que pertence ao espírito, por estar preeminentemente acima e além da matéria, que lhe dá o direito, sob certas condições legais, de vagar separado do corpo físico, deixando esse corpo físico a ser cuidado pela vida animal, mas a parte pensante foi-se.

PERG. Quando alguém prevê acontecimentos futuros, é sempre através da influência ou agência de espíritos? Podem fazê-lo sem ela?

RESP. Às vezes fazem-no; pois deve entender-se que o mundo do espírito é o mundo das causas. A causa existe sempre antes dos efeitos. Ora, então, a causa existe no mundo espiritual de todas as coisas aqui; e às vezes essa causa, sendo uma existência objetiva, projeta a sua sombra sobre mentes suscetíveis, e assim se verifica a verdade do provérbio: "Os acontecimentos vindouros projetam as suas sombras diante de si."

PERG. O princípio da vida da alma subjaz ao espírito ou está entre o espírito e o físico?

RESP. O princípio da vida, tal como o entendo, subjaz e permeia o espírito. É o primário do espírito, tal como da matéria mais bruta; pois o espírito não passa de matéria.

PERG. Não somos projetados nesta vida para um propósito na economia divina da Natureza? E não será esse propósito levado a cabo, quer queiramos quer não?

RESP. Essa é a minha crença. Não vejo nada que contradiga essa crença em toda a Natureza.

PERG. Então tudo deve ter um plano?

RESP. Sim.

PERG. Se é esse o caso, somos responsáveis pelos nossos atos?

RESP. Sim. Isso não o priva da sua responsabilidade, de modo algum, mas crava-a mais fortemente em vós como indivíduos. Pode dizer: "Como cada ato do meu ser está pré-determinado, e eu farei isto e aquilo quer queira quer não, não faz diferença se faço algum esforço ou não." Mas faz diferença.

O mesmo poder que o trouxe à existência e determinou a respeito de cada ato da sua vida determina a respeito dos esforços que fará também; e esta mesma responsabilidade perante o Professor Divino que é colocada dentro de cada alma humana, em maior ou menor grau, pedirá contas a cada alma de todos os seus atos. Isso está no programa: não há fuga a isso. Faz tanto parte da sua vida que seja responsabilizado pelos seus atos como faz parte da sua vida que faça isto ou aquilo.

PERG. É porque o ato individual desenvolve a alma?

RESP. Sim.

PERG. Tinham os espíritos que agora habitam estas moradas uma identidade separada antes de estarem aqui, ou eram ramificações de uma grande fonte?

RESP. Há muitas opiniões relativamente a esse assunto; mas é a minha opinião que cada alma humana foi sempre uma alma humana distinta, individualizada, na sua individualidade, separada e à parte de qualquer outra alma humana. Não posso chegar a nenhuma outra conclusão; porque, se alguma vez houve um tempo em que a nossa individualidade começou, isso argumenta que haverá um tempo em que a nossa individualidade deixará de existir. Não posso admitir isto; não há nada no domínio da ciência espiritual que argumente nessa direção. Não; acredito que a individualidade da alma tem sido, através de toda a eternidade passada, a sua própria. Sei que há milhões, sem dúvida, de espíritos mais sábios do que eu que determinam o contrário; mas não consigo ver a filosofia do seu raciocínio.

PERG. É uma pergunta apropriada fazer que espírito está a controlar neste momento?

RESP. Sim; e é igualmente apropriado para mim recusar informar-lhe neste preciso momento. Estas assistências são sempre informadas, no final da sessão, sobre que espírito abriu a sessão e respondeu às perguntas.

PERG. O que devemos entender pelo desenvolvimento da alma? Pode alguma coisa que façamos desenvolver esse princípio?

RESP. Em bom rigor, não; e contudo, na medida em que está relacionado com a matéria, seria apropriado responder: Sim. Pelo desenvolvimento da alma quero dizer o processo educacional pelo qual ela é submetida enquanto conjungida à matéria, e nada mais do que isso. A alma é uma parte da Divindade, sempre perfeita, sempre pura, não sujeita a contaminação; e portanto, quando recebeu a sua educação através da matéria, não é mais uma alma perfeita do que era quando começou a sua jornada na vida humana.

PERG. Por que razão precisa ela de uma educação através da matéria?

RESP. Não sabemos dizer. Essa é uma pergunta a que nenhum espírito jamais foi capaz de responder. Duvido que alguma vez sejam capazes de lhe responder. É sinónimo da pergunta: Por que existimos?

Sabemos que existimos, mas por que existimos não sabemos; e, em minha opinião, nunca saberemos. 9 de abril.

PERG. (De um correspondente.) O uso de chá, café e tabaco pelos pais tem tendência a criar nos seus filhos um desejo por bebidas alcoólicas?

RESP. Os homens científicos que voltaram a sua atenção para este, como para outros assuntos importantes, dizem que Não.

PERG. Que efeito tem o uso de bebidas fortes sobre o espírito depois de deixar a forma terrena?

RESP. Tem este efeito: produz uma ação reflexa, quase a roçar a paralisia. Todos os poderes e faculdades do espírito ficam paralisados — não permanentemente, mas são de tal modo ensombrados por esta força má que é necessário, às vezes, auxílio médico na vida espiritual para libertar esses infelizes da sua condição desventurada.

PERG. (Do público.) Gostaria de perguntar, a esse respeito, se eles são mantidos assim durante muito tempo?

RESP. Isso depende de quão afortunados são em receber auxílio atempado, em gerar dentro de si próprios um desejo de auxílio, um desejo de libertação destas condições. O desejo tem de vir primeiro, antes de qualquer espírito ou espíritos — não excetuando o próprio Deus — poderem fornecer o auxílio. "Pedi e recebereis" é uma lei imperativa na terra dos espíritos.

PERG. Há alguns anos, um espírito tomou posse — penso que desta médium —, parecendo ter acabado de acordar para a consciência, e começou a falar de assuntos que se tinham passado há cem anos como se tivessem transcorrido ontem, parecendo totalmente inconsciente da passagem do tempo. Poderia ter estado inconsciente durante tanto tempo?

RESP. Certamente; isso está em perfeita harmonia com a lei. Estando paralisadas as faculdades espirituais ou órgãos do corpo espiritual, a alma, durante esse período, se permaneceu nesse corpo espiritual, não podia emitir nenhum dos seus poderes, não podia fazer

nenhuma exibição da sua presença. Estava virtualmente privada de todo o mundo, salvo o seu próprio pequeno mundo da alma, e portanto, onde a alma deixou os fios quebrados aqui, ao regressar à vida física novamente retomou-os, pela lei da necessidade, tal como os espíritos comunicantes fazem em circunstâncias semelhantes todos os dias.

PERG. As pessoas sofrem geralmente dor ou aflição quando estão a morrer?

RESP. Falando com verdade, estais todos a morrer, no presente momento, cada um de vós. Começais a morrer a partir da hora em que nasceis neste corpo físico; mas presumindo que o seu interrogador (ou o nosso) se refere à hora especial da mudança, no que respeita à alma ou espírito e ao corpo físico, tenho a dizer que, depois de o espírito começar a recolher as suas forças positivamente a partir do corpo físico, em preparação para o seu voo ascendente, ou ressurreição desse corpo físico, já não há sofrimento, sob quaisquer circunstâncias. Pode parecer haver, mas é tudo na aparência. Pode haver contorções violentas, mas não há sofrimento, e por esta razão: as forças que em condições ordinárias atuam sobre os nervos da sensibilidade retiraram-se dos nervos da sensibilidade em grande escala e estão a desempenhar outros deveres — deveres de desengatar o corpo espiritual do corpo físico, de cortar um a um os inúmeros fios que unem estes dois corpos; e quando o último é cortado, o espírito empreende o seu voo, ou nasce de novo. É um processo natural, e a Natureza de tal modo ordenou todas as coisas com sabedoria a este respeito que, depois de a alma ter passado além de um certo limite, não pode haver sofrimento, porque aí está desligada dos nervos da sensibilidade.

PERG. De que forma tomam os espíritos posse de um médium?

RESP. Há várias formas de controlar os nossos médiuns, mas a mais comum é o envolvimento do médium e o apossarmo-nos de todos os órgãos que desejamos usar. Às vezes ficamos afastados do médium e psicologizamos o cérebro, e forçamos o sujeito a falar o que

gostaríamos que falasse. Outras vezes, geralmente no caso da infância, o espírito é absorvido pelo médium e atua a partir de dentro e não de fora, como eu atuo neste preciso momento. 11 de abril.

PERG. Dará a inteligência a sua opinião relativamente à verdade da teoria ensinada pelo livro chamado " O Globo Oco; ou, O Agitador e Reconciliador do Mundo"?

RESP. É nossa opinião que não há muita verdade contida nessa teoria; na verdade, duvido que haja alguma. A experiência e as demonstrações da ciência provam o contrário, e provam que esta teoria é mera especulação — nada mais.

PERG. Há alguma verdade na ideia bíblica de que "o salário do pecado é a morte"?

RESP. Sim, uma verdade muito grande; morte para o pecado — de modo algum especialmente para o pecador. Todo o pecado está especialmente relacionado com o corpo físico e nada tem a ver com a alma, exceto num sentido secundário. O pecado morre — o mesmo acontece ao corpo. Aqueles que são chamados pecadores continuam a viver, para todo o sempre.

PERG. O que é o pecado?

RESP. O pecado é habitualmente definido como sendo uma violação da lei. Eu não o entendo assim. O pecado, para mim, é a tentativa de violar a lei, estando nós, por razão da nossa ignorância ou imaturidade, num estado de desarmonia com a lei; e portanto a lei atua severamente sobre nós, e continua a atuar assim até que o pecado esteja morto.

PERG. Pode a inteligência informar-nos por que razão tantos — mesmo aqueles que soubemos terem levado vidas boas e morais — são chamados a sofrer tanta tortura precisamente antes da dissolução?

RESP. Invertendo esta chamada "frase sagrada", tem a chave para tudo: O tédio do Senhor é o início da ignorância. Sei que se lê: "O temor do Senhor é o início da sabedoria", mas eu discordo disso. "O temor do Senhor é o início da ignorância." A ignorância traz-nos todo

o nosso sofrimento. A ignorância do poder Divino que governa na vida da alma e na vida terrena, que governa em todo o lado, sob todas as circunstâncias, produz o medo da morte; e isso, por sua vez, produz no corpo e na alma um sofrimento intenso. Mergulha-os, temporariamente, no inferno; e quando a humanidade amar mais a Deus e O temer menos, desfrutará mais e sofrerá menos.

PERG. Há alguma boa razão para supor que esta terra possa não continuar a existir por eras vindouras e ser habitada, como agora, pelo homem e pelas ordens inferiores da criação?

RESP. Há uma razão muito boa para supor — aliás, para saber — que ela deve continuar, quase no seu estado atual, por milhões de anos vindouros, tornando-se bela, tornando-se cada vez mais perfeita, mas muito gradualmente.

PERG. Por que razão os Espiritualistas ignoram a divindade da Bíblia?

RESP. Porque são pessoas sensatas nesse ponto. Eles ignoram a divindade da Bíblia num sentido especial; mas duvido que haja algum entre eles que vá ao ponto de lhe dizer que a Bíblia não é tão divina como qualquer outro livro; pois é-o. Eles sabem que assim é. Foi-lhes ensinado que o é por inteligências superiores, nas quais acreditam.

PERG. (Do público.) Há histórias maiores nela do que em qualquer outro livro que eu alguma vez tenha encontrado.

RESP. A Bíblia contém uma grande maioria daquilo que é totalmente falso e que para nada presta; mas contém o suficiente de verdade — do ouro fino — para lhe dar um lugar no nosso amor e a recomendar ao nosso respeito. Robert B. Thomas, ao compilar o seu almanaque, cometeu muitos erros, como a Natureza e a ciência provam; e contudo a divindade do livro não deveria de modo algum ser ignorada ou descurada por causa dos erros. Nunca houve uma linha escrita que não fosse divinamente inspirada, não me importa qual fosse essa linha. Toda a inteligência é de origem divina; é a inteligência que escreve os vossos livros.

PERG. Por favor, explique como é possível que os espíritos possam ser fotografados.

RESP. Eles primeiro submetem-se a um processo químico que é análogo ao processo de galvanismo. São mergulhados — se me permite a expressão — num banho de certos produtos químicos, que serão mantidos em solução apenas durante um tempo muito curto, porque são retirados do ar, e o ar reabsorve-os muito rapidamente; mas o espírito pode mantê-los em forma pelo tempo suficiente para se impressionar na placa sensível. O uso de um médium é necessário como condensador.

PERG. (Do público.) Há poucas semanas, notei que foi feita aqui uma pergunta: "As fotografias de espíritos são autênticas?" e a resposta foi: "Algumas são, e outras não." Como devemos entender isso?

RESP. Deve entender que os artistas espirituais nesta vida por vezes cometem fraudes contra si; simplesmente isso, e nada mais.

PERG. Por que razão os pecadores são punidos apenas por tentarem pecar, sem poderem consumar o pecado?

RESP. Porque estão em antagonismo, aí, com a lei, e há um atrito gerado entre a lei e eles próprios. É extremamente desagradável para eles, mas não magoa nem quebra a lei. Aquilo que é uma lei não pode ser quebrado. 15 de abril.

PERG. (De um correspondente.) São dadas muito frequentemente mensagens aqui de crianças, que falam do seu lar atual, mencionando apenas que é agradável, e geralmente dizendo-nos que vivem com algum parente, conhecido da pessoa a quem a mensagem é enviada. Descreverá um lar espiritual, os seus arredores, divertimentos, ocupações, e dar-nos-á alguma ideia da sua localização?

RESP. Não; mais valia pedir-nos para descrever Deus. As coisas do espírito devem ser espiritualmente compreendidas. Ora, espera-se que, se eu der uma descrição, dê uma descrição precisa, ou nenhuma de todo. Não o posso fazer. Posso apenas ir até onde outros foram, ao

declarar que estes lares são belos, ao dizer que são realidades tangíveis, que são moradas cercadas pelo que há de belo na natureza, talvez por árvores, água, arbustos, flores.

Tudo o que constitui um belo lar rural aqui, geralmente constitui a beleza de um lar espiritual, e contudo estes lares espirituais estão tão além dos vossos lares terrenos em beleza que seria impossível dar-lhe uma descrição precisa deles. Nenhum espírito jamais o fez; nenhum espírito o pode fazer.

PERG. (Do público.) Até que ponto é o homem um agente livre, enquanto num corpo material?

RESP. Precisamente até ao ponto em que atua em consonância com a lei desse corpo e com a lei que governa no universo, e não mais além. Quando ele atua em antagonismo com a lei, descobre subitamente que não tem livre-arbítrio; e quando algo transparece para o trazer para uma condição inimiga da lei, então, nesse aspeto, ele não é um agente livre. Por exemplo: um homem cai e parte uma perna. Ele deseja que essa perna esteja sã; ele lamenta que o acidente tenha acontecido. No que a isso diz respeito, o seu livre-arbítrio está perdido; ele tem de esperar pelo tempo e pelas circunstâncias para reparar o dano, nada mais o pode fazer.

PERG. Não somos todos criaturas do destino — fado, como lhe chamamos?

RESP. Assim o creio, porque estamos todos nas mãos de Deus, que lida connosco como Lhe apraz.

PERG. A segurança de um homem depende de certo modo da sua previdência, ou do seu poder para se guardar contra acidentes, não é verdade? É mais um agente livre aquele que melhor pode evitar estes acidentes.

RESP. Sim; o antigo ditado "homem prevenido vale por dois" é uma verdade. Se não houvesse limite para o seu livre-arbítrio, seriam todos homens ricos, cada um de vós. É uma sorte para vós que haja um limite, porque na vossa ignorância iriam longe demais; agarrariam

demasiado, e isso afundar-vos-ia, em vez de vos elevar na escala do ser. Há uma sábia providência em todas as coisas, e ela é demonstrada mais belamente nesta lei do livre-arbítrio.

PERG. Algumas pessoas nesta vida têm uma abundância de coisas durante toda a sua vida; outras não têm nada senão sofrimento. Isto não faz nenhuma diferença na vida espiritual?

RESP. Sim, faz uma diferença muito grande. A antiga história do "homem rico e Lázaro" devia transmitir-lhe uma grande verdade. As riquezas trazem ao possuidor essas condições sórdidas que são inimigas da felicidade após a morte. Não há mais do que um em cada cem que consiga escapar a estas condições sórdidas. Tenho visto raras exceções, mas são muito raras. Ora, então, se não tiver estas riquezas, as probabilidades são de que estará mais bem preparado para desfrutar da felicidade da terra dos espíritos — de que se erguerá a uma condição mais elevada nessa terra dos espíritos do que se as tivesse.

PERG. Quer transmitir a ideia de que a maioria das pessoas ricas se encontra numa má condição do outro lado?

RESP. Sim; numa condição extremamente deplorável. O vosso Jesus ensinou-vos muitas verdades, uma das quais é que as crianças pequenas são do reino dos céus. Elas alcançam sempre um lugar de suprema felicidade após a morte; e porquê? Embora possam ter sido cercadas pela riqueza desta vida, contudo estiveram intactas em relação a ela; não foi delas; não se envolveram com ela; não a cobiçaram; teriam ido de boa mente para fora dela brincar com uma criança pobre nas vossas estradas como teriam permanecido nas vossas moradas de luxo. Assim, esta riqueza não teve qualquer efeito sobre elas. Elas erguem-se sempre a um estado espiritual elevado e feliz na terra dos espíritos; entram sempre no céu. Oxalá pudesse dizer o mesmo de cabeças mais velhas. 16 de abril.

PERG. Pode haver uma organização bem-sucedida e permanente para o bem humano, a ser desenvolvida na vida terrena, apenas na medida em que a mesma seja primeiro organizada no mundo espiritual?

RESP. Não; isto é, todo o bem deve primeiro nascer do espírito. Aqueles que ascenderam na vida podem ter uma visão melhor das circunstâncias da vida e saber melhor como inaugurar condições para o bem; e assim elas são inauguradas e transmitidas a vós, e vós recebeis a bênção e os frutos das mesmas.

PERG. A inteligência controladora, na última segunda-feira, disse que havia um corpo no mundo espiritual como o Congresso Espiritual, do qual Francis Wright era o Secretário-Geral, e prometeu, se assim fosse desejado, noutra altura dar-nos alguns pormenores desse corpo... Dar-nos-á a inteligência, hoje, alguns desses pormenores? Informar-nos-á sobre alguns dos atores proeminentes nesse corpo? Também se ele tem, na vida terrena, um agente comunicante geral, ou médium? Também o nome desse agente? Também se um livro, intitulado "The Educator", publicado nesta cidade há cerca de dezassete anos, é um expoente, em parte, dos seus princípios e propósitos e planos de ação, e tais pormenores adicionais que esteja disposto a dar?

RESP. Bastante para ocupar mais tempo do que aquele que temos ao nosso dispor; no entanto, dar-lhe-emos uma breve audição. A organização na qual Francis Wright está interessado, e da qual é dirigente, é uma organização dedicada à reforma, dedicada a reunir os melhores agentes ou meios pelos quais inaugurar várias reformas na terra — uma reforma, por exemplo, na temperança, na guerra, na justiça nos seus vários departamentos; na verdade, com todas as reformas que estão a ter lugar na terra este Congresso de Espíritos tem algo a ver.

Propõe, creio, como poder básico, derrubar a Antiga Teologia e inaugurar, em seu lugar, uma religião liberal e natural, algo que vá ao encontro das exigências de todas as eras; algo que cresça — que não precisa nem pode ser colocado em pergaminhos, pois estes não crescem; mas algo que crescerá à medida que as sociedades crescem, à medida que os povos crescem, à medida que as terras crescem, e assim responderá às exigências de todos os tempos.

PERG. Não pode Theodore Parker tornar a sua presença nestas sessões inequívoca mesmo para os duvidosos e caviladores?

RESP. Não; nem o faria se pudesse. Aqueles que são mais intuitivos sabem que Theodore Parker está aqui hoje. Eles têm o testemunho nas suas próprias almas. Eu não preciso de o dar. Para aqueles que não são intuitivos nessa direção ou noutras direções espirituais, de nada serviria se eu estivesse aqui no meu corpo espiritual, materializado de modo a que pudessem ver-me. Seria "uma fraude" para eles. Tenho algo melhor a fazer do que atender à curiosidade. Lido mais com princípios do que com personalidades. Pode vir o tempo em que tenha de lidar mais com personalidades, mas não no presente. Já disse que virá o tempo em que estarei na plataforma do Music Hall e falarei, de modo a poder ser visto. Assim o farei, mas não posso dizer quando.

PERG. [Do público.] Dará os nomes de alguns que pertencem ao Congresso antes mencionado na vida espiritual?

RESP. Sim. Eu próprio pertenço a ele. John A. Andrew pertence a ele, John Howard pertence a ele, o Dr. Rush, o Dr. Fisher, o Dr. Rufus Kittridge e o Dr. John Francis pertencem todos a ele. O mesmo acontece com o Dr. Heman, o Dr. Argyle e o Dr. Fontaine.

PERG. Thomas Paine tem algo a ver com isso?

RESP. Sim. Thomas Paine é o Presidente do mesmo. Tenho orgulho em dizer que ele é o Presidente, e um presidente capaz ele é, também.

PERG. É "The Educator" um expoente dos princípios que governam esse corpo?

RESP. É certamente.

PERG. É Ben Franklin um membro?

RESP. É.

PERG. Um correspondente na Califórnia pede uma opinião sobre o artigo publicado no *Banner* de 4 e 11 de abril, intitulado "Viagens

Clairvidentes no Hades", dando em detalhe a condição das pessoas ali encontradas que pareciam não ter ideia de que se tinham separado dos seus corpos terrenos. Gostaria de saber se a história é baseada na verdade e qual é a filosofia da mesma?

RESP. É. A filosofia é natural, e a verdade é natural. A história pode estar um pouco colorida, mas no essencial é verdadeira. 7 de maio.

PERG. [Do público.] Fomos informados numa sessão anterior de que havia uma associação como um Congresso Espiritual, do qual Francis Wright era Secretário. Gostaríamos de perguntar se ele tem algum plano ou movimento específico na terra, que esteja e tem vindo a procurar desenvolver?

RESP. Sim, acredito que tem um a que chama uma especialidade, embora tenha ramificações que se estendem a todas as reformas.

PERG. Pode dar-nos o nome desse movimento?

RESP. Não, porque não me é permitido fazê-lo. É um trabalho levado a cabo, no essencial, em silêncio e em segredo.

PERG. Então, se não pode dar o nome, daria a localização na terra e o nome do comunicador?

RESP. Isso seria permitido em privado, mas não em público.

PERG. Através desta médium?

RESP. Contanto que pudesse obter uma audiência com ela.

PERG. É o objetivo deste Congresso esclarecer as mentes dos homens?

RESP. O objetivo deste Congresso é impulsionar todas as reformas na terra. Tudo o que tem uma semente de bem em si — que será para o bem supremo da raça —, entra na categoria de reforma. É função deste Congresso impulsioná-lo através de coadjuvantes mortais. 11 de maio.

PERG. Quando o corpo de uma mesa, ou de uma flor, se decompõe, e o espírito regressa à vida atmosférica, ele passa em seguida para uma forma superior de uma ordem diferente?

RESP. Não, não imediatamente, certamente, pois há um número infinito e uma variedade de gradações numa forma, através das quais a alma dessa forma deve expressar-se a fim de cumprir a lei; mas, tendo cumprido essa lei, então a sua vida passa para uma forma mais elevada e cumpre a lei dessa forma, e assim sucessivamente, através de um número infinito de formas.

PERG. A alma que finalmente se torna homem passa pelas formas inferiores de vida antes de se tornar a alma do homem?

RESP. É minha crença que sim, caso contrário não poderia ter domínio sobre a matéria. A alma só pode obter poder sobre a matéria passando por ela.

PERG. [De N. Crosby, East Brewster.] Notei no *Banner* de 7 de fevereiro que a inteligência controladora localiza o mundo espiritual a cerca de sessenta e cinco biliões de milhas da terra. Informar-nos-á a inteligência controladora que extensão de tempo seria necessária para percorrer essa enorme distância?

RESP. O espírito não passa de matéria sublimada, e matéria, afinal de contas; portanto, requer um determinado tempo para que esse corpo de matéria, ou espírito, passe de um ponto para outro. O tempo necessário depende em grande parte da força ou da vontade do espírito, e do seu conhecimento dos elementos através dos quais tem de passar; dos poderes universais com os quais tem de lidar. Alguns espíritos podem passar pelo espaço mais rapidamente do que outros; alguns acham-no extremamente difícil, porque não sabem como tirar o melhor partido das correntes e correntes cruzadas de vida magnética e elétrica que encontram.

Sendo assim, se eu dissesse ao seu correspondente: "Posso deixar este lugar e estar na minha própria vivenda em Spring Garden City em cinco segundos do tempo terreno", não deve supor que todos os outros espíritos podem fazer a mesma coisa, apenas que eu o posso fazer.

Estas vontades humanas, no mundo espiritual, são os cavalos velozes ou lentos que se tem de conduzir. E agora, uma palavra relativamente a este mundo espiritual. Foi dito que ele está aqui, ali e em todo o lado. Bem, de um modo geral, está; mas quando se fala absolutamente do mundo espiritual propriamente dito, eu localizá-lo-ei a cerca de sessenta e cinco biliões de milhas do planeta Terra.

É um planeta espiritual, a girar sobre o seu próprio eixo, em redor do seu próprio sol espiritual, e no seu próprio sistema solar espiritual, e está sujeito a leis tão perfeitas como as leis que governam no sistema solar físico que entra no alcance do sentido humano; e, no entanto, onde quer que um espírito possa existir, aí, em grau, está um mundo espiritual, mas não o planeta Espiritual propriamente dito desta terra material.

PERG. Há um corpo ou uma associação na vida espiritual conhecida como "O Congresso"? Em caso afirmativo, qual é o seu caráter?

RESP. Há um tal corpo — na verdade, há muitos assim, pois o mundo espiritual está dividido e subdividido em repúblicas. Eu esperaria, e de facto apraz-me dizer, que esse Congresso no mundo espiritual é diferente do daqui, pelo facto de as coisas serem ordenadas no plano da justiça, da igualdade, da verdade. Ninguém entra nesse Congresso Espiritual para se engrandecer a si próprio, ou para meter ao bolso os fundos, pois não há nenhumas verbas para meter ao bolso.

Aquele que fizer mais pelo bem geral será aprovado e promovido; portanto, há algo de competição no mundo espiritual nestas coisas, tal como aqui, mas é levada a cabo de forma diferente. Ninguém deita abaixo o seu irmão para que possa subir mais alto, mas cada um confia nos seus próprios méritos, nos seus próprios poderes para fazer o bem e para ser o representante da verdade, da justiça e do amor.

PERG. [Do público.] Não é isso virtualmente verdade para todas as pessoas aqui, bem como lá, que são promovidas de acordo com o seu real mérito?

RESP. Não, enfaticamente Não. Penso que nunca foi ao Congresso.

PERG. Sabe de um tal corpo chamado Congresso, do qual Francis Wright é Secretário-Geral?

RESP. Sim, sei.

PERG. Dará o caráter dos seus membros?

RESP. Não, não posso. Poderá propor essa pergunta em alguma outra altura, e eu informar-me-ei e serei capaz de lhe responder. [Ver o próximo *Banner* para uma continuação deste assunto.]

PERG. [Do público.] Estava a falar de um mundo ou domínio espiritual aquém do verdadeiro mundo espiritual, a muitos milhões de milhas de distância. De que forma podem os espíritos existir aquém do mundo espiritual?

RESP. Como existe você?

PERG. No físico?

RESP. Puramente? Não é você um espírito hoje, tanto quanto alguma vez o será?

PERG. Não o perceciono nesse sentido.

RESP. Não, certamente que não. Você vive agora no mundo sensório: esse está na ascendência; mas você é um espírito, não obstante. Não daria muito por si se não o fosse. Ora, então, se o é, o grau em que vive aqui nesta vida é, para si, um mundo espiritual.

PERG. A que distância da terra estão as chamadas segunda e terceira esferas?

RESP. Não reconheço as esferas como estando localizadas a qualquer distância particular. Para mim, são estados de inteligência, graus de felicidade ou miséria, conforme o caso. Estas são as esferas do mundo espiritual, e estão nesse mundo espiritual de que lhe tenho estado a falar; e, em grau, estão aqui consigo. Estas esferas,

compreenda o que digo, não as entendo como sendo localizações — simplesmente condições da mente ou do ser.

PERG. Então estão aquém do verdadeiro "mundo espiritual"?

RESP. Pertencem à vida individual e estão onde quer que o indivíduo esteja localizado. Você tem a sua esfera espiritual consigo. Leva-a consigo para onde quer que vá. Eu tenho a minha comigo; todos os outros têm o mesmo.

PERG. Então dar-nos-ia a informação de que estamos a viver no mundo espiritual hoje?

RESP. Em certo grau está, certamente.

PERG. Não tão conscientes disso como seremos quando passarmos para fora do corpo?

RESP. Oh não, porque, como diz São Paulo, "vedes através de um espelho, sombriamente"; por outras palavras, estais limitados pelo sentido físico e não podeis transcender isso. 4 de maio.

PERG. [De H. J. K., Braintree, Vt.] Como pode uma bateria ser usada para ajudar o desenvolvimento? E é este método de alcançar a mediunidade inteiramente seguro?

RESP. Há um tipo de mediunidade que é toda de arte e nada de natureza. Esse tipo é produzido dessa forma, por esses meios. Há outro tipo que vem sobre o médium no ventre da sua mãe. Esse é natural; dá bons frutos. É genuíno, e dá-lhe frutos correspondentemente bons.

PERG. [De V. Shuler.] Qual é o princípio fisiológico do crescimento das plantas?

RESP. As plantas vivem e crescem a partir de centros polares, positivo e negativo, tirando do inferior e do superior, da atmosfera, do solo, e centralizando o que ganham nas suas próprias vidas interiores e irradiando-o para fora de acordo com a lei sob a qual têm existência. Talvez seja o lírio, talvez a rosa, ou talvez o cardo, mas todas elas desenvolvem os seus poderes a partir de dois centros polares — sendo

estes centros polares os poderes motores que recolhem para a planta, e dão para fora depois de terem recolhido.

PERG. No *Banner* de 21 de março, diz que os cientistas na vossa vida pensam muito do ato de tomar sangue fresco e quente para a cura de doenças definhantes. Isto traz-me à memória uma superstição neste país, de que se uma criança for colocada nua dentro de um boi acabado de matar, e permanecer lá durante algum tempo, escapará a todas as doenças contagiosas na vida futura. Qual é a sua opinião sobre isto?

RESP. Não tenho nenhuma, portanto não posso dar nenhuma.

PERG. Falam-me de casos de cura rápida do chamado "tumoração branca", ou doença escrofulosa da articulação do joelho, matando um cãozinho novo ou um gato, removendo apenas os intestinos e aplicando a carcaça quente sobre o ponto, e deixando-a lá até que a putrefação se instale. Por favor, expresse a sua opinião sobre este método?

RESP. Que certas doenças podem ser curadas, e têm-no sido, ao longo de todas as eras remotas, pela introdução da força curativa de um novo e mais poderoso princípio de vida, é um facto bem estabelecido. Ora, esta força curativa, este princípio de vida, existe amplamente em certos animais — no gato, na ovelha, no lobo, no urso e em alguns outros, mas nestes tem a predominância; e algumas doenças podem ser curadas onde a força magnética pode ser passada da criatura morta para aquela que está doente.

PERG. Sou impelido a pensar que o comer carne e coisas que perderam o princípio vital tem uma tendência maior para promover a doença (especialmente febres) do que o tomar ovos e fruta e tais vegetais que ainda contêm esse princípio. Qual é a sua opinião?

RESP. Sim, há uma verdade nisso, e contudo há algumas constituições que em breve cairiam na morte se privadas de carne.

PERG. Sou grandemente oposto à "vacinação", como é praticada para prevenir a varíola, mas as estatísticas mostram vastamente menos

mortalidade desde a sua introdução do que antes; por exemplo, na Suécia, quarenta anos antes da vacinação, de cada milhão de pessoas morriam anualmente duas mil e cinquenta — após a vacinação apenas cento e cinquenta e oito. Em Berlim, antes, três mil quatrocentas e vinte e duas — depois, cento e setenta e seis. Em Paris, antes da vacinação, oitenta em cada cem; depois, quatorze a dezasseis. Estes factos parecem favoráveis à prática. Qual é o seu julgamento sobre isto?

RESP. Mas o seu questionador não lhe diz quantos daqueles que escapam à varíola são apressados para a tuberculose e outras doenças piores do que a varíola, porque mais prolongadas. Que ele investigue mais e descobrirá que o veneno introduzido no sistema para manter afastada a varíola gera a tuberculose, e todas as várias febres malignas conhecidas na prática médica.

Ele não precisa de vir a mim perguntar se isto é uma verdade ou não. Vá aos registos nas terras antigas e eles dir-lhe-ão. Vá aos hospitais — vá onde fizeram desta matéria um estudo. Os seus registos mostrar-lhe-ão que a varíola foi apenas mudada para tuberculose, e para as várias febres malignas que amaldiçoam a humanidade, e, pior do que isso, em alguns sistemas este veneno permanece enquanto a vida dura e é constantemente um poder perturbador. Maio, 5.

PERG. É possível para o espírito que habita uma forma mortal dar uma comunicação através de um médium que está, nessa altura, a centenas de milhas de distância, e contudo não estar consciente de o ter feito?

RESP. Que tal pode ser feito, sabemo-lo; mas, para dar uma explicação adequada, teríamos também de dar uma demonstração, o que é impossível nas presentes circunstâncias.

PERG. Por que razão é tão grande a porção de Espiritualistas de uma classe que não é admitida na sociedade respeitável, estando inclinada à licenciosidade e vícios semelhantes? Não entenda que pretendo transmitir a ideia de que estes males não entram nas igrejas,

pois sei perfeitamente que entram; mas por que razão deveriam os Espiritualistas, como um todo, ser uma sociedade de segunda ou terceira classe?

RESP. Os seus livros sagrados dizem-nos que Cristo veio não para chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento; e eu digo-lhe que este Espiritualismo Moderno é a segunda vinda do espírito de Cristo; e novamente vem não para chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento; e quão bem eles responderam ao chamamento não preciso de lhe dizer — os seus registos mostrar-lhe-ão.

Eles vieram de cima dos montes da terra em todo o lado; de dentro das covas de infâmia eles vieram, como tantos ratos das suas tocaiazinhas, e receberam a luz com alegria. Enquanto outros que estão afastados, envoltos no manto da sua própria ignorância, falham em receber estas verdades espirituais, estes das camadas mais baixas da sociedade receberam-nas: Cristo veio novamente para chamar os pecadores ao arrependimento. O povo comum, dizem-lhe os seus livros sagrados, ouvia-o de boa mente noutros dias; e eu digo-lhe, e os seus registos dizem-lhe, o povo comum ouve-o de boa mente nestes dias. 28 de abril.

PERG. [De J. D. M.] Pareceria, de acordo com os ensinamentos das inteligências controladoras nas vossas sessões, que os espíritos, depois de terem deixado o corpo, perdem todo o conhecimento da matéria bruta, das formas físicas brutas como existem nesta terra. A matéria bruta é aniquilada para os seus sentidos, e eles percecionam apenas o espírito das formas com as quais possam entrar em contacto; o espírito do ramo de flores, da mesa, do homem ou da mulher, da casa ou da paisagem, das montanhas e dos vales da terra. O espírito apenas é o real, o tangível para eles. Como é, então, que eles podem passar através destas, para eles e para nós, substâncias sólidas?

RESP. Estou sem saber como o seu correspondente obteve tal teoria daquilo que tem sido ensinado neste lugar. Não tenho conhecimento de que qualquer espírito tenha alguma vez dito que os

espíritos não tomam conhecimento da matéria bruta, pois sei o contrário. Sei, também, que eles têm uma visão mais clara do corpo espiritual do que do corpo externo, daquilo que é o real, o duradouro. Sei também que a matéria bruta só pode ser claramente discernida por eles através dos sentidos materiais, mas eles têm facilidades inumeráveis, por todo o mundo, para tomar conhecimento da matéria bruta.

PERG. [Pelo mesmo.] Podem os espíritos passar através de montanhas sólidas e penetrar até ao centro da terra, bem como até regiões remotas do espaço?

RESP. Sim, podem, porque não há nada absolutamente sólido na natureza. O espírito pode tão facilmente passar pelas interstícios da matéria como os vossos corpos podem passar pelas vossas portas ou pelas vossas janelas. O espírito, como espírito, compreende as leis da matéria muito melhor quando ascendeu ao segundo estado do que quando aqui; e, compreendendo-as, tira partido delas, e pode passar através do que parece aos vossos sentidos ser granito sólido tão facilmente como vós passais pela atmosfera desta sala.

PERG. [Pelo mesmo.] O espírito do ramo de flores ou da mesa desaparece ou dissolve-se no nada quando é destruído pelo fogo, ou passa pelo curso natural da decomposição?

RESP. Não; a flor que se decompõe aqui está a florescer em beleza ali, porque a flor tem uma vida tripla — corpo, espírito e alma; portanto é projetada de uma esfera de existência para outra, mudando de formas, contudo, à medida que entra sob novas leis, e preservando através de tudo a sua própria identidade especial como flor.

PERG. [Pelo mesmo.] O espírito que é atuado pela mente, pela reflexão e inteligência, e a que podemos chamar consciência, é superior a — tem algum poder sobre — a matéria desprovida de alma ou inteligência?

RESP. Não, certamente que não. A mente não passa do espelho através do qual a alma se reflete a si própria. A reflexão corresponde à capacidade do espelho.

PERG. [Pelo mesmo.] A matéria bruta que é unicamente tangível aos nossos sentidos físicos humanos é uma não entidade para os espíritos?

RESP. Não. 30 de abril.

PERG. (De um correspondente.) Queira a inteligência controladora dizer-nos se, nesta teoria da reencarnação, a alma pode tomar qualquer forma que lhe agrade, ou se está sujeita a uma lei e obrigada a tomar a forma que lhe é dada?

RESP. O Espiritualismo, através dos seus espíritos ministradores, tem-vos ensinado, pelo menos no último quarto de século, que vós sois todos, sob todas as circunstâncias, sujeitos à lei. Assim, pois, a alma não pode escolher a forma que lhe apraz. Ela não tem qualquer palavra a dizer sobre a matéria. A lei Infinita dirige as condições finitas e aperfeiçoa-as, e traz todas elas para condições gloriosas na vida infinita.

PERG. Em resposta a uma pergunta feita no Círculo do *Banner*, há cerca de seis meses, foi afirmado que "os vários elementos que passam da terra por evaporação, decomposição e combustão vão constituir entidades vivas". Qual é a natureza, condição e destino dessas "entidades vivas"?

RESP. Elas são corpos, ou formas, ou condições, ou organismos espirituais; e é da sua natureza mudar, agregar a si próprias novas propriedades e despojar-se das antigas, mover-se através da matéria, recolhendo aquilo de que têm necessidade e dispondo daquilo de que não têm necessidade.

PERG. A combustão do carvão é comparativamente de data recente, mas a quantidade queimada é enorme. Qual é o efeito mais notável decorrente disto, no reservatório de elementos que passaram da terra?

RESP. A combustão do carvão tem tendência a assimilar mais perfeitamente, na vida atmosférica, o mineral e o vegetal, sendo o

carvão por si mesmo mineral e vegetal. Sei que se declara ser exclusivamente vegetal, mas sei também o contrário. 23 de abril.

PERG. [De M. Ryerson, Newark, N. J.] O que adquire a alma ao passar pelo corpo humano?

RESP. Seria impossível dizer. Adquire uma experiência inerente à matéria; adquire uma experiência no sofrimento, no desgosto, no prazer e na dor, e nessas variedades infinitas que compõem uma vida humana.

PERG. O que conduz os processos químicos no estômago humano ao fim definitivo de construir um corpo humano e a vida da alma?

RESP. Os polos positivo e negativo do corpo humano. Eles são os senhores supremos a esse respeito.

PERG. Desejo perguntar à inteligência controladora por que razão, em dietética, nada se encontra que engorde o homem como o homem engorda o animal?

RESP. Contesto inteiramente a posição do seu correspondente. O homem, falando fisicamente, não passa de um animal e, portanto, está sujeito às leis da vida animal e, sob as mesmas condições, pode ser engordado tão bem como qualquer outro animal.

PERG. [De J. L. M.] É afirmado nas Perguntas e Respostas de 26 de maio de 1868 que, quando as pessoas estão sujeitas a ataques de loucura, uma pessoa pode ter o poder de controlar os ataques com um olhar e um comando, enquanto outras não o conseguem, simplesmente porque essa pessoa está em sintonia magnética com o sujeito e as outras não. O sujeito é recetivo à vida magnética de uma e não da outra. Sendo este o caso, não seria possível para os amigos da pessoa sujeita a ataques de loucura procurarem uma pessoa que tenha a vida magnética necessária e manterem o sujeito perto dessa pessoa, para que o controlo pudesse ser sempre exercido prontamente, evitando assim muito sofrimento e perturbação?

RESP. Essa é uma condição que poderia ser obtida, certamente, mas com grande trabalho e alguma despesa. 27 de abril.

PERG. [De W. Wiggin, Cidade de Nova Iorque.] São os outros planetas que compõem o sistema solar habitados por seres semelhantes aos habitantes da terra? Se habitados por seres como os da terra, quão adiantados estão em conhecimento, julgando a partir do ponto de vista terreno do conhecimento?

RESP. Todos os planetas são habitados, alguns por uma classe de inteligências, outros por outra. Ora, aqueles que atingiram cerca da idade da terra correspondem, na vida habitável, aos habitantes da terra; mas aqueles que tiveram uma experiência mais longa, que são mais antigos, são habitados por uma raça superior de seres. Quanto mais antigo o planeta, mais perfeitas as suas produções.

PERG. Podem os espíritos desencarnados ir para onde lhes apraz; por exemplo, para qualquer parte do universo?

RESP. Não, não podem, porque estão sujeitos à lei, e podem às vezes "agradar-se" de desejar ir não em conformidade com a lei, e então encontrarão algo maior do que eles próprios e serão derrotados nos seus propósitos.

PERG. Tem uma pessoa, ao longo de toda a sua vida terrena, um ou mais espíritos protetores? E como e por quem são eles designados?

RESP. Os espíritos protetores são designados pela lei da atração. Não conheço ninguém, na terra, que não tenha os seus espíritos protetores especiais. Por isso quero dizer: que não atraia a si próprio certos espíritos desencarnados que velam por ele e fazem tudo o que podem para o defender do perigo e o aliviar do desgosto. Estes espíritos são designados pela lei. Eles vêm em resposta à necessidade do indivíduo. Não sabemos dizer por que razão assim é, mas vemos que é...

PERG. Se A ama B, e B não retribui, mas A continua a amar B, como terminará a matéria? Deve A amar sempre e nunca ser amado em retorno?

RESP. Talvez sim. Isso dependerá em grande parte do poder de A para atrair B nessa direção, para cultivar esses germes de amor dentro de B que estão à espera de cultivo. Ele pode nunca ser capaz de o fazer, ou pode ser capaz de o fazer. Ora, isto pode parecer um assunto injusto e unilateral; e contudo, quando devidamente considerado, não o é.

PERG. Quando uma pessoa deseja beneficiar os seus semelhantes, terá ela algum dia a oportunidade de o fazer?

RESP. Sim, certamente. Nenhum desejo tão honroso nasceu jamais numa alma humana para ser extinto sem utilidade.

PERG. Estão os espíritos desencarnados, reencarnados, conscientes das suas várias experiências terrenas?

RESP. Nem sempre; às vezes estão.

PERG. Se Platão ou qualquer outra pessoa notável se torna uma pessoa simples, sem instrução, através da reencarnação, quando regressa à vida espiritual pela segunda vez, regressa à esfera em que estava antes da reencarnação, ou tem de progredir de novo como uma pessoa simples, sem instrução? Ou, por outras palavras, o espírito conhecido como Platão deixa de ser conhecido por esse nome? Ou pode um homem branco civilizado tornar-se um selvagem africano?

RESP. A alma, na sua passagem pela matéria, está constantemente a agregar a si própria novas qualidades de poder. Estas qualidades de poder ela nunca as perde. Elas podem estar num estado inativo, inerte, durante milhares de anos, mas não perdidas. Um Platão, como Platão, pode adormecer no físico de um lavrador e nunca ser capaz de emitir através desse físico as ideias gloriosas e poderes ganhos como Platão; contudo, deixe-se esse físico deteriorar-se, e então o corpo espiritual retém esses elementos intactos, e pode usá-los e usá-los-á...

PERG. Terá a terra alguma vez uma religião universal? Em caso afirmativo, dentro de quanto tempo?

RESP. É a crença da maioria dos espíritos inteligentes que a terra terá uma religião universal; mas dentro de quanto tempo, acredito que ainda não foi determinado.

PERG. No livro de João, capítulo 8, versículos 56, 57, 58, encontramos estas palavras: "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o e alegrou-se. Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão? Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão fosse, Eu sou." Queira o espírito controlador explicar o significado destas citações?

RESP. Um reconhecimento de uma reencarnação anterior; simplesmente isso e nada mais. 21 de abril.

PERG. [De W. H. R.] Sendo parte numa controvérsia sobre se os bebés, deixando a vida terrena antes de concluído o período de gestação, se tornam como os outros espíritos ao chegarem à terra de verão, desejo perguntar à inteligência controladora a esse respeito?

RESP. A alma toma uma individualidade distinta e é distintamente conjungida à matéria na conceção; e a partir desse ponto continua ao longo de eras sem fim, aperfeiçoando-se através da matéria e, por sua vez, aperfeiçoando a matéria.

PERG. Queira o poder controlador informar-me que rumo seguir a fim de ter algum espírito em particular a comunicar comigo num destes círculos, através da Sra. Conant?

RESP. Não conheço nenhum caminho que assegure o sucesso. Às vezes o mero desejar da coisa traz o espírito aqui e ajuda-o a comunicar; e, noutras alturas, tudo o que se possa fazer em qualquer direção é inútil. Depende da condição do espírito e da condição do médium; da condição do público, da condição da atmosfera; e há muitas outras condições contingentes para o regresso perfeito de todo e qualquer espírito.

PERG. Na Secção de Mensagens do *Banner of Light*, no último mês de outubro, apareceu o seguinte: "Todos e cada um dos animais

têm uma alma e uma existência futura." Devemos inferir que as feras selvagens e os insetos estão incluídos nessa afirmação?

RESP. Sim; certamente; e mais do que isso. Esta mesa tem a sua alma; essa carta tem a sua alma; essa gema tem a sua alma [apontando para a mesa do círculo, para a carta do interrogador e para um anel]; a flor tem a sua alma; tudo tem a sua alma que tem uma existência. Toda a existência depende da alma e sem ela não poderia ser. O seu correspondente faria melhor em ler a obra do Prof. Denton intitulada "A Alma das Coisas". Irá esclarecê-lo um pouco.

PERG. No mesmo número do jornal afirma-se que "alguns espíritos comem alimento animal". Onde e como o obtêm?

RESP. Sob circunstâncias semelhantes àquelas em que é obtido aqui. Há florestas imensas no mundo espiritual onde a caça se congrega e multiplica, e aqueles que têm necessidade, entre nós, desse tipo de alimento — da vida que se obtém desse tipo de alimento — certamente o recebem, porque cada necessidade da alma é satisfeita e respondida no mundo da alma.

PERG. Numa invocação num dos números de novembro foi usado este termo: "E fazer dos seus lares moradas dignas para os deuses." Se os espíritos desencarnados são chamados "deuses", por que autoridade são assim chamados?

RESP. Na medida em que são bons, são deuses; os termos são sinónimos. Todos os bons espíritos são deuses, quer no corpo quer fora do corpo.

PERG. Sendo esta uma sessão pública, podem os indivíduos esperar respostas aos seus assuntos privados, tais como eles próprios não gostariam que fossem expostos ao público? Fiz algumas perguntas relativas aos meus próprios negócios privados. A resposta foi: "Nós dir-lhe-emos", o que foi feito por uma impressão, muito satisfatória, embora eu pensasse que não possuía nenhuns poderes mediúnicos.

RESP. Ninguém deve esperar receber o que se poderia chamar respostas satisfatórias a perguntas pessoais neste lugar. Se o fizerem,

ficarão desapontados de alguma forma — desapontados por verem essas perguntas e respostas tornadas públicas, ou desapontados por não receberem resposta alguma. 20 de abril.

Jim, mas eu descobri, e isso basta. Ele vem aí, e ela pode ficar descansada, e só quero que o padre lhe diga, quando ela for confessar-se: "Fica com as crianças, porque vais arrepender-te se não o fizeres." Bom dia, meu senhor. 20 de abril.

PERG. Os juros do dinheiro são injustos?

RESP. Essa é uma pergunta que faria melhor em ser feita na bolsa do que neste lugar.

PERG. A propriedade da terra é um roubo?

RESP. Até certo ponto, sim. Aqueles que detêm mais do que aquilo de que precisam estão a roubar os seus irmãos que não têm nada; e contudo a justiça humana declara o contrário. Virá o tempo em que a justiça, tal como é entendida aqui na terra, mudará a sua veste de muitas cores e adornar-se-á com vestes brancas e puras; e então será uma com essa justiça que é de Deus — que não exige mais do que aquilo que se pode apropriar para o bem.

PERG. A sociedade seria beneficiada pela abolição do Estado?

RESP. Dificilmente.

PERG. Se os espíritos são identificados pelo rosto, idade, forma, tamanho, etc., e as nossas ideias de beleza continuam as mesmas, não seria sensato morrer jovem?

RESP. Dificilmente; visto que as condições do mundo espiritual estão tão bem adaptadas à renovação da juventude. Deve entender-se que é o corpo físico que envelhece, não o corpo espiritual. Esse avança até à maturidade, mas não envelhece. Ora, quando se põe de parte o corpo físico, põem-se de parte as enfermidades da idade. Não importa, portanto, se se morre velho ou jovem; é tudo o mesmo.

PERG. De E. L., Huntsville, Alabama. O que entendemos por psicometria é o dom do sentir claro. Se correto nisto, em que lei oculta

se apoiam os psicómetras para uma delineação verdadeira de mudanças passadas, presentes e futuras na vida de um indivíduo?

RESP. O psicómetra funde todos os poderes sob a lei da psicometria num só — o da perceção. Ele ou ela perceciona — isso inclui ouvir, ver, sentir, saborear, percecionar por inteiro. Não está, como o seu correspondente supõe, dependente inteiramente do sentido do tato ou sentimento.

PERG. Sabem os espíritos controladores, e é-lhes em todas as ocasiões permitido dar os nomes dos espíritos protetores de qualquer indivíduo que peça tal informação?

RESP. Não, certamente que não. Seriam sábios, na verdade, se pudessem fazer tanto.

PERG. Ao pedir informação e conselho sobre o assunto da lei, medicina, astronomia, etc., não é nossa prerrogativa e dever, a fim de obter a informação mais fiável, recorrer a espíritos que seguiram as profissões na vida sobre as quais buscamos informação?

RESP. Certamente. Não seria sensato recorrer a um alfaiate, alguém que ajustava os seus guarda-roupas terrenos, para lhe dizer como os astros se moviam, a menos que esse alfaiate estivesse interessado nessa direção. É sempre melhor seguir a alma na linha que ela traçou para si própria. Quer a encontre quer não, siga-a, tanto quanto puder, e se surgir uma rutura e não a puder seguir mais longe, pode saber que houve uma mudança. Por exemplo, o ministro religioso, talvez, tornou-se ator ou jóquei. 16 de abril.

PERG. O Dr. Hollick, no seu tratado sobre "Os Nervos e o Sistema Nervoso", observa, sob o cabeçalho de estados subjetivos e objetivos, que "muitos daqueles que acreditam honestamente que têm comunicações espirituais tomam realmente as suas próprias impressões subjetivas de vista e som por reais impressões objetivas causadas por agência externa; eles fazem comunicações a si próprios sem estarem conscientes disso."

Se esta hipótese for verdadeira, então todas as chamadas comunicações espirituais através de médiuns hoje em dia são falsas, bem como aquelas dadas nos tempos antigos, conforme registado nas Escrituras. Ora, como é objetivo do seu correspondente chegar à verdade em matéria tão importante, e como as comunicações dadas neste círculo pretendem ser de origem puramente espiritual, dará o orador alguma ideia definida sobre esta questão debatida a partir do seu ponto de vista?

RESP. Não posso ver que o professor esteja inteiramente errado, porque vejo um veio de verdade a subjazera à sua teoria; e contudo, penso ver que ele a levou longe demais; nem posso concordar com o seu correspondente, que afirma que, se o professor estiver certo, então o Espiritualismo ou as manifestações espirituais não existem. Há tantas fases de manifestação espiritual como coisas a serem manifestadas através de e para.

Há o que se pode chamar condições quebradas ou fragmentárias, que produziriam precisamente uma classe de fenómenos como aquela de que o professor fala e em que acredita; mas isso não anula de modo algum a verdade da comunhão espiritual. É apenas uma prova a favor dela — pequena, é certo, mas, não obstante, prova o Espiritualismo Moderno; mas prova também que o recetor deve exercer grande cuidado, deve lidar com estas manifestações de forma honesta, aberta, justa e verdadeira, em todas as ocasiões, solicitando a bênção do Deus Infinito na busca.

Não é bom para o investigador, ou para aqueles que se consideram profundamente instruídos nesta matéria, declarar que isto ou aquilo é verdadeiro ou falso quando pouco sabem sobre o assunto. Este Espiritualismo é não só infinito em si mesmo, mas é infinito na sua variedade de manifestações; portanto não é seguro dizer que uma manifestação é falsa porque não a compreende. Em vez disso procure compreendê-la; procure honesta, aberta e justamente, orando em todas as ocasiões para que a bênção do Infinito repouse sobre a sua busca, e, finalmente, será coroado com o sucesso. Vive num mundo onde há e sempre houve, e sem dúvida haverá sempre, mais ou menos fraude.

Vós sois não verdadeiros, não só para convosco próprios mas uns para com os outros. Não vos conheceis a vós próprios, nem um único de vós. Não conheceis os vossos poderes; nunca sequer tentastes medi-los; e agora que os anjos estão a tentar fazê-lo, em nome de Deus, deixai-os.

Se tendes poderes que estão adormecidos porque não sabeis como usá-los, ou não tendes o poder na vossa forma física para fazer uso deles, e os anjos podem fazer uso deles, em nome do céu, deixai-os. Não griteis fraude até estardes satisfeitos, além da sombra de uma dúvida, de que é fraude. Não é seguro aplicar esse epíteto ao Espiritualismo. Mais vale deixá-lo em paz; mais vale dizer que é algo que não compreende. Coloque-o na prateleira se não tem tempo para o investigar profundamente e o seguir à medida que ele vem ao seu encontro com a sua variedade de manifestações, de dia para dia e de hora a hora. Se não tem força física e mental suficiente para a tarefa, não a empreenda — esse é o meu conselho.

PERG. Será feliz um espírito que passe por grande sofrimento ao deixar o corpo, ou sente e pensa na sua última doença durante muito tempo?

RESP. Isso depende muito da constituição espiritual do indivíduo. Alguns estão de tal modo constituídos, espiritualmente, que podem afastar reflexos sombrios muito facilmente; outros não estão tão felizmente constituídos; com eles a sombra permanece por mais tempo.

PERG. São felizes as crianças jovens que morrem e deixam pais carinhosos e amorosos, irmãos e irmãs, e tudo correto e agradável para elas?

RESP. Sim; é da natureza da infância ser feliz sob a maioria das circunstâncias.

PERG. Não há algo de errado em relação à morte dos jovens? Não estão aqueles que vivem até à idade adulta e passam pelas provações da vida aqui melhor preparados para a próxima?

RESP. Dificilmente gostaria de dizer que havia algo de errado na morte dos jovens; mas diria que é melhor ficar aqui e receber o seu complemento total de disciplina física, a fim de que não seja obrigado a regressar novamente e através de alguma outra forma receber o que é necessário para o projetar na felicidade perfeita na vida futura.

PERG. Podem os espíritos ver objetos terrenos?

RESP. Sim, certamente que podem.

PERG. Regressam os espíritos, após a morte, alguma vez para viver novamente noutro corpo?

RESP. Sim. 14 de abril.

PERG. Recebe o mundo espiritual a sua luz do mesmo sol que o mundo físico, e da mesma forma, ou é a sua luz de um tipo diferente e recebida de uma fonte diferente? Sendo a luz — tal como a entendemos — simplesmente uma força projetada de corpos luminosos, poderão os espíritos derivar a sua luz de uma fonte diferente daquela pela qual os mortais na carne veem?

RESP. Há um mundo espiritual assim como há um mundo natural. Isto não é nenhum mito, mas sim uma realidade demonstrada, e, se há um mundo espiritual, há também incontáveis milhões deles, e estão divididos em grupos e constelações, e são iluminados pelos seus próprios centros. Um sol espiritual, um mundo em pleno desenvolvimento, um planeta espiritual maduro que se torna o centro de um sistema espiritual, é o sol a partir do qual o sistema recebe a sua luz.

Ora, estes mundos espirituais giram muito mais depressa do que estes corpos terrestres e, portanto, nunca é absolutamente escuro. Se todos os mundos espirituais estivessem dependentes do centro deste sistema solar terreno para obter luz ou força e poder magnético, estes mundos seriam verdadeiramente pobres e estabelecidos sobre uma base muito incerta, mas eles têm leis a regulá-los tão perfeitas, tão imutáveis como são as leis que governam os corpos celestes aqui. Se

assim não fosse, haveria imediatamente discórdia, desordem, caos entre os corpos celestes superiores.

PERG. É necessário um médium para produzir pancadas espirituais?

RESP. Sim, certamente; tal como é necessário um médium para produzir gotas de orvalho, luz do sol, aguaceiros, a luz do dia, a escuridão, mesas, cadeiras e toda a infinita variedade de manifestações conhecidas na natureza.

PERG. Por que razão, embora ouçamos frequentemente pancadas bastante distintas em diferentes partes da casa, contudo nunca vemos ou ouvimos qualquer outra manifestação de poder espiritual, nem mesmo quando fazemos círculos? Nessa altura nem sequer ouvimos pancadas.

RESP. Não posso responder à pergunta, porque é uma questão relativa a um caso em particular. Em primeiro lugar, tenho de saber se estas são pancadas ou não, ou se são produzidas pelo vento, ou por ratos, ou pelo ranger de tábuas, tijolos, argamassa ou pedra. Às vezes, quando os mortais estão num estado profundamente negativo, isto é, não esperando nada do género, os espíritos acham muito mais fácil produzir concussões elétricas do que quando estão à espera delas, ou a desejá-las fervorosamente; aí destroem as próprias condições necessárias para as produzir.

PERG. Por favor, explique a natureza das impressões, e como podem elas ser distinguidas dos próprios pensamentos?

RESP. Nem sempre é possível distinguir as impressões dos próprios pensamentos, na medida em que vêm através do mesmo canal por onde o pensamento vem, ou seja, parece ter uma origem no cérebro do indivíduo. As impressões são forças psicológicas resultantes da ação de algum espírito desencarnado, ou outro objeto, sobre a mente do recetor. Pode receber uma impressão de um ramo de flores, tal como de um sábio ou de uma criança na outra vida. Todas as coisas são capazes de impressionar a mente humana. 13 de abril.

PERG. Pode um indivíduo fazer mais pela causa da temperança ao tornar-se membro de uma organização de temperança do que ao levar uma vida estritamente temperada em todas as coisas, irradiando assim uma influência de responsabilidade individual?

RESP. Certamente, essa é uma das formas mais diretas, senão a mais direta, de assegurar a temperança, de assegurar o desaparecimento dessas condições que são agora tão inimigas da felicidade. O preceito e o exemplo são bons, sempre bons.

PERG. É a história da trasladação de Elias, o profeta, uma fábula?

RESP. Não, não a considero assim, visto que há registos, além do vosso registo bíblico, a provar que é verdadeira, e visto que não é uma transação fora das leis da natureza. Mas não teve lugar como muitos supõem que teve. Não foi o corpo físico que foi trasladado, mas sim o corpo espiritual. Foi simplesmente uma manifestação espiritual de outros dias. Tendes manifestações análogas na atualidade.

PERG. Que efeito tem a mordedura de um cão com raiva sobre o espírito depois de a morte ter tido lugar por essa causa?

RESP. A hidrofobia produz uma morte violenta, e todas as mortes por violência refletem algo de uma sombra sobre o espírito, que é retida pelo espírito durante um período de tempo maior ou menor no mundo espiritual; isso depende de quanto é feito para a remover, de quão rapidamente são feitos esforços para restaurar o recém-chegado a um equilíbrio espiritual. A introdução de um veneno animal no sistema humano perturba e tira de ação não só as forças físicas mas também as espirituais; portanto o corpo espiritual sofre correspondentemente com o corpo físico; mas não é permanente, é apenas transitório.

PERG. Tem a hidrofobia um efeito físico ou psicológico, afetando a mente em vez do corpo?

RESP. Ambos.

PERG. Há alguma cura absoluta para a hidrofobia?

RESP. Sim: mentes científicas na nossa vida dizem que há; que se for tratada a tempo, e todo o sistema muscular for trazido a um estado de relaxamento, o veneno é vencido; e há certos remédios no reino vegetal que farão isto. Uma certa classe de cientistas afirma que a lobelina fará isto quando nada mais o fizer. Dada em grandes quantidades, mesmo depois de o primeiro espasmo ter tido lugar, efetuará uma cura. 9 de abril.

PERG. Acredita-se no mundo espiritual que virá alguém maior do que Jesus, tal como ele foi maior do que os homens do seu tempo?

RESP. Sim; porque há diferentes graus de grandeza. Nenhuma alma pode carregar sobre si a totalidade da grandeza — a totalidade do poder; cada uma carrega exatamente o quanto está adaptada a carregar, e não pode carregar mais. Alguém maior do que Jesus, em certas direções, deve por necessidade vir, porque as eras que hão de vir exigirão alguém maior; "e cada exigência na Natureza recebe a sua oferta adequada".

PERG. Por que lei de compensação sofrem os animais, quando o homem não é responsável pelo seu sofrimento?

RESP. Os animais, como animais, existem no reino da química, e estão sujeitos às leis desse reino químico. Certos átomos ao aproximarem-se de certos outros átomos produzem aflição, dor, desgosto; e, novamente, certos outros átomos ao aproximarem-se de certos outros átomos produzem alegria, prazer e tudo aquilo que fala à alma do reino dos céus. Por que razão assim é, não sabemos dizer. Os animais não passam de estruturas corporais sob a lei, sujeitos à lei, e se as condições os forçam a entrar em elementos de sofrimento, têm de sofrer.

A criança queima a mão porque não sabe que o fogo a queimará se se aproximar demasiado. A lei não leva em consideração a ignorância da criança, mas a compensação vem no conhecimento recebido através do sofrimento. Ora, pode argumentar-se que a criação bruta não recebe compensação dessa forma. Eu digo-lhe que recebe. Nenhum cão porá o focinho num fogão quente duas vezes na mesma

vida. Faz isso uma vez, aprende a sua lição e, em compensação pelo sofrimento, não sofre mais nessa direção.

PERG. Na reencarnação, quais são as qualidades especiais que a alma extrai de um corpo e reproduz noutro corpo?

RESP. Não sei, portanto não posso responder à pergunta.

PERG. A posse de dotes raros depende necessariamente de repetidas reencarnações?

RESP. Sim; porque a posse de dotes raros vem apenas através de um estado finamente triturado da matéria tal como conjungida ao espírito, e isso só pode ser produzido pelo atrito de muitas vidas.

PERG. Não dependem as características que exibo na vida mortal mais da organização transmitida pelos meus antepassados do que de qualquer progresso da minha alma através de organizações anteriores?

RESP. Não; o próprio organismo transmitido através de uma linha ancestral está dependente desta linha de vida, por ter passado por outras vidas, porventura. Não há elos quebrados na cadeia da vida, e todos eles atuam repetida e perpetuamente uns sobre os outros.

PERG. Quero fazer uma pergunta à inteligência controladora no vosso círculo público, que há muito desconcertou a minha mente, a saber: Não sou em nenhum sentido da palavra um "médium" para qualquer fase de comunicação com os nossos amigos desencarnados. Ora, então, esteja eu onde estiver, em terra ou no mar, em companhia ou sozinho, a centenas ou mesmo milhares de milhas de um médium, podem os meus amigos espirituais, a todo e qualquer momento, encontrar-me *ad libitum*?

RESP. Sim, podem certamente; mas não tomam conhecimento claro da forma física sob tais condições; é apenas o espiritual que eles reconhecem.

PERG.-Qual é a natureza do inferno espiritual, e como pode um espírito sair dele?

R.-Todas as condições de infelicidade, quer aqui na vida mortal, quer ali na vida espiritual, são infernos espirituais. A forma mais direta de sair destes infernos é, em primeiro lugar, obter uma compreensão deles, medi-los — a sua profundidade, a sua altura, a sua largura, o seu comprimento — saber o que são, e quanta influência têm sobre nós, e quanta nós podemos ter sobre eles. Tendo obtido este conhecimento, faz uso dele para sair do inferno. Essa é a forma mais direta e, na verdade, a única forma que conheço para sair de um inferno espiritual.

P.- No *Banner* de 24 de janeiro, em resposta a uma pergunta de um correspondente, a inteligência condutora parece inculcar a ideia, ou princípio, de que Deus é o todo da Natureza, do universo — Deus é todas as coisas; e como tem sido dito, mas talvez nunca plenamente compreendido, "Deus é tudo, e em todos". Portanto, todas as coisas na Natureza são Deus; o universo é Deus, e Deus é o universo; e, como sequência, todas as coisas na Natureza são divinas, são santas, e são apenas os usos a que por vezes são destinadas que são profanos. Os espíritos mais avançados e mais poderosos são apenas inteligências individualizadas abrangidas dentro do Grande Espírito do Universo e fazendo parte dele. Podem os espíritos elucidar estas ideias?

R.- O seu correspondente já as elucidou. Que Deus está em todo o lado é um facto patente para todas as mentes pensantes; e que a Natureza, sob todas as condições, é apenas a manifestação ou linguagem de Deus, é um facto conhecido por todos os espíritos pensantes. Ora, estas manifestações devem, por necessidade, variar de acordo com a sua própria vida inerente e natural. A primavera deve ser primavera; o verão deve ser verão; o outono deve ser outono, e o inverno deve ser inverno; e, no entanto, tudo é muito bom. As manifestações da Natureza, como se veem na árvore, na água, na flor, no humano, podem ser elevadas através de todas as manifestações da vida humana.

Podemos determinar que todas estas manifestações são as manifestações do Divino, de Deus, o Poder que governa em todo o lado. Não posso admitir um poder oposto no universo, um que esteja

em guerra perpétua com Deus, um que detenha o controlo até da menor das porções do ser; pois fazer isto seria, na minha opinião, roubar a Deus a sua divindade, a sua soberania, e pressupor que a dada altura a destruição poderia dar-se, em alguma porção do universo — o que não admito. Deus em todo o lado, é o lema de todo o espírito inteligente, e portanto o espírito está em descanso em Deus em todo o lado.

PERG.- Por que razão os espíritos têm tanta dificuldade em dar os seus nomes nas sessões de Maud Lord? Ouvem-se vozes a proferir palavras muito longas, mas nenhum nome é proferido.

R.- Nomes são ideias arbitrárias, e tão arbitrárias que muito frequentemente superam as condições necessárias à sua produção. Estando um espírito presente, desejando dar um nome, a fim de alcançar o cumprimento do seu desejo, deve fazê-lo tendo o médium extremamente negativo ou totalmente inconsciente.

A mente da máquina operada deve estar em descanso relativamente a essa ideia arbitrária, caso contrário esta não pode ser projetada através dessa máquina. A médium está consciente uma parte do tempo durante estas sessões, e está intensamente ansiosa para que a verdade seja dada, e para que a satisfação seja também obtida por cada assistente, e, quando os nomes são pedidos, ela torna-se inconscientemente positiva.

O desejo é sentido ainda mais intensamente por ela do que por aquele que pede o nome, para que este possa ser dado, e isso pode ser e é muitas vezes o próprio obstáculo no caminho de dar o nome. Com o tempo, quando esta ciência do regresso for melhor compreendida pelos espíritos que regressam, eles serão mais capazes de controlar estas ideias arbitrárias, e mais capazes de controlar as condições do que são agora. Agora as condições, na maioria dos casos, os controlam; mas, à medida que avançarem, eles serão o poder controlador; portanto, tende paciência.

PERG.- O consumo de cerveja preta, com o propósito de engordar, é prejudicial de alguma forma além de criar um gosto por ela e por outras bebidas fortes?

R.- É excessivamente prejudicial para algumas constituições, e bastante benéfico, sob certas circunstâncias, para outras constituições. Com algumas é a chave pequena que conduz a grandes males; tão pequena que não a conseguis ver, que não sabeis que ela destrancou a porta que vos conduz ao vestíbulo do inferno; portanto deve ser sempre usada com cautela, e olhada como um inimigo. 12 de março.

PERG.- Quando os discípulos estavam reunidos, depois de Jesus ter ressuscitado, estando as portas fechadas, subitamente ele apareceu no meio deles, e eles ficaram com medo, supondo que ele era um espírito. Mas ele disse: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho." Queira a inteligência condutora explicar a resposta de Jesus?

R.- Se o meu interrogador tão-só consultasse números antigos do *Banner of Light*, não precisaria de vir a mim para uma explicação, pois ela aí foi dada muitas, muitas vezes. "E as portas estavam fechadas", precluindo a possibilidade de carne e sangue e ossos entrarem sem a abertura das portas. Como, então, foi esta manifestação realizada? Como ocorreu? Ora, precisamente de acordo com a mesma lei que rege estas matérias hoje. Os discípulos eram, alguns deles, excelentes médiuns de materialização, e sendo tais era fácil para Jesus revestir-se com um corpo material. "Um espírito", diz ele, "não tem carne, sangue e ossos, como vedes que eu tenho."

Ele sabia que o medo supersticioso deles os afastaria da sua presença e o impediria de exercer sobre eles aqueles poderes que desejava, se lhes tivesse dito que tinha de facto vindo a eles como um espírito desencarnado; que o seu antigo corpo estava morto, e separado dele pela lei da vida, estando ele vivo; que tinha ficado sob a lei da decomposição, ou transformação, enquanto ele estava sob a condição mais elevada da lei.

Mas não foi nenhum milagre; foi simplesmente uma manifestação da lei natural produzida através de condições naturais, tão natural naqueles dias como é natural nestes dias para os espíritos materializarem-se. "P.— Jesus de Nazaré (sendo admitida a exatidão da narrativa) provou que havia uma ressurreição após a morte, para este mundo, e o seu aparecimento em salas, em duas ocasiões, provou a possibilidade de corpos ressuscitados aparecerem em qualquer lugar, quando a ocasião instantânea o exigisse. Por conseguinte, não estarão esses Espiritualistas que aceitam os ensinamentos de Jesus como um padrão de preparação para o nascimento espiritual, ou novo nascimento, melhor qualificados para ensinar a verdade, e trabalhar pela "paz na terra e boa vontade para com o homem", (a harmonização de todos os seres criados centralizada no amor ao Espírito Mestre dos Espíritos, a quem a língua inglesa denomina Deus) do que aqueles que são mudados da morte para a vida enquanto no meio da busca dos prazeres terrenos?

R.- Nego que a morte ou ressurreição espiritual de Jesus alguma vez tenha provado a ressurreição de coisas físicas, do corpo físico. Ele foi ressuscitado do corpo da Morte, como todos serão e devem ser, e de nenhuma outra forma. Ele apareceu aos seus discípulos, e o seu aparecimento foi uma manifestação espiritual — nada mais. Nego que ele tenha regressado manifestando-se através do antigo corpo que foi crucificado.

Ele nunca o fez, e quem quer que baseie a doutrina da ressurreição na morte de Jesus e no seu aparecimento aos seus discípulos, está a baseá-la numa fundação muito insegura, pois o Espiritualismo, com um sopro do seu leque da verdade, vai varrê-la. Uma manifestação de materialização provará o contrário.

P.- Ao responder a uma pergunta enviada de Baden-Baden, a inteligência condutora fez uso desta expressão: "Não podeis cavalgar para o céu no dorso de um Jesus Cristo, ou de um Confúcio, mas ides no carro das vossas próprias boas ações." Ao ler o texto acima, um clérigo inglês Ortodoxo da High Church observou que

esta ideia de colocar Jesus Cristo e Confúcio num pé de igualdade o confundia." O anterior questionador deseja saber o que pode ser dito para benefício deste clérigo ignorante.

R.- Deve ser compreendido que Jesus era um pupilo inspiracional de Confúcio — sendo Confúcio um dos seus espíritos ou poderes inspiracionais. Confúcio diz que a religião, a verdadeira religião, pode ser compreendida em fazer aos outros o que quererias que os outros te fizessem a ti. Jesus diz o mesmo. Outros discípulos da verdade disseram o mesmo. Não é certamente um desprimor para Jesus colocá-lo num pé de igualdade com Confúcio — de modo algum. Ambos são homens bons e sábios, e benfeitores da raça. 9 de março

PERG.- Qual seria a condição, após a morte, de alguém que, para preservar a sua própria vida, foi compelido a tirar a de outro?

R.- A preservação própria é a lei de todo o ser vivo, de todo o centro senciente, e portanto, sob todas as condições, é justificável. A educação vicia e deforma o intelecto humano num grau quase infinito. Há alguns que foram educados para acreditar que ao tirarem assim uma vida humana cometeram um assassínio, e um grande pecado, e que a infelicidade virá a eles — o remorso — e não se permitirão sair de uma condição infeliz, até que tenham, de alguma forma, feito reparação pelo mal feito. Aquelas almas que saem sem o vício da educação não sentem tal remorso. Apoiam-se inocentemente na lei da Natureza, e esta sustenta-as. Não estão conscientes de ter feito qualquer mal, e portanto, para elas, não há mal, e assim não há sofrimento pelo mal. A Tristeza ou a Alegria, tal como chega a cada alma, chega condicionalmente e não chega a duas almas de forma igual, portanto o que produziria a mais terrível aflição a uma alma na terra dos espíritos, não produziria tal condição a outra.

P.- Seria preferível, num sentido espiritual, ser morto do que tirar a vida a outro?

R.- Eu diria que sim, e sinto-me justificado ao responder assim à pergunta.

P.- É uma pessoa moralmente responsável pela sua organização?

R.- Não, certamente que não. A vida orgânica que chega a cada alma viva, chega sem qualquer chamamento dessa alma, chega sem que a alma tenha qualquer poder sobre ela. É-lhe imposta pela lei natural. Ela deve aceitá-la, e portanto sob a lei moral não é responsável.

P.- Se os espíritos, quer dentro quer fora da forma material, mantêm controlo psicológico sobre seres humanos, não é esse espírito que mantém o controlo responsável pelos atos do sujeito enquanto sob controlo?

R.- Num certo grau, sim; e no entanto cada alma viva considera-se responsável pelos atos praticados no corpo de que a Natureza lhe deu o controlo. Há uma responsabilidade divina ou da alma ligada a todo o ser vivo de que esse ser não se pode livrar, quer esteja consciente dos atos praticados ou não; quer esses atos sejam cometidos por qualquer outro espírito, quer por si mesmo. Sendo o proprietário legítimo dessa vida orgânica, considera-se responsável por tudo o que é feito nessa vida orgânica, e no entanto não é da sua conta nem da minha ditar no que se refere à responsabilidade. Cada alma estabelece dentro do centro da sua própria vida divina o seu próprio trono branco. O juiz está também ali sentado, pronto a passar a sentença e o julgamento. 5 de março.

P.- Qual é o nome do autor das cartas de Junius?

R.- Thomas Paine.

P.- Há novos nascimentos no mundo dos espíritos; ou a vida começa noutro lugar?

R.- Há novos nascimentos no mundo dos espíritos, e no entanto a vida começa noutro lugar. A vida está perpetuamente a atuar na criação e recriação de diferentes formas e diferentes condições. Isto está a acontecer em todo o lado e sob todas as circunstâncias, do degrau mais baixo na escada do ser até ao mais alto.

P.- De dois grupos de médicos, de igual eminência e capacidade, um na forma e o outro desencarnado, mas com um bom médium

clarividente através do qual comunicar, qual tem mais poder para curar os doentes, e quais são as vantagens de um sobre o outro?

R.- As circunstâncias, neste como em todos os outros casos, modificam e, até certo ponto, governam. Se os pacientes forem particularmente suscetíveis a remédios puramente espirituais, eles podem ser mais rapidamente alcançados e mais permanentemente beneficiados pelo grupo de médicos espíritos; mas se não forem assim suscetíveis, então o grupo deste lado da vida pode alcançá-los mais rapidamente e fazer-lhes o maior bem; ou se o paciente por acaso estiver, como esta médium está, servindo de charneira entre os dois mundos, então ambos são necessários. 3 de março

P.- Irão os espíritos apontar o que os Espiritualistas estão a fazer pelo bem-estar da sociedade, mais do que os Metodistas?

R.- Os Espiritualistas estão a agitar verdades, não novas, mas verdades antigas como a eternidade. Estão a trazer estas verdades à superfície, enquanto os Metodistas estão a seguir precisamente o caminho oposto. Estão satisfeitos por viver naquilo que o passado lhes forneceu, e não se importam de penetrar no futuro, ou não se atrevem, portanto um é uma pedra de tropeço no caminho da verdade, enquanto o outro é um agitador na atmosfera. Não podemos dizer mais pelos Espiritualistas no presente do que isso.

P.- Irá o Sr. Parker ter a bondade de nos informar quantas Bíblias e religiões Sagradas diferentes, os seus nomes, etc., existem, do seu conhecimento, neste mundo, e qual, na sua opinião, é a melhor, ou a mais útil para o espírito?

R.- Não. A Bíblia da Natureza é a melhor, e a única Bíblia que precisamos de consultar. Seria tempo perdido, e pior do que perdido, recolher estas relíquias antigas e atirá-las para a face ensolarada do presente. Não há necessidade disso. Consultai a Bíblia da Natureza de Deus. Isso é tudo de que precisais, tudo o que todos os seus filhos alguma vez precisaram, ou alguma vez precisarão.

P.- Mantêm os espíritos contacto por meio de uma linguagem articulada?

R.- Certamente que sim. O mundo dos espíritos não é de modo algum uma terra de silêncio. Se fosse, dificilmente seria o céu para a maioria das pessoas.

P.- Pode a inteligência condutora informar-nos quem foi o autor das "Cartas de Junius"?

R.- O homem que se situa no lugar mais elevado da revolução americana.

P.- Iria um homem que, na vida terrena, entregou o seu génio ao sensual, como Byron ou Swinburne, possuir esse génio na vida espiritual tão plenamente como possuiria se este tivesse sido aqui empregue de uma forma diferente?

R.- Sim; dado que aquilo que é génio tem um poder propulsor dentro de si mesmo que irá sempre realizar a sua própria salvação, sob todas as circunstâncias. Pode ser retardado, perturbado por um tempo, mas é certo que vencerá no fim. 2 de março.

P.- Existe realmente algo como acidente ou acaso?

R.- Não; digo não sob a minha própria responsabilidade. Falo por mim, não por outro. Não acredito que existam quaisquer acidentes na Natureza, pois acreditar nisso seria acreditar que o Poder Infinito estava ausente de algum lugar, em algum momento, e portanto um acidente decorreu.

P.- Tornam-se todos os espíritos ultimamente felizes?

R.- A felicidade é o direito divino de nascença de toda a alma viva, portanto todos se tornam ultimamente felizes.

P.- São todos os espíritos iguais na posse daquelas coisas que correspondem aos bens deste mundo?

R.- Todos os espíritos estão dotados de exatamente a mesma quantidade de bens ou necessidades da vida espiritual de que têm necessidade e que mereceram.

P.- Irá a inteligência condutora explicar o chamado mistério dos sonetos de Shakespeare?

R.- Não há mistério de todo em torno deles, exceto que foram tão divinamente ordenados a ponto de serem humanamente mal compreendidos. Shakespeare era o médium poético da época em que viveu, gloriosamente inspirado, e o resultado da sua inspiração esteve tão acima, fora do alcance da compreensão humana, que há, com algumas pessoas, um mistério a pairar sobre os seus sonetos; mas o Espiritualismo — a luz da verdade espiritual — torna-os claros, trá-los à compreensão humana, porque deixa a luz divina incidir sobre eles, para que aqueles que veem possam compreender.

P.- Será possível para a mente finita conhecer e compreender o Infinito, em todas as coisas?

R.- Não, certamente que não; porque não se pode esperar que o átomo compreenda o mundo. A existência finita não pode, por qualquer possibilidade, compreender o Infinito, a não ser por graus; e quando tiver compreendido o Infinito, é ela própria Infinita — alcançou uma altitude tão elevada que é divina — é uma com Deus. Num sentido, vós sois todos um com Deus, em todos os momentos; mas noutro, estais distintamente separados de Deus. Ora, há um problema que a ciência humana devia resolver, e deve, por si mesma, individualmente.

P.- Não é a origem da família humana mais especulativa do que tangível, tal como acontece com as nossas diferentes visões de Deus?

R.- Não; é tão tangível como qualquer coisa na existência. Baseia-se em factos, factos demonstráveis, através de todas as leis conhecidas da Natureza.

P.- É possível para o finito saber qual existiu primeiro, o carvalho ou a bolota?

R.- Sim, é possível saber que o princípio ativo da bolota existiu primeiro. É possível para os espíritos pesquisarem através desse reino da Natureza, e dividirem e separarem todas as diferentes condições

que ali se encontram, para traçarem o princípio ativo da bolota, da maçã, da pera, de todas as diferentes manifestações conhecidas na Natureza. 26 de fev.

PERG. (Do público.) Pode dar-nos o *modus operandi* através do qual os espíritos produzem pancadas com comunicações?

R.- O método de comunicação por pancadas ou sinais é um dos primeiros que foi aprendido e aproveitado pelos espíritos que regressam. Eles verificaram que, tomando a eletricidade que a atmosfera contém, e condensando-a através dos poderes de condensação de um médium, podiam, pelo exercício da sua vontade, descarregar essas combinações elétricas em qualquer ponto que desejassem, desde que esse ponto colocasse essas combinações elétricas em contacto com alguma substância material; pois era necessário, aprenderam eles, colocar estas combinações elétricas em contacto com alguma substância material, a fim de as fazer explodir. Algumas destas combinações elétricas são microscópicas na sua minuciosidade; outras são tão grandes como uma pena comum; algumas são até maiores do que isso.

É um processo químico muito simples, uma vez compreendido, e o processo de aprendizagem é tão simples que uma criança pode adquiri-lo em pouquíssimos momentos, portanto crianças pequenas produzem pancadas com declarações de amor para aqueles que esperam por essas declarações aqui nesta vida terrena, com igual facilidade que cabeças mais velhas.

P.- Devem as manifestações físicas ser consideradas como sendo especialmente o trabalho de espíritos não desenvolvidos?

R.- São geralmente consideradas assim, mas é uma ideia falsa. O elevado e o baixo moralmente falando, o dotado e o menos dotado, o ignorante e o sábio, participam igualmente nestas manifestações, pelas quais se revelam aos mortais. Os seus poderes superiores de discernimento deveriam ter-lhe ensinado isso. (Sendo o interrogador um médium.)

P.- São estas manifestações que são produzidas em Moravia consideradas como verdadeiras representações de espíritos?

R.- Sem dúvida que há muitos na sua vida que as consideram verdadeiras, e há também muitos que as consideram falsas, mas todo o mundo dos espíritos sabe que são verdadeiras. Não é uma questão de conjetura para ele, mas uma questão de conhecimento.

P.- Em Manchester, o nome de "Johne" apareceu no espelho de um relógio. Foi levado para vários lugares, onde se fizeram esforços para apagar o nome sem sucesso. Pensa-se que a senhora em cuja casa esta manifestação ocorreu é uma médium, embora ela não se considere como tal. Provaria esta manifestação que ela é uma médium física, ou não teria ela de o ser a fim de a tornar possível?

R.- Sim, provaria, porque é uma manifestação que teve lugar sem a ação normal ou anormal do cérebro.

P.- O nome do marido dela é John, assim como o do filho, contudo isso não explicaria a grafia singular do nome "Johne". Mudam eles de nome na vida espiritual?

R.- É melhor que ela averigue o nome de antepassados mais recuados. Penso que ela pode resolver o mistério dessa forma. Na verdade, sei-o.

P.- Têm as reuniões às escuras alguma utilidade em fazer emergir os poderes mediúnicos?

R.- Sim, indiretamente, todas as reuniões têm, quer sejam realizadas às escuras quer à luz, e por esta razão: os médiuns que as frequentam convidam virtualmente o mundo dos espíritos a usar os seus poderes, e o uso desenvolve sempre. 18 de abril

PERG.- Por favor explique através do *Banner* o versículo da Escritura, Cor. vi: 10, "Nem os ladrões, nem os avarentos, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus."

R.- Enquanto forem maldizentes, bêbedos, extorquetores e afins, certamente não podem herdar o reino de Deus; mas uma Providência

sábia ordenou assim que deveis por necessidade ir além de todos estes erros, passar além de todas estas condições inferiores, e então tornais-vos herdeiros do reino de Deus, porque liberto destes pecados.

P.- O capítulo dezassete do Êxodo diz-nos que o maná era "uma coisa miúda, redonda, miúda como a geada sobre a terra", e se guardado por algumas horas, "criava bichos e cheirava mal", e que se derretia "aquecendo o sol". O capítulo onze de Números diz que o maná era como semente de coentro, e exigia ser moído num moinho, ou pisado num pilão — que era feito em bolos e cozido na caçarola. Noah Webster diz que o maná é o sumo de uma árvore, usado como um remédio laxante suave — alimento dos Israelitas no deserto. Aqui temos três descrições do maná. Qual a descrição correta?

R.- Para a minha mente, nenhuma pode reclamar estar absolutamente correta; e contudo a teoria das sementes é a mais próxima do correto. Os Israelitas acreditavam que este maná descia do céu, e assim era, de uma boa árvore que produzia estas sementes, as quais, na sua minuciosidade, eram transportadas por ventos do sul e depositadas no acampamento dos Israelitas. Não era nada de não natural, milagre nenhum; algo que tinha tido lugar muitas, muitas vezes antes de os Israelitas acamparem ali, e muitas vezes depois de terem levantado as suas tendas e deixado o lugar. 22 de abril

PERG.- Numa comunicação do Dr. Stephen Ball, a 9 de janeiro, ele diz: "Quando tiverdes terminado com este corpo, ficareis possuidores de um livre de dor e sofrimento físico, e sereis introduzidos num totalmente adorável." Nellie I. Palmer diz, na celebração no Music Hall, a 1 de abril: "Quando deixamos este mundo para outro, mantemos as características deste." Não são contraditórias?

R.- Não, certamente que não. As características do corpo, e o corpo, são duas coisas separadamente distintas. É um facto bem compreendido que, intelectual e moralmente, somos os mesmos após a morte como antes desse acontecimento. Intelectualidade e moralidade são apenas características do indivíduo; e na exata medida em que

tiverdes florescido nesses aspetos nesta vida, nessa mesma medida entrareis na paz e na felicidade na outra vida.

A língua inglesa é tão ambígua, é absolutamente impossível transmitir qualquer ideia correta a algumas mentes respeitante a qualquer coisa; tendes tantas palavras ou termos que significam tantas coisas diferentes. Um atributo da alma pode ser entendido por um como sendo "um atributo da alma", e por outro como sendo um pedaço de chita. E assim é; ides tropeçando ao longo desta vida, construindo as vossas torres de Babel, com uma confusão de línguas.

P.- Há corpos materiais, pecado e doença no mundo dos espíritos?

R.- Sim, há corpos materiais, pecado e doença no mundo dos espíritos. Agora, não me entendam como dizendo que há corpos materiais como estes corpos, pois não há; que há pecado como é entendido aqui, pois não há; que há doença como a doença que tendes aqui, pois não há, mas o que pode ser chamado uma ação reflexa de todas estas condições — aquilo a que podeis adequadamente chamar pecado, doença, corpos materiais.

Todos os corpos são constituídos por matéria, quer se encontrem nos terceiros céus, quer no inferno mais profundo, quer aqui na terra. Esta é "a lei", e não podeis escapar-lhe. Assim, se tendes uma forma espiritual, tendes uma forma de matéria; não a matéria bruta de que estes corpos são compostos, mas matéria, não obstante.

P.- Com que propósito embalsamavam os antigos Egípcios os seus mortos? E como acreditavam eles que o espírito era afetado por isso?

R.- Acreditavam que este processo era agradável para o espírito desencarnado, e que, enquanto a forma permanecesse na terra, durante esse tempo o espírito seria atraído para a forma, e consequentemente para aqueles que amavam a forma; e assim embalsamavam os seus mortos.

P.- (Do Presidente.) Gostaria de perguntar, em ligação com essa última pergunta, se é agradável para os espíritos ter o corpo embalsamado?

R.- Não, não é. Eles desejam que o corpo, quando o desocuparam, seja deixado à ação da lei natural — seja depositado no solo. Não há nada mais satisfatório para qualquer espírito.

P.- Muito mais agradável do que num túmulo, presumo?

R.- Sim, muito mais. O vosso Presidente Lincoln disse-me, ele próprio, que sofreu a mais aguda agonia na vida espiritual através do processo de embalsamamento do seu corpo, e tão intensa foi a ação da sua vontade contra isso, que foi impossível para aqueles que tinham isso a seu cargo fazê-lo adequadamente; portanto não foi feito adequadamente.

P.- Gostaria de indagar se a palavra "substancial", usada ao falar do corpo espiritual, não seria tão adequada quanto "material"?

R.- Isso dificilmente transmitiria a ideia que poderíamos desejar transmitir às vossas mentes; e contudo é um termo muito bom, e, para a minha mente, sinónimo do termo "material".

P.- Pode explicar por que razão o espírito sofre depois de estar separado do corpo?

R.- Porque é um ser senciente — porque está ligado a todos os outros seres no universo de Deus, e se há um que sofre, todos os outros sofrem correspondentemente, alguns num grau maior, alguns num grau menor. Vós sois todos cordas na harpa da vida. Quando uma é tocada, todas as outras vibram. 23 de abril

PERG.- (De um correspondente.) Foi a carreira de José, como descrita no Génesis, real, ou foi meramente um romance egípcio antigo, como afirmado por alguns professores modernos?

R.- Permitindo que tenha sido extraída de algum romance egípcio, isso certamente não precisa de a despojar da sua autenticidade, da sua verdade. Certamente que não. Acredito que os

factos principais registados na história bíblica, com referência a este indivíduo, são verdadeiros.

P.- Os aquedutos do antigo Peru eram levados ao longo das montanhas por cursos sinuosos, até descerem gradualmente para a planície. A partir disto, alguns afirmam que os Peruanos não tinham o arco, caso contrário tê-los-iam levado através dos vales estreitos sobre pontes. Foi esse o caso? Ou evitaram eles as pontes porque eram mais suscetíveis a acidentes e mais facilmente destruídas por inimigos?

R.- As facilidades de transporte naqueles países, e naquela época, não eram iguais às do dia presente; e portanto é muito possível que estas pessoas possam ter adotado o curso que adotaram na construção dos seus aquedutos, e na realização de outro serviço mecânico, de acordo com o que tinham para trabalhar. Ora nós sabemos que é muito mais fácil fazer como eles fizeram (considerando que eram obrigados a transportar os artigos usados na construção destes aquedutos de uma forma muito laboriosa e tediosa) do que construir pontes, e conduzi-los sobre essas pontes. Em muitos aspetos estes antigos eram mais sábios do que os arquitetos modernos. 25 de abril

PERG.- Por que razão consideravam os Egípcios certos números mais sagrados do que outros?

R.- Os Egípcios conduziam todas as suas formas de culto por certos números e certos sinais. Eles liam nas estrelas o seu destino religioso, ou pelo menos pensavam que o faziam. Um certo grupo de estrelas correspondia, para eles, a um certo grupo de ideias religiosas, ou de desgraças terrenas, ou, talvez, de alegrias terrenas. Foi dito por um escritor antigo, e com muita verdade, sem dúvida, que todas as ideias do homem sobre Deus e religião originaram na contemplação dos corpos celestes. Ora, se isto é verdade, é muito fácil determinar por que razão os Egípcios, e outras nações, atribuíam um valor tão elevado a certos números.

P.- Eram esses números sagrados membros de algum sistema similar ao que chamamos "série de diferenças", ou eram eles os originais a partir dos quais os sistemas foram desenvolvidos?

R.- Isso não sabemos; na verdade, não conheço nenhum espírito ou espíritos que possam responder a essa pergunta.

P.- Tinham eles uma regra para detetar números primos diferente das conhecidas por nós, as quais, na nossa estimativa, dificilmente podem ser chamadas como tal?

R.- Não temos evidência de que tivessem qualquer regra desse tipo.

P.- Estavam eles familiarizados com os processos do Cálculo?

R.- Sim, estavam. 29 de abril

PERG.- Pode um espírito manifestar a sua presença em mais do que um lugar de cada vez?

R.- Num certo sentido, pode. Por exemplo: pode exercer um poder, um pensamento — que se torna em algum grau uma presença — em muitos lugares ao mesmo tempo; e contudo nunca pode estar, em corpo espiritual, senão num lugar de cada vez; embora passe de um ponto para outro num espaço de tempo quase incrível, contudo requer tempo ao passar de um ponto para outro, por isso não pode estar em dois lugares no mesmo momento. Ser absolutamente omnipresente é estar dotado de infinitude — algo que permeia todas as condições, todos os tempos; preenchendo — se assim quiserem — toda a eternidade. Isso é Deus. Nós somos apenas partes de Deus; não somos o todo.

P.- Gostaria de perguntar se vê algo num futuro próximo que se pareça com uma revolução tendente a uma melhor condição para as classes mais baixas ou trabalhadoras?

R.- Não num futuro imediato; mas os sinais dos tempos estão a apontar diretamente nessa direção, não apenas neste país, mas em todos os outros. Todas as várias contendas, qualquer que seja a causa de onde tenham surgido, têm apenas um fim em vista, a saber: melhorar a condição das classes mais baixas; trazer a justiça e a igualdade tal como esta significa para Deus — não como significa para a humanidade injusta.

A agitação de todas estas várias questões de reforma é apenas o augúrio que fará entrar um dia mais brilhante; e tão certamente como estas questões de reforma foram lançadas sobre as águas agitadas da vida humana, tão certamente produzirão o efeito concebido e desejado. Não é mais certo que o dia segue a noite, e a noite segue o dia.

P.- É necessário que tenhamos outra guerra para produzir esse resultado?

R.- Sim; sem dúvida, incondicionalmente, sim. Como vós sois apenas um conjunto de semibárbaros, e não ultrapassastes o elemento bélico que está dentro de vós, portanto resistis ao bem com o mal que está dentro de vós. Com o tempo, o bem superará o mal, apesar de toda a vossa resistência.

P.- Não é o uso da espada, ou força bélica, necessário para levar as pessoas a uma condição mais elevada?

R.- Sim, enquanto permanecerdes, como disse antes, semibárbaros. 30 de abril.

PERG.- (De um correspondente.) Desejo perguntar à inteligência condutora se somos uma parte de Deus, espiritual e fisicamente?

R.- Dado que acredito que Deus está em todo o lado, por necessidade acredito que ele está em todas as coisas, e portanto devo responder à pergunta pela afirmativa, declarando que vós sois todos partes de Deus, espiritual e fisicamente. Se eu fosse negar a presença de Deus em qualquer lugar, teria pouca fé no poder de Deus; mas como não posso negar a sua presença em lugar algum, como a sinto em todo o lado, um Poder Que Tudo Permeia cuidando de todas as coisas, estou em descanso nisso e satisfeito com isso.

P.- Podemos fazer o mal, sendo uma parte de Deus?

R.- Não, para a minha mente, no absoluto, ou na aceção ou definição habitual do termo — mal. Tudo aquilo que parece ser mal é apenas um esforço da alma em direção ao bem. A alma, nesta vida, tateia na escuridão, tropeça ao longo do caminho, e muitas vezes cai, e

contudo, como alma, está sempre intacta do mal, pura e fresca da Terra do Deus Infinito.

P.- Porquê orar a um Deus que está em todas as coisas, e é todas as coisas?

R.- A oração não pode afetar e não afeta Deus, mas afeta-nos a nós. Traz-nos a uma condição para receber as coisas necessárias para o nosso bem-estar espiritual. Como um escritor antigo disse, "Abre a porta, para que o anjo possa entrar."

P.- O que leva as pessoas a assumir disposições suicidas e homicidas, por vezes, quando o sistema nervoso se torna debilitado e um estado a que alguns chamarão loucura se segue?

R.- É provável que haja muitas causas para tal efeito. Uma das mais potentes e proeminentes de todas é o pensamento da mãe que é impresso na criança durante a gestação. Se ela não deseja a presença da criança, ela estampa o homicídio sobre ela. Sob condições favoráveis essa semente desenvolver-se-á — a criança cometerá um homicídio. Pensai nisso, ó mães, e tende cuidado.

P.- São os promotores do Jubileu da Paz de alguma forma influenciados por aqueles músicos que viveram na terra e agora habitam o mundo dos espíritos?

R.- Sim, são, e para este fim: para que possam, se possível, fazer algo no sentido de trazer uma condição de harmonia entre vós, no sentido de trazer ordem do caos. Sons musicais são germes de harmonia. Eles atraem influências harmoniosas — espíritos, pensamentos, condições — e toda a mente pensante deve estar consciente de que a América está num estado de motim espiritual. A anarquia espiritual reina aqui, portanto a necessidade do vosso Jubileu da Paz.

P.- (Do público.) A respeito de Jesus o Nazareno, é a opinião de muitos que ele não morreu na cruz. Pensei que alguns em esferas mais elevadas pudessem talvez falar com certeza sobre esse assunto.

R.- É um facto patente para si próprio e para os seus amigos que ele morreu na cruz. Sei que há aqueles que acreditam no contrário — que ele foi retirado da cruz e morreu vários dias depois, de exaustão. Isso, no caso dele, teria sido uma impossibilidade física, e portanto não podemos por um momento considerá-lo.

P.- Tem conhecimento positivo sobre o qual fundamentar tal opinião?

R.- A minha fundação para tal opinião é a opinião do próprio homem Jesus.

P.- Diz que a tem diretamente dele?

R.- Sim, diretamente dele. Ele diz que o seu corpo espiritual estava totalmente livre do seu corpo físico à quarta hora da sua crucificação. Ele deve saber.

P.- Qual é a teoria sobre as erupções vulcânicas entre os espíritos científicos do vosso lado?

R.- A de que os fogos internos deste planeta ainda não abrandaram; e estes são as grandes válvulas de segurança, ou aberturas, para estes imensos poderes — forças magnéticas e elétricas — que habitam no centro da terra. E embora um Vesúvio possa destruir um Herculano todos os anos, seria contudo uma bênção para a humanidade, porque sem estas válvulas não haveria segurança para o planeta! Poderia ficar fraturado a qualquer momento; mas, como estão as coisas, está seguro, e um Deus sábio providencia sempre para o bem de todas as suas criações.

P.- Fala de Deus. Diz que ele está em todo o lado, e que somos todos partes de Deus. Onde está a Inteligência Providencial que organiza uma válvula de segurança desse tipo?

R.- Essa Inteligência, acredito eu, trabalha através de uma lei infinita e eterna, projeta-se através de todas as condições da matéria, por lei; faz estas válvulas de segurança por lei.

P.- Então ora à lei, ou a quê ora?

R.- Bem, esse é um termo tão bom quanto Deus, ou Jeová, ou Brama, ou Alá, ou Vixnu.

P.- É necessário, então, orar? Não trabalharia a lei sem que orássemos?

R.- Certamente que sim; e contudo, como notei antes, a oração traz-vos a uma condição de receber as coisas pelas quais orais — de receber bênçãos. Torna-se um elo de ligação, elevando-vos para fora da vossa esfera ordinária. Não muda Deus, mas muda-vos espiritualmente a vós.

P.- Parece ser uma espécie de farsa, fazer uma invocação, se não for dirigida a algum ser.

R.- Sim, sem dúvida, para uma mente que concebe Deus apenas como uma personalidade; mas para quem concebe Deus como o Bem Eterno que está em todo o lado, não é farsa nenhuma. Para mim seria uma farsa orar a um ser pessoal, sentado num grande trono branco, num qualquer céu imaginário. 2 de maio

PERG.- Irá o espírito informar-nos como proteger os animais de serem atormentados pelas picadas das moscas enquanto trabalham ao nosso serviço? No verão passado, disseram-nos, no Círculo do *Banner*, para os lavar numa solução de bórax; mas isso é inteiramente inútil, descubro eu.

R.- No meu país, quando na terra, a folha de oliveira era usada com certo sucesso. Sendo feita uma forte decocção dela, e o animal bem saturado, nenhum inseto pousava nesse animal durante dias; por vezes estendia-se a semanas. Disseram-me que uma forte decocção da folha de louro que cresce no vosso país servirá para o propósito, embora com um menor grau de certeza, sendo menos inimiga da vida dos insetos.

P.- O que causa o movimento nos polos magnéticos da terra?

R.- Atração e repulsão, com certeza.

P.- Se a terra é um globo oco, quão espessa é a sua crosta, em média?

R.- Ainda não determinei se a terra é um globo oco, a menos que a presença dos seus fogos internos justifique tal teoria. Para a minha mente, não justifica.

P.- (Do público.) Na opinião do espírito condutor, qual será a condição do Espiritualismo daqui a dez anos?

R.- Estará dez anos mais velho como Espiritualismo moderno; consequentemente terá atingido mais ten anos de experiência.

P.- Terá avançado nesse tempo?

R.- Certamente; isso não pode deixar de ser. Terá entrado nas vossas igrejas; tê-las-á espiritualizado a tal ponto que será uma coisa rara ouvir-se um sermão doutrinal ou convencional antigo. Terá entrado na vossa política; e é de esperar — é certamente esperado — que a revolucione, e traga essa justiça e igualdade de que se fala, mas não se realiza.

P.- Será a evidência da sua verdade mais positiva nos dez anos vindouros?

R.- Esse é um facto autoevidente, a julgar por experiências e vivências passadas.

P.- De que maneira pode ser mais positiva do que é hoje?

R.- Da maneira e forma de que acabei de falar, e de muitas outras maneiras.

P.- Será tornada mais clara do que é nos ensinamentos do Novo Testamento?

R.- Espero bem que sim.

P.- Não ensina o Novo Testamento tudo o que é de valor substancial no Espiritualismo?

R.- Não. Se li o vosso Novo Testamento corretamente — e penso que sim — ele dá apenas um fragmento da grande verdade que o

Espiritualismo moderno tem dado. Toda a luz que o vosso Novo Testamento contém é aquela que arde através do Espiritualismo moderno. Tirai isso, e nada mais vos restaria senão uma casca. 6 de maio

PERG.- O corpo espiritual envelhece, desgasta-se e decai, de forma semelhante ao corpo humano? — ou qual é a causa da sua dissolução final?

R.- Os corpos espirituais mudam de lugar em relação às almas ou espíritos que atuam através deles. Não se trata positivamente de um desgaste, de uma decadência, embora possa ser algo bastante análogo a isso; mas deveis compreender que, como indivíduos, nem sempre retereis um mesmo corpo na vida espiritual, pois, à medida que a alma ganha ascendência sobre a matéria, requer novas condições, novos elementos através dos quais atuar.

Ela esgota todos os poderes de um corpo que são necessários para o seu desabrochar como espírito — que podem ser úteis para ela como espírito; e depois separa-se desse corpo — deixa-o facilmente, naturalmente, e toma sobre si outro, melhor adaptado para o seu voo mais elevado na vida.

P.- Estão os corpos espirituais das almas que foram repetidamente encarnadas sujeitos à mesma lei de dissolução que os daqueles que nunca passaram por tais transições?

R.- Sim.

P.- Atinge a alma finalmente um estado de existência que seja independente da matéria?

R.- Não sabemos, mas acreditamos que sim.

P.- É a alma do homem de natureza progressiva? Cresce ela em conhecimento e grandeza?

R.- Sim.

P.- Tem a alma uma natureza moral, bem como mental — ou quais são as suas características peculiares?

R.- Sim, tem uma natureza moral bem como uma natureza mental. Ela eleva-se através de ambas. A missão da alma é vencer o mal com o bem. Sem uma natureza moral dificilmente se poderia esperar que fizesse isto.

P.- São as diferentes características mentais e morais da humanidade devidas às suas organizações, ou às suas naturezas da alma?

R.- Tudo o que vós, como humanos, podeis saber das características da alma depende de uma organização humana; mas os germes de todo o poder residem na alma.

P.- (Do público.) Não é verdade que a organização do corpo impede ou permite as suas manifestações?

R.- Sim. A alma está dependente do corpo para o que há de dizer e o que há de fazer. "Até aqui e não mais além", diz a lei da vida física, e a alma presta-lhe obediência.

P.- Então, por muito que déssemos por ser diferentes, não podemos ir além dos limites da organização?

R.- Não. Ainda assim o desejo não é menos legítimo e útil.

P.- E pode ajudar a colher maior experiência?

R.- Sim.

P.- (De um correspondente.) Existiu a alma do homem sempre como uma entidade individualizada, antes da sua encarnação na carne; ou têm a sua individualidade consciente e experiência um começo?

R.- Acreditamos que a alma, como princípio, sempre existiu, mas como entidade individualizada acreditamos que teve um começo.

P.- Então não terá um fim?

R.- No que diz respeito à individualização, estará constantemente a mudar. Não podemos dizer que terá um fim.

P.- (Do público.) Qual é a natureza do meta ou estado futuro para o qual a humanidade deste planeta está a tender?

R.- Não é de modo algum um estado mítico. É uma condição real de felicidade e infelicidade. Há um corpo espiritual correspondente ao

PERG.- O assunto sobre o qual desejo dizer algumas palavras é de muita importância, e que tem ocupado a minha atenção durante vários anos. Refiro-me ao tratamento adequado dos loucos. É com verdadeiro prazer que noto que, finalmente, a questão assumiu uma forma tangível, e na direção certa, e desejo-lhe o melhor sucesso. As forças magnéticas e elétricas parecem exercer uma influência a favor e contra. Na lua cheia, quando a atmosfera está numa condição elétrica, os aflitos parecem ser poderosamente influenciados pelos seus efeitos. O que irá, então, neutralizar este agente? A pergunta que desejo fazer é esta: Sendo o chumbo um não-condutor, seria uma touca feita de chumbo finamente batido — feita para envolver a cabeça, aberta no topo, com uma lapela suficientemente grande para cobrir ambas as orelhas — de alguma utilidade para acalmar o sistema nervoso, para ser usada a intervalos determinados, conforme a necessidade o exigisse? Se este agente for de alguma utilidade, não seria bom para os encarregados ter uma sala forrada com o material, para que os pacientes que sofrem de excitação mental pudessem, por um tempo, descansar em quietude?

R.- O seu correspondente fez uma afirmação que não está correta, no que diz respeito às influências lunares. Ele diz que o chumbo é um não-condutor destas influências. Não é assim. Não há nada no reino da Natureza que seja um não-condutor destas influências. É um poder superior por si só; é o poder maior a ser exercido sobre o menor, no que diz respeito à humanidade. As influências planetárias eram reconhecidas nas ciências dos tempos antigos, mas no presente dia a crença nelas caiu muito na escala, e afirmar tal crença é colocar-se na lista dos loucos.

Não obstante, há aqueles que são suficientemente fortes de mente para afirmar que as influências planetárias vão muito longe no sentido de produzir as condições existentes na terra. O assunto da loucura é um assunto a que os homens científicos desta época deveriam prestar rigorosa atenção, e por esta razão: a humanidade está a viver mais

depressa do que as forças nervosas dessa humanidade permitem, e portanto o cérebro deve, por necessidade, ser excessivamente sobrecarregado. Estas forças nervosas — que são necessárias para suprir o cérebro — são desviadas em tantas direções diferentes, e tão rapidamente, que muitos casos de loucura devem ser o resultado.

Ora, como quase dois terços de todos os casos de loucura podem ser atribuídos a influências mais subtis do que as que se veem nas manifestações da vida externa, é altamente importante que os homens científicos desta época façam um estudo das forças imponderáveis num grau maior do que aquele que já fizeram. Eles não deviam apenas reconhecer o magnetismo e a eletricidade como forças na Natureza — deviam compreendê-los, e conhecer o seu alcance —

saber como e por que razão influenciam a humanidade; como podem ser tornados servos para o bem; como podem ser contidos quando se tornam agentes do mal; como podem ser exercidos para trazer um equilíbrio nas forças nervosas para produzir uma cura para os loucos onde quer que seja possível produzi-la. Claro que se entende desde o início que não temos fé nos bons resultados da touca de chumbo.

P.- Há uma condição atingível a que a humanidade possa chegar, de modo a viver uma vida positiva, sozinha, em influências harmoniosas? Se sim, há muitos que atinjam tal condição?

R.- A humanidade, sob todas as circunstâncias, vive através da ação de forças positivas e negativas, e, como humanidade, não poderia existir de outra forma.

P.- (Do público.) Há dois médiuns que diferem amplamente quanto à condição do espírito — um declarando que é do céu, o outro bastante confiante de que é da terra. Em qual devemos acreditar?

R.- Deveis acreditar em ambos. O espírito é da terra, e é daquilo a que chamais céu.

PERG.- (Do público.) Gostaria de perguntar à inteligência condutora: Qual é a natureza — se assim me posso exprimir — do sol

do mundo espiritual? E há alguma relação existente entre o aparecimento desse sol, ou a luz dele, para cada espírito individual, e o estado do próprio espírito em relação à sua compreensão da verdade genuína?

R.- Tudo, desde o átomo que flutua na luz do sol até ao centro deste ou de outros sistemas de mundos, tem o seu corpo espiritual correspondente ao seu corpo físico; portanto o mundo espiritual tem um sol espiritual, e esse sol espiritual está relacionado com os habitantes do mundo espiritual assim como o vosso sol material está relacionado com os habitantes deste mundo material.

E assim como todos os átomos se afetam uns aos outros, quer seja o cisco no raio de sol quer o mundo a balançar no espaço, assim também os habitantes do mundo espiritual são afetados em todas as suas condições pela ação deste sol espiritual; e, novamente, este sol espiritual é afetado pelas condições e movimentos e relações dos habitantes do mundo espiritual. "Dar e receber" é a ordem da Natureza em todo o lado — aqui, e ali também.

P.- A resposta vai bastante na linha em que pensei que viria, e, até agora, é satisfatória. A inteligência diz que o sol é, por sua vez, reciprocamente afetado pelos habitantes do mundo espiritual. Se é esse o caso, não podemos nós, então, quando lemos nas Escrituras onde se declara que o sol se escurecerá e a lua se converterá em sangue (comumente suposto como descritivo de um acontecimento literal a ter lugar nalgum momento) — não podemos nós entendê-lo como referindo-se ao escurecimento desta iluminação espiritual que brilha sobre as nossas mentes, e nos capacita a ver a luz da verdade? Não foi figurativamente descrito por este escurecimento do sol?

R.- Sim; dado que os mestres daqueles dias falavam quase sempre simbolicamente e em parábolas, é, pelo menos, justo inferir que eles faziam referência a uma ideia espiritual, e que simbolizavam essa ideia através de condições naturais — através do aparecimento, de tempos a tempos, dos corpos celestes.

P.- Quem foi Melquisedeque?

R.- Um sacerdote espiritual — um mestre espiritual desconhecido — um rei no reino da alma, se assim quiserem.

P.- Um espírito deste planeta, ou de outro planeta?

R.- Deste planeta. O profeta, ao falar dele, fala de forma muito misteriosa, como se ele fosse algo não compreendido, porque acreditava que a alma, enquanto envolvida na matéria, nunca poderia compreender plenamente o espírito. O profeta sabia que este sacerdote espiritual era um espírito liberto da carne — uma inteligência ascendida, governando nos assuntos mortais.

P.- (De outro.) Ele diz-me que veio de outro planeta.

R.- Talvez tenha vindo; não dizemos que não veio, mas sabemos que ele teve um nascimento neste planeta. Ele poderia ter tido um nascimento também noutro — em muitos outros.

P.- À medida que os seres espirituais avançam, se desenvolvem para estágios mais elevados de vida, levam eles consigo as suas antigas afeições pelos seus amigos pessoais, ou superam-nas?

R.- Se estes amigos avançarem correspondentemente com eles, estas afeições permanecem ininterruptas; mas se não avançarem correspondentemente com eles, pela lei da Natureza, são quebradas.

P.- Pode a inteligência informar-nos no que diz respeito aos contínuos desenvolvimentos futuros do Espiritualismo? Pode dar-nos alguma ideia da linha ou direção que ele tomará, com toda a probabilidade?

R.- Esta verdade espiritual propõe-se permear todas as condições da vida mortal. Propõe-se espiritualizar a Igreja, o Estado e a vida social, e entrar em todas as condições minuciosas do vosso ser. Tão grande é o seu campo de trabalho, que uma eternidade inteira lhe é concedida para realizar a sua obra.

P.- Pode haver algum período em que haja um movimento retrógrado? Houve um tempo, no passado, em que era mais prevalente do que ultimamente. Suporíamos que prevalecia mais amplamente

quando Jesus estava na terra do que desde esse período, em séculos posteriores.

R.- A verdade, ao subir as montanhas, deve também descer aos vales; daí esta aparência de um movimento retrógrado. 11 de junho

PERG.- (De Clement Pine, "The Willows", Bridgewater, Ing.) Em dezembro de 1868, estando eu então no Illinois, tendo perdido a vista, (e, em consequência, em circunstâncias difíceis) elaborei um memorial, que foi apresentado ao Congresso pelo Hon. S. M. Cullom, expondo a minha alegação como o criador do Sistema de Portagem Postal Barata nos Estados Unidos, o qual foi apresentado e remetido para o Comité dos Correios. No dezembro seguinte, estando em Cincinnati, elaborei uma petição, que foi numerosamente assinada pelos cidadãos mais proeminentes de Cincinnati, instando o Congresso a atuar sobre o assunto.

Esta foi confiada ao Hon. B. Eggleston, M. C., dessa cidade, e membro do Comité de Despesas Postais, que prometeu fazer um relatório imediato sobre a mesma, sendo a petição acompanhada por um grande pacote de provas documentais. Pode a inteligência condutora informar-me se este ou algum Congresso subsequente tomará a ação necessária sobre as premissas para que nos arquivos públicos da nação se possa encontrar testemunho de confiança sobre esta importante reforma, servindo como um marco na jornada do historiador, e um farol de luz para alegrar o caminho dos reformadores presentes e futuros?

R.- Quando o meu irmão tiver dormido o sono da morte, e tiver ascendido à terra superior da vida, então isto será feito. Os seus irmãos brancos em todos os assuntos de governo movem-se lentamente — tão lentamente que o coração fica cansado e os sentidos desfalecem enquanto eles fazem o seu trabalho; mas tão certo como o sol brilha hoje, tão certo o meu irmão olhará para baixo desde a sua esfera ascendida na vida, e ficará alegre pelo conhecimento de que foi lembrado.

P.- Pode informar-me se, quando perseverei durante anos para realizar esta importante reforma, foi através da instrumentalidade de espíritos ministradores que estão a tomar conhecimento da necessidade humana, a fim de elevar o homem a um plano mais elevado, embora eu estivesse inconsciente da sua influência?

R.- O meu irmão branco tem sido uma seta lançada do arco dos seus irmãos mortos. Essa seta encontrou o lugar destinado pelos seus irmãos mortos para ela.

P.- Não é um dever imperativo sobre todos os verdadeiros Espiritualistas esforçarem-se em rastrear a instrumentalidade pela qual todo o povo foi tão assinaladamente beneficiado, pela qual, em numerosos casos, a despesa de comunicar com os seus amigos foi reduzida em dez vezes?

R.- Dado que os meus irmãos e irmãs que vivem sob a luz desta nova dispensação chamada Espiritualismo Moderno acreditam na reforma e a pregam, e por vezes a praticam, torna-se um dever imperativo sobre eles reconhecer todas essas questões, e fazer seja o que for que o Grande Espírito lhes dite para fazer ao dar-lhes o seu devido lugar.

P.- (Do público.) Foi desígnio do mundo espiritual construir entre nós organizações de igreja e as várias sociedades religiosas?

R.- Dado que todas as coisas que existem de todo, existem pela ação direta do mundo espiritual e do poder espiritual, isto não pode ser exceção. As vossas igrejas, as vossas Bíblias, os vossos mestres, estão todos nas mãos do Grande Espírito. Ele lida com eles como lhe apraz.

P.- Faz a crença um homem bom, ou são as suas obras? O que efetua mais em seu favor — a fé ou as obras?

R.- Essa crença que é sem obras está morta, portanto de nenhuma utilidade. Essa crença que é acompanhada por obras, e está viva por obras, sai para todas as esferas da vida, e faz o homem quer bom quer mau.

P.- O único objetivo da oração é tornar um homem melhor, não é? Não pode mudar os propósitos de Deus.

R.- A oração não pode mudar o Grande Espírito, pois ele é imutável. Ela apenas muda os seus filhos, e trá-los a uma condição de receber o que pedem.

P.- Queira a inteligência definir a palavra "mediúnico", e explicá-la?

R.- Um algo que atua no meio. O lápis nas mãos do nosso escriba é um meio para o cérebro desse escriba, e atua entre esse cérebro e o papel. Este corpo através do qual o Índio fala neste momento é um meio entre o Índio e vós, mantendo uma esfera intermédia, extraindo de um, dando ao outro. Os vossos homens de ciência ensinar-vos-ão que estas pessoas possuem um conjunto duplo de nervos, e, porque o possuem, podem ser usadas pelos mortos e por si mesmas ao mesmo tempo — nem sempre, mas por vezes é assim. Este conjunto duplo de nervos torna-os naquilo a que os homens científicos chamam sensitivos — excessivamente vivos para todas as coisas, e capazes de perceber bem como de sentir, de ver, de provar e de cheirar.

Este sentido de perceção abrange todos os outros, e é trazido a um estado vivo e vivificado pela ação deste conjunto duplo de nervos. Através da perceção eles tornam-se conhecedores das coisas que se passam na vida superior. Recebem os pensamentos dos seus irmãos mortos, e, pela ação deste conjunto extra de nervos, transmitem esses pensamentos a vós.

P.- É Deus um ser pessoal, ou é ele o princípio-espírito da Natureza?

R.- O vosso Grande Livro ensina-vos que Deus é um espírito, e que aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade. O vosso Grande Livro e o nosso, que é o Livro da Vida, ensinam o mesmo. Deus é um espírito, habitando aqui neste pedaço de madeira sem sentido, e habitando aqui [apontando para a médium], e em todo o lado um princípio, um poder, uma força, atuando através de toda a matéria e governando-a.

P.- É a clarividência um sexto sentido, ou é um desenvolvimento dos outros cinco?

R.- A clarividência é o exercício das forças subtis de todos os sentidos. Estas forças elevam-se até à perceção, e tornam-se um novo sentido; e por esse novo sentido o clarividente sai para mundos distantes e vê objetos distantes, torna-se familiarizado com condições distantes, lê coisas que estão no passado, coisas que estão no futuro, bem como coisas que estão no presente.

P.- Por que razão é tanto mal feito por pessoas sob controlo espiritual?

R.- Por que razão há maçãs verdes nas vossas árvores no tempo da primavera, e maçãs maduras no verão e no outono? Por que razão vos ensina o Grande Espírito a plantar a vossa semente no solo? Ela rompe a casca, cresce em todas as direções, vem para a luz do sol, e torna-se fruto ou grão perfeito.

P.- Então devemos fazer o mal para que venha o bem?

R.- Sim.

P.- Por que razão deveria o fruto ser permitido maturar numa condição imperfeita?

R.- O Grande Espírito pode responder a essa pergunta melhor do que eu; colocai-a a ele.

P.- Sem dúvida que ele poderia responder a todas as nossas perguntas melhor do que vós.

R.- Há algumas perguntas às quais o Grande Espírito nos dá sabedoria para responder; há outras às quais só ele pode responder, e a essas ele raramente responde a almas na carne. Elas devem esperar até terem ascendido à luz mais clara de uma nova vida. Então serão mais capazes de compreender os pensamentos do Grande Espírito.

P.- Entendo que este espírito foi para essa nova vida. Parece-me que ele seria capaz de nos informar.

R.- Bem, então ele não opta por vos informar. Ele responde às perguntas que lhe apraz, e rejeita de acordo com o seu prazer.

P.- Em que estágio do crescimento fetal se torna o espírito individualizado?

R.- Na conceção.

P.- Se, como entendo, uma criança vem ao mundo pura e fresca e doce como uma rosa, da mão do Pai Infinito, o que tem essa criança a ver com os pecados dos seus antepassados?

R.- As rosas nem sempre são puras. Aquele que disse, "Os pecados dos pais serão visitados sobre os filhos", falou uma grande verdade; e vós sois todos testemunhas vivas dessa verdade, hoje, cada um de vós. O espírito despidor pode lê-lo nas vossas testas, vê-lo em cada fibra do vosso ser. Se os vossos pais e as vossas mães tivessem estado sem pecado, ou sem verdura, vós teríeis sido fruto mais belo do que sois hoje.

O pecado é apenas uma condição não madura da vida. Esta imaturidade é visitada através de muitas gerações. Ela desce pelos caminhos do tempo, e surge na tenra rebentação, e essa tenra rebentação torna-se um assassino. Onde obteve ela as sementes do assassínio? Rastreai-as para trás, talvez através de muitas gerações, e encontrais o fruto verde, comido por lagartas, e subis a partir daí e vedes a linha a correr por todo o caminho, até terminar surgindo nesta rebentação, e ela torna-se um assassino. Não podemos dizer por que razão estas coisas são, mas sabemos que são. Assim sabemos que a matéria deve ser subjugada pelo espírito. Sabemos que deve ser tornada perfeita pelo espírito. Sabemos que é função do espírito purificá-la, elevá-la; e acreditamos que, com o tempo, nas eras vindouras, a matéria que compõe a vossa própria e bela terra se tornará tão aperfeiçoada que não dará à luz mais imaturidade; que o fruto da árvore da vida será fruto perfeito do início ao fim.

P.- É o Grande Espírito uma entidade individual única, ou uma coleção de tais?

R.- O Grande Espírito é o Todo do espírito — o vosso espírito, o meu, e todos os muitos, muitos espíritos que habitam muitos, muitos universos, quer encontre expressão através da madeira sem sentido, através das flores, ou através do corpo humano. 20 de junho

PERG.- O interrogador envia o seguinte extrato de um jornal, com um pedido para que possa ser explicado pela inteligência condutora:

"O LAGO ONTÁRIO NUMA AGITAÇÃO — Um fenómeno raro foi presenciado nas proximidades de Oswego, N. Y., quinta-feira, às três horas da tarde. A água no Lago Ontário e no Rio Oswego subiu dois pés, permanecendo nessa elevação durante sessenta e quatro minutos. Desde essa altura até às sete horas, a água alternadamente subiu e desceu, subscrevendo ao nível ordinário às sete horas, onde permaneceu. Antes da subida, um moinho branco no lago reuniu uma tromba-d'água alta, que varreu rapidamente para leste. Um som de murmúrio foi ouvido vindo da água. Peixes vieram à superfície da água em grandes números, e bolhas de ar subiram rapidamente e explodiram. Os sintomas pareciam indicar um terramoto submarino."

R.- É sabido pelos cientistas que investigaram nessa direção que, quando os terramotos e os abalos atmosféricos se encontram, as ondas de maré são a consequência, uma subida de todos os fluidos dessa localidade. Esta foi, sem dúvida, a causa do fenómeno acima mencionado.

P.- (Do público.) A água expande-se em consequência do ar, e faz isto com que a água suba?

R.- Sim; certamente.

P.- (Do público.) São os espíritos das trevas enviados a todos os médiuns, com o propósito de ajudar a desenvolvê-los?

R.- Os espíritos das trevas, como tendes por bem chamar-lhes, são atraídos para os médiuns em desenvolvimento porque é a lei da

química natural e espiritual, e não pode ser evitado. Nunca houve um médium isento destas condições — nem mesmo o médium Jesus. O diabo — assim diz o relato — veio e tentou-o. Os espíritos das trevas quase o sobrecarregaram; e quando o poder da atração tinha abrandado, no caso deles, eles partiram, e eis que os anjos vieram e o serviram. É a ação da lei natural, e com os médiuns em desenvolvimento deve ter lugar.

P.- Aprovam as inteligências superiores o Jubileu?

R.- Aprovam. Qualquer coisa que tenda a produzir harmonia traz o céu para essa localidade, num certo grau; e certamente há necessidade suficiente de céu na vossa própria cidade ímpia. 24 de junho.

PERGUNTA.—(*De um correspondente.*) É a religião experimental necessária para a salvação da alma?

RESPOSTA.—Não, certamente que não. A alma tem tanta certeza de ser salva como o próprio Deus tem certeza de ser salvo; e não há nada em todo este mundo ou em qualquer outro mundo, seja espiritual ou mortal, que seja necessário para a salvação da alma.

P.—Em que lugar da Bíblia encontra o trecho que diz que os ímpios chegam a ir para o céu? “E estes irão para o castigo eterno:”

R.—Que os ímpios, enquanto tais, não podem entrar no céu, é um facto tão absoluto como a Natureza; mas que os ímpios podem renunciar à sua maldade, e que o farão, é igualmente um facto tão absoluto como a Natureza, porque todas as almas tendem necessariamente para a sua fonte—Deus.

P.—Por que motivo temos de passar por tanto sofrimento mental aqui, uns mais do que outros, se todos são iguais perante Deus? “Se

não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis." "O meu espírito não contenderá para sempre com o homem."

R.—A alma, enquanto alma, deseja tomar conhecimento da matéria—tornar toda a matéria subserviente aos seus propósitos; e, portanto, deve unir-se a todas as fases da matéria, quer seja num grau inferior quer num grau superior; e, até ter obtido todo este conhecimento, não se sente satisfeita. A missão da alma é dominar a matéria. "Dou-te domínio sobre todas as coisas na Natureza", diz Deus à alma—um édito direto do Espírito Todo-Poderoso para a alma, autorizando-a a vencer a matéria. Assim, à medida que se vai disciplinando pelo seu contacto duro com a matéria, aprende a lidar com a lei que rege a matéria, torna-se senhora da matéria, e a matéria passa a ser sua serva.

P.—Teria a inteligência a bondade de nos informar se, por exemplo, um distinto compositor de música, como o Sr. Strauss, é ajudado nas suas inspirações por amigos espíritos? E aplica-se isto a todos os nossos homens de talento—pensadores, oradores e todos os outros?

R.—O mundo está cheio de inspiração, e cada alma viva capta-a. Ela arde em cada lábio; vê-se em cada olhar; irrompe com cada cadência, até nas palavras balbuciadas da infância; mas sobre todos os génios ela assenta como um anjo entronizado e afirma a sua presença.

P.—(*Do público.*) Compreendo que o ponto a que se deseja chegar é este: se a influência vinha diretamente de amigos espíritos individuais, ou se era de caráter geral.

R.—Por vezes, a maior quantidade de inspiração vem dos amigos que partiram antes; mas habitualmente é de outro modo—uma inspiração geral vinda de inúmeras fontes.

P.—Faz alguma diferença se eles são crentes na nossa Filosofia Espiritual?

R.—Num sentido, sim; noutro sentido, não. Aqueles que são crentes na doutrina da inspiração—na Filosofia Espiritual, compreendem o que significa a inspiração—sabem algo sobre os diferentes graus de inspiração que recebem e ficam gratos pela mesma. Aqueles que nada sabem sobre a filosofia espiritual são igualmente recetores desta chuva divina, mas não sabem de onde ela vem; não bebem os seus orvalhos sagrados como orvalhos sagrados; apenas os entendem como os resultados dos seus próprios esforços—essa é a diferença.

P.—Dar-nos-á as suas ideias sobre o Jubileu? É um Jubileu da Paz, ou o seu objetivo é fazer dinheiro?

R.—Ostensivamente é pela paz, mas na realidade é para fazer dinheiro—para obter poder e posição. Esta é uma verdade dura, mas mais vale que seja dita; e, no entanto, o mundo dos anjos tirou partido destas condições duras, e trará um bem extraordinariamente grande daquilo que, de outro modo, poderia ter sido um mal positivo. Se não houvesse outro resultado do presente Jubileu Nacional a não ser aquele que decorresse dos motivos do seu criador, seria uma calamidade terrível para a nação; mas um Poder supremo, que ordena bem todas as coisas, ordenou este homem e impulsionou-o para este curso de ação. Ele convocou as diferentes nações e elas enviaram os seus filhos, e os anjos juntaram-se a eles—e qual será o resultado? Mais paz na terra? Não, talvez não; mas um afluxo maior desta inspiração divina que já está a inundar a terra.

P.—Os nossos amigos espíritos vêm ter connosco durante o nosso sono? Se estamos a sonhar com eles, é apenas um sonho, ou eles vêm mesmo?

R.—Eles vêm muitas vezes. Vós estais então num estado negativo—mais propensos a ser recetores do poder dos espíritos—da ação dos vossos amigos espíritos sobre vós. Sois muitas vezes avisados em sonhos pelos vossos amigos espíritos; sois muitas vezes aconselhados em sonhos pelos vossos amigos espíritos; sois muitas vezes encorajados em sonhos pelos vossos amigos espíritos. Mas nem todos os sonhos são visões espirituais—muitos deles são o resultado de estômagos sobrecarregados.

P.—Como podemos saber a diferença?

R.—É difícil aqui, nesta vida, saber a diferença, e no entanto há muitos que o conseguem. Aqueles que são suscetíveis—sensíveis à influência dos espíritos e que a compreendem—conseguem sabê-lo; aqueles que não o são, acham difícil sabê-lo.

P.—No caso de um médium espírita, como pode ele determinar a extensão em que é um médium?

R.—Não existe tal coisa como medir a mediunidade espiritualmente. Podeis analisá-la, mas não podeis medi-la.

P.—Como deverá, então, alguém determinar quando deve ceder à influência dos espíritos e quando deve resistir-lhe?

R.—A maioria dos médiuns sob a ação da influência dos espíritos está consciente e não pode ter qualquer ação na matéria.

P.—Referimo-nos, como é evidente, a médiuns conscientes.

R.—Nesse caso, eu diria que o médium, quando sob a ação de uma força espiritual estranha, deve permanecer passivo até que essa força se esgote, e não usar qualquer força contrária, pois isso resulta sempre em mal para o médium.

P.—Deverá ele manter-se sempre pronto para entrar sob controlo?

R.—Não; dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. Há um tempo para todas as coisas. Os espíritos no outro mundo não cumprem, todos eles, a ordem e a lei. Ora, há certos momentos que pertencem mais propriamente ao médium, e este deve lutar por eles sempre. Há outros momentos que pertencem mais propriamente aos seus espíritos protetores.

A estes devem ceder a esses espíritos, em todas as circunstâncias. Por exemplo: na minha perspetiva, seria extremamente imprudente e impróprio para mim, a menos que num caso extraordinário em que pudesse ser útil e ajudar, tomar o controlo do meu médium nos vossos elétricos ou nas vossas vias públicas. Ali, em circunstâncias normais, o médium fica melhor se for deixado num estado normal. 27 de junho

PERGUNTA. Até que ponto o mundo espiritual deste planeta está dependente da continuação da existência da terra como um só corpo? Suponhamos que, por alguma convulsão invulgar da Natureza, tal como a colisão com um cometa, de que tanto se falou durante o mês de agosto, ou por qualquer outra causa, esta terra se partia em fragmentos e se espalhava pelo espaço sob a forma de asteróides, de que modo, se é que de algum, afetaria isso provavelmente o mundo espiritual, que se diz ser contíguo à terra?

RESPOSTA.—Este mundo visível ocupa a mesma posição em relação ao mundo espiritual que este corpo ocupa em relação ao espírito habitante. A destruição do corpo não envolve a destruição do espírito; mas o espírito, quer dos mundos quer dos corpos humanos, avança mais rapidamente e mais harmoniosamente se a separação entre eles e os seus corpos externos ocorrer tranquilamente, segundo a lei e a ordem, do que se ocorresse por qualquer separação violenta entre eles. Não existe tal coisa como destruir seja o que for que seja espírito; isso não pode ser feito. E, mais uma vez, todas estas

especulações absurdas com referência à destruição deste planeta, ou de qualquer outro, são meramente especulações absurdas, nada mais.

A destruição deste planeta envolveria a destruição de todos os outros pertencentes a este sistema solar. Sei que há aqueles que afirmam ser cientistas, que raciocinam de outro modo. Eles dizem-nos que os asteróides não passam de fragmentos de algum planeta que se escaqueirou em fragmentos. Isso não pode ser assim; não é assim; nós sabemos que não é. Futuros cientistas aqui, nesta vida, provarão o contrário. Por isso, vós que temeis que o cometa que se aproxima possa atingir esta terra e destruí-la, não temais mais. Tal catástrofe não está escrita na história desta terra.

P.—(*Do público.*) Assim como os nossos espíritos deixam os nossos corpos, não poderemos inferir que o espírito da nossa terra deixará um dia o seu corpo?

R.—Sim, certamente.

P.—O que acontece então ao corpo?

R.—Esta terra está constantemente a morrer, tal como os vossos corpos. Ela começa a morrer a partir do momento em que começa a existir. As terras vivem naturalmente. Elas não desobedecem a nenhuma lei natural e, assim, quando o espírito tiver extraído tudo o que há a extrair desta terra para formar um globo espiritual, então não haverá mais vida na casca ou crosta exterior, e ela desaparecerá tal como os vossos corpos espirituais que são temporariamente construídos em Moravia desaparecem sob o vosso olhar, sob o vosso toque. Eles extinguem-se naturalmente, não por qualquer convulsão da Natureza, mas através da ação da lei natural, tranquilamente.

P.—Sendo assim, eu suporia que a terra nem sequer esteve perto da sua maturidade.

R.—Está muito longe da sua maioridade, a milhões de anos. Portanto, vós que me acreditais na doutrina do Segundo Adventismo tendes de mudar a orientação do vosso pensamento, e aplicar a ideia a coisas espirituais, não a coisas materiais. A terra não pode ser destruída, digo eu, por qualquer convulsão da Natureza, sem envolver a destruição de todos os outros mundos ligados ao sistema solar. A ciência, mesmo a ciência desta vida através da porta aberta da análise espectral, provará em breve que isto é um facto indiscutível.

P.—Ocorrem terramotos na terra dos espíritos?

R.—Não, não ocorrem.

P.—O livro intitulado "Jesus e a Era Apostólica", conforme transmitido por Jesus e pelos apóstolos, através da mediunidade de Olive G. Pettis, é considerado correto pela inteligência que o controla?

R.—Contém muitas verdades relativas à vida humana de Jesus. Contém também muitos erros.

P.—(*Do público.*) Os espíritos levam certos médiuns de um lugar para outro, a fim de extrair deles certas substâncias ou átomos para cura, ou para realizar qualquer propósito que tenham em mente, sem que o médium se aperceba?

R.—Certamente que sim.

P.—Sem estarem em contacto com eles?

R.—Sim, tal como muitos de vós são trazidos aqui hoje.
2 de set.

Pergunta.—(*De um correspondente.*) Foi recentemente relatado que as manifestações de Moravia cessaram quase por completo.

Informar-nos-ão os espíritos se se trata de algo apenas temporário ou se irão desaparecer de todo?

Resposta.—Todas essas manifestações sofrem, se posso usar o termo, em consequência de mudanças de local ou de condições mediúnicas, tendo ambas ocorrido em Moravia; mas creio que não se pretende que estas mudanças provoquem qualquer diferença permanente com estas manifestações; que elas continuarão a aumentar em poder de tempos a tempos, estando dependentes, como é evidente, das condições diárias e daqueles que se possam oferecer como investigadores; da condição da atmosfera e do médium. Todas estas coisas têm de ser levadas em consideração, e deve ser deixada uma margem muito grande para elas; mas é intenção do grupo de espíritos que controla esse médium levar a coisa avante até ao êxito; e, portanto, aqueles que ponderam ir lá investigar nessa direção não precisam de adiar a sua visita.

P.—(*De outro.*) Tomei conhecimento, através do *Banner of Light*, de que a maior parte daqueles que regressam na Sala do Círculo aprova a doutrina da reencarnação. Ora, eu sou Espiritualista, e o meu tudo baseia-se nessa crença; mas há algo na reencarnação que parece estragar a minha felicidade. Tenho muitos amigos queridos que partiram há muito tempo e antecipando o reencontro com os quais vivo diariamente; mas, se eles foram reencarnados, voltarei alguma vez a encontrá-los ou a saber do seu paradeiro?

R.—O facto de o espírito regressar, e de o espírito ser capaz de se apossar de um corpo que não é o seu, prova a doutrina da reencarnação para lá da possibilidade de dúvida. A doutrina é verdadeira. É uma doutrina antiga trazida para o presente; e, tal como o vinho velho quando é colocado em garrafas novas, é muito suscetível de as rachar. Ora, as ideias que esta geração absorveu relativamente ao aqui e ao devir, no que respeita à alma, são adversas à doutrina da reencarnação. É algo que parece invadir a felicidade espiritual futura, mas na realidade não invade. É apenas uma das

características naturais da lei natural, tal como vós não a tendes compreendido. É a mão direita do vosso Espiritualista moderno. Não podeis fugir-lhe. Há milhões de espíritos à espera de provar esta teoria como um facto, mas só o podem fazer positivamente através das revelações da ciência moderna, o que farão à medida que o Espiritualismo marchar, através do intelecto desta era.

O nosso amigo não precisa de temer não vir a conhecer e a encontrar os seus entes queridos no devir. É apenas uma questão de tempo. E se eles estiverem aqui na terra novamente quando ele for chamado daqui? Ele só tem de esperar mais um pouco. O facto de eles terem entrado noutro corpo e o controlarem não argumenta que não serão os mesmos entes queridos que sempre foram para ele. Poderíeis da mesma forma argumentar que, quando o vosso filho crescesse, deixaria de vos amar, porque tinha crescido longe de vós—porque tinha habitado durante anos num país estrangeiro, enquanto vós permanecíeis junto ao lar da casa. Quando o encontrásseis, poderíeis não o reconhecer. Talvez no momento não reconhecêsseis; mas há essas condições pertencentes à alma, enquanto alma, que ela conserva para sempre. Não importa se ela vaga no Hades ou se se regozija no Céu.

P.—(*Do público.*) O espírito que fala agora através deste médium está reencarnado de momento, não está?

R.—Sim.

P.—Se esse mesmo espírito entrasse nesse corpo ao nascer, seria apenas uma reencarnação por um tempo mais longo, suponho?

R.—Sim.

P.—Têm os espíritos qualquer escolha na matéria?

R.—Não; não têm qualquer escolha. É a ação da lei natural sobre eles. Devem ser-lhe obedientes. Vós não tivestes escolha quanto a vir para este mundo. Tendes a certeza de que não fostes reencarnados uma dúzia de vezes? Não, não tendes.

P.—Então quer que se entenda que a mediunidade é uma das fases da reencarnação?

R.—Sim, esta é uma das fases da reencarnação. Estou em plena posse das faculdades e funções deste corpo através do qual falo. É apenas uma fase da reencarnação. Não pode ser outra coisa. É temporária, é certo, mas é um facto.

P.—Que proporção de espíritos que já habitaram um corpo material tem de ser reencarnada pela lei natural depois de passar para a vida espiritual?

R.—A alma, a fim de gozar a imortalidade eternamente, ou por outras palavras, a fim de passar por todas as esferas do reino da vida, deve agregar a si mesma certos elementos ou poderes pertencentes à vida. Ora, se uma alma numa encarnação reúne todos estes elementos, não há necessidade de uma reencarnação; portanto, ela não ocorre. Mas se essa alma não reúne o que é necessário para fazer todo o circuito da vida, e dar-lhe uma coroa de vida eterna, então deve regressar novamente, retomar os fios quebrados da matéria até tecer para si mesma uma veste nupcial perfeita.

P.—É um facto que, quando um espírito deseja fotografar-se a si mesmo, pode parecer velho ou jovem, conforme lhe aprouver?

R.—Sim, é um facto; e é feito desta forma: para produzir fotografias de espíritos, tais como as que possam apelar ao vosso sentido físico da visão, torna-se necessário para esse espírito materializar-se a si mesmo até um certo ponto—talvez não de modo a que o pudésseis ver e reconhecer como o vosso amigo, mas de modo a

que a placa sensível usada pelo artista o possa reter—o possa recolher e manter como um facto, uma coisa material. Agora, então, o espírito veste-se a si mesmo a partir da memória.

Os espíritos que regressam desejam geralmente apresentar-se aos seus amigos como pareciam quando os seus amigos os viram aqui pela última vez. Ora, eles não são assim na vida espiritual. Não deveis esperar encontrar o vosso amigo num corpo emagrecido, com o selo da morte nele; oh, não! O que acontece então? Ora, eles apresentam-se, materializam-se a si mesmos como eram quando estavam relativamente de saúde; e para fazer isso, devem recorrer à memória, e depois reunir em si mesmos esses elementos que produzirão precisamente essa condição de semelhança.

Ora, a criança pequena, que era uma criança pequena aqui, cresceu lá. Algum amigo querido que conhecia essa criança deseja dispô-la como um espírito ao apresentar-se à mãe aqui. Pois bem, eles recuam na memória para como essa criança pequena parecia enquanto esteve aqui. Vós pedis para a ver como ela era; e assim, pela ação da memória, eles reúnem esses elementos da vida mediúnica e atmosférica, e agregam-nos ao espírito, e eis que o espírito fica vestido como uma criança pequena.

P.—O meu desejo de ter um espírito a apresentar-se quer como uma criança quer como uma pessoa adulta faria alguma diferença?

R.—Sim; uma diferença muito grande.

P.—Os espíritos chegam a ficar dormentes durante anos, estando inconscientes de que passaram para a vida espiritual?

R.—Ficam. Por vezes é necessário usar o que seria chamado de meios extraordinários para os despertar para a consciência; por vezes é necessário—na verdade, muito frequentemente—trazê-los de volta aqui e colocá-los em contacto com condições físicas severas para os despertar para a vida, para uma lembrança do que são.

P.—Esses espíritos que se materializam não precisam de recorrer a mais nada além da memória? Não têm de entender de química e saber como extrair os elementos de que necessitam? Consequentemente, não poderiam muitas vezes desejar vir, e não o conseguir por falta desse conhecimento?

R.—Se eles tiverem esse conhecimento, podem exercê-lo por si mesmos, sem incomodar os outros; mas há muitos químicos no mundo dos espíritos que dedicam o seu tempo a este ramo da ciência. 3 de sept.

PERGUNTA.—(*De um correspondente.*) Se os espíritos veem e sabem, como dizeis, o que se está a passar, e podem intervir, como também dizeis, por que razão permitem tal tortura, e até o assassínio de crianças, como acontece muitas vezes? Um golpe vindo de uma fonte invisível na cabeça de um destes diabos torturadores, quando prestes a praticar atos contra alguma criança, bastaria para o assustar, a ele ou a ela, até à abstinência, em todo o caso?

RESPOSTA.—O seu correspondente revela um grau lamentável de ignorância. Recomendaríamos que ele voltasse a sua atenção para assuntos espirituais, aprendesse sobre a filosofia do regresso dos espíritos, a qual envolve a filosofia da vida. Há certas leis inerentes a cada ser e a cada coisa, desde o átomo até ao mundo, que não podem ser quebradas. Nenhuma interferência por parte de qualquer espírito ou espíritos, nem do próprio Deus, pode quebrar a lei. Os males que existem sobre a terra devem ser eliminados de uma forma natural; aqueles que desejam tornar-se benfeitores dos habitantes da terra devem fazê-lo tirando partido da lei natural e atuando através dela. Há milhões de espíritos regressados que pouco ou nada sabem sobre a lei natural. Eles são levados para longe pelas vagas da lei, as quais os lançam nas vossas margens, e eles atuam ali durante algum tempo. Uma vaga de regresso leva-os de novo embora. Os espíritos que visitam a terra não se propõem trazer o milénio, ou os bons tempos

futuros, numa hora, num ano, num milénio ou em muitos milhares de anos, porque sabem que isso não pode ser feito.

A eliminação do mal e o advento do bem é um trabalho imenso, e todos os espíritos que desejam elevar-se a si mesmos fazem-no elevando outro alguém, tentando fazer o bem em qualquer e em todas as direções que lhes seja possível alcançar; mas devem trabalhar através da lei natural, e o caminho que o seu correspondente traça é absolutamente adverso à lei natural.

P.—No *Banner* datado de hoje, 31 de agosto, há uma comunicação que professa vir de Charlotte Steinway, Evansville, Minnesota. De acordo com a comunicação, ela faleceu às duas horas, em Minnesota, altura em que seriam cerca de 4:20 em Boston, contudo a comunicação foi recebida através da Sra. Conant um pouco depois das três horas; por outras palavras, de uma a uma hora e um quarto antes de ela falecer. Ora, há milhares de crentes e não crentes que terão a mesma dificuldade com esta comunicação que eu tive, e se o espírito controlador puder esclarecer a discrepância, isso terá um grande efeito.

R.—Todos os espíritos que visitam este lugar, com a intenção de se identificarem perante os seus amigos através da narração de eventos, datas, nomes, etc., perguntam primeiro ao espírito presidente do nosso lado que horas são. É-lhes dada a hora solar exata, a partir deste lugar. Por exemplo: eu posso ser o espírito presidente. Aquele que me segue, desejando dar uma comunicação pessoal, pedir-me-á a hora correta. Eu digo: são três e um quarto.

Ele data os acontecimentos que está prestes a narrar para a sua identificação a partir dessa hora, precisamente como o navegador toma as suas referências a partir de Greenwich. Ora, há casos em que o espírito leva em consideração a diferença de fuso horário entre diferentes lugares, e por vezes renunciam à regra geral e criam uma para si mesmos. Por exemplo: eu faleci às duas e um quarto em

Minnesota—hora de Minnesota; mas essa não é a regra, entenda-se, é a exceção, com todos os espíritos que se manifestam neste lugar. Parece ser um vício no qual todos gravitaram, e quase todos correm nele, e deveis julgá-los em conformidade.

P.—(*Do público.*) O que quer dizer com "ser absorvido no Grande Espírito"?

R.—É minha crença que virá um tempo em que seremos conscientemente um com a Infinitude do Grande Espírito, o Todo-Poderoso, ou Jeová, ou qualquer outra coisa que queirais chamar a este Poder Infinito. Atualmente, a nossa compreensão é tão vaga, tão reduzida, relativamente a este Grande Espírito, que mal estamos dispostos a reconhecer-nos como partes desta vida, o que certamente devemos ser para podermos viver; mas virá o tempo em que estaremos plenamente conscientes desse facto, e estar plenamente consciente dele é equivalente a ser absorvido por ele.

P.—A mediunidade pode ser adquirida, ou tem de vir por lei natural?

R.—A mediunidade é um dom natural. Não é uma coisa que possa ser adquirida. Pode ser desenvolvida como qualquer outro dom da Natureza pode sê-lo, mas é tudo. O gérmen deve estar lá na conceção.

P.—Nem todos a têm?

R.—Sim, todos a têm em maior ou menor grau; mas há espécimes marcantes, como há de todas as outras coisas na Natureza.

P.—Existe algo como um mal positivo?

R.—Não, pois para mim um mal positivo significa um mal absoluto, algo que será sempre mau. Eu não admito isso, visto que

creio na existência de Deus em todo o lado e em todas as coisas. Creio que este Deus converterá finalmente todo o mal em bem.

P.—A existência consciente humana sempre existiu, ou houve um início?

R.—Eu creio que a consciência humana, ou as almas humanas, sempre existiram, que nunca tiveram um início e, consequentemente, não podem ter fim. 5 de sept.

PERGUNTA.—(*Do público.*) Suponhamos que um médium, com outros dotes, é deficiente na memória, especialmente no que diz respeito a datas, períodos de tempo e nomes de pessoas e lugares; o esforço do espírito para projetar tais factos não tem de ficar limitado à capacidade dos órgãos físicos para essa expressão?

RESPOSTA.—Sim, num certo sentido, mas não num sentido absoluto. Nem sempre é sabido por vós na carne quais são as capacidades físicas dos vossos semelhantes, e por vezes os espíritos que atuam sobre estes médiuns conseguem extrair muito mais do que os próprios médiuns conseguem exteriorizar, tirar muito mais partido do capital que encontram existente nos médiuns.

P.—(*De um correspondente.*) Theodore Parker já alguma vez visitou a Lua? E, em caso afirmativo, há lá terra e água, e é habitada por seres semelhantes a nós?

R.—Sim, Theodore Parker visitou a Lua. Esse satélite da terra é habitado por seres muito semelhantes aos da terra, apenas muito inferiores, a maioria deles, pelo menos em inteligência e em estatura, aos da terra. Num tempo futuro, quando o intelecto existente na terra estiver pronto para receber a resposta a tais perguntas, estas dúvidas não resolvidas relativamente aos planetas, e ao centro do sistema solar, serão todas debatidas por aqueles que lá estiveram e, portanto, podem relatar a partir da experiência, que é conhecimento.

P.—(*O Dr. J. H. Fulton, de Montreal, envia as seguintes seis perguntas:*) A resposta dada na Secção de Mensagens, recentemente, quanto à prevenção da varíola, é: "Água, ar fresco e alimentação adequada." Ora, o que se entende por "alimentação adequada", se não um fornecimento devido de alimentos de origem animal e vegetal?

R.—Os homens da medicina na nossa vida determinam que não há um padrão que se possa tornar geral relativamente ao que comeis aqui. Alguns exigem uma abundância de alimentos de origem animal; outros exigem uma abundância de alimentos de origem vegetal. Alguns exigem tudo vegetal, alguns quase tudo animal. Alguns exigem fruta; alguns exigem uma grande quantidade, alguns uma quantidade muito pequena; alguns uma solução intermédia.

Alguns querem uma mistura de muitas coisas, excluindo muitas. Não há duas constituições que façam a mesma exigência no que diz respeito à alimentação. Naturalmente, então, o que serve para um não servirá para mais ninguém; portanto, cada caso deve ter a sua atenção especial própria; e o médico deve estar amplamente qualificado para preencher o seu importante cargo.

P.—Eu não sabia que as almas humanas, depois de passarem pela vida terrena, voltavam a ser reencarnadas. É esta a sua própria livre vontade, e têm elas o poder de escolher os seus pais?

R.—Não, não é a sua própria livre vontade; nem têm o poder de escolher os seus pais. Uma vez que não tiveste palavra na vinda para este mundo, deveis supor, pelo menos, que não podeis ter nenhuma numa outra encarnação; nem podeis dizer que não fostes encarnados muitas vezes em corpos humanos antes de entrardes neste palco de ação, contudo não vos conseguis lembrar de nada disso. Deve compreender-se que em cada encarnação física, a alma é provida de um conjunto novo e diferente de órgãos.

Estes órgãos registam e lembram—fazem registos de tudo o que lhes pertence—de todas as suas experiências, e nada mais. Eles não vão além de si mesmos. Em cada reencarnação sois providos de um conjunto diferente. Eles não recuam ao passado. Vós estais para sempre a avançar. Esta doutrina da reencarnação é tão antiga como a própria vida.

Quando o intelecto começou a atuar relativamente à alma e ao seu destino, esta foi uma das primeiras perguntas que considerou, e porque não podia ser compreendida pelos antigos foi posta de lado, e a geração atual ignorou-a completamente. Mas o Espiritualismo arrastou-a para a superfície e propõe-se ventilá-la—propõe-se, antes de arrumar o assunto, mostrar-vos o que ela é e provar as suas alegações.

P.—A teoria do Dr. P. B. Randolph sobre a encarnação monádica está correta quanto ao facto de a inteligência superior ser desenvolvida pelo processo mais frequente?

R.—Está, no essencial, correta.

P.—Se a reencarnação desenvolve uma inteligência superior, por que razão falham tantas almas em atingir o pleno desenvolvimento, como no caso de abortos, partos prematuros sem vida, mortes infantis, etc.?

R.—O seu correspondente assumiu uma posição que não existe. Cada alma que ostente uma vez a marca de uma alma, que entre uma vez na vida concetiva humana, nunca recua. Pode ser retardada no seu progresso, pode encontrar pedras no caminho inumeráveis, mas nunca recua. A doutrina da reencarnação não envolve um movimento de recuo, de modo algum. Sei que é assim considerada por aqueles que não a compreendem, mas é um erro. O seu progresso é para a frente, para sempre para a frente.

P.—Como podemos averiguar quantas vezes uma alma foi reencarnada?

R.—Consultando os registos que são mantidos na vida espiritual.

P.—Não poderia uma alma ficar em pior situação na vida terrena pela reencarnação do que estava da primeira vez?

R.—Para a sua própria consciência, sim; para a Sabedoria Infinita, não. Com isto quero dizer que vós [*para o Presidente*] podeis ter estado, numa encarnação anterior, cercados por tudo o que poderia fazer da vida aqui uma vida feliz, uma vida agradável, uma vida desejável; e, sem dúvida, se eu vos questionasse relativamente ao vosso estado atual, diríeis: "Há muitas coisas que eu quero para me fazer feliz; há muito que não tenho de que necessito absolutamente."

Sem dúvida, por um lado, que não tendes uma saúde perfeita; por outro, que não tendes o suficiente dos bens deste mundo—não tanto quanto gostaríeis; por outro ainda, gostaríeis de ter posição, estatuto e poder—tal como qualquer alma aspira. Poderíeis ter tido tudo isto numa encarnação anterior, mas a Sabedoria Infinita determinou que tendes necessidade precisamente da condição exata em que vos encontrais, portanto é o melhor para vós; é bom para vós; é uma encarnação melhor do que a última. 9 de sept.

ESPÍRITO CONTROLADOR.—Vou agora, a pedido, abordar e considerar um artigo que apareceu no último *Banner,* da autoria de um correspondente de Filadélfia, relativamente aos valores cobrados pelos médiuns públicos. Ele transmite a ideia de que a maioria, se não a totalidade dos nossos médiuns públicos, cobra preços exorbitantes por uma exibição dos seus dons. Isto é verdade, absolutamente verdade. Mas quem é de culpar? Os médiuns? Não. Os seus espíritos protetores? Não. Outros espíritos? Não. Quem, então? Ora, o público investigador. Com isto, quero dizer aqueles que investigaram no passado—aqueles que estão a investigar no presente. Falando deles

em termos gerais, eles são de culpar; eles forçaram estes médiuns a essa condição de ação. Agora queixam-se do resultado. Não há um único destes médiuns que não tenha sido forçado pelo público a fazer exatamente o que fez.

O público, na sua cegueira, considera que aqueles médiuns que possuem estes dons naturais deveriam exercê-los para satisfazer a curiosidade pública, e para esclarecer aqueles que têm algo mais do que a curiosidade em jogo no assunto—o desejo de saber do devir e dos seus entes queridos—e que, uma vez que estes dons não lhes custam nada, deveriam dispensar estas benesses livremente. “Pois bem, vejamos. Estes médiuns são chamados a viajar de um ponto para outro. Devem fazer uso dos meios de transporte habituais. Revisores, condutores de diligências, exigem o valor da viagem. Eles não podem ir sem o pagar.

Ora, então, o seu tempo, a sua força é gasta na concessão destas manifestações de amor. Uma grande quantidade das suas forças vitais é gasta desta forma. Eles não podem fazer mais nada. Se exercem estes dons de todo, deve ser com a exclusão de tudo o resto. Assim, nos primeiros tempos do Espiritualismo, os procuradores da verdade—os investigadores—não estavam dispostos a pagar a estes médiuns. Os médiuns foram forçados pelos espíritos a gastar o seu último tostão a esclarecer um mundo de trevas. Eles esgotaram todos os seus meios—todos eles. Estou a falar agora de médiuns públicos.

Todos eles esgotaram os seus meios antes de lhes ser permitido pelo mundo espiritual cobrar honorários pelos seus dons; pois esse mundo espiritual esperava que este mundo lhes tratasse com justiça. Não tratou, e por isso aconteceu que estes médiuns, tendo sido empurrados um pouco demais para baixo, subiram um pouco demais para cima, e o equilíbrio perdeu-se. Ora, uma vez que se perdeu sem culpa deles, é dever do público recuperá-lo. O investigador deve recuperá-lo—deve endireitar as coisas.

O seu correspondente, Senhor Presidente, diz que está bem convencido de que os espíritos não aconselham tal rumo. Não; mas não interferem com ele, pois sabem que os seus sujeitos, os médiuns, foram maltratados a este respeito, e estão dispostos a dar aos investigadores uma lição nesta direção. Quando a tiverem aprendido bem, e estiverem dispostos a dar o seu contributo para endireitar as coisas, elas serão endireitadas, e não antes.

O mundo espiritual propõe-se, no que diz respeito aos seus médiuns públicos, após algum tempo, inaugurar leis ou condições fixas relativamente ao pagamento dos seus médiuns; e pretendem fazer os ricos pagarem pelos pobres, e dar aos pobres o seu pão da vida gratuitamente. Isto, eu sei, não é justiça humana, mas é a justiça de Deus. Mais tarde, quando as coisas estiverem um pouco mais maduras, isto será feito. As circunstâncias que acompanharam o início da atividade mediúnica da minha médium são um exemplo claro do que será feito com todos mais tarde. O médium receberá indicação do seu espírito protetor sobre o valor a cobrar a cada investigador que a ele recorra para dar uma vista de olhos ao mundo do além—pelo exercício dessas suas forças vitais que são de tanta importância, tão caras para eles fisicamente. A minha médium tinha o hábito, nos primeiros tempos da sua mediunidade, de cobrar de acordo com o ditame do seu espírito controlador.

Por vezes o consulente questionava sobre o que aquilo significava: “Por que razão atendeu a Sra. Fulana de Tal e não cobrou nada—recusou-se absolutamente a aceitar qualquer coisa? Como é isto? A mim cobra-me dois ou três dólares.” A resposta era—segundo me conta o espírito protetor: “Vós podeis pagar, e eles não podiam; portanto, deveis pagar por vós e por eles também.” “Isso é justo?” “Oh, sim. Não sois obrigado a ficar, mas se ficares, queremos começar os trabalhos agora. Os espíritos estão prontos. Se não ficares, ide agora. Fica à vossa escolha. Se ficares, pagais essa taxa.”

Ora, o futuro, no que diz respeito aos médiuns públicos, será reduzido a esse estado exato. Os ricos devem pagar pelos pobres. Aqueles que são absolutamente incapazes de pagar por este pão da vida eterna não devem ser excluídos de o receber. 9 de sept.

PERGUNTA.—(*De um correspondente.*) Por que razão algumas pessoas são sacudidas subitamente, por vezes numa parte do corpo, depois noutras partes do corpo, e por vezes todo o corpo é sacudido como por um choque elétrico? Isso advém de uma afetação por doença corporal ou é obra dos invisíveis? E se for o último caso, qual é a razão para o fazerem?

RESPOSTA.—Por vezes advém da perda de harmonia ou do equilíbrio perturbado no sistema nervoso. Isto é o que acontece mais frequentemente do que qualquer outra coisa. Por vezes advém da aproximação de algum espírito desencarnado—estando esse espírito, em virtude da sua condição de desencarnado, altamente elétrico. À medida que se aproxima, mistura-se com a eletricidade da pessoa, e a pessoa recebe o choque.

Na verdade, há muitas, muitas razões que poderiam ser dadas, através das quais tais coisas poderiam ser explicadas. Não temos tempo para as enumerar a todas. Estas são as duas mais proeminentes. Os espíritos, ao aproximarem-se dos médiuns, ou de outras pessoas, não têm desejo, geralmente, de produzir este choque. Por vezes têm, mas este não é, geralmente, o caso. É uma ação involuntária e perfeitamente natural.

P.—Há quase trinta anos, ouvi um ancião mórmon, ao falar da passagem de Génesis x 25,— "Nos dias de Pelegue, a terra foi dividida", dizer que o livro de Mórmon explicava esse fenómeno, através do qual uma parte da raça humana foi separada, e estava agora localizada num clima ameno perto do polo norte, e que em breve seriam feitas descobertas que verificariam o facto. Fará a inteligência controladora o favor de nos dizer se sabe alguma coisa sobre a divisão

da terra, ou dos seus habitantes, conforme narrado, e se vivem seres humanos nas regiões polares?

R.—O seu correspondente parece ter confundido a terra com os seus habitantes. É um facto patente que os habitantes da terra estão divididos, espalhados pelo norte, sul, este e oeste, e não todos reunidos ou agrupados. Mas no que diz respeito à separação ou divisão da terra, isso não pode ser uma verdade. Nunca poderia ter tido lugar; não, em tempo algum. Se tivesse tido, teríamos visto evidências disso. Não há nenhuma; na verdade, há provas abundantes em contrário. Sim, há habitantes nos polos, e para lá deles. Mais tarde será claramente demonstrado.

P.—(*Do público.*) Eu gostaria de perguntar se o espírito tem mais poder sobre a matéria do que a matéria tem sobre o espírito?

R.—Sim, tem; e no entanto o espírito está dependente da matéria para o exercício de todo o seu poder. Sem a matéria, nunca saberíeis do seu poder. A matéria, por sua vez, sem a ação do espírito é inerte, inteiramente inerte.

P.—O que se queria dizer com essa expressão, para lá dos polos?

R.—Que existem países não descobertos para lá dos polos—uma afirmação que não temos o poder de demonstrar—mas isso será feito de uma forma tão material e científica que não a podereis contestar. Deixará de ser mera teoria para passar a ser um facto absoluto, tal como em breve será um facto absoluto que certas partes da Lua são habitadas, e que todos os outros planetas que atingiram um estado de perfeição suficiente para admitir a vida humana são também habitados. É afirmado por alguns filósofos que se chamam a si mesmos filósofos—mas não vejo que nos deem uma demonstração de filosofia nos seus ensinamentos—que a Lua não tem atmosfera. Ora, se não tivesse nenhuma, não poderia refletir nenhuma luz, e que ela reflete luz é positivamente sabido; portanto, tem uma atmosfera muito própria, como qualquer outro corpo celeste tem.

P.—Algum espírito já visitou a Lua?

R.—Sim, milhares deles. Seríamos uns sujeitos muito preguiçosos se não o tivéssemos feito. Tendo uma oportunidade tão grandiosa de investigar estas belas ciências, seríamos altamente culpáveis se não fizéssemos uso dessas oportunidades.

P.—Pode ser verdade que chegará um tempo em que os habitantes da terra não experimentarão a morte física?

R.—Sim, há uma grande verdade na afirmação bíblica referente ao novo céu e à nova terra. É mais do que um mito. "Haverá um novo céu e uma nova terra", diz o "Revelador", onde habita a justiça. O último inimigo da raça humana, que é a Morte, será vencido." Será ele alguma vez vencido? Sim—e como? Quando o vosso planeta tiver amadurecido, de tal modo que seja capaz de vos dar as mais elevadas produções possíveis da vida humana. Então passará para uma condição espiritual, e contudo vós sereis, para todos os efeitos, seres humanos—seres materiais. E quando estas mudanças vierem até vós, as quais são agora acompanhadas por tanto desgosto e tanta dor, elas virão desacompanhadas de desgosto.

Não dareis pela sua chegada, nem sabereis que passastes de uma condição para outra. A morte é simplesmente esse estado de desgosto e sofrimento que é um resultado da imaturidade deste planeta e das suas produções. Quando o planeta estiver maduro, dará bons frutos; agora não dá senão frutos verdes, a maioria dos quais cai da árvore antes de se aperfeiçoar no ser físico. 10 de sept.

PERGUNTA.—(*De um correspondente.*) Srs. Wm. White & Co. Por que razão os espíritos não vos avisaram ou alertaram sobre a calamidade vindoura, para que pudessem estar preparados para ela?

RESPOSTA.—Há duas formas de olhar para todos os acontecimentos da vida: uma é a forma correta, outra é a forma errada; duas formas para cada indivíduo, muitas no conjunto. Visto do ponto de vista da vida humana, este recente incêndio em Boston, que destruiu o nosso *Banner of Light*, e quase destruiu financeiramente os seus operadores na terra, foi uma grande calamidade—algo que deveríamos ter feito todos os esforços para evitar; mas, visto de um ponto de vista mais elevado, mais grandioso e mais perfeito na vida espiritual, torna-se uma coisa completamente diferente—uma bênção positiva; e, de acordo com a regra da Natureza e a lei da Natureza, assim tem de ser, pois ela não faz movimentos de recuo. Para a ignorância humana pode parecer de outro modo; mas para a Sabedoria Divina os seus movimentos são para sempre para a frente—para a frente.

Há muitas circunstâncias ligadas a este incêndio de Boston que não são compreendidas, tal como há uma vida interior e uma vida exterior, uma vida vista e uma invisível, em todas as coisas. Este incêndio de Boston não foi exceção. Foi um dos acontecimentos da lei inevitável. Os cristãos podem chamar-lhe uma ação da Divina Providência em consequência dos vossos maus caminhos. Pois bem, não estamos certos de que os cristãos estejam muito longe do caminho certo, mas eles não definem o termo "mau" como nós definimos. Nós definimo-lo como uma condição imatura; eles definem-no como algo mau, que não tem bem nenhum em si—algo separado de Deus e em guerra com Deus.

Nós sabemos melhor. Dissemos que havia muitas circunstâncias ligadas a este incêndio de Boston que não eram compreendidas. De uma delas propomo-nos dar-vos a conhecer o segredo, para o bem de alguns de vós que possam estar presentes, que possam ter necessidade de obter justamente tal segredo. Assim, para começar, há milhões de espíritos, presos por lei inevitável a esta vida terrena, e a certas localidades nesta vida terrena, que desejam ser libertados, mas que, tendo eles próprios forjado as correntes que os prendiam—por outras

palavras, sendo eles a fonte de onde essas correntes derivam—é impossível libertá-los do seu cativeiro sem alguma ação invulgar da lei natural: não um milagre—oh, não!—mas algo que possa, na vossa apreciação, ser uma calamidade, ou uma condição de mal. Ora, então, cada um dos edifícios—o Edifício Parker não sendo exceção—que foram queimados no recente incêndio estava profundamente impregnado—demasiado habitado, se preferirdes—por espíritos infelizes presos a esta localidade por condições terrenas que tinham criado antes da sua morte ou mudança, e nada a não ser a destruição total nessa localidade os libertaria.

Um antigo escritor diz-nos que nada se conhece como sendo tão grande purificador como o fogo. Isto é uma verdade. Os antigos, percebendo isso, acreditavam que todas as almas tinham de passar por um purgatório de fogo, para que as suas vestes e eles próprios pudessem ser limpos e preparados para o céu. Ora, a riqueza contida nestes edifícios abrange uma ideia; essa ideia prende o espírito ou espíritos a todas estas várias habitações que se desmoronaram sob o elemento destruidor, o fogo.

A ideia em si não é destruída, porque as ideias não podem ser destruídas; mas a condição objetiva na qual ela tinha uma existência, e da qual se alimentava, foi alterada, e portanto ela própria foi alterada; e o resultado é que estes muitos espíritos foram libertados. Aqueles que gemeram durante anos por libertação, e esperaram em vão, receberam-na através do vosso batismo de fogo. Isto não é um mito; é algo que o vosso Espiritualismo vos provará praticamente antes de muitos anos. E muitos destes espíritos são vossos convidados esta tarde; e se pudésseis dar-vos conta da felicidade que eles experimentam por causa da sua libertação do cativeiro, dificilmente murmuraríeis pelas vossas próprias perdas. Sentiríeis que Boston bem podia dar-se ao luxo de perder assim tanto em tesouro terreno, para que estas almas vivas—estes, os vossos amados mortos, pudessem ser libertados.

P.—Não se referiu àquela parte da pergunta que indaga por que razão não fomos notificados?

R.—Pois bem, é um facto autoevidente a razão pela qual não fostes notificados; porque, em primeiro lugar, vimos que era inevitável; em segundo lugar, resultaria finalmente num bem positivo; e, mais uma vez, não passamos de servos de poderes superiores acima de nós, que, em obediência à lei da vida, nos guiam, assim como nós guiamos outros abaixo de nós. Na nossa simpatia por vós, fomos muitas vezes tentados a dar-vos a informação, para que pudésseis fazer algo para vos salvar, pelo que recebemos uma repreensão muito pronta, posso assegurar-vos. [*Dos poderes superiores?*]

Sim; mas mais uma vez, apesar disso, dissemos-vos, no passado mês de maio, para vos precaverdes contra o fogo—deveis lembrar-vos disso—mas, infelizmente, precavestes-vos da forma errada—nas companhias erradas; e talvez isso tenha sido tudo pelo melhor. Penso que a madeira, quer seja espiritual quer material, fortalece os músculos, dá poder à alma. Suponho que me respondereis, então, que deveríeis ser todos muito fortes. [*PRESIDENTE.—Sinto que sou muito fraco.*] O facto de estardes aqui hoje prova o contrário. A carne é fraca, mas estamos a lidar mais com coisas espirituais do que com coisas da carne, embora sejamos obrigados a fazer da carne os nossos agentes para alcançar o que é mais elevado. O mundo, no seu ceticismo, está continuamente a clamar por mais provas e mais provas. De que teria servido, supondo que nós ou qualquer outro espírito vos tivéssemos dito, um mês antes do incêndio, que ias ser queimado; teria o mundo dado um único passo em frente nestas coisas? Não; o mundo teria ficado muito na condição em que estavam os irmãos do homem rico, da parábola bíblica.

Quando o homem rico desejou regressar para avisar os seus irmãos, para que não viessem para aquele lugar de tormento, o anjo disse: Eles têm profetas com eles agora; têm verdades suficientes. Já foram avisados. Se não ouvirem o que já está com eles, de nada serve

que regresses.” E assim dizemos àqueles que nos exigem a razão do nosso silêncio: não poderíamos ter acrescentado o peso de uma pena na balança do testemunho relativamente aos espíritos regressados. Atrever-me-ei a dizer, no entanto, que não havia um único entre o vosso número que não estivesse de hora a hora à espera de algum desastre. Estou certo?

[*PRESIDENTE.—Eu estava consciente disso.*] O vosso Emerson diz: “Aqueles que são mais sensíveis captam primeiro as verdades que estão no ar.” [*O Ir. Colby sentiu-o em grande parte mais de um mês antes.*] Sim, nessa altura estávamos perto dele, a discutir o ponto. Alguns de nós estavam a argumentar a favor de ir contra as ordens recebidas do além e dar-vos a informação; outros eram terminantemente contra; mas ele, com o seu cérebro sensível, recolheu o que se estava a passar sem ser visto ao seu lado. Por isso recebemos uma severa repreensão. Quase o levou à loucura! Na verdade, por um momento ficou bastante desequilibrado, e as suas palavras foram: Sei que o *Banner* está prestes a repetir-se. Vai abaixo. Algo lhe vai acontecer. Eu sei-o, e de nada serve o mundo dos anjos tentar esconder isso de mim.” Penso que o citei *verbatim*. 17 de dez.

Dr. Moriarty

Fui solicitado a vir a este local por um dos meus irmãos médicos, que se encontra na vida mortal, para fazer algumas declarações relativamente à necessidade de melhores acomodações para os doentes com varíola. Pareceria que a experiência do último ano e meio ou mais teria ensinado à população de Boston, ou aos seus Paires da Cidade, quais eram essas necessidades, e que, muito antes disto, as teriam suprido; mas parece ser o contrário, e o flagelo continua entre vós, e propõe-se continuar entre vós, dando-vos uma dose maior de miséria nesse sentido, no próximo inverno, do que a que já tivestes, e tudo porque a vossa lição não foi bem aprendida, ou não foi bem comprovada pela experiência.

Os membros desta Comunidade consideram ser obrigação dos seus oficiais — aqueles nomeados para certos cargos de confiança — zelar por estas matérias. Assim é; mas quando eles não o fazem, é obrigação dos membros da Comunidade zelar por isso. Se não o fizerem, qual será o resultado? Ora, serão eles os sofredores; e quando passarem para o mundo dos espíritos aprenderão, para seu pesar — digo pesar, pois será esse o caso — que não cumpriram o seu dever, que cometeram um erro, que se meteram em sarilhos e envolveram outros. Agora, se a família humana apenas procurasse compreender as lições que a Natureza lhe dá em toda a parte, haveria menos miséria nessa família, muito menos. Veríamos menos varíola, menos tísica, menos dispepsia, menos de todos esses males que fazem desta terra um inferno.

A prática comum tem sido, no passado, relativamente aos doentes com varíola, afastá-los o mais possível do contacto com os seus semelhantes. Tem-se considerado conveniente enviá-los para o outro lado da água, levá-los para uma das ilhas do porto. Tem-se considerado melhor para o doente e melhor para o público.

Ora, isto não é um facto em nenhum dos casos. Não é um facto relativamente aos doentes, por esta razão: eles são retirados dessas comodidades que têm na vida urbana; têm ar fresco, é certo, mas não mais fresco do que aquele que obtêm logo aqui, se abrirem as vossas janelas. Têm tão boa água? Não; e essa é, de todas as coisas, a mais necessária. Têm os confortos de um hospital urbano? Não; são privados de tudo isso, e necessariamente privados.

E eu poderia continuar a enumerar uma grande quantidade de razões pelas quais os doentes não estão tão bem nessas instituições como estariam naquelas erigidas mais perto de casa. Há abundância de locais dentro dos limites de Boston onde todas as comodidades da vida urbana são alcançáveis, onde um hospital, ou dois ou três deles, se necessário, poderiam ser erigidos segundo os planos modernos mais aprovados. Isto deveria ser feito. A população desta Comunidade deveria exigi-lo, é o seu direito, e esses meios deveriam ser utilizados, livremente, os quais são conhecidos pela classe médica como

preventivos contra o contágio de outras pessoas. A varíola não precisa de espalhar o seu miasma mortal ao longo e ao largo da terra, como faz, se fosse tomada a devida precaução para a prevenir. Há preventivos simples conhecidos. Certamente, se não são conhecidos, eles

estão no Hades, em todos os sentidos do termo; e quem os enviou para lá? A classe médica e os vossos Pares da Cidade. Eles deveriam ser enforcados num gozo mais alto do que o de Amã — cada um deles. Digo isto calmamente, na posse de todos os meus sentidos espirituais. Eu era um destes quando aqui estava, culpável como qualquer outro. Se tivesse o que justamente merecia, não estaria aqui a falar-vos hoje. Falo por experiência. A experiência é conhecimento; portanto, tenho o direito de falar.

Urjo aqueles que têm a seu cargo estas matérias a cumprirem o seu dever; comecem-no já, pois não têm tempo a perder. Não sabeis quão cedo o flagelo pode entrar nas vossas próprias moradas e varrer-vos para a terra das almas. Não sabeis quão cedo podereis sofrer lá, em consequência dos vossos maus atos aqui. Portanto, cumpri o vosso dever agora; e em vez de eles não cumprirem o seu dever, suplico a esta Comunidade, aos seus membros, que tomem a seu cargo — cada um deles, homens e mulheres, que venham em socorro; vejam que aqueles cujo dever é atender a estas coisas, atendam a elas. Eu era, quando aqui estava, chamado Dr. Moriarty. 2 de Set.

Dr. John Gardner.

Parti desta vida em absoluta escuridão, visto que não acreditava numa vida após a morte; mas um bom Deus, não fazendo aceção de pessoas, foi tão bom para mim como para qualquer outro, e aprendi, ou melhor, desaprendi os erros que cometi na terra. Encontro-me agora no gozo de circunstâncias ou condições que me provam que a alma está dotada de vida eterna. Não havia nada na terra que me

provasse isso. A igreja era um mito, e todas as várias fés religiosas eram como que uma brincadeira de crianças para a minha mente.

Eu era médico por formação e ocupação. Quando via o fôlego a sair dos moribundos, dizia: "É o fim deles." Eu acreditava nisso; e prometi a alguns dos meus bons amigos frequentadores da igreja que os asseguraria de alguma forma, se me fosse possível, da minha mudança de fé na outra vida, contanto que encontrasse outra vida e mudasse a minha fé. Eles não sabiam desta feliz via de regresso, nem eu; mas sou forçado a dizer-lhes que, com todo o seu poder, influência e fé eclesiais, estão tão na escuridão como eu estava. Terão tanta dificuldade em apurar o seu verdadeiro estado na vida espiritual quanto eu tive. Aconselhá-los-ia a mudarem a sua base de operações aqui na terra, e a investigarem por esta nova luz que parece estar a inundar o mundo, e que oferece a todos — ricos e pobres, servos e livres — uma oportunidade de se banharem nos seus raios. Esse é o meu conselho para eles.

Tive uma experiência singular com esta médium, de quem fui médico durante algum tempo durante a minha vida terrena, que produziu tão grande impressão na minha mente que nunca a esqueci; e creio verdadeiramente que foi a recordação disso que me despertou para a consciência na vida espiritual, e me fez saber onde estava e por que mudança tinha passado. Pode não ser despropositado relatar essa experiência:

Numa tarde do ano de 1851, fui chamado a ver esta médium, que estava doente nessa altura. As suas capacidades nesta matéria não eram conhecidas — nem por ela própria, creio eu, nem por nenhum dos seus amigos. Ao chegar ao pé da sua cama, logo vi que ela estava na última fase de cólera asiática. O colapso fatal tinha-se instalado, e o médico sabe demasiado bem onde isso tem de terminar. Não vi a menor esperança no seu caso, quando ela despertou e me disse: "Doutor, pode salvar-me?" Limitei-me a responder: "Lamento não ter sido chamado antes, farei o que puder."

Preparei imediatamente os remédios que costumava dar em tais casos, e acrescentei algo um pouco invulgar, julgando que teria um bom efeito no seu caso, se é que alguma coisa poderia ter. Administrei o medicamento uma vez a cada vinte minutos. Observei o efeito, mas não houve nenhum. Fiel à sua natureza, a doença impediu a ação de quaisquer remédios sobre o organismo. Não tiveram efeito algum. Os remédios que eu tinha dado eram os melhores — os melhores que eu conhecia, e aqueles que nunca falhariam se fossem dados antes da instalação deste colapso fatal; mas fui informado pelos seus acompanhantes que este colapso já durava há mais de quatro horas, e ela estava então a afundar-se rapidamente na morte, em meu entender.

Depois de ter administrado quatro, ou talvez cinco doses, sem qualquer efeito, ela despertou novamente, voltou-se para mim e disse: "Doutor, dobre a dose e dê-ma uma vez a cada dez minutos; e aplique também batatas assadas debaixo dos meus braços, nos meus pulsos e nos meus pés. Ate-as, quentes do forno." Disse para mim mesmo: "Nada lhe pode fazer bem; em minha opinião, nada lhe pode fazer mal. Esta ordem será cumprida." Executei-a o mais depressa possível. Depois de estar sentado ao pé da cama dela mais cerca de duas — entre duas e três — horas, senti o pulso a regressar, e a cor da morte no seu rosto estava a afastar-se.

Comecei a ter esperança — mal sabia porquê. Sabia que nunca tinha havido um caso registado em que tivesse ocorrido uma recuperação após a instalação deste colapso fatal. Mas ela começou a melhorar lentamente e, após cerca de três horas, o pulso tornou-se claramente percetível. Era evidente que ela estava melhor. Ela olhou então para mim e disse: "Doutor, eu vou viver. Dê-me vinte gotas de láudano, com vinte gotas de espírito de cânfora, uma vez a cada vinte minutos, até eu dormir. Vou ficar boa."

Eu era particularmente adverso a todos os narcóticos, e nunca os dava. Deixava-os completamente de fora da minha prática, e ela sabia-

o; por isso hesitei. Ela fez novamente o pedido, e pareceu-me vir sob a forma de uma exigência. Eu não tinha o remédio comigo, porque nunca o usava. Perguntei se o tinham em casa. Não, não tinham.

O marido dela disse imediatamente: "Eu vou buscá-lo." Foi trazido da farmácia mais próxima, e eu dei-o segundo as instruções dela. Depois de eu ter dado três doses, ela dormiu; mas quando acordou estava fora de todo o perigo, e eu deixei-a, a perguntar-me qual seria o poder que me tinha falado, pois sentia-me consciente de que tinha sido algo além dela própria que me tinha dado tais ordens — que tinha operado de forma tão milagrosa. Chamei-lhe um milagre.

Quando os amigos e vizinhos me perguntavam sobre a doença dela, eu dizia: "Não vos sei dizer como é que a salvei; certamente foi um milagre!" Pela recordação desse milagre, a minha própria consciência foi vivificada na vida superior. Pelo mesmo poder regresso aqui, falando através destes mesmos lábios que fui o instrumento de salvar na vida mortal, há anos.

Não sabemos dizer quão verdadeiramente Deus nos fala, mesmo através dos métodos mais simples. Devemos atentar a todas as vozes da Natureza, penso eu, e pesá-las bem, e quando nos deparamos com algo que choca com as nossas opiniões fixas, em vez de o desbotar, devemos analisá-lo — devemos perguntar se Deus não no-lo enviou ou não como uma revelação vinda diretamente dele próprio. Sou o Dr. John Gardner, de Portsmouth, N. H. 5 de Set.

Lola Montez

É uma bela ideia, que nesta era se concretizou em existência real, que os mortos vivem num mundo mais belo do que este; que, tendo-se separado do corpo, se separaram das provações inerentes à vida física. Despiram a concha que lhes gerou pouco além de dor e preocupação. Uma certa classe de antigos tinha inscrições nos seus locais de sepultamento algo como isto: "Eles agora bebem de águas límpidas e

habitam sob um sol brilhante," (referindo-se aos mortos;) pois naquela localidade a água era sempre turva, e eles não tinham qualquer processo para a tornar límpida, e o céu era sempre escuro; o sol raramente brilhava em todo o seu esplendor.

Era um país vulcânico, e num período da terra em que os vulcões estavam quase sempre em atividade. Mas vós, de hoje, podeis escrever um pensamento mais grandioso sobre os túmulos dos vossos mortos: "Eles habitam em mundos mais belos do que este, e não estão proibidos de regressar a esta vida e de ministrar às necessidades daqueles que deixaram."

A mãe pode saber que o querido cuja pequena carcaça entregou ao túmulo vive — vive sob a tutela vigilante de anjos ternos, que não falharão em instruí-lo a amá-la, e ele não falhará em reconhecê-la quando ela também deixar o corpo e ascender a essa vida melhor. O Espiritualismo gravou alguns belos pensamentos na tábua desta era e em muitos corações humanos; mas oh, quão pouco as massas que receberam estes belos pensamentos os apreciam. Quão pouco sabem que eles valem mais do que todas as quinquilharias da terra. São de maior valor do que

qualquer coisa que a terra possa conceder; e quando a hora da mudança chegar, aqueles que guardaram estes pensamentos nas suas almas, que os nutriram e os fizeram crescer, dar rebentos, florescer e dar fruto, saberão então o seu valor; compreenderão para que foram dados e sentirão que são "estrelas de Belém" a conduzir ao reino dos céus e ao seu rei.

Aos queridos amigos que me disseram — "Não irás ao Círculo do Banner e dirás algo para nos encorajar?", eu diria: — Estes belos pensamentos que encontraram morada nos vossos corações, se os nutrirem devidamente, se os estimarem ternamente, edificarão para vós um reino dos céus mesmo aqui, e ficareis satisfeitos com o fruto, pois, tendo comido dele, não tereis mais fome. Continuai; perseverai;

não deixeis que nada vos desvie do caminho do vosso dever espiritual, e bênçãos no presente e no futuro acompanharão os vossos esforços.

Fui conhecida neste país como "Lola Montez," Condessa de Landsfeld. Venho a um grupo de amigos na Costa do Pacífico. 2 de Maio

Diácono Taylor

Estive à espera durante dez anos para saber o que seria de mim no final, mas não fiquei mais perto do conhecimento desse facto do que estava há dez anos. Vim para este mundo dos espíritos acreditando que uma parte da raça humana estava eleita para a salvação e uma parte para a perda eterna, e não tinha muita certeza de como seria comigo, embora tivesse feito profissão de fé religiosa durante mais de quarenta anos.

Tinha pensado que, quando estava na terra, tinha vivido uma vida bastante moral — mas os atos que são praticados no corpo, quando olhados através de olhos espirituais e de um ponto de vista espiritual, parecem muito diferentes do que parecem aqui. Achava que não havia mal em conseguir todo o dinheiro que pudesse quando estava aqui, desde que o conseguisse de forma honesta; mas descobri a diferença — descobri este facto: que aqueles que têm algo mais do que aquilo de que precisam para o seu próprio conforto estão a roubar outra pessoa, são ladrões e salteadores, e Deus vai pedir-lhes contas disso.

Descobri isso; portanto, como vedes, fui acusado como um ladrão. [Isso deve ter parecido bastante duro para si] Bem, vedes, as coisas vistas à luz do céu parecem diferentes do que quando são vistas à luz da terra e do amor ao dinheiro; mas cheguei a esta conclusão: que, desde que faça o melhor que sei, finalmente Deus cuidará de mim e, em virtude da bondade que é inerente a cada alma viva, cada alma viva tem direito à salvação. Cheguei a essa conclusão e acredito que é obrigação de cada alma fazer tudo o que estiver ao seu alcance para

esclarecer qualquer outra alma, beneficiar qualquer outra alma; por essa razão estou de volta aqui hoje, para que aqueles da minha família que permanecem na terra possam ser estimulados, possivelmente, a examinar esta bela filosofia e religião do momento — e se a examinarem, sei que farão mais do que isso, porque toda a gente o faz. Eu era chamado, quando aqui estava, Diácono Taylor, e vivia em Derry, N. H. Bom dia, senhor. 11 de Abril.

Rev. James K. Brady.

Eu era crente nas verdades do Espiritualismo moderno e antigo. Era também um padre na Igreja Católica e fiz tudo o que esteve ao meu alcance para incorporar estas sublimes verdades nos doutrinas da igreja. Introduzi-as no confessionário e substituí a presença e a tutela dos espíritos desencarnados pela dos santos e anjos, que o confessor nunca conheceu. Os meus olhos abriram-se pela primeira vez para estas verdades há dezassete anos, nesta velha cidade puritana.

Há quatro horas, morri de hemorragia pulmonar, em Roma; e estou aqui tão cedo para provar aos meus associados da igreja a verdade daquilo em que acreditava antes da morte e para lhes encarecer a necessidade de investigarem nesta direção, de voltarem a sua atenção para a comunhão dos santos, esses santos que lavaram as suas vestes nas preocupações, nas provações, nas águas profundas desta vida terrena e foram gozar a sua coroa na outra vida. Rev. James K. Brady. 7 de Março

Prof. Faraday

"Pode dar alguma razão, a partir do seu atual ponto de vista espiritual, para a sua rejeição do Espiritualismo moderno enquanto esteve na terra?" Essa é uma pergunta que me chegou e que estou aqui esta tarde para responder.

As ciências com as quais os cientistas terrenos estão atualmente familiarizados ainda não se estenderam ao domínio do espírito. Tratam apenas da matéria; portanto, o cientista terreno, a menos que se afaste da sua posição legítima, permanece um não crente no Espiritualismo moderno. Mas, graças aos poderes que estão a atuar no meio do povo, a ciência terrena está prestes a ultrapassar o limiar do materialismo e a entrar na arena espiritual.

A ciência da análise espetral está destinada a revelar maravilhas ao cientista terreno — destinada a informá-lo de que há tanto no invisível para ele explorar como há no visível, no físico, no tangível. Este é o primeiro passo — a chave de ouro que abrirá a porta de acesso aos arcanos da verdade espiritual, e então a vossa gloriosa filosofia do Espiritualismo será vestida de púrpura e linho fino. Agora está envolta em panos e deitada numa manjedoura, e embora muitos homens sábios venham adorá-la, contudo há poucos que a compreendam. Vós, espiritualistas, assentais hoje mais numa base de fé do que em qualquer outra coisa. Quando vos pedem para dar uma razão para a vossa fé, essa razão, para o homem científico, é tão fraca, tão inconsistente, que equivale a nada, porque os pontos finos e belos da vossa gloriosa filosofia precisam de ser postos em evidência pelos testes que a ciência lhe aplicará, e então ela erguer-se-á em grandeza e dignidade, como um próprio Deus. Prof. Faraday 26 de Feb.

P.—Hoje ouvi um pregador numa das nossas igrejas populares e, não estando satisfeito com a versão do ministro, pergunto respeitosamente a esta inteligência controladora o verdadeiro significado das seguintes citações usadas no seu texto:

Apc. 1:7-8 “Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até quantos o trespassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele.

Eu sou o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso.”

R.—O Espírito da Verdade, da Reforma, que teve existência no passado, existe no presente. O mesmo espírito que fez tantas obras poderosas nos dias antigos está a cumprir a profecia desses dias nestes dias, e a realizar novamente muitas obras poderosas. Ele virá novamente "com as nuvens". Ah, sim, há muitas nuvens de todas as descrições. Os céus mentais estão terrivelmente nublados pelo fanatismo e pela superstiçao; mas este Sol da Verdade irá dissipá-los, e, aos poucos, quando ele estiver no ponto mais alto ao meio-dia, todos terão desaparecido—os céus estarão limpos, e todo o olho, toda a alma, toda a vida consciente saberá que este é o Senhor Deus, o Poder Infinito que falou em eras passadas através de profetas, videntes e sábios, que pode falar e fala nestes dias. Não tem, no meu entender, qualquer referência a uma vinda pessoal do Senhor Jesus Cristo, mas à vinda ou renovação de um princípio, a um regresso de manifestações espirituais—simplesmente isso, e nada mais.

P.: O que se quer dizer na invocação por Pai, Filho e Espírito Santo?

R.—O Bem Passado, Presente e Futuro, incorporando todos os graus de vida, da manhã à noite.

P.—Não existem condições não desenvolvidas na Natureza pelas quais possamos esperar uma ordem de vida mais elevada do que o homem, se a teoria do desenvolvimento animal for verdadeira, mas vemos algum sinal de tais seres nesta era?

R.—O homem no passado, o homem no presente e o homem no futuro são três condições ou estados diferentes de um só poder. Que o presente dará ao futuro uma ordem mais elevada de humanidade, é um facto sabido. Que essa humanidade será dotada de instintos mais elevados, com impulsos mais divinos, é também um facto sabido, e que as mudanças necessárias na forma e na feição serão precisas para estes novos elementos do futuro é também um facto sabido; portanto, neste sentido, a Natureza tem reservada para o mundo uma ordem de desenvolvimento mais elevada do que aquela que é agora a humana.

P.—Que raça de seres humanos foi a primeira a desenvolver-se espiritualmente?

R.—Tudo o que contém um espírito vivo está, até certo ponto, desenvolvido espiritualmente, portanto é impossível dizer que raça de seres foi a primeira a desenvolver-se espiritualmente. Espírito e matéria são coeternos. Seria impossível dizer quando, onde e como o desenvolvimento espiritual começou.

P.—Que provas temos de que as diferentes raças não tiveram a sua existência por volta do mesmo tempo e da mesma maneira?

R.—A geologia oferece abundantes provas em contrário. Não há necessidade de procurar em qualquer outro reino por provas em contrário.

P.—Poderão alguns dos nossos amigos que já partiram comunicar connosco através do *Banner*, para provar a alguns entes queridos para nós que o regresso dos espíritos não é uma ilusão?

R.—Uma pergunta pessoal e, portanto, irrespondível por mim. Feb. 24

P.—Pode um espírito controlar mais do que um médium ao mesmo tempo e no mesmo local?

R.—Sim; um espírito que compreenda a lei pode controlar muitos médiuns ao mesmo tempo, embora esses médiuns ocupem localidades diferentes. Isto é feito através da lei da psicologia, tal como o psicólogo psicologizaria qualquer número da sua assistência no mesmo instante, e contudo a manifestação ou expressão de cada um diferiria de acordo com a condição psicológica do objeto psicologizado.

P.—Qual é a causa de tanta pobreza e vício, e como podem ser removidos?

R.—O pecado é o resultado do estado verde da matéria. A pobreza é um dos incidentes dessa condição, crescendo diretamente da ignorância. À medida que a humanidade for educada, a pobreza

fugirá, bem como todos os vários males que atormentam a humanidade; mas isso pertence ao futuro.

P.—Brown Séquard, a principal autoridade em medicina nos últimos trinta anos na Europa, e cujas obras sobre o Cérebro e o Sistema Nervoso foram o livro de texto da profissão durante um quarto de século, diz agora: “Estou errado. A experiência e a observação mostraram-me que há outro poder no homem, agindo inteiramente independente da sua vontade, e sobre o qual ele não tem controlo. Ainda não é compreendido, mas espero um dia saber mais sobre ele.” Agora, se isso for verdade, é o homem responsável pelos seus atos, e o que é feito das nossas teorias de educação, governo e, de facto, de toda a nossa estrutura social?

R.—Que a família humana, individual e coletivamente, está sob o controlo de uma lei absoluta, é um facto indiscutível; e contudo isso não os priva da sua responsabilidade. Apenas até ao ponto, no meu entender, em que se compreendem a si mesmos e à lei, é que são tidos como responsáveis, e nada mais. “O intelecto humano eleva-se, passo a passo, em conjunção com a lei.” Ao início, os seus esforços são muito fracos, mas à medida que prossegue tornam-se mais fortes, e mais fortes, e mais fortes, até que o final, para a minha compreensão, será que o indivíduo compreenderá a lei de tal modo que estará para sempre em harmonia com ela e, portanto, nesse sentido, será uma lei para si mesmo. Feb. 17

P.—Perante a Assembleia Legislativa, na presente altura, surge a questão respeitante aos direitos civis da mulher. Agora eu perguntaria: Supondo que lhe sejam concedidos, será para sua vantagem final, ou o contrário? Não sofrerão os seus deveres domésticos, por um lado, mais do que o suficiente para compensar todas as vantagens ganhas?

R.—A lei civil não chegou a essa altitude elevada onde possa dar as mãos à lei divina, e daí estas constantes contendas, este pedir por direitos não recebidos, este rezar por poderes que são negados a uma certa parte da raça. Se o Deus na mulher pede para ser reconhecido como um poder infinito, esse reconhecimento deve ser concedido.

Não há nada a temer no capítulo dos deveres domésticos, pela razão de que o elemento que está implantado na vida feminina, que determina para ela a sua esfera própria, nunca lhe permitirá sair dela.

Todos os cuidados da maternidade serão devidamente atendidos, por causa da lei que governa na vida feminina. Estas leis da maternidade estendem-se por todo o domínio doméstico, e são cuidadosamente vigiadas e guardadas por este elemento na vida feminina que determina quanto a essa esfera de ação. Não importa se ela está lado a lado com o seu irmão à espera de votos, ou se está a cantar uma canção de embalar ao seu bebé, este poder dentro dela, este instinto materno, mantê-la-á no seu devido lugar, quer ela queira quer não.

Então aqueles que por essa razão procuram negar à mulher o seu direito divino de escolher para si mesma governantes, e, pode ser, governantes mais sábios e melhores do que aqueles que os seus irmãos elegem, não precisam de ter nada a temer. Um dos vossos poetas falou com razão quando diz:

"Há uma divindade que molda os nossos fins,

Por mais que os desbastemos de forma tosca."

"Esta mesma divindade percorre todos os ramos da vida, e cuida de todos.

P.—Se o homem é o desenvolvimento mais elevado da individualidade inteligente conhecida que existe na esfera terrestre, e é o resultado do tempo no desenvolvimento e desdobramento a partir da ordem inferior dos animais, e as leis da Natureza são imutáveis e inalteráveis, porque não vemos o processo de desdobramento a prosseguir nesta era como vemos em todas as outras formas inferiores de vida na Natureza?

R.—A Natureza sempre realizou, e provavelmente sempre realizará, as suas obras sob disfarce, fora da vista. O poder que empurra a matéria para o seu limite divino é um poder invisível; um poder que não pode ser medido, não pode ser pesado, não pode ser

analisado. É o Infinito, e porque o é, as suas manifestações são, em grande grau, incompreensíveis. Vemo-las quando são projetadas para a vida exterior, mas não antes, nunca em idade alguma. Esta era não está atrás de nenhuma outra era em mostrar as suas obras da Natureza, trazendo para fora as revelações do Divino; mas, pelo contrário, está na vanguarda de todas as outras eras.

P.—Depois de a Natureza ter desenvolvido o homem através da gradação animal, a lei cessa de funcionar nesta forma? E se assim for, não prova isso que as leis da vida são mutáveis?

R.—A lei nunca cessa de funcionar, e contudo as suas manifestações são infinitamente mutáveis. A manifestação é tudo o que da lei se pode saber.

P.—[De W. S. Cheney.] Na Secção de Mensagens do *Banner of Light* foi recentemente afirmado que o lar dos espíritos estava a cerca de sessenta e cinco mil milhões de milhas desta terra, enquanto o Prof. Hare, nas suas obras sobre a Investigação do Espiritismo, diz: "Os espíritos, em resposta à pergunta de quão longe o mundo espiritual estava da terra, disseram que havia seis esferas ou círculos a cercar a terra, e que a primeira estava a cerca de sessenta milhas da terra." Como devemos reconciliar as duas respostas?

R.—Não estou familiarizado com a fonte através da qual o Prof. Hare obteve tal informação e, portanto, não sou capaz de dar uma resposta clara à pergunta. As águas do rio são medidas pelas suas margens. Feb. 19

Dr. Anson P. Hooker

A vida é um enigma para lá de toda a resolução humana, um enigma divino, sempre segurado com firmeza no aperto do Infinito, e por muito que nos esforcemos por resolvê-lo nubla a nossa compreensão e continua a ser um enigma. Estou ciente de que poderia ter sido melhor para mim se em algumas coisas tivesse tomado um rumo diferente quando estava na terra; mas é difícil determinar se poderia ou não ter tomado esse rumo diferente, se poderia ou não ter dito: "Esta coisa será assim, ou aquela coisa não será assim", e tê-las a

sair ao meu gosto. Digo que é uma coisa difícil de determinar; e sendo assim, se há algum mal é difícil saber onde o colocar, a que conta o debitar. Uma vez que a vida é precisamente o que é, parece-me que a melhor forma de a humanidade fazer é tomá-la dia a dia, hora a hora, e momento a momento, como é oferecida pelo poder Infinito, e usá-la o melhor que pudermos e deixar o resultado a Deus.

Tenho ficado transfixado, por assim dizer, com espanto e admiração nesta nova vida, com o que tenho testemunhado de tempos a tempos. Muitas vezes perguntei a mim mesmo, quando aqui no corpo, sobre qual seria a condição da alma após a morte. Não conseguia aceitar exatamente a velha e dura fé cristã, nem conseguia decidir-me a rejeitá-la, mas a verdadeira verdade nunca me despontou na vida terrena. Nunca supus uma única vez que no outro mundo encontraria coisas tão naturais como aqui.

Nunca supus uma única vez que haveria casas e construtores de casas, que haveria árvores e flores, e frutos, e solo no qual estas coisas haveriam de crescer; que haveria luz do sol e sombra, e todas as diferentes variedades na natureza, apenas num sentido mais intenso e glorificado; mas assim é. Pode ser aconselhável para mim, dado que creio que mais ninguém o fez, dar-vos alguma ideia da condição a partir da qual a infelicidade é gerada no mundo espiritual, e vice-versa.

Agora deixem-me desenhar-vos um quadro mental. Aqui, digamos, morre um pobre homem a morrer. Ele viveu uma vida infeliz e dissoluta aqui. Os seus atos não lhe trouxeram nenhuma satisfação de alma. Ele esteve numa espécie de agitação, num estado infeliz. Ele foi pobre; esteve doente fisicamente; esteve desordenado mentalmente. Agora está a morrer; presentemente está morto. O seu espírito é introduzido na terra das almas, e instantaneamente é feito um amplo espaço para ele.

Ele tem imenso espaço, pois ninguém parece querer chegar-se perto dele. Porquê? Bem, ele está a exsudar do seu corpo espiritual uma atmosfera venenosa que contaminará todos os que entrarem nessa

atmosfera. Ele tem, se posso usar a expressão, a varíola espiritual. Ele é em primeiro lugar a condição—ele é evitado por toda a gente.

Bem, agora, os humanos são gregários por natureza, querem agrupar-se; ficam miseravelmente infelizes, isolados; e quando vão para o mundo espiritual e encontram toda a gente a evitá-los, e são deixados sós, pois o resultado é que ficam miseravelmente infelizes, e olham em redor para este lado e para aquele à procura de alívio, muito como um leproso faria, e contudo quase sem esperar nenhum a não ser que o Anjo da Misericórdia (com isto quero dizer algum espírito bom, benévolo e sábio) os procure—alguém que não possa ser contaminado por esta influência venenosa—alguém que possa entrar nela e contudo não a sentir—um Jesus, se quiserem—um John Howard—qualquer alma verdadeiramente benévola que deseje fazer o bem pelo prazer de fazer o bem—tais pessoas podem vir a estes pobres desgraçados, e a primeira coisa a ser feita é levá-los de volta à terra; e para quê?

Ora, para lhes dar um novo arranque batismal na nova vida—para primeiro os incorporar na vida mediúnica, para que a partir dessa vida possam tomar uma nova alavancagem, ir mais alto, erguerem-se dessa condição enfraquecida que os arrasta para baixo e os faz leprosos no outro mundo. Então os médiuns são úteis, enormemente úteis, para esses pobres desgraçados.

E agora, dado que estas coisas são assim no mundo espiritual, cabe a cada um de vós certificar-se de que não gera essas condições que vos forçarão a esse estado de vida no futuro, pois não se sabe quanto tempo o anjo pode demorar a vir em vosso auxílio, não se sabe quantos, quantos anos desgastantes podem passar antes que possam ser libertados da escravidão das trevas com a qual se ataram a vós mesmos sem saber aqui nesta vida. Agora, uma das coisas mais essenciais é manterem-se, se possível, de boa saúde.

Outra é manterem-se livres de toda a doença moral; não façam nada de que se venham a envergonhar na outra vida. Não envergonhem o princípio de Cristo das vossas próprias almas, pois se o fizerem pagarão a penalidade lá. Levem uma vida tão honesta, tão

moral, tão limpa aqui quanto for possível, se desejam escapar a estes infernos de Swedenborg da outra vida. Swedenborg, creio eu, tinha razão quando falou dos infernos da vida futura. Eles estão lá, e os pobres desgraçados estão a contorcer-se neles, e a tortura, parece-me, é mais requintadamente miserável do que aquela que poderia vir de fogo e enxofre.

Agora, portanto, levem boas vidas aqui; sejam moralmente saudáveis e fisicamente saudáveis, se querem entrar na outra vida encontrando o céu imediatamente ao vosso redor; mas se forem para lá com uma varíola espiritual sobre vós, como um leproso espiritual, dou-vos a minha palavra de que serão evitados, e serão miseráveis em consequência desse evitamento.

Eu não pretendia, Senhor Presidente, pregar uma palestra moral quando vim aqui. Pretendia brevemente responder a uma pergunta enviada para mim por um dos meus amigos, que deseja saber como estou ocupado no mundo espiritual. Bem, estou justamente agora a começar a prática da medicina no mundo espiritual.

Ah, sim, há necessidade de médicos lá! Garanto-vos, muita necessidade de médicos! Mas ao mesmo tempo estou a educar-me para saber como tratar estes pobres desgraçados. Estou a estudar intensamente para saber exatamente o que fazer, e para o fazer, nesta nova vida. Cometi erros aqui. Vejo-os agora, e a única reparação que posso fazer é fazer melhor na vida mais elevada. Doutor Anson P. Hooker, de Cambridge. Feb. 19

P.—Qual é a diferença entre magnetismo, força vital, força nervosa e aura nervosa?

R.—São todos qualidades diferentes do mesmo elemento, ou poder, tendo uma base, que é a vida animal.

P.—Edgar A. Poe, numa nota ao “Corvo”, continuada a partir da vida espiritual, diz que quando entrou na terra dos espíritos descobriu que o corvo que tanto o tinha torturado durante a sua vida terrena era, na realidade, o seu anjo da guarda—o seu irmão espiritual, tendo sido feito aparecer como um corvo devido às suas condições mediúnicas

imperfeitas. Não poderão muitos dos supostos casos de “espíritos maus”—possessões demoníacas—originar assim da condição perturbada do médium?

R.—A pergunta poderia ser respondida pela afirmativa, e contudo há uma larga margem exigida para explicação. Os médiuns nem sempre são o único poder em que os espíritos que regressam confiam, de modo a manifestarem-se aos seus amigos aqui—refiro-me a médiuns na vida humana. Parece que o corvo foi um médium para o espírito que regressava e, sem dúvida, essa maneira de representação da mente foi a melhor que poderia ter sido dada, sob as circunstâncias, a Edgar Allan Poe. Ele poderia ter recebido a verdade através do corvo, mas não através de lábios humanos. Ele poderia ter recebido um aviso através da figura do corvo, mas não através de lábios humanos. Ele poderia ter sido levado, passo a passo, em várias direções nesta vida, pelo corvo, mas não por um poder exercido através do humano. Feb 16

PERG.—De um correspondente. Têm os espíritos poder para efetuar a destruição de coisas materiais?

RES.—Sim; e poderia acrescentar, absolutamente sim. Aquele que diz ao espírito: “Dou-te domínio sobre a matéria”, quis dizer que esse domínio se deveria estender à destruição e à reconstrução para todo o sempre.

P.—Está no poder dos espíritos controlar a ação de indivíduos no corpo contrariamente à sua vontade?

R.—Sim—enfaticamente sim; como milhares de pessoas estão a demonstrar todos os dias.

P.—Se o que se chama pecado é o resultado de condições desarmónicas, ou ignorância, por favor informe o leitor sobre a origem da ignorância.

R.—Acreditando, como acredito, que Deus é a origem de todas as coisas, não faço, como é evidente, exceção para a ignorância. O pecado é habitualmente definido como sendo a violação da lei; mas eu

defino-o como sendo uma manifestação do estado verde da vida, nada mais. A maçã verde é ácida, azeda e amarga; mas deixai-a pender na árvore da vida e receber a luz do sol, o ar, o orvalho e a chuva, e ela torna-se doce e agradável, e uma coisa completamente diferente.

Assim é com as vidas humanas: estão num estado imperfeito. Ao passarem por esse estado dão manifestações imperfeitas. Não pode ser de outro modo. Continuará a ser assim até que o planeta progenitor, a terra, se tenha tornado um planeta perfeito; por outras palavras, tenha atingido a sua maioridade. Nessa altura esperaremos que estes frutos na árvore da vida amadureçam mais cedo, e haverá menos desarmonia e desgosto.

P.—Se Deus não é um indivíduo ou uma personalidade,

R.—Deus, para a consciência inteligente, é a agregação de toda a inteligência. A criança faminta, ao erguer a côdea de pão até à sua boca com a mão, primeiro reza à mão para que ela se torne um instrumento para alimentar a criança. Como é que ela reza? Ora, envia a sua vontade através de todas as fibras nervosas do braço, e diz à mão: "Apanha a côdea de pão e trá-la à boca." Isso é oração, exatamente tanta oração quanto aquela que ouviu proveniente destes lábios humanos há alguns momentos. Há tantos tipos de oração quantas as condições pelas quais se pode rezar.

P.—Num círculo neste lugar, na semana passada, três chefes índios (e um padre jesuíta) falaram dos males sob os quais sofriam, e pediram pelo seu povo, e foi então afirmado que a retaliação estava prestes a ter lugar. Parecer estar já consumada. Os últimos três dias trouxeram notícias pavorosas. A dança do escalpe—nunca realizada exceto quando a exterminação é declarada pelos chefes—foi dançada, e o correio de hoje traz a informação de que um tenente, um cabo e vários soldados foram chacinados. Estão esses índios justificados na sua conduta? Regozijam-se os índios na vida espiritual com os seus atos? E estão corretos ao fazê-lo?

R.—Acredito que a maioria dos índios na vida espiritual se entristece com tais atos, e contudo veem, ao mesmo tempo, que eles

são inevitáveis. Têm pena dos seus irmãos sofredores aqui. Fazem tudo ao seu alcance para os ajudar, e para influenciar os seus irmãos brancos a agir corretamente para com eles, para que o mal por parte do índio possa ser evitado, como no caso destes chefes que vieram implorar por justiça, para que os seus irmãos brancos pudessem ser salvos—para que esta guerra contemplada pudesse ser evitada. Agora é difícil colocar a culpa exatamente onde ela pertence; mas, visto ser função do Chefe Executivo zelar por este departamento, tal como por todos os outros, como é evidente deve ser colocada à sua porta; e contudo ele dir-vos-ia que fez o seu melhor. Bem, até aí, tudo bem; e contudo, dado que esse melhor não se mostrou adequado ao objetivo a ser alcançado, algo mais deveria ter sido tentado. Em vez de descansar, esperando ociosamente pela voz do povo para falar relativamente a este grande mal, ele próprio deveria ter falado. É a minha maneira de pensar sobre isto. Ele próprio deveria ter falado.

Ele diz-nos que é apenas o servo do povo. Bem, isso é muito bonito até certo ponto, mas é uma mera declaração de palavras. Ele pode ser bastante teimoso quando está interessado. Ele não espera aí pela voz do povo. Porquê, então, não estender esse poder de vontade a todos esses ramos de necessidade? “Oh, dá demasiado trabalho.” Muito bem; não deveria ter aceite o cargo. Ele sabia qual era o trabalho antes de o aceitar; portanto são estes índios na terra dos espíritos que o culpam; e, se os seus irmãos brancos são chacinados pelo seu povo, eles dizem: “O Grande Pai em Washington é o culpado”, e têm razão.

Certamente não pode acusar os índios de um mal absoluto, quando o seu povo está a morrer de fome por falta de justiça—quando estão restritos a certas reservas para plantar o seu milho, e não há caça lá, e nenhum suprimento vem do Governo. As suas mulheres e as suas crianças morrem de fome; metade delas, sem dúvida, tal como as do homem branco são para ele. Eles lutarão por elas; quebrarão o seu tratado para lhes dar carne. Quem os culpa? Culpa-os o homem e a mulher inteligente? Não. Apenas aqueles que têm preconceitos contra eles; isso é tudo. Feb 12

—Irá a inteligência controladora explicar porque é necessário ter a escuridão como condição para as manifestações dadas através da Sra. Maud Lord e outros médiuns?

R.—Essa pergunta foi tratada com mestria muitas vezes antes desta tarde. Não posso esperar fazer melhor do que aqueles que já a trataram, mas posso dar as minhas vistas. Estas manifestações são forças químicas, um resultado da ação da vontade, através da lei da química, sobre os átomos. Agora, para que um espírito se materialize a si mesmo de modo a que possa ser reconhecido pelo sentido humano, é obrigado a tirar partido de certas condições existentes sob leis químicas.

As partículas de matéria que os espíritos na altura extraem dos assistentes, dos investigadores, da atmosfera e de todos os objetos de matéria pelos quais estão cercados, devem primeiro ser passadas através do médium, resolvidas através de um processo de condensação, de modo a trazer estes átomos em relação química uns com os outros, e colocar a lei da atração em ação entre eles; e, para fazer isto, uma condição negativa da atmosfera é necessária, e isto é a escuridão; exatamente como é absolutamente necessário para o fotógrafo colocar a sua imagem numa câmara escura, de modo a que possa ser desenvolvida.

É uma manifestação química, puramente isso. Dizem-nos que, aos poucos, quando os espíritos manifestantes tiverem um conhecimento maior das leis da química, serão capazes de realizar estas manifestações na luz. Como isto será feito não me cabe a mim dizer, pois não sei que alguém tenha realmente qualquer ideia correta relativamente a como será feito; mas que será feito, é no que acredita a maioria dos cientistas no mundo espiritual.

P.—É errado comer carne como alimento?

R.—Às vezes é excessivamente errado. Outras vezes é exatamente o oposto. É errado para algumas pessoas comer carne porque as leis do seu organismo determinam que os frutos e grãos concordam melhor com elas—construirão melhor músculo e dar-lhes-

ão melhor saúde; mas isto não se aplicará a todos; portanto o que seria errado para um poderia ser absolutamente correto para outro.

P.—Têm todas as pessoas grupos de espíritos com elas?

R.—Não, não necessariamente, mas é de supor que todas as pessoas tenham mais ou menos amigos no mundo espiritual que, sob certas condições, são atraídos para elas; então pode dizer-se que estão cercadas por grupos de espíritos. Mas há pessoas especiais, chamadas médiuns, que são usadas para manifestações espirituais, que são sempre guardadas por um grupo de espíritos cuja função é velar por elas.

P.—Como pode uma pessoa saber se se pode tornar um médium ou clarividente?

R.—Sentando-se sozinha, e acompanhada, e desejando honesta e fervorosamente manifestações espirituais.

P.—Vivem alguma vez os espíritos de animais num corpo humano?

R.—Sim; há exibições do tigre, do leão, do urso e do porco em muitos da família humana. Basta olhar para as caras dos vossos semelhantes com quem vos cruzais constantemente, para demonstrar a verdade dessa posição.

Feb. 10

A História de Julia King Retenções

Impressionais por Espíritos Desencarnados

As inteligências invisíveis que de tempos a tempos controlam a Sra. J. H. Conant, nos Círculos Públicos Gratuitos do *Banner of Light*, declararam invariavelmente que ao acordarem no lado espiritual da vida para um sentido de existência continuada (quer o período de inconsciência a seguir ao trespasso físico tenha sido longo ou curto), descobriram que muito foi retido nessa consciência que era da terra, terreno—isto é, permaneceu um cunho material de sentimento que reconhecia a ausência do escudo protetor do físico, muito como o

crustáceo poderia ser suposto sentir se fosse subitamente puxado da concha com a qual a Natureza o tinha dotado, e rudemente exposto ao ar penetrante.

Mas o apurado sentido de justiça introspetiva que nasce da atmosfera espiritual ensina gradualmente a inteligência recém-saída do casulo a traçar a linha entre o que era possível de alcançar no físico—e cuja memória ainda perdura, embora nunca possa num sentido pleno ser alcançado novamente—e o que pode ser alcançado na vida para a qual foi introduzida; e a alma é assim levada, lentamente ou não, de acordo com as suas características, a cessar de olhar para as preocupações físicas e a direcionar os seus esforços para a aquisição de aptidão para o estado mais elevado, para onde é, pelas exigências da lei da progressão, inevitavelmente chamada.

Como tem sido frequentemente afirmado nestes círculos, e não apenas através do organismo da Sra. Conant, mas também pelos lábios de muitos outros médiuns por todo o mundo, o desgosto mais apurado é muitas vezes despertado por este processo introspetivo.

Algumas almas, erguendo-se subitamente à “altura da ocasião”, são capazes de assinalar onde na vida se desviaram do caminho da felicidade e, favorecidas por uma vontade forte, são capazes de começar imediatamente a dar os passos necessários para que o caminho certo possa ser alcançado novamente; enquanto outras, reconhecendo o facto de que o poder para satisfazer os apetites sensuais e passionais, que até aí cultivaram indevidamente como o tudo da vida, desapareceu e não pode ser reconquistado, afundam-se no desespero—como o marinheiro naufragado se agacha na praia deserta onde as fortunas da tempestade o lançaram depois de o seu navio ter desaparecido na espuma branca—não compreendendo o facto de que dentro de si mesmas existem os germes de condições e possibilidades mais elevadas que, por mais estudiosamente reprimidos e sufocados na terra, reivindicam o seu direito à expansão e à fruição no mundo das almas.

Esta ausência de todo o poder para gratificar as paixões da terra enquanto elas ainda existem como parte da consciência do homem desencarnado, constitui na verdade um castigo do tipo Tântalo, embora temporário, que, trabalhando com poder constante em todas as vias do ser espiritual, tende a construir—tal como a corrente constante da bateria elétrica revigora os poderes corporais exaustos na vida terrena—a fraca conceção da alma interior para a apreensão do facto de que a remoção da possibilidade de gratificação sensual e material é realmente uma bênção, porque é a eliminação de posterior tentação da linha de vida futura do espírito, e traz um desenvolvimento da compreensão da necessidade de essa alma dispersar do seu caminho a aura em forma de nuvem que é libertada por estes resíduos materiais da vida no físico, e erguer-se para planos mais elevados de atividade e utilidade.

O testemunho dos espíritos que regressam é universalmente a favor do procedimento correto na terra—"a vida que agora é" em todos os pormenores, e do cultivo dos poderes do eu interior tanto quanto possível, em preparação para "aquela que há de vir". Se eles são demónios, como a teologia gosta de declarar, ainda assim ensinam a ordem mais elevada de moralidade, inculcam os princípios mais firmes de honestidade, delineiam o sistema mais grandioso de benevolência que o mundo jamais viu.

Eles ensinam além disso que, sem um esforço pessoal feito pelo espírito, esforço esse que assim que for começado encontrará ajudantes de mil mãos na vida Mais Elevada, a inteligência desencarnada não pode erguer-se acima daquelas condições brutas que, como A. J. Davis diz, a pesam para a terra e a prendem lá "como um navio é preso por uma âncora pesada". Eles ensinam, e é também um facto que a experiência de milhares de médiuns e espiritualistas em geral provou por si mesmos, que estes espíritos deprimidos e infelizes que sentem a corrente a puxá-los de volta para o domínio da matéria, são capazes de ser ajudados nos seus esforços de libertação pelos próprios mortais. As aspirações mortais por coisas mais elevadas, palavras gentis de ânimo e encorajamento, podem iluminar

por contraste o crepúsculo solene que vela aos seus olhos as possibilidades vindouras da eternidade; a oração mortal pode ser para eles a cotovia da manhã que canta no céu; o repúdio mortal da tentação que, de acordo com uma veracidade psicológica muito mais plenamente reconhecida agora do que anteriormente, muitas vezes brota do pairar destas mesmas inteligências desencarnadas que, ainda não despertadas para o sentido da sua verdadeira condição, procuram, cega e independentemente das consequências para o indivíduo encarnado sobre quem se atua, restabelecer o circuito subtil com o conforto material que perderam, é como um choque elétrico apelando à natureza melhor dentro deles, e tendendo a prepará-los para se libertarem dos laços restritivos do apetite ou desejo, e entrarem nesse estado de liberdade celestial onde mãos gentis são de bom grado estendidas para os conduzir a poderes acrescidos de compreensão e consequentes amplitudes mais vastas de recetividade e resultantes graus mais elevados de felicidade.

Quanto deveria, portanto, o espiritualista esforçar-se, acima de todas as outras ordens de religião, por viver pura, reta e pacificamente nesta presente vida, para que possa lançar em seu redor uma influência para o bem, quer sobre os corações humanos com quem entra em contacto, quer sobre a atmosfera da vida mais além; no terreno, tal conduta provará ser uma bênção para a humanidade circundante, e para a esfera seguinte a essência exalada de tal exemplo ascende como o perfume de eleição da flor.

Fomos levados a estas observações por uma ocorrência que ultimamente nos caiu sob a atenção, e que enfatizou adicionalmente à nossa mente a verdade do que acabámos de relatar. No *Banner of Light* de 25 de fevereiro de 1887, foi impressa a mensagem de um espírito dando o nome de “Julia King”, na qual ela aludia ao rumo de vida que, em virtude do seu meio envolvente, foi levada a seguir na terra; apresentava as vistas que nutria relativamente à religião estabelecida e ao Espiritualismo, e descrevia brevemente o seu acordar para o facto, após o trespasso, de que para ela as tentações da terra tinham sido removidas; ela falou também fervorosamente dos

hospitais morais no mundo espiritual, cuja missão era realizar um serviço de instrução para os desgraçados que vinham da vida terrena num estado de mente aturdido, semiconsciente ou desesperado, e terminava dando expressão a um aforismo digno da longa comunhão da "regra de ouro": "Se queres ter menos sofrimento, cessa de fazer o mal e aprende a fazer o bem."

O processo pelo qual este espírito—poderoso para o bem na terra para onde foi, embora olhado com desprezo pela "sociedade" enquanto encarnado no físico—foi levado a uma consciência da sua condição não foi, contudo, instantâneo, como se poderia supor pelo relato da sua mensagem, mas foi o resultado de anos de desenvolvimento. Temos factos corroborativos a seu respeito, e ilustrativos desta parte da sua história, através da experiência de outra médium, que aproveitamos a oportunidade nesta altura para apresentar ao público.

Há cerca de doze anos, e pouco depois do trespasso do seu marido, a Sra. Frank Campbell—que, como um bem conhecido instrumento para a comunhão espiritual, está a fazer um bom trabalho no número 116 da Washington Street, em Boston—alugou quartos numa casa na Pleasant Street, nesta cidade, onde ela própria e duas irmãs montaram a sua tenda e se prepararam, cada uma ajudando a outra, para travar a batalha solitária da vida com os meios que o trabalho honesto e a rígida economia pudessem arrancar da mão dura do mundo.

A seleção da referida casa foi uma matéria inteiramente além da compreensão da Sra. Campbell, dado que—embora fosse uma localização agradável—ela se sentia instintivamente repelida por ela, mas as circunstâncias pareceram fechar-se em redor de si mesma e das duas irmãs de uma forma que impedia a operação da escolha voluntária. Pouco depois de terem fixado aí morada, barulhos de um caráter assustador começaram a ser ouvidos na casa, e fenómenos estranhos de ordem física foram inaugurados, os quais despertaram o terror dos ocupantes.

Entre outras manifestações curiosas de poder invisível, pequenos furos redondos foram em várias ocasiões perfurados nos candeeiros, permitindo que o óleo escapasse, o vestuário era frequentemente puxado com violência das camas depois de as irmãs se terem recolhido à noite, e uma vez, quando a Miss M. A. Seiders estava na rua perto da casa, para onde regressava de uma visita a Concord, N. H., descobriu duas chaves de fendas no seu bolso (embora tivesse suposto anteriormente que tinha apenas uma em sua posse), e começou a censurar-se por ter trazido descuidadamente a chave da Sra. Campbell, sujeitando-a assim a muita inconveniência desnecessária; mas ao conseguir entrar na casa, a Sra. C. disse que tinha tido a sua chave todo o tempo durante a ausência da irmã, e que a tinha visto no prazo de meia hora do seu regresso, e começou a procurar por ela, em prova da sua asserção; foi finalmente, contudo, obrigada a desistir da busca, e ao examinar descobriu que uma das chaves trazidas para dentro de casa pela dita irmã era a sua própria, que tinha sido subtraída por algum poder invisível e colocada no bolso daquela que regressava enquanto ela estava na rua.

Todas estas operações pareceram ser instituídas com o propósito de atrair a atenção da família, num grau maior, para o facto da comunhão espiritual, e de angariar as suas simpatias para o benefício de uma desgraçada desencarnada que precisava da sua assistência. A casa em que viviam tinha, descobriu-se mais tarde, sido ocupada por Julia King enquanto na vida física; aqui ela tinha seguido o caminho sinuoso da cortesã, e para este local ela se viu, após o trespasso, fortemente atraída por muitos laços materiais.

Entre os mais fortes (por ser um dos últimos pensamentos que lhe encheram a mente antes da sua demissão) que puxavam o seu espírito de volta em contacto com a habitação onde ela uma vez residira, estava o seu continuado interesse num certo vestido de seda soberbo que ela se mentalizara em ter, a qualquer custo, e que conseguiu obter antes da sua mudança de esferas.

O roçar de uma veste de seda pesada, como se alguém estivesse a arranjar as suas dobras, começou a ser ouvido nos quartos das irmãs,

com uma clareza impressionante, quando elas sabiam que as portas estavam bem fechadas e que nenhuma pessoa poderia obter entrada; e este facto, combinado com uma cadeia de ocorrências incómodas de natureza semelhante, determinou as senhoras a mudarem-se da sua morada na Pleasant street e a alugarem uma casa na Washington street.

Mal se tinham estabelecido aí, Julia King, em espírito, controlou a Sra. Campbell para falar, e declarou as razões (acima dadas) pelas quais elas tinham sido tão perseguidas no seu antigo lar. Ela disse que os laços impressionais retidos e aparentemente de todo materiais que existiam entre si e aquela habitação tinham sido cortados em razão de ela ter entrado em contacto com elas—que tinha sido aconselhada a procurá-las para obter o poder necessário para dissolver os grilhões que a prendiam ao domínio da carne e dos sentidos, porque elas eram três pessoas trabalhadoras, que se esforçavam com consciências sem mancha por ganhar o sustento através da indústria honesta, e assim estavam a emitir de si mesmas uma atmosfera de conforto e ajuda aos espíritos desencarnados que não estavam no mesmo plano espiritual.

Ela disse que ao início tinha estado cheia de um desejo de vingança em relação ao sexo oposto, quando acordou para o facto de que estava "morta" na linguagem do mundo, e tinha feito um voto a si mesma de destruir o maior número possível deles, mas que—em razão de ter seguido o conselho daqueles mais sábios do que ela, que tinham visto a aptidão peculiar das três irmãs para ministrar às suas necessidades e a tinham recomendado a aproximar-se delas em espírito—tinha sido despertada para uma obra mais nobre, e tinha sido liberta de todos aqueles anseios materiais persistentes, que eram simbolizados pela sua veste de seda roçagante, da qual desejava de todo o coração escapar.

Ela disse que lhe tinha sido prometido que um dia seria uma salvadora, por assim dizer, para aquelas do seu sexo que fossem levadas, por razão da escuridão terrena, através dos mesmos caminhos tristes que ela tinha trilhado na terra, estando ela bem preparada pela sua própria experiência amarga para a tarefa da iluminação espiritual

delas. E a promessa feita a ela há anos pelos professores mais elevados, ver-se-á pela sua mensagem através da Sra. Conant, foi agora amplamente resgatada.

Os factos acima declarados foram obtidos no decorrer de uma conversa tida por nós, pessoalmente, com a Sra. Campbell e a Miss M. A. Seiders—tendo a irmã mais velha "ido para a terra da manhã"—e elas expressaram-se altamente aprazadas com a mensagem do espírito Julia King, visto ser para elas um teste perfeito da identidade desse espírito—não estando a Sra. Conant ao corrente das declarações feitas pelo espírito a elas mesmas tantos anos antes. No final da nossa conversa, a Sra. Campbell entrou em transe, e uma influência pretendendo ser o espírito Julia King proferiu o seguinte através do seu organismo:

"Pouco mais pode ser dito no que respeita à minha história [sendo isto em resposta a uma pergunta que tínhamos acabado de dirigir à Sra. Campbell sobre se não haveria mais alguns pontos de interesse no caso ainda por mencionar.] Apenas desejo notar isto—Aquelas do meu sexo que caíram, como o mundo o denomina, e sofreram como eu sofri enquanto na terra, tornaram-se um grupo poderoso na vida espiritual para elevar não apenas o nosso próprio sexo mas também o sexo oposto, e libertá-los do terrível cativeiro do egoísmo e do rebaixamento de si mesmos. Estes espíritos são dotados de vida para erguer os deprimidos nesta esfera cuja ação sobre vós no estado mortal tende a arrastar-vos para baixo, para que no futuro nos ajudem em vez de serem obstáculos para vós.

Quando o sexo oposto compreender profundamente, através dos professores espirituais que vão encher a vossa terra, as terríveis responsabilidades que repousam sobre eles quando criticaram um coração jovem, quando tornaram inútil alguma vida brilhante com a promessa da manhã madrugadora da juventude, pensamos que eles pausarão antes de pisarem qualquer flor, quer seja delicada ou não na sua textura; pois quer seja de uma ordem elevada na posição social, quer seja, como tendes por bem denominar, 'do povo comum'—uma expressão que somos frequentemente chamados a ouvir nas casas dos

ricos—não importa, a responsabilidade é a mesma. Aqueles que com o lábio franzido dizem escarnecedoramente: 'Ela é apenas uma pobre rapariga trabalhadora', ou 'ela não é ninguém senão uma rapariga da loja', esquecem-se de que todos os elos na grande corrente humana são segurados na mão de Deus, e que todo aquele que procura egoisticamente golpear até o mais baixo deve responder a esse Deus que está connosco para sempre, habitando em cada alma humana, que será ouvido, que será justo!"

ESPÍRITO CONTROLADOR.—O nosso propósito agora é dar uma breve opinião sobre qualquer assunto que proponha.

PERGUNTA.—O Sr. Douglass, do Maine, deseja que o espírito controlador o informe se um verdadeiro cristão de coração pode fazer a guerra ao seu irmão homem?

RESPOSTA.—Não, certamente que não.

P.—Foi-nos apresentada a seguinte pergunta: «Por favor, pergunte ao espírito controlador se Sir John Franklin, após ter deixado o corpo, encontrou aquela região que procurava enquanto estava no corpo?»

R.—Certamente que encontrou.

P.—Tem-se dito que um peixe, quando completamente congelado, regressa à vida animal depois de ser colocado em água. Desejo saber se o mesmo efeito se verificaria com o ser humano?

R.—O peixe possui forças elétricas que lhe são próprias. A condição de que fala não é, para ele, inimiga da vida. Sob certas condições apropriadas, o peixe, depois de congelado por mais sólido que esteja, pode ser restituído novamente à vida animada. Isto é feito em virtude da sua própria lei, não da lei pertencente à vida humana. Congele um humano como congela um peixe, e não poderá restituí-lo

novamente à sua condição anterior. Eles não possuem, como humanos, essa força elétrica peculiar que o peixe possui.

P.—A alma, quando habita pela primeira vez o corpo humano, é transmitida diretamente de Deus?

R.—A alma está sempre no seio do seu Deus, em todos os momentos, sob todas as circunstâncias.

P.—Ela não muda depois de entrar no corpo humano?

R.—Certamente; ou, por outras palavras, há uma manifestação diferente da alma; mas, no que diz respeito à Divindade, não muda a sua relação.

P.—Antes de a alma entrar no humano, ela não possui consciência?

R.—Não como alma humana. Possui a consciência própria da sua vida sob essa condição.

P.—A mesma alma ocupa alguma vez dois corpos humanos?

ESPÍRITO.—Ao mesmo tempo?

INQUIRIDOR.—Não, sucessivamente.

R.—Temporariamente; não o faz permanentemente.

P.—Pitágoras disse que tinha a recordação de uma existência consciente anterior nesta terra, e que era então conhecido pelo nome de «Euforbo». A afirmação era correta?

R.—Numa extensão limitada, extremamente limitada, acreditamos que seja verdadeira.

P.—Sob que condição pode um espírito tomar posse de um corpo humano?

R.—Sob que condições? Sob as condições que existem no caso diante de si.

P.—Por favor, indique o estado anterior da alma de qualquer grande personagem, como o de Napoleão, o Grande, por exemplo, antes de existir numa forma humana.

R.—Isso não podemos fazer. Se tentássemos responder à sua pergunta, faríamos apenas uma asserção.

P.—Poderia dá-lo de algum personagem histórico?

R.—Não, certamente que não poderíamos.

P.—Quanto tempo leva o espírito a regressar à terra depois de se ter separado do corpo físico?

R.—Isso depende das condições existentes no espírito sob as quais o espírito vivia ao tempo da sua separação do corpo. Alguns regressam muito rápido; outros requerem um período de tempo maior.

P.—Se os espíritos deixam o corpo em condições saudáveis, faz diferença quanto ao tempo do seu regresso?

R.—Geralmente regressam mais rapidamente quando separados violentamente do corpo.

P.—Noto que aqueles que passaram para o mundo dos espíritos são sensíveis quanto a serem chamados espíritos. Que palavra poderia ser sugerida como sendo mais adequada e apropriada para eles?

R.—Amigos, irmãos, irmãs. O termo, espíritos, para eles como para si, está associado à morte. Disso eles não gostam. Muitos de nós ainda não conseguiram livrar-se das névoas e nevoeiros de uma educação terrena. Não obstante termos passado pela transformação química chamada morte, ainda assim os restos dessa educação, em todas as suas deformidades horrorosas, surgem por vezes diante de nós, tornando-nos, por um momento, infelizes.

P.—Desejo saber se o aprendizado de qualquer profissão peculiar poderia ser comunicado através de médiuns. Suponha que uma assembleia de artistas se reunia num determinado lugar, poderiam os espíritos responder a perguntas — profundas — propostas a eles por membros dessa assembleia?

R.—Certamente — porque não? — desde que a inteligência que comunica fosse ela própria um artista.

P.—Suponha que era a presente inteligência?

R.—O seu orador não era artista. 22 de nov.

PERGUNTA.— Irão os espíritos guias do Círculo Banner dar alguma informação sobre os assuntos sugeridos pelas seguintes observações? «Dentro de alguns anos passados, lemos muitas profecias de diferentes médiuns, nas quais a guerra, a fome e a pestilência foram mencionadas como calamidades que nos afligiriam, como nação, em breve.

A guerra já está a fazer o seu trabalho; e quando tomamos em consideração os elementos em ação, tanto no mundo físico como no mental, podemos duvidar de que a pestilência, se não a fome, se seguirá em seu encalço? Foi dito, também, que os médicos falharão em encontrar um remédio para a 'nova doença', e que médiuns serão desenvolvidos para a deter por magnetismo ou poder dos espíritos. Agora gostaríamos de perguntar, como podemos preparar-nos para tal

trabalho? — como ser capazes de resistir aos efeitos de causas que estão a operar a morte e a destruição ao nosso redor?»

RESPOSTA.—Não sabemos de melhor maneira para se prepararem para o gigantesco trabalho diante de vós, do que viver o mais próximo de Deus quanto vos for possível. Quão poucos existem que compreendem o nosso significado. Arriscamo-nos a dizer que não há mais do que um em cada mil. O viver próximo de Deus não significa simplesmente viver de acordo com os ditames de qualquer credo de Igreja, qualquer fórmula religiosa. Significa viver naturalmente, o que é viver divinamente. Todos e cada um têm um impulsionador, um monitor, um espírito guardião especial dentro de si mesmos. Chamam-lhe consciência.

Não importa que termo lhe apliquem — é um poder que os guiará bem, se apenas permitirem que assim faça. Ele compreende a linguagem da intuição, e a intuição é a voz de Deus. Portanto, deem ouvidos à vossa consciência; obedeçam aos seus ditames; afastem-se das frias formalidades da humanidade, e vivam naturalmente, o que, repetimos, é viver próximo de Deus. Façam isto, meu amigo, e então serão capazes de desempenhar bem os deveres da hora que há de vir.

P.—P. S. pergunta: «Não há um poder mental na América e na Europa, cujo propósito é subverter este Governo e inaugurar o poder papal, tanto temporal como espiritual?»

R.—Sim; como sempre existiu, desde o nascimento do poder papal. Mas não precisa de ter receios; as trevas tiveram o seu tempo: a luz espiritual chega agora à humanidade, e essa tem de ter o seu dia, como as trevas tiveram a sua noite.

PRESIDENTE.—Recebemos uma carta do Sr. Daniel Porter, um idoso senhor de noventa anos, residente em Clayton, condado de Jefferson, Nova Iorque, na qual expressa o desejo de nos enviar algum dinheiro para o sustento dos nossos Círculos Livres, mas dá-nos como desculpa para não o fazer o facto de não se encontrar atualmente em

situação de realizar os seus desejos a esse respeito. Ele está ansioso por que os espíritos respondam à seguinte pergunta:

«A caminhar para seis anos perdi a minha mulher. Imediatamente após ela ter morrido, aconteceram coisas que eu não conseguia explicar — luzes e outros fenómenos. Cerca de seis meses após a sua morte sentei-me num círculo. Foi dito que o espírito da Sra. Porter estava lá. Fiz uma série de perguntas, e as respostas que obtive verifiquei serem verdadeiras. Perguntei a respeito dessas luzes. A resposta que obtive foi que o espírito dela as causava, e que elas continuariam comigo enquanto o meu espírito permanecesse no corpo; e elas têm continuado até ao dia de hoje, todas as noites.

Mas há um espírito que vem quando tenho estado sentado no qual não posso depositar confiança alguma. Se ela obtiver o controlo num círculo, não o entregará a nenhum outro espírito. Há uma pergunta que quero fazer: se um espírito pode enganar-me nessas luzes? Sou um homem velho, entrei no meu nonagésimo ano, e estou muito fraco. Não é provável que permaneça aqui muito mais tempo, e não quero ser enganado. Desejo que coloque a minha situação perante o espírito controlador do seu círculo. Ficaria grato se a Sra. Porter me pudesse enviar uma mensagem.»

R.—Em primeiro lugar, permita-nos solicitar que doravante envie ao seu correspondente o seu jornal, gratuitamente, enquanto ele permanecer na forma. Sou solicitado a declarar pela senhora, a Sra. Porter, que a maioria das comunicações que ele recebeu pretendendo vir dela tem sido genuína; muito poucas foram o contrário. Ela esforçar-se-á por fazer uma explicação a respeito de muitas coisas que ele não compreende agora. Ela propõe-se fazê-lo por escrito, quando este sujeito [o nosso médium] estiver em casa e sozinho. A mensagem será publicada.

P.—E. C., de Deanville, deseja perguntar por que lei uma pessoa pode dizer o caráter, a saúde e a doença de outra pessoa por uma mecha de cabelo.

R.—A mecha de cabelo é simplesmente um meio usado para obter fins desejados, um algo que auxilia uma inteligência a encontrar a forma que deseja examinar — nada mais.

P.—Qual é a diferença entre a voz da consciência, a consciência educada e a intuição?

R.—Pode dizer-se que a consciência é o órgão através do qual a intuição se manifesta. Um é a coisa sobre a qual se atua, o outro é o poder que atua sobre o instrumento. Pode sempre confiar nas suas intuições, mas não confie naquilo que vem apenas de condições da vida humana. Pode facilmente discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso.

P.—Uma consciência é naturalmente esclarecida, ou deve ser educada?

R.—A consciência é simplesmente uma máquina, através da qual a intuição se manifesta, ou, por outras palavras, é um órgão do corpo espiritual. É uma coisa não sujeita à educação. Pode educar a alma, o espírito, mas não pode o corpo.

P.—Em que estágio de desenvolvimento da mente humana começa a responsabilidade, ou prestação de contas?

R.—Isso é difícil de determinar. Não sabemos dizer.

P.—Como pode uma pessoa distinguir entre a intuição, por um lado, e as suas esperanças e receios, por outro?

R.—Há apenas uma maneira de distinguir entre a esperança e o receio e a intuição; isto é, desejando ardentemente saber o correto, e o correto certamente se manifestará a si sob essa condição da mente. Perante um desejo ardente de saber o correto, o receio desaparecerá, a dúvida tomará o seu voo.

P.—As nossas aspirações são alguma prova da existência das coisas desejadas?

R.—Sim, uma prova muito grande da existência das coisas desejadas, desde que o desejo seja legítimo para a alma. A alma nunca deseja nada que esteja além da sua capacidade de receber.

P.—Não é todo o desejo legítimo para a alma?

R.—Não; há alguns desejos que são nascidos das vossas naturezas animais, coisas do tempo. Tais pertencem mais à forma do que ao espírito.

P.—Eles são legítimos para os seus antecedentes, não são?

R.—No que diz respeito ao corpo humano, ou externo, são; mas não no que diz respeito ao espírito, ou alma. Estão a viver vidas duplas. Uma pertence ao humano, à forma externa; a outra ao espírito. Estão a vivê-las a ambas ao mesmo tempo. A fim de saberem o que pertence ao espírito e o que pertence ao externo, devem estudar-se a vós mesmos.

P.—Não pode uma pessoa obter por introspeção, ou pelo estudo de si mesma, um conhecimento completo de todo o universo?

R.—Sim; pois vós sois todos microcosmos do universo.

P.—As luzes que são por vezes vistas por pessoas quando subitamente atingidas no olho — estão elas de alguma forma ligadas às suas naturezas ou corpo espiritual?

R.—Acreditamos que sejam emanações elétricas, produzidas por concussão súbita.

P.—De onde procedem essas emanações?

R.—Do corpo elétrico, que permeia o corpo físico.

P.—Esta manhã uma pessoa começou a fazer uma introspeção de si mesma. Durante o processo, um clarão de luz ofuscante atingiu-lhe o olho. Depois viu uma pessoa, um espírito, com cerca de oito pés de altura, de cor avermelhada. Teve uma visão momentânea deste espírito, depois tudo ficou em trevas. Como explicaria esta circunstância?

R.—Ora, simplesmente que a visão espiritual do indivíduo foi subitamente aberta, como a visão espiritual de Saulo foi aberta nos tempos antigos. Pertence à mesma classe de fenómenos.

P.—O corpo humano contém toda a sua alma que lhe pertence?

R.—Sim, é a nossa crença que contém. 28 de nov.

PERGUNTA.—Que efeito tem o chá no organismo humano?

RESPOSTA.—Depende muito de que tipo de chá o interrogador tem em referência.

PRESIDENTE.—Chá comum.

R.—Há muitos tipos deste chá comum.

PRESIDENTE.—Deixando o chá verde de fora da questão.

R.—Cada tipo particular possui forças peculiares a si mesmo, é diferente de qualquer outro tipo, portanto deve exercer uma influência diferente sobre o organismo humano. Acreditamos, contudo, que todos os diferentes tipos de chá, como aquele a que o seu correspondente se refere, têm o efeito de estimular de momento.

E como todos os estimulantes, ou todas as propriedades estimulantes têm também dentro de si aquilo que produz o efeito oposto, assim tem o chá. Quando uma pessoa se entregou grandemente ao consumo de chá, encontra-se imediatamente excitada ou estimulada. Depois de essa influência ter passado, fica consciente de uma lassidão, uma debilidade nervosa, irritação nervosa. Mas tomado moderadamente, sob circunstâncias favoráveis, acreditamos que o chá não pode ter nenhum mau efeito sobre o organismo humano.

ESPÍRITO.—Se a assistência não tem mais perguntas a fazer, propomo-nos responder a uma que recebemos de um correspondente que professa acreditar nessa doutrina comumente chamada a fé Adventista, uma crença na segunda aparição pessoal de Jesus o Cristo. A pergunta é esta: «O que devemos entender que Jesus quis dizer com a prolação destas palavras: Quando ouvirdes falar de guerras e rumores de guerras, não sabeis vós que o fim está próximo?» Ele deseja saber se essa passagem das Escrituras não tem referência direta ao fim das coisas pertencentes ao tempo, ou ao mundo material? Para nós não tem, certamente. Acreditamos que tem especial referência à morte da presente Dispensação Cristã; o fim daquela forma de religião sob a qual a liberdade existiu no passado. Esta é a nossa crença, e o nosso amigo, que não acredita como nós acreditamos, e que foi suficientemente claro para nos dizer que não tem fé no regresso dos espíritos após a morte, pode pôr a nossa verdade de parte até estar pronto para a receber, o que será certamente na eternidade, se não no tempo. 29 de nov.

PERGUNTA.—Na invocação, esta tarde, foi feita menção das nossas possibilidades divinas como estando ao nosso alcance. Mencionará algumas das práticas?

R.—Sim. É possível para si tornar-se tão profundamente familiarizado com a terra dos espíritos e as suas condições antes de assumir a sua residência lá, ao ponto de sentir que na realidade nunca viu a morte. Que possibilidade maior, que possibilidade mais divina existe? Não sabemos de nenhuma maior, nenhuma mais divina.

P.—Alguns dos filósofos hindus, antes do tempo de Cristo, ensinavam que, pela reflexão sobre a essência divina, podiam afetar a saúde e as vidas de mortais que estavam a milhares de milhas de distância. É possível para as pessoas no dia de hoje exercerem o mesmo poder?

R.—Certamente que é.

P.—E por um poder puramente espiritual, sem o uso de meios físicos?

R.—Espiritual, no que diz respeito ao ato, no que diz respeito à essência ou poder. Mas acreditamos que meios, meios físicos humanos, são necessários, sempre, para a transmissão desse poder; por exemplo, se desejo efetuar uma cura num doente a mil milhas de distância de mim, exercerei o meu poder espiritual através de meios físicos, através da vida humana, pois apenas através da vida humana pode tal efeito ser ministrado. Compreende?

P.—Compreendo o seu significado. Qual é o poder pelo qual Jesus operou na figueira, e a fez murchar e morrer?

R.—É a nossa crença que ele realizou esse assim chamado milagre — aliás, não temos fé em milagres — simplesmente para

mostrar aos seus seguidores o poder da mente sobre a matéria. Todos vós tendes o mesmo poder em maior ou menor grau.

P.—Explique a operação pela qual o poder da mente de Cristo foi exercido sobre a figueira?

R.—Não pode compreender o *modus operandi* mais do que pode compreender totalmente a situação do espírito após a morte.

P.—Os materiais que ele tirou da figueira não foram para mostrar uma praga?

R.—Não compreendemos a sua ideia. Seja gentil ao ponto de colocar a sua pergunta numa forma um pouco diferente.

P.—Desejo saber se era objeto de Cristo destruir a vida da árvore inteiramente?

R.—É muito possível que tenha sido o seu objeto. Contudo, no que a isso diz respeito, não sabemos dizer. É a nossa crença que ele o deu como uma ilustração do poder da mente sobre a matéria.

P.—Quais são os meios adequados a serem usados por um indivíduo para atingir uma perceção do mundo dos espíritos de modo a vencer todo o medo da morte?

R.—Viva tão naturalmente quanto sabe fazer, ignorando toda a moda que tenda a aprisionar as faculdades da alma. Viva de acordo com os ditames do poder interior, e menos de acordo com os ditames do poder exterior.

P.—Explicará, ou mostrará como a doença conhecida como hidrofobia resulta de a saliva ser introduzida no organismo humano; como o fenómeno da hidrofobia resulta?

R.—O resultado é exibido sempre num caso de hidrofobia. Não há necessidade de pregarmos a seu respeito. É, acreditamos nós, contudo, uma daquelas forças magnéticas peculiares cuja ação é extremamente subtil e ao mesmo tempo é extremamente poderosa. Atua primeiro sobre o nervo pneumogástrico, e por último sobre o sistema nervoso inteiro. Contudo, deixa geralmente o cérebro muito claro, pelo facto de as forças sob a hidrofobia recuarem geralmente para o cérebro com grande força.

Grande poder é assim centrado sobre o cérebro, de modo que há ocasiões em que o doente a sofrer de hidrofobia lhe diria que todo o passado estava desdobrado diante da sua visão, que o futuro também lhe estava aberto, e do presente ele estava consciente com extremo poder. Alguns estão até conscientes dos pensamentos daqueles que estão ao seu redor. É para nós um veneno magnético poderoso, introduzido mais através de forças magnéticas do que através das forças físicas. É absorvido primeiro pelos elementos imponderáveis que permeiam o corpo, e a partir deles e através deles transmitido ao corpo humano.

P.—Como é que uma pessoa nesse estado pensa que os objetos se estão a precipitar ou a esmagar sobre ela?

R.—Não temos conhecimento de que esse seja geralmente o caso.

P.—Porque têm as pessoas que sofrem de hidrofobia tal aversão à água?

R.—Simplesmente porque todos os fluidos do organismo se tornaram tão inteiramente metamorfoseados que o organismo rejeita tudo o que lhes corresponde.

P.—Em que se metamorfoseiam os fluidos do organismo?

R.—Ah, essa é uma pergunta a que não pode responder.

INQUIRIDOR.—Foi por isso que fiz a pergunta.

R.—Somos muito honestos ao dizer-lhe que não podemos responder-lhe. Está além da nossa compreensão. Sabemos que assim é o facto pela observação, mas mais longe não podemos ir. 1 de dez.

PERGUNTA.—Qual será a condição daqueles no espírito que destroem a sua descendência intencionalmente antes do seu nascimento natural na existência terrena?

R.—O assassínio de crianças, de acordo com a aceitação usual do termo, é um pecado, um algo pelo qual o indivíduo que comete o ato sofrerá, quer em maior quer em menor grau. Há erros cometidos na vida que parecem em si mesmos, no que diz respeito ao indivíduo que os comete, ser sem pecado e muito corretos. Mas a alma sabe sempre o certo do errado — pune sempre o seu agente externo, o corpo, por todos esses erros. Nem o indivíduo tem de esperar por alguma época remota, ou algum inferno local, algum lugar de punição, no qual ser mergulhado. A punição segue geralmente o ato muito rapidamente.

P.—De que modo se pode dizer que a Divindade progride?

R.—De todos os modos.

P.—Por favor, descreva.

R.—De todos os modos, respondemos novamente. Seria impossível especificar qualquer modo particular no qual acreditamos que Ele progride.

P.—Afirmou, sobre um determinado facto, esta tarde, que era um pecado. Por favor, declare o que é o pecado.

R.—No que diz respeito à consciência humana, é pecado. O pecado, de acordo com a definição usual do termo, é a violação da lei, quer da mente quer da matéria.

P.—Os indivíduos que cometem o pecado — não atuam eles de acordo com a força controladora?

R.—Muito provavelmente.

P.—Se eles atuam de acordo com a força controladora, é um pecado? Ou é de acordo com a lei do procedimento divino?

R.—No absoluto, não há pecado; ele só o é por virtude da conceção humana, não por virtude da lei divina.

P.—A conceção absoluta de pecado leva à destruição de todas as distinções e limitações?

R.—Sim, acreditamos que sim.

P.—Leva à aniquilação da consciência separada?

R.—Não, não acreditamos que leve.

P.—Porque é necessário que os espíritos desencarnados regressem e controlem um organismo humano, a fim de terminarem o seu trabalho na terra?

R.—Porque a atração é tão muito poderosa nesta direção, que o espírito deve mover-se nesta direção, se se mover de todo.

P.—A razão pela qual os espíritos podem regressar agora e comunicar com a mortalidade, quando não o podiam fazer há alguns séculos — ou não tão facilmente —, é porque os seres humanos se estão a tornar mais refinados, ou os espíritos mais grosseiros?

R.—Certamente que não pode ser porque o espírito se esteja a tornar mais grosseiro. Preferimos pensar que é porque os seres humanos se estão a tornar mais refinados, mais espirituais. Numa palavra, estais a superar a ignorância do materialismo e estais a entrar na sabedoria espiritual, e desse modo estais a entrar em *rapport* com o mundo invisível ou espiritual.

P.—Ouvimos por vezes falar de espíritos no outro mundo que têm habitações peculiares. Ouvi falar de um cuja habitação era um chalé muito agradável nos bosques. Teria ele parecidos diferentes para médiuns diferentes? É uma realidade objetiva, ou meramente subjetiva?

R.—Muitas coisas vos são ditas relativamente à condição daqueles que passaram para o mundo dos espíritos, que despiram o guarda-roupa físico. São-vos mostrados muitos símbolos pertencentes a eles mesmos como indivíduos e a locais de habitação, mas são apenas símbolos. Eles apenas são mostrados para que possais julgar de algum modo relativamente à sua condição espiritual; não porque eles realmente vivam em tão belas casas, ou estejam cercados por essas idênticas flores; não porque tenham tão esplêndidos palácios nos quais viver no mundo dos espíritos; não porque haja grandes templos como os que a mente concebe nos quais adorar. Todas estas coisas que vos são dadas não passam de símbolos, para que através deles os espíritos possam transmitir à vossa mente algo da sua verdadeira condição na vida espiritual.

P.—É equivalente ao curso seguido por Jesus, quando falava aos seus seguidores em parábolas?

R.—Sim, o espírito era revestido com a parábola, para que ao fazê-lo se tornasse aceitável para a consciência humana.

P.—Qual é o significado de parábola?

R.—Uma história, um romance, se quiser; qualquer coisa desse género.

P.—Por outras palavras, uma parábola significa, comparativamente falando?

R.—Sim.

P.—Enquanto o espírito controlador está a falar aqui hoje, até que ponto percebe ele os objetos? Percebe-os através dos canais ordinários da audição e da visão? Pode ver, por exemplo, os quadros do lado esquerdo desta sala?

R.—Sim, desde que usasse o órgão da visão, o que não faço, como perceberá.

P.—Poderia ver em edifícios distantes o que se estava a passar, enquanto continuava a controlar este médium?

R.—Não; certamente que não.

P.—Por outras palavras, a sua perceção está limitada pelo poder visual do médium?

R.—Certamente que está. Desde o momento em que ficamos sob a sua lei, não a podemos transcender. Vemos pela sua lei, proferimos pela sua lei. Embora possamos exceder grandemente as capacidades ordinárias do médium, o que geralmente fazemos, ainda assim não podemos ir além do corpo particular, do corpo especial.

P.—Noto que a saída dos espíritos do corpo deste médium é acompanhada por um sopro. Por favor, explique como a partida do espírito é acompanhada pela boca, ou o que quer que seja?

R.—Presumimos que seja um mero efeito espasmódico, ou algo que em si mesmo não tem significado.

P.—Porque não é dada a mesma latitude ao órgão da visão, bem como à audição e à fala?

R.—Simplesmente porque o órgão visual é governado por uma lei, o órgão da audição por outra, o órgão da fala por outra.

P.—Eu digo que a graça de Deus empregaria todos os cinco sentidos para fazer de todo uma expressão.

R.—A graça de Deus, deveríamos esperar, esteve sempre connosco. 5 de dez.

PERGUNTA.—Malabaristas na Índia conseguem aparentemente fazer uma planta crescer da semente até à maturidade em poucos minutos, diante dos próprios olhos de testemunhas em redor, apenas cobrindo-a de vez em quando com um pano. Fazem eles isto, e outras das suas assombrosas proezas, por real poder mágico, ou é tudo engano? Se real, qual é a razão de ser destas proezas?

RESPOSTA.—Em primeiro lugar, gostaríamos de perguntar ao seu correspondente se ele compreende o que é o poder mágico, no seu sentido verdadeiro? Se compreende, dificilmente pensaríamos que tivesse proposto tal pergunta. Contudo, para responder brevemente à sua pergunta, diremos ser nossa crença que estas exibições são todas engano, nem os executantes alegam qualquer outra coisa para elas.

P.—Qual é o modo pelo qual os espíritos comunicam entre si na terra dos espíritos?

R.—O modo é simplesmente a reflexão e refração do pensamento. Eles não comunicam por som, pois não há necessidade disso. Não pensou por vezes num amigo quando não via nenhum, e

logo a seguir veio diante da sua visão o amigo em mortal? Queremos dizer que isso era alma a comunicar com alma; ou, por outras palavras, a linguagem da terra dos espíritos.

P.—O reconhecimento de amigos no mundo dos espíritos depende do pensamento?

R.—Não, não inteiramente. A manifestação do pensamento, contudo, é a grande base de todas as coisas espirituais. Sem ela não tendes realidade; sem ela não tendes ação, não tendes poder positivo.

P.—Pode a mente humana tornar-se desvelada pelo poder do espírito mais depressa do que pelo modo ordinário de educação?

R.—No que diz respeito às coisas deste mundo, a sua educação pertence a este mundo, caso contrário o desvelamento que pertence a este mundo material. Ambos são necessários. A mente humana é sempre desvelada pelo poder do espírito, mas os vossos processos educacionais são meios de auxílio; nada mais.

P.—Como é a impressão dos objetos no mundo espiritual transmitida aos sentidos do espírito?

R.—Pela ação do poder dos sentidos, certamente. Vê pela ação do olho. Ouve pela ação do ouvido. Sente pela ação do sentido do tato.

P.—Compreendemos que o espírito no mortal vê em virtude das ondulações do éter. Agora o que desejo saber é: existe uma lei análoga do espírito?

R.—Sim, existe.

P.—A perceção do espírito é movimento ou pensamento?

R.—Sem pensamento não poderia haver movimento. Pode dizer-se que o pensamento é a alma do movimento.

P.—Então não existe a ciência da dinâmica no mundo dos espíritos?

R.—Sim.

P.—Pode ser deduzida a uma ciência?
R.—Sim; uma ciência espiritual.

P.—E limitada, em certo sentido, por leis ou ideias matemáticas?

R.—Sempre.

P.—Têm os espíritos uma perceção clara das cores?

R.—Sim.

P.—Como refletidas por objetos puramente espirituais?
R.—Sim.

P.—E dos odores?

R.—Sim.

P.—Não dos sons?

R.—Não dos sons, tais como compreende que o som seja, certamente.

P.—Ainda assim o espírito tem o sentido da audição?

R.—Sim.

P.—É ele dirigido por algo correspondente ao som?

R.—Sim, é dirigido por aquilo que corresponde ao som, e é apenas uma condição mais elevada do mesmo poder.

P.—Tem o espírito quaisquer sentidos adicionais na terra dos espíritos, ou são estes mesmos sentidos sublimados?

R.—Tem faculdades adicionais pertencentes aos mesmos sentidos.

P.—Diz que o espírito tem uma nova faculdade; como pode isso ser sem um novo nascimento?

R.—Bem, na realidade estas faculdades não são novas. Elas são apenas chamadas à ação pelo segundo nascimento; um algo que a alma sempre teve; um poder para o qual não teve uso durante a sua peregrinação na terra.

P.—A perceção da forma para si, como espírito, difere materialmente da sua perceção da forma como mortal, ou da perceção geral?

R.—Sim, difere muito materialmente, e contudo não há diferença essencial. A forma é forma onde quer que a forma exista; e, se vista de todo, deve ser vista sob as leis da forma. Se sou capaz de perceber qualquer forma particular nesta sala, faço-o em virtude dessa forma. Não o posso fazer por qualquer lei puramente espiritual que seria impossível.

P.—Existem estas formas materiais no mundo dos espíritos?

R.—Não, certamente que não. É um facto evidente por si mesmo; pois se deixa estas formas aqui, como pode tê-las na vida espiritual?

P.—Quero dizer formas correspondentes a estas formas materiais?

R.—Não, não temos.

P.—Então o que constitui o objeto da visão do espírito? O que é que eles veem?

R.—Seria impossível para nós demonstrar a verdadeira condição do espírito após a morte de uma forma tal que compreendesse claramente enquanto habita no mortal. Deve esperar até que também desfaça o físico, a fim de ficar totalmente satisfeito no que diz respeito a estas coisas.

P.—Mas diz que os espíritos têm perceções das cores?

R.—Sim; mas não pode conceber uma forma que seja sob todos os aspetos mais bela do que a forma em que habita como mortal — formas que não podem ser comparadas de modo algum àquelas que tem aqui — formas tais que estão adaptadas às suas necessidades como espírito? Não; não pode conceber delas, porque não viu nada semelhante a elas. A forma humana é a mais elevada de que pode conceber, porque é a mais elevada que tem na sua terra.

Diz-se ter sido criada à imagem de Deus, nosso Pai, portanto é muito propenso a supor que o espírito é revestido por uma forma após a morte que é uma contraparte exata daquela que deixou na terra. Aqui está enganado. O espírito tem tudo de que tem necessidade. Encontra-se, quando nascido no reino do mundo dos espíritos, possuidor de todas as faculdades e sentidos de que tem necessidade, também possuidor do poder de usar todos eles. Certamente não pode pedir mais nada.

P.—Os pensamentos parecem objetivos para o espírito no mundo dos espíritos?

R.—Não.

P.—Podem os espíritos no mundo dos espíritos compreender ideias tão facilmente como palavras?

R.—Sim, certamente.

P.—Sabem os espíritos todos os nossos pensamentos?

R.—Não, não necessariamente. Podem sabê-los se o desejarem. Não o desejam frequentemente.

P.—Por que poder?

R.—Pelo poder da troca de pensamento. 6 de dez.

PERGUNTA.—W. A. Simpson, de London, East Ten., deseja saber: «Qual é a filosofia ou razão de ser desse método de curar certas doenças conhecido como benzedura? Tenho conhecimento de dores de dentes, escrófulas, verrugas removidas, sangramento abundante, etc., tudo eficazmente remediado desta forma.»

RESPOSTA.—E remediado simplesmente pela transmissão de poder espiritual, força espiritual. Toda a doença não é senão uma exibição da perda do poder do espírito sobre a parte doentia. Diz-lhe claramente que o espírito perdeu o controlo total dessa porção do corpo humano. Agora se por qualquer meio puder restaurar aquilo que se perdeu, puder trazer um equilíbrio entre as forças espirituais e físicas, efetuou uma cura. Pode chamar-lhe benzedura, ou transmissão da força vital. É tudo o mesmo.

P.—Irá o espírito controlador por favor dizer-nos o que se quer dizer na parábola das dez virgens?

R.—É possível que possa ter referência ao tempo presente. Na nossa opinião refere-se ao tempo presente.

P.—Por favor diga-nos o significado de «Como a árvore cai, assim fica»?

R.—Bem, pode ser definido desta maneira: Assim como deixa as coisas temporais, ou como está condicionado no mundo temporal ou material, assim se encontrará condicionado no mundo dos espíritos. Precisamente como a Morte o deixa, a Vida encontra-o.

P.—H. G. D., de Attica, Wisconsin, envia as seguintes perguntas para serem apresentadas à influência controladora da sala do nosso círculo: 1.º «O que são os sonhos, e qual é a sua causa?» 2.º «Qual é o seu significado, em particular e em geral?»

R.—Os sonhos são o resultado de muitas causas. Por vezes são o resultado de um estômago sobrecarregado. Mais frequentemente são o resultado disso do que de qualquer outra causa.

P.—A. deseja que as seguintes perguntas sejam propostas à inteligência que responde no nosso círculo: 1.º «Existe tal coisa como esses princípios que são leis naturais impostas à matéria, pelos quais fenómenos materiais são produzidos pela matéria em si mesma, independentemente da ação imediata de Deus para este propósito? E não são aquilo a que chamamos leis naturais meramente os seus modos de operação sobre a matéria ao produzir estes fenómenos no momento em que têm lugar? Pode a matéria ser dotada por Ele com o poder de manifestar por si mesma essa inteligência que claramente aparece em alguns destes fenómenos? E se pudesse ser assim dotada com tal poder, não provaria que a matéria por si mesma, em razão da sua própria natureza, é capaz de atuar inteligentemente, e não precisa de ser dotada por Ele com este poder? E não levaria portanto diretamente ao Ateísmo?»

R.—É nossa crença que Deus está em todo o lado. O que este Deus é não pretendemos dizer. Sabemos, contudo, que é um Poder em que confiamos, pelo qual vivemos, do qual acreditamos ter originado.

Também acreditamos que todas as formas de matéria, por mais brutas que sejam, são atuadas pelo mesmo Poder Divino em todos os momentos. Sem a ação deste poder, não haveria matéria, não haveria mente; portanto nenhuma exibição de vida.

P. 2.º—«Não consiste um milagre em produzir um efeito na matéria por um processo diferente do usual que é empregado para este propósito, e que tem sido erroneamente chamado a operação de leis naturais? E não têm sido os milagres desta forma realizados por Deus? E não pode haver duas maneiras de produzir o mesmo efeito, uma pelo que é erroneamente chamado leis naturais, e uma por um milagre?»

R.—Não temos crença em milagres. Na verdade, sabemos que nunca foi realizado um milagre. O termo implica um algo feito fora da lei, quer natural quer divina. É nossa crença que todas as exibições do poder da mente sobre a matéria na vida externa são atribuíveis à lei natural através da lei divina, e não são de todo milagres.

P.—Pode a inteligência presidente instruir-nos como compreender, com a pré-ciência de Deus, o seu amor e terna misericórdia pelas criaturas que fez, que sejam compelidas a sofrer tão excessivamente na terra? Por favor elucide as nossas mentes sobre este assunto momentoso, pois o sofrimento que há entre nós neste momento presente é muito difícil de reconciliar com o caráter de Deus, como revelado nas Escrituras?

R.—Podia do mesmo modo perguntar-nos como há de respirar? Como há de olhar para a luz do sol? Cada um tem um monitor interior que os guiará bem, se apenas ouvirem esse monitor.

P.—Sobre o assunto da afinidade da alma, foram recebidas revelações no sentido de «que todo o homem e mulher nascidos na terra têm uma contraparte ao mesmo tempo nascida no espírito», e que

os dois são para sempre inseparáveis. Irá a inteligência controladora dar-nos mais alguma luz sobre este assunto?

R.—Não temos fé nisso. Por outras palavras, não acreditamos nisso; portanto não podemos lidar com isso.

P.—Diz que a parábola das dez virgens se aplica ao tempo presente. Por favor explique como se aplica a nós um pouco mais em detalhe?

R.—Os sinais dos tempos parecem estar a aplicá-la mais fortemente do que reside no nosso poder fazer. A voz da Verdade, o noivo da Sabedoria Eterna, veio a vós. Pode ser na forma do Espiritualismo moderno. Alguns encontra que são suficientemente sábios para ter as suas lâmpadas prontas para serem acesas. Alguns são suficientes insensatos para não ter azeite nas suas lâmpadas, e portanto não podem receber as verdades que o Espiritualismo moderno oferece.

P.—Que qualidade encontra naqueles que recebem as verdades do Espiritualismo moderno, e a falta de que qualidade naqueles que não recebem essas verdades?

R.—Aqueles que recebem as verdades do Espiritualismo moderno, aqueles cujas almas estão abertas para a receção da verdade, parecem-nos estar numa condição espiritual adaptada à receção da luz espiritual; enquanto aqueles que não desejam ver a luz que o Espiritualismo moderno derrama sobre eles — aqueles que lhe dizem que não acreditarão, nem mesmo se todos os amigos que têm no outro lado do Jordão regressassem —, esses, acreditamos nós, ignoram-na em virtude da lei natural — lei natural a eles mesmos. Eles não estão espiritualmente desvelados num grau suficiente para receber a luz. Não têm azeite, ou, por outras palavras, não têm poder para receber a verdade.

P.—Na parábola mencionada, é representado que cinco das virgens estavam prontas e cinco não estavam. Essa analogia de metade e metade aplica-se ao mundo no tempo presente?

R.—Bem, pode ser assim.

P.—Estão as nossas instituições de ensino a ser conduzidas segundo princípios de retidão?

R.—Há muitos graus de retidão. O que seria reto para mim poderia não o ser para si. Podemos certamente ver muito espaço para melhorias no modo de conduzir as vossas instituições de ensino, e contudo não podemos dizer que sejam conduzidas segundo princípios inteiramente errados.

P.—Dir-nos-á como deveriam ser conduzidas, de um ponto de vista espiritual?

R.—Não; pois de nada serviria.

P.—Na sua teoria no que diz respeito à doença, afirmou que a doença era uma perturbação entre as forças espirituais e físicas. Designará por nome algumas das forças espirituais envolvidas na doença?

R.—Não sabemos que tenham qualquer nome. O espírito exerce o seu poder sobre o físico enquanto a ligação entre si mesmo e o físico permanece. Por vezes, em virtude de várias circunstâncias, perde o seu controlo sobre certas porções do organismo. Então dizem que estão doentes, que estão enfermados. Todas as doenças vêm através do espiritual, sempre. Virá o tempo em que, em vez de aplicarem os vossos remédios materiais brutos ao efeito, aplicarão os vossos remédios espirituais à causa, assegurando desse modo uma cura mais rápida.

P.—Que remédios espirituais, por exemplo?

R.—O poder da mente sobre a matéria; o mesmo remédio que Jesus de Nazaré aplicou quando mandou o coxo andar, o doente levantar-se e ir à sua vida.

P.—Pode este poder ser usado por uma pessoa em doenças de si mesma?

R.—Sim.

P.—É algo mais do que o poder da vontade?

R.—É um poder que por vezes é usado através da vontade, mas nem sempre.

P.—De que outra forma se pode manifestar?

R.—Pode manifestar-se por um toque, por um olhar, por um pensamento, até por um movimento, quer do espírito quer do corpo.

P.—Quando se diz na Bíblia: «Médico, cura-te a ti mesmo», não tem isso referência à nossa própria vontade sobre o corpo?

R.—Muito possivelmente. 8 de dez.

PERGUNTA.—Um correspondente em Bradford, Illinois, escreve-nos dizendo que tem sido um grande sofredor durante muitos anos. Colocou-se nas mãos de uma médium, que alegava poder ajudá-lo. Depois de pagar a essa pessoa entre três e quatrocentos dólares, ela zangou-se com ele e jurou que ele nunca ficaria curado, que ela podia manter uma influência sobre ele. A pergunta dele é esta: «Gostaria que me dissessem se uma pessoa pode manter tal influência sobre qualquer outra pessoa sem estar perto dela? E, se assim for, há alguma maneira de repelir a influência?»

RESPOSTA.—Presumimos que o seu correspondente deseja saber se uma pessoa pode manter o controlo espiritual sobre outra pessoa estando contudo ausente dela? Certamente que isso pode ser feito.

P.—A porção restante da pergunta, «como repelir esse controlo», permanece sem resposta.

R.—Interpondo um poder que seja mais positivo do que o poder controlador. Essa é a única maneira que conhecemos.

P.—Por favor explique a filosofia do processo de carregar uma garrafa de Leyden com eletricidade.

R.—É precisamente similar à filosofia de carregar um corpo humano com eletricidade. Qualquer corpo pode fazer isto.

P.—Gostaria de ter o processo de fazer isto desvelado em detalhe, se faz favor.

R.—Seria impossível para nós dar-lhe isto, visto que não temos ao nosso dispor o tempo necessário para lhe dar uma compreensão perfeita do assunto.

P.—Qual é o princípio da mão elétrica, como vista no caso do Menino Allen e dos Irmãos Davenport?

R.—Aquilo que é usado para apelar aos vossos sentidos humanos, à visão humana, pertence ao médium. Foi extraído do médium observando certas condições ou leis e tirando partido delas. Pode permanecer nessa posição apenas um curto período de tempo, visto que o médium irá muito naturalmente reclamar o que é seu, e a atmosfera e a lei natural auxiliarão a pôr essa reclamação em ação.

P.—Essa aparência visível é eletricidade?

R.—Não.

P.—Tem um nome na ciência?

R.—Não, não tem nome na ciência de que tenhamos conhecimento. É um poder mais subtil do que a eletricidade, e contudo mais substancial.

P.—Que outras propriedades tem este poder para além da de ser visual?

R.—Estamos bastante certos de que apelará ao sentido do tato.

P.—Porque não poderia o rosto desse espírito ser tornado visível, bem como a mão, no caso dos Irmãos Davenport?

R.—Porque a mão é usada mais frequentemente na realização de tais manifestações. Querem ouvir sons, querem ter instrumentos movidos, e não vemos como essas coisas poderiam ser muito bem feitas com qualquer outra porção do corpo exceto a mão.

INQUIRIDOR.—Seria uma prova adicional dos fenómenos espirituais.

R.—Assim seria no caso do Bunker Hill, se estivesse para cair por poderes espirituais.

P.—Vi numa ocasião uma mão, na qual parecia haver uma tatuagem com tinta da Índia. Era essa mão de espírito a mão de um marinheiro?

R.—Muito provavelmente era.

P.—Como veio a tinta da Índia a estar na mão?

R.—Não acreditamos que a tinta da Índia estivesse lá, mas apenas a representação daquilo que estava na mão do seu possuidor.

P.—Como podia a representação ser transferida?

R.—Precisamente da mesma forma que símbolos de flores podem ser mostrados. Não é mais difícil produzir esses carateres em tinta da Índia do que é produzir outros símbolos. O espírito lembra-se de qual era o seu guarda-roupa terreno quando se veste novamente de mortalidade. Copia aquilo com que estava vestido tão aproximadamente quanto possível, sempre. Não pode ser de outra forma.

P.—Se o compreendo, então, a filosofia destas aparências, no caso do Menino Allen e dos Irmãos Davenport, é esta: Algum espírito abstrai do médium certas qualidades, e veste-se com essas qualidades assemelhando-se às suas próprias quando na terra. É isso?

R.—Sim, está correto.

P.—Esta tatuagem com tinta da Índia é levada para a vida espiritual com a pessoa?

R.—Apenas na lembrança.

P.—Poderia ela manifestar-se onde a lembrança da tatuagem se tivesse perdido pelo espírito?

R.—Poderia ser possível exibir as marcas, mas seria mais natural lembrá-las. Verificará que, se o espírito habitou um corpo deformado enquanto esteve aqui na terra, e desejou exibir-se à mortalidade, vestir-se-ia na mesma forma deformada.

P.—Observei uma vez numa sessão dos Irmãos Davenport que a mão do espírito exibia cinco dedos e um polegar. Era isso uma indicação de que outro espírito usava o seu poder também?

R.—Acreditamos que geralmente há cerca de quarenta — entre quarenta e cinquenta — inteligências a controlar esses rapazes.

P.—Pessoas que tocaram nessa mão de espírito dizem que se sentia fria e depois quente. Pode explicar isso?

R.—Sim; porque não? Por vezes participa mais amplamente do magnetismo do médium, por vezes mais amplamente da qualidade elétrica. Uma é calor e a outra é frio.

P.—Têm as inteligências o poder de saber de antemão quais serão as condições da noite — isto é, cerca de quantas pessoas comporão a sua assistência, e qual será a qualidade dos magnetismos?

R.—Por vezes sabem; muito frequentemente não sabem. Mas geralmente são capazes de predizer, de algum modo, a condição em que o médium estará, portanto são capazes de dar uma espécie de ideia correta da manifestação que serão capazes de dar num determinado momento especificado.

P.—São as mesmas leis a governar as manifestações no tempo presente como quando Cristo se manifestava?

R.—Certamente; a lei mantém-se válida mesmo no dia de hoje.

P.—Pareceria que havia maior poder no espírito nessa altura do que no dia de hoje?

R.—Não deve supor que o poder em si era de todo maior, apenas é uma manifestação maior do mesmo poder.

P.—Foi essa influência manifestada através da pessoa de Cristo, ou através de qualquer outro meio?

R.—Não sabemos dizer. Contudo, é nossa crença que era o magnetismo combinado das pessoas presentes.

P.—Não é habitualmente assim?

R.—Bem, sim; todos são usados mais ou menos, mas o médium é usado como um instrumento com o qual extrair este poder das pessoas presentes.

P.—Então, de acordo com isso, não é possível tornar as manifestações quase perfeitas?

R.—Certamente; quanto mais perfeitas forem as condições, melhor será a manifestação.

P.—Qual é a causa do fracasso destas manifestações por vezes?

R.—A causa encontra-se geralmente no médium, mais especialmente encontramos que é uma perturbação das forças nervosas.

P.—O que é que perturba as forças nervosas?

R.—Isso não sabemos dizer. Podia perturbá-las por uma palavra dura, por um pensamento antagónico, ou até pelo bater de uma porta. Por vezes aborrecimentos muito ligeiros para si seriam muito grandes para o médium, sob certas condições.

P.—No caso das manifestações da Sra. Chamberlain, qual é a filosofia aí?

R.—Precisamente a mesma de outras manifestações físicas.

P.—Porque não podemos saber, ou pressentir, quando o nosso magnetismo nos está a falhar, como Cristo fez?

R.—Se for suficientemente sensível certamente tomará nota disso. Presumimos que se fizesse a esta médium, quando a caminho da Sala do Círculo, uma pergunta, ela o sentiria. Toque-lhe, e imediatamente ela sente uma perda. Por vezes é tão sensivelmente afetada que é com dificuldade que se consegue manter de pé.

P.—O que é que permite a uma pessoa cega determinar as cores? É pelo tato ou por influência espiritual?

R.—Preferimos pensar que seja por influência espiritual. Elas certamente não podem determinar as cores tocando nelas; isso seria impossível.

P.—Conheço uma pessoa cega em New Haven que conseguia determinar as cores pelo sentido do tato.

R.—É possível.

P.—Dizia-se que a esposa de Horace Greeley conseguia, há alguns anos, dizer cores diferentes no escuro, tocando nelas.

R.—É muito possível que isto pudesse ser feito, mas perdoar-nos-á se duvidarmos disso.

P.—Como é que Laura Bridgman, que é surda, muda e cega, consegue dizer quando a sua própria chávena é trocada à mesa? Ela conhece, também, as suas próprias roupas quando regressam da lavagem, e consegue dizer quando se está a aproximar de uma parede cega, embora nunca tenha visto um raio de luz.

R.—Simplesmente porque com a ausência da visão todos os outros sentidos são grandemente avivados. Eles estão em constante atividade, nunca em descanso.

P.—Qual é o poder que aviva os sentidos?

R.—O Grande Espírito, o Deus a quem o senhor e eu adoramos.

P.—Como se distingue este poder da sua própria força vital ou consciência?

R.—Isso é muito difícil de fazer. Nunca fomos capazes de traçar uma linha divisória entre os dois. A consciência de um homem é, acreditamos nós, o único Deus de que ele alguma vez será consciente. 13 de dez.

PERGUNTA.—J. B. O., de Liberty, Maine, envia a seguinte pergunta: «Diz-se que toda a matéria está impregnada de vida, e que a vida é boa. Agora gostaria de perguntar ao espírito controlador do seu círculo se essa vida em nós vem através da matéria, ou da matéria, para formar a mente ou o homem real em nós, ou se vem de fora da matéria? Se vem através da matéria, então não depende ela muito daquilo para que essa mente é sustentada para um desenvolvimento harmonioso?»

RESPOSTA.—Ou, por outras palavras, qual teve uma existência prévia, a mente ou a matéria? A mente, a vida, com certeza, está acima de tudo o resto. A matéria estaria sem uma existência não fosse pela vida. Deve ser permeada pela vida — soprada, por outras palavras, pelo Infinito —, caso contrário não poderia ser matéria, sequer. Se esta mesa estivesse morta, não poderia existir como matéria, porque não haveria vida nas partículas. O facto de ela existir, mesmo como um átomo de matéria, prova que tem vida, que o Infinito a tem tanto sob o seu controlo como tem a alma humana. Todas as coisas que são, que têm sido, todas as que serão no futuro, estão permeadas de vida, que é Deus.

P.—Qual é o processo de crescimento do espírito humano?

R.—O espírito humano tem crescido através das suas multitudinárias envolventes no passado. Cresce por aquilo que o tem envolvido no presente; e no futuro, a julgar pelo passado e pelo presente, crescerá sem dúvida da mesma maneira.

P.—Qual é o processo de assimilação ao futuro após a morte?

R.—Precisamente similar àquele por que a alma passa enquanto na vida terrena, apenas mais espiritual, mais refinado. Por outras palavras, é um resultado sublimado daquilo que é.

P.—Que evidência há de que a mente existia antes da matéria, que não se aplique ao outro lado da questão?

R.—A evidência dos nossos próprios sentidos, apoiada pela observação ao longo da vida. A vida, com certeza, está dependente da matéria, ou por outras palavras, da forma, para o seu crescimento e manifestação. Mas não depende da forma ou da matéria para a sua vida. Apenas depende dela para a sua manifestação, ou crescimento.

P.—Qual é o processo de indução de um sujeito por um médium de desenvolvimento?

R.—Bem, o processo é uma alteração da condição magnética e elétrica do sujeito sob um curso de tratamento. Por exemplo, pode haver uma superabundância de magnetismo. O espírito desencarnado tenta equalizar as forças, ou trazer uma condição elétrica e magnética que seja adaptada ao regresso dos espíritos desencarnados e à realização de várias manifestações.

P.—São estas alterações efetuadas pelo cérebro?

R.—Não; o sistema nervoso é geralmente o primeiro afetado, depois o sistema inteiro; não simplesmente o centro, mas o sistema inteiro.

P.—Tem o espírito qualquer outra forma de se manifestar exceto através do cérebro ou de instrumentos nervosos?

R.—Sim.

P.—Onde um espírito controla a mão de um médium para escrever, é a impressão sempre feita através do cérebro?

R.—Por vezes o controlo é o que se chama controlo mecânico, e aí a ligação entre o braço e o cérebro é inteiramente cortada, e contudo a manifestação é feita através daquilo a que se chama os fluidos nervosos, uma certa porção dos quais é retida no braço para o propósito da ação. Mas quando a manifestação é o que se chama uma manifestação impressional, então o cérebro e todo o sistema nervoso são usados.

P.—Onde o braço está paralisado é a manifestação feita através do canal ordinário?

R.—Sim, geralmente.

P.—Como é possível que a mente humana se possa tornar desregulada?

R.—Nunca se torna.

P.—Como é a ação saudável da mente perturbada, então?

R.—Deve ser sempre atribuída à perturbação das forças nervosas. Nunca houve um espírito insano, e provavelmente nunca haverá nenhum.

P.—É a substância da mão de espírito, como mostrada pelos Irmãos Davenport, uma força odílica?

R.—Bem, sim, pode chamar-lhe isso, se quiser.

INQUIRIDOR.—Desejo chamar-lhe pelo seu nome próprio.

R.—Esse é um nome tão próprio como qualquer outro que lhe pudesse aplicar.

P.—É precisamente o mesmo que eletricidade?

R.—Bem, sim, como eletricidade. Como a eletricidade é entendida como sendo a força pela qual a ação é produzida, assim sendo é eletricidade. Podia do mesmo modo chamar-lhe isso do que qualquer outra coisa. Contudo, virá o tempo em que lhe darão outro nome.

P.—Podemos ver os resultados de uma força, mas não podemos ver a força em si, pois não?

R.—Não; nem nós podemos.

P.—É esta eletricidade referida a mesma que a eletricidade animal?

R.—Sim, certamente. Vós sois todos animais, no que diz respeito ao físico.

P.—Mas faz uma distinção entre eletricidade animal, vegetal e mineral?

R.—Não na essência, apenas na combinação. Difere simplesmente porque foi projetada através de uma fonte diferente, não porque ela, em si mesma, seja de todo diferente.

P.—A água projetada de uma boca de incêndio pode ser a mesma que a projetada através de uma bomba, contudo o aparelho através do qual a água é projetada é diferente.

R.—Sim; mas as partes componentes da água não são essencialmente alteradas pelo simples facto de passarem através de uma bomba em vez de uma boca de incêndio. Mas esse elemento conhecido como eletricidade no sistema humano, na sua passagem através da vida mineral, toma sobre si as qualidades dessa vida; portanto a manifestação dessa eletricidade será alterada através da forma através da qual passa.

Torna-se identificada no externo com essa forma. Não acontece o mesmo com a passagem de água através de uma boca de incêndio. Todos estes diferentes graus de poder, quando restaurados à sua forma mais simples, são vida; e a vida é a mesma em todo o lado. Sabemos que não o é na forma, mas sabemos que o é na essência.

P.—Na ordem dos graus, reconhece o afeto como mais elevado ou mais baixo do que o intelecto?

R.—Mais baixo, certamente.

P.—Haverá um tempo, então, em que teremos superado o nosso afeto natural, não haverá?

R.—Sim, certamente, o natural terá sido superado; mas há um afeto espiritual muito mais belo, mais duradouro do que o natural. Terão terminado com esse quando cessarem de ser atraídos para as coisas naturais. Mas não suponham que cessarão de amar, cessarão de ser atraídos para aqueles que vos eram caros quando aqui.

P.—Qual é a essência desse afeto espiritual, o semelhante une-se ao semelhante, ou o inverso?

R.—Diz-se que os opostos geralmente se atraem. Acreditamos que seja verdade.

P.—Porque há duas eletricidades na extremidade de uma vara? Porque não se fundem e são do mesmo caráter ao longo de toda ela?

ESPÍRITO.—Tem a certeza de que são opostas?

INQUIRIDOR.—É assim reputado. Sendo uma extremidade positiva, a outra negativa.

R.—Mas uma demonstração clara prova que não é assim, pois se fosse veríamos resultados diferentes.

P.—Entende por positivo e negativo mais ou menos do mesmo género, ou géneros diferentes?

R.—Bem, este princípio que tem dois nomes, é um princípio, não é um composto, é uma unidade. Os homens de ciência ficam frequentemente confusos com os nomes que dão a estas diferentes formas de vida. Perdendo-se nos meandros da dúvida, encontram-se por vezes no meio de uma noite de trevas egípcias, e tudo porque têm tentado tornar misterioso aquilo que é muito simples.

Ora, para nós, Deus, o Grande Espírito, nosso Pai e Mãe, nossa Fonte de Vida, é a coisa mais simples de todas no Universo, e contudo os teólogos despojaram-no da sua simplicidade, envolvendo-o com mistério sobre mistério. Acumularam noite sobre noite ao seu redor. Mas é a Presença simples, o poder amoroso, que nos sustenta, não obstante.

P.— As passagens da mente humana não são simples, pois não?

R.—Sim, quando resolvidas até à sua fonte primordial.

P.—Não são simples e fáceis de compreender, pois não?

R.—Certamente que são, uma vez que se comece corretamente a compreendê-las.

P.—Por favor indique a maneira correta de começar, importa-se?

R.—Isso seria impossível de fazer, visto que as eras têm andado a vaguear no mistério há tempo demais. Além disso, o que seria correto para mim poderia ser errado para si. Cada alma individual sabe o que é correto para o seu próprio ser individual! Não acreditamos numa via geral para ir para o céu. Cada qual tem um caminho reto e estreito que lhe é próprio, e mais ninguém pode viajar nele. Não é uma estrada pública. Deve ir para o céu, ou encontrar a felicidade ou a sabedoria — é tudo o mesmo — à sua própria maneira, de acordo com as suas próprias ideias do correto. É uma tolice tentar estabelecer qualquer padrão geral do correto. O senhor não pode adorar o meu Deus, eu não posso adorar o seu.

P.—Acha que o homem viveria mais próximo do correto se todas as chamadas leis humanas fossem revogadas?

R.—Não, certamente que não. As vossas leis humanas, por muito imperfeitas que sejam, aproximam-se contudo da lei divina. Chegam tão perto da lei divina quanto são capazes de fazer no presente. Estão a erguer-se passo a passo. Não é nosso propósito ensinar-vos a ignorar até as vossas leis humanas. Elas são certamente melhores do que nenhuma.

P.—O que deve uma pessoa fazer? Obedecer às suas próprias intuições do correto, ou às leis humanas?

R.—Na linguagem de Jesus, nosso irmão: «Dai a César o que é de César, e a Deus (ou às vossas intuições) o que é de Deus.» 15 de dez.

PERGUNTA.—Pode lançar alguma luz sobre o assunto da astrologia? Este tópico foi brevemente abordado aqui há cerca de três anos, com a promessa de mais observações.

RESPOSTA.—A astrologia está, na verdade, absorvida na ciência da astronomia. A astrologia, dita assim, pertence mais particularmente, como astrologia, à religião dos antigos; mas quando fundida na astronomia, é a ciência dos céus, e como tal diz respeito não apenas aos corpos celestes, mas a todas as formas existentes na terra, debaixo da terra, ou na atmosfera.

O campo que o seu correspondente nos abriu é extremamente vasto, e a fim de examinar até uma breve porção dele, seríamos obrigados a ocupar todo o tempo que nos foi dado para outros propósitos. O seu correspondente está sem dúvida ansioso por saber se a astrologia é ou não uma ciência. Afirmamos claramente que, como astrologia, não é uma ciência; mas quando fundida na astronomia, torna-se tal.

P.—Então as estrelas, ou certas conjunções dos planetas, têm uma influência visível sobre a vida do homem, que é percetível aos olhos humanos?

R.—Sim; essa é a nossa crença.

P.—A ciência da astronomia não reconhece a astrologia. Como é isso?

R.—Não; porque olharam apenas para a astronomia através da sua fase externa, e não progrediram o suficiente para alcançar a vida interna, a vida real. Estão agora a discutir a filosofia do corpo mais do que a do espírito. Com o tempo alcançarão o espírito.

P.—Há alguma verdade na afirmação de que o destino do homem é governado pelo planeta sob o qual nasce?

R.—Sim; tem uma certa influência específica sobre a vida física de um indivíduo.

INQUIRIDOR.—Encontramos indivíduos que nasceram sob o mesmo planeta, cujos destinos são totalmente divergentes.

R.—Sim, assim podem parecer ser; contudo, talvez na realidade não divirjam tanto quanto supõe.

P.—A vida de um é uma vida de miséria, a do outro de prosperidade; estas diferenças são suficientemente distintas para as percebermos.

R.—Deve recordar-se que vós, como indivíduos humanos, como corpos físicos, tendes outras relações para além destas que habitam meramente no plano físico ou espiritual. Estão relacionados com o granito do mesmo modo — apenas de uma forma diferente — como estão com algum outro corpo físico. Ora, todos vós sabeis que certos corpos físicos podem exercer certos poderes sobre outros corpos físicos; e se isto for verdade, esses corpos físicos devem estar relacionados com todas as outras formas, quer estejam nos chamados mundos animados ou inanimados.

P.—Não causa a diferença na combinação de faculdades a diferença no destino do homem?

R.—Sim, pensamos que sim.

P.—Falará um pouco sobre a influência do sofrimento sobre a alma, ou espírito?

R.—A alma, ou espírito, não pode de modo algum ser afetada pelo desgosto ou pelo sofrimento.

P.—Falamos do sofrimento da alma?

R.—Sim; falam de muitas coisas que não compreendem. A alma não pode ser mais afetada quer pela alegria quer pelo desgosto, do que pode ser afetada pelo pecado. Está além da lei de ambos.

INQUIRIDOR.—Mudarei o assunto, então, para o sofrimento físico.

R.—O sofrimento físico pertence unicamente ao corpo físico. A alma ou espírito, ou a parte pensante do homem, parece sofrer; embora seja sofrimento físico; mas é tudo aparente, não realidade.

INQUIRIDOR.—O espírito, há poucos dias, proferiu um belo discurso sobre a filosofia do desgosto! A inteligência parecia dizer que daria aos indivíduos uma justa apreciação da alegria o conhecerem o desgosto.

R.—Sim; no que diz respeito às experiências humanas, tendes tanta necessidade do desgosto quanta a terra tem necessidade da luz do sol e da chuva, de nuvens e de céu limpo.

P.—É a terra que é beneficiada, então, não é?

R.—Não apenas ela.

P.—Então se a terra não é a única afetada, não é o espírito também afetado pelo desgosto?

R.—Parece ser, sim; mas na verdade a alma, ou espírito, é perfeita em si mesma. Não tem necessidade, no que diz respeito aos seus próprios poderes, das experiências da vida humana.

P.—Que influência tem a lembrança da miséria, ou dos pecados aqui cometidos, sobre o espírito no mundo dos espíritos?

R.—Bem, no que diz respeito ao pensamento externo, ou à manifestação do espírito, por vezes não é de um caráter agradável. É extremamente propenso a confundir a essência do espírito, ou princípio de vida, com a manifestação do princípio. Virá o tempo em que verão, como nós vemos, que o princípio, o espírito, a vida, é perfeito, sempre o foi, e deve permanecer sempre perfeito. Se pudesse ser moldado por indivíduos humanos, então seria moldado de acordo com a condição em que viviam no momento. Não é assim. A alma está sempre fresca do seio da Divindade. Podiam do mesmo modo falar de afetar a Divindade, como falar de a alma ser afetada dessa maneira.

P.—Que proporção das leis astrológicas, como expostas nos livros ingleses, reconhece como corretas?

R.—Bem, cerca de uma décima sexta parte.

P.—Sabe alguma coisa sobre o assunto particularmente?

R.—Sei, de algum modo.

P.—Por favor declare alguma lei ou princípio astrológico?

R.—Isso seria inútil, visto que somos incapazes de o demonstrar.

P.—Acredita que uma pessoa nascida sob o planeta Marte é de uma natureza mais guerreira do que se tivesse nascido sob algum outro planeta?

R.—Não, não necessariamente. Diz-se, nós sabemos, que Marte exerce um princípio guerreiro sobre todos os outros corpos celestes;

mas isto é mera asserção. Não sabemos que seja verdade. Não temos evidência real de que seja verdade. É impossível declarar que influência específica qualquer planeta possa ter sobre a vida de qualquer indivíduo particular. Essa influência depende sem dúvida do indivíduo sobre o qual se atua; deve depender das combinações desse corpo físico.

P.—Diz-se que a maior proporção de crianças nascidas durante a guerra são do sexo masculino. É assim?

R.—Não, não temos razão para acreditar que seja.

P.—Como é que se demonstra que a lua exerce uma influência sobre as marés? Como chegam os astrónomos a esse facto?

R.—Como? Ora, certamente por cálculo matemático, e frequentemente por intuição. Acontece frequentemente chegarem à verdade mais prontamente pelas vossas faculdades intuitivas do que por qualquer estudo externo. Os antigos recebiam através das suas intuições ideias muito corretas relativamente aos corpos celestes, embora, com certeza, estivessem revestidas de formas brutas, contudo a ideia era não obstante verdadeira.

Vemos que um amigo na assistência deseja perguntar se acreditamos no destino, como é chamado? Responderemos a esse amigo que sim, enfaticamente; pois, se formos fiéis às nossas convicções mais elevadas, não podemos acreditar em mais nada.

P.—Como o definiria?

R.—Na omnipresença de Deus, ou de um Princípio controlador. Se Ele está aqui, é certo que controla; nas coisas grandes, fá-lo certamente também nas pequenas. Se Ele tem a seu cargo os mundos que rolam no espaço, tem a seu cargo também cada pensamento. Não acreditamos num segundo poder na vida.

Acreditamos numa Suprema Inteligência a controlar, a dirigir, a governar todas as coisas. Não poderíamos ter confiança perfeita numa inteligência que tivesse apenas um controlo parcial, que estivesse a cuidar de vós hoje, e a esquecer-vos amanhã; que ditasse os vossos atos maiores, e deixasse os menores para outro qualquer cuidar. Não: não podemos senão acreditar num Princípio todo-poderoso, sempre presente, que sempre controlou toda a vida, e sempre deve controlar toda a vida.

P.—Qual é o propósito preciso da oração, sob essas circunstâncias?

R.—O senhor ora porque não pode evitá-lo. Pode pensar que pode.

P.—Como reconcilia o fado e o livre-arbítrio?

R.—Não os podemos reconciliar, exceto que a sua vontade harmoniza com a vontade do Infinito, não lhe é oposta.

P.—Não origina a doutrina do livre-arbítrio da ignorância, em vez do conhecimento?

R.—De acordo com a definição usual do termo livre-arbítrio, pode dizer-se que sim.

P.—Spurzheim disse que o homem é livre para atuar numa certa direção; mas isso prova que ele está fadado a atuar numa certa direção?

R.—O senhor fala comigo porque não pode evitá-lo. Eu falo consigo porque não posso evitá-lo. Não teve voz relativamente à sua entrada neste mundo, e provavelmente não terá nenhuma na sua saída dele. Pode pensar que pode querer fazer ou não fazer isto ou aquilo;

mas se há um Poder Supremo a governar-nos a si e a mim, Ele nunca se esquece de nos governar, mesmo no menor ato, no pensamento mais minucioso. É nossa opinião que Jesus pretendia transmitir esta verdade às mentes dos seus seguidores quando disse: «Considerai os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam; contudo eu vos digo que nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como um deles.» Ora, Jesus desejava indicar que o Grande Pai cuidava de todas as coisas, em todos os momentos; que Ele controlava todas as coisas; que era mera presunção supor sequer que a humanidade finita pudesse ter uma vontade própria independente da Divindade. Ora, meus amigos, é uma bela crença, uma vez que a compreendam. Podem pensar que vos livra de toda a responsabilidade, mas certamente não o faz. Devem esforçar-se por alcançar certas posições, quer espiritual quer fisicamente, porque esta mesma Divindade que controla todas as coisas vos impele a fazê-lo.

INQUIRIDOR.—Não temos o direito de dizer, então, que o homem bom não merece louvor, e o homem mau nenhuma censura, do mesmo modo que a terra fértil produz bons frutos e o solo estéril maus frutos?

R.—Tem razão.

P.—Está fadado para alguns viverem na ignorância toda a sua vida, e morrerem assim?

R.—Sim, certamente.

P.—Se está fadado para nós vivermos na ignorância, onde está a culpa?

R.—Bem, a sabedoria gera para si mesma a recompensa da sabedoria, e a ignorância gera para si mesma a censura da ignorância. Mas isto não passa da ação natural da lei divina.

P.—Como sabe que o homem não tem necessidade de viver precisamente como o encontra, na ignorância?

R.—Não sabemos.

P.—Se ele não tem luz aqui, onde o encontra o mundo dos espíritos?

R.—Onde esta vida o deixa, a outra vida encontra-o. Tem a certeza de que ele não tem luz nenhuma?

INQUIRIDOR.—Luz que ele receba aqui.

R.—Por vezes a alma é incapaz de transmitir os seus poderes através do físico através do qual vive, ou do qual deriva força enquanto está na terra. Mas por não o fazer, seria muito injusto dizer que a própria alma estava em trevas.
19 de dez.

PERGUNTA.—Irá a inteligência controladora informar-nos como, ou por que razão, acontece que os espíritos nos dizem que devemos expiar cada ato errado cometido no corpo, e sofrer um inferno pior do que o Ortodoxo alguma vez ensinou? Ouvimo-los frequentemente regressar para retificar o mal que fizeram na terra, dizendo que não podem descansar até que esteja feito. O espírito controlador disse-nos, segunda-feira, que não podíamos fazer nada por nós mesmos, mas que Deus controlava todos os nossos pensamentos e atos, e que estávamos destinados, em tudo o que fazíamos, a fazê-lo, e que não somos agentes livres. Se assim é, então não somos responsáveis.

RESPOSTA.—Supondo que carece de livre-agência, de acordo com a aceitação usual do termo livre-agência, isso não prova que não seja responsabilizado pela Natureza por todos esses movimentos na vida que são chamados errados ou maus, pois é-o. A Natureza avança

em direção à perfeição através de certas leis imutáveis. A Natureza nunca muda essas leis para agradar ao capricho de qualquer indivíduo. Ora, se a sua natureza exige que passe por certos infernos físicos ou mentais enquanto habita na forma, então não há poder na terra, debaixo da terra, no ar ou no céu, que o possa impedir.

O desgosto, o pecado, o crime, e todas essas condições que estão no reverso, são todos elementos necessários na vida; se não fossem, não poderiam existir. Não temos crença num poder de meio-Deus; ou Ele tem todo o poder, ou nenhum poder de todo. Não poderíamos confiar em nenhum ser que cedesse uma porção quer da Natureza quer da humanidade a alguma influência antagónica. O grande volume da Natureza, apresentado como é em beleza e poder a todas as mentes, aberto a todos os pensamentos, é de facto um volume maravilhoso. Estudem-no hoje, e têm tanta necessidade de o estudar amanhã. É um estudo eterno. Dá-vos algo de novo perpetuamente. Se não desse, não satisfaria as exigências da alma imortal.

P.—Se toda a constituição do homem é formada ou ordenada por Deus, então a liberdade está excluída, não está?

R.—De modo algum. Tem uma liberdade tão grande como a infinitude.

P.—Como havemos de reconciliar isso com a liberdade pessoal e a livre escolha?

R.—A sua liberdade pessoal é tal em virtude da liberdade divina. Por outras palavras, vive e move-se de acordo com os ditames da lei divina. Faz isso porque é compelido a fazê-lo; porque a sua vontade humana tende por esse caminho.

P.—Como pode reconciliar isso com as leis da necessidade e da irresistibilidade?

R.—Necessidade e irresistibilidade? Não podemos ver o que isso tem a ver com elas. Bem, explicaríamos isso pelo mesmo princípio que o outro. O senhor é necessitado a fazer, ou a não fazer, certas coisas pela mesma lei divina. Pensa que é um mero desejo que pertence a vós mesmos. Está enganado.

P.—Como é originada a vontade?

R.—Como é originado Deus? São coexistentes, acreditamos nós.

P.—Não é a vontade o resultado da sabedoria e do entendimento?

R.—Assim pareceria, mas contudo a vontade é um elemento da alma, e como tal de modo algum dependente do entendimento humano. Tem apenas as manifestações brutas ou mais rudes da sua vontade exibidas através de naturezas externas. É propenso a confundir isso com o princípio real, a vida, contudo não passa da forma.

P.—Se as ações e os pensamentos nunca ocorrem por necessidade, não surgem as leis humanas, que os restringem, da ignorância desse princípio?

R.—Não compreendemos assim. Pelo facto de as leis humanas serem consentidas a existir, deve supor que elas são necessárias. Podem não ser absolutamente necessárias para si ou para mim, mas são-no para alguns; portanto estão em existência.

P.—Não diminui a necessidade delas quanto mais alto uma pessoa se ergue na perceção dos modos divinos de governo?

R.—Ora, certamente.

P.—Explicará a diferença entre livre-agência e fatalismo, e até onde vai cada um?

R.—Não admiramos o termo fatalismo, e contudo talvez a expressão seja boa. A sua livre-agência está delimitada e circunscrita pela Divindade. Atua de acordo com a vontade da Divindade. Cada pensamento nasce no seio da Divindade. Cada ato lançado sobre o grande oceano da vida humana é também lançado ali pela Divindade. Pode supor que atua por si mesmo, que pensa por si mesmo. Assim faz, no que diz respeito à individualidade humana; mas trace isso de volta até ao divino, e encontrará ali a causa propulsora.

P.—Há um ou dois dias fez uso da linguagem de Jesus: «Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.» Como há de o indivíduo determinar que coisas são de César e que coisas são de Deus?

R.—Bem, há vários caminhos e meios pelos quais cada indivíduo pode determinar e decidir entre o bem menor e o maior para si mesmo, sempre, para obter a felicidade. Pode não ser capaz de decidir pelos outros, mas há de determinar o curso que há de seguir; e se não for capaz de fazer isto, então o grande Infinito, através do seu organismo, determinará por si, e guiá-lo-á inconsciente da vida externa.

P.—Por céu quer dizer um estado de descanso e paz?

R.—Não queremos dizer um estado de descanso, pois não temos conhecimento de nenhuma condição dessa natureza. O espírito é sempre ativo. Queremos dizer uma condição de felicidade, satisfação, um tempo em que estará em harmonia consigo mesmo, com o seu ser interior, e com a vida exterior pela qual está cercado. É isso que queremos dizer por céu. Não queremos que entenda que é uma localidade.

P.—Desejo perguntar se quem responde a estas perguntas e quem profere a invocação é a mesma pessoa?

R.—De modo algum. São duas inteligências distintas e separadas. 20 de dez.

PERGUNTA.—«Por favor pergunte aos espíritos no seu Círculo que expliquem como são produzidas essas manifestações musicais no Círculo da Sra. Chamberlain?»

RESPOSTA.—Poderíamos entrar numa explicação por mais longa que fosse relativamente a elas, e contudo encontrar-se-iam precisamente na mesma condição de antes, depois de termos concluído. Não lhe podemos dar nenhuma demonstração positiva de que lhe dizemos a verdade relativamente a estas coisas. Use os seus próprios sentidos, investigue, observe o fenómeno à medida que apela a si, e apela a si para o bem: volte-o ao contrário, e mais uma vez, e mais uma vez, até ser capaz de nos dizer a filosofia destas chamadas manifestações físicas.

P.—«Deus opera em nós o querer e o fazer», diz-nos a Bíblia. Os espíritos dizem-nos que todos os nossos pensamentos e atos procedem d'Ele. Consequentemente, se vivemos Nele, e o que fazemos o fazemos por Ele, é justo responsabilizar-nos pelos nossos atos se não os podemos controlar? Irá o espírito por favor elucidar esta doutrina?

R.—Se for verdade que a alma é responsabilizada por cada ato seu, então esta lei de responsabilidade deve ter a sua fonte em Deus. Ora, acreditamos que é igualmente justo que se responsabilizem perante vós mesmos, assim como é justo que sejam todos filhos do Pai Infinito, e sejam continuamente guiados, controlados e dirigidos por esse mesmo Pai. Vós responsabilizais-vos a vós mesmos. Sois o vosso próprio juiz. O grande tribunal está dentro do templo do vosso próprio ser. Se fazem aquilo que a vossa consciência vos diz ser errado, citam-se imediatamente a vós mesmos no tribunal da vossa própria justiça, para ali proferir sentença. Pelo facto de todas estas coisas existirem, elas são justas e santas, sendo perfeitamente divinas.

P.—Qual é a teoria da doença?

R.—A ausência de saúde.

P.—Isso é muito claro, mas é algo mais do que um estado desregulado das forças vitais?

R.—Bem, pode chamar-lhe isso, se quiser. O espírito, ou força viva vital, perde por vezes o controlo sobre uma porção do organismo. Então essa porção do organismo é dita estar doentia. Pode chamar-lhe, se quiser, a ausência do espírito na sua forma plena.

P.—Qual é o princípio de ele perder o controlo?

R.—Por vezes a perda pode ser atribuída a uma fonte, por vezes a outra. É impossível fixar qualquer padrão particular no que diz respeito à filosofia da doença. Não o podemos fazer.

P.—O que é melhor no tratamento da doença: atuar de acordo com a nossa intuição dela, ou pela experiência?

R.—Ambos.

P.—Como podem ambos ser melhores?

R.—A sua intuição pode ser auxiliada pela experiência, a experiência pela intuição. Pela experiência vai para o domínio da Natureza e torna-se familiarizado com a sua força, a sua ação, a sua vida. Pela intuição aprende mais relativamente ao interno, ao espiritual. Enquanto no corpo tem necessidade de ambos os modos de conhecimento.

P.—Disse-nos para refletirmos e ponderarmos sobre as manifestações da Sra. Chamberlain até sermos capazes de lhe dizer a

filosofia dessas chamadas manifestações físicas. É para vosso benefício, ou para o nosso?

R.—Para o vosso, certamente.

P.—Porque pode a mão de espírito ser vista na luz, enquanto as manifestações da Sra. Chamberlain são dadas apenas na escuridão?

R.—Simplesmente porque as inteligências a controlar num caso aprenderam a superar, até certo ponto, o elemento positivo, a luz, e são capazes de produzir as suas manifestações na luz em vez de na escuridão.

P.—Acha que virá o tempo em que as manifestações da Sra. Chamberlain poderão ser dadas na luz?

R.—Pensamos que sim, não estamos certos.

P.—É a luz a emanação de uma entidade, ou a vibração de um fluido existente?

R.—Acreditamos que seja a vibração de um fluido existente, um algo que está presente em todas as formas de vida! Mesmo onde parece haver a escuridão mais densa a luz existe. Não há lugar onde a luz não possa ser encontrada.

PRESIDENTE.—O. M. N., de Windsor, Ohio, envia a seguinte pergunta por correio:

PERGUNTA.—É o universo (pelo universo quero dizer tudo o que se pode conceber que exista) progressivo, num sentido absoluto? E se assim for, como pode explicar a sua origem, já que a progressão pressupõe necessariamente um começo? Ou, por outras palavras, como pode algo ser trazido à existência antes de qualquer causa para o trazer à existência, visto ser esse o dilema a que a teoria progressiva

nos leva? Pois tudo o que na sua natureza é progressivo deve ter tido uma origem. Portanto se o universo, que inclui todas as coisas, é progressivo, então deve ter havido um tempo em que nada existia; e se nada existia em qualquer período, então não poderia ter havido qualquer causa para alguma vez ter produzido fosse o que fosse.

RESPOSTA.—O seu correspondente parece ter ideias muito desorientadas e sem fundamento relativamente à progressão. Ele parece entender a progressão desta maneira: que ela só pode ser tal pelo facto de ter sido criada em algum momento. Teve um começo. Se teve um começo, deve ter um fim. O universo sob consideração é extremamente grande, ocupando mais espaço do que a mente humana é capaz de conceber. O seu correspondente parece basear a sua teoria num fundamento material.

Ele parece estar a perguntar-se, a especular na superfície, e não podemos ver que tenha ido além da superfície, pois certamente se o tivesse feito veria que a lei da progressão pertence a todas as coisas. Veria também que este poderoso universo de que ele fala nunca teve um começo, consequentemente não pode ter fim. Sempre foi, é, e, a julgar pelo passado, podemos esperar que seja. Mas de todas as suas variadas manifestações, das suas demonstrações claras e positivas, naturais e espirituais, sabemos com certeza que a progressão é uma das suas leis. Todas as coisas ficam sob a lei da progressão. Não há nada isento dela, mas cada uma ocupa um ponto na lei que lhe é particularmente e especialmente adaptado. A mente humana progride de acordo com as necessidades humanas, o grão de areia de acordo com as suas necessidades, os mundos que rolam de acordo com as suas necessidades. Mas tudo progride, porque Deus é; e se Ele não é, nós não somos.

PRESIDENTE.—A Sra. J. L. G., de Albion, Mich., escreve assim:

«Os espíritos ensinam-nos que há uma terra dos espíritos, uma emanação desta terra, fora da atmosfera da terra! Se assim é, irá a

inteligência controladora por favor dizer-nos se essa terra dos espíritos gira em harmonia com esta terra? Se não, como encontram os espíritos sempre precisamente o lugar exato para onde desejam ir ao regressar à terra?»

R.—A terra dos espíritos está dentro de vós, não fora de vós. Não estais compelidos a ir sessenta ou setenta, ou mesmo mil milhas, para encontrar a vossa terra dos espíritos. Ela está dentro de vós; consequentemente está em harmonia convosco e com a vossa envolvente universal.

P.—Irá o espírito controlador por favor dizer-nos o que queria dizer o profeta Isaías quando disse «o menino morrerá de cem anos e o pecador será amaldiçoado»?

R.—Não sabemos dizer.

P.—Por favor diga-nos o fado dos ladrões e mentirosos no mundo dos espíritos.

R.—Bem, o ladrão e mentiroso, ao passar ou ao mudar de estado, não é menos mentiroso e ladrão no mundo dos espíritos. Eles são os mesmos, sujeitos, contudo, à lei da progressão.

PRESIDENTE.—N. K., do Maine, envia a seguinte indagação ao círculo: «Gostaria de ter o privilégio de indagar (se for oportuno) dos espíritos que respondem a perguntas por que poder o Dr. J. R. Newton cura os doentes, e se ele é controlado pelo espírito de Cristo, e como é que ele cura ao entrar em contacto com as roupas de um doente?»

R.—Apenas podemos dizer ser nossa crença que o mesmo poder que realizou curas através de Jesus Cristo realiza curas através de J. R. Newton no dia de hoje.

O Presidente leu então as seguintes perguntas de J. E. M., que foram recebidas por correio:

P.—No grau de crime, há alguma diferença entre matar-se a si mesmo e outra pessoa fazê-lo? É o assassínio de si mesmo justificável sob quaisquer circunstâncias? Faz alguma diferença na condição do espírito após a morte se a morte foi causada por suicídio ou por meios naturais?

R.—Bem, o assassínio de si mesmo e o assassínio de outro indivíduo não são certamente uma e a mesma coisa, embora sejam uma classe de crimes pertencentes à mesma família. Não nos cabe dizer quão bem ou quão mal qualquer pessoa está no mundo dos espíritos. Apenas podemos julgar pelo que vemos delas. Geralmente são extremamente infelizes, tendo concebido a ideia de que se separaram indevidamente dos seus corpos físicos, e de que se apenas os tivessem agora na terra poderiam progredir mais rapidamente.

Portanto estão numa condição de infelicidade temporária. Mas vós sois todos suicidas, cada um de vós; todos estão a encurtar e a destruir as suas vidas terrenas, de uma forma e de outra. O que pensam que será o vosso fado no mundo dos espíritos, então? Seria bom que fizessem uma pausa e considerassem a vossa condição no presente no que diz respeito a vós mesmos, não no que diz respeito a mais ninguém.

P.—Está registado que Elias subiu ao céu num carro de fogo. Irá o espírito explicar este fenómeno?

R.—Há uma grande quantidade de coisas registadas que são inverídicas. Esta é uma delas.

PRESIDENTE.—H. P. W., de Indianápolis, Ind., envia-nos a seguinte proposição:

P.—Há na natureza da humanidade uma faculdade chamada consciência, independente de educação ou de qualquer crença preconcebida?

R.—Sim, certamente. É uma faculdade da alma, portanto sempre presente com o humano. Ela é trazida para o externo, ou a sua passagem do interno para o externo é facilitada pela educação; mas a educação não é a criadora da consciência, de modo algum.

P.—Swedenborg diz-nos que os nossos pensamentos fazem a nossa envolvente no mundo dos espíritos, e quando cessamos de pensar elas desaparecem. É assim? Irão os espíritos por favor dizer-nos?

R.—Bem, há uma grande verdade subjacente a esta teoria de Swedenborg. É verdade que os nossos pensamentos produzem a nossa envolvente externa num grau muito grande no espiritual, mas não inteiramente; pois deve recordar-se que o pensamento é a atmosfera, o meio em que a alma vive, se vive de todo.

P.—A médium mostra evidência de uma perda de vitalidade. Pode explicar isto?

R.—Está correto. Ela tem estado a trabalhar durante as últimas doze horas sob forte excitação mental, consequentemente tem estado a libertar rapidamente a sua vitalidade.

P.—Poderia este mesmo Dr. Newton auxiliar a médium?

R.—Sim, certamente que pode.

P.—Esta perda de vitalidade encurta a vida terrena da médium?

R.—Sim, essa é a nossa crença.

P.—O que é feito dela?

R.—É absorvida, provavelmente, pela sua envolvente.

P.—Fica a sua envolvente, por isso mesmo, espiritualizada?

R.—Sim.

P.—Esta vitalidade que se perde é um elemento do espírito da médium?

R.—Sim, é um elemento a operar entre o espírito e a máquina física; um algo necessário para manter a harmonia entre o espírito e o externo. Sem ele não haveria manifestação de espírito através do corpo; com ele tem toda a variedade de manifestações.

P.—De onde foi ele derivado para o corpo da médium? — do seu alimento?

R.—É gerado pela ação do espírito sobre o corpo; é retido ou libertado pela mesma ação.

P.—Estava este elemento no espírito antes de ele atuar sobre o corpo, ou no corpo antes de o espírito nele entrar?

R.—Não. É gerado pela ação, pela fricção. Pode ser chamado magnetismo animal.

P.—Entende que a faculdade da consciência seja o juiz do certo e do errado, ou o executor?

R.—Acreditamos que seja ambos; o juiz, e o poder que proferirá sentença sobre todos os atos praticados no corpo ou fora do corpo.

P.—Não devem as faculdades de raciocínio determinar-nos entre o certo e o errado?

R.—O que são as vossas faculdades de raciocínio senão a consciência? Não podemos ver diferença entre elas.

P.—Qual é a diferença entre o certo e o errado?

R.—Apenas relativa. Um é o bem menor, o outro o bem maior.

P.—Não é a conduta de um homem sempre correta?

R.—Correta para a força propulsora, certamente; mas errada para aquilo que se lhe opõe.

P.—Se é correta para a causa propulsora, e essa causa é ele mesmo, não está ele correto?

R.—Bem, não temos a certeza de que essa força seja ele mesmo; pelo contrário, essa força está fora dele mesmo.

P.—Irresistível para ele, não é?

R.—Assim pareceria, por vezes.

P.—Então ao obedecer-lhe, quem o julgará?

R.—Ele há de ser o seu próprio juiz. Mais ninguém tem o direito de o julgar. Eu não tenho o direito de proferir julgamento sobre si, nem o senhor sobre mim. Cada alma está provida do seu próprio juiz — só esse é capaz de o julgar retamente.

P.—À medida que uma pessoa chega à perceção disso, não fica absolvida de todo o pecado?

R.—Não; pelo contrário, ela examina-se a si mesma.

PERGUNTA.—Não tomam os pensamentos dos espíritos inteligentes o seu pensamento e revestimento, bem como a forma, da mente da médium?

RESPOSTA.—Não, certamente que não.

P.—Não são eles influenciados pela organização da médium?

R.—De modo algum.

P.—Qual é a sensação que o espírito experimenta ao tomar posse de um médium e ao afastar-se novamente?

R.—Bem, é a de uma inconsciência momentânea, ou um esquecimento da envolvente de cada um pelo momento.

P.—Por que poder é esta médium capacitada a escrever nessas cartas colocadas sobre a mesa?

R.—Pelo mesmo poder que a capacita a falar, capacita-o a si a ver, falar, ouvir, ou viver de todo.

P.—Vê o espírito a escrita na carta, e impressiona a resposta através da médium?

R.—Aqueles a quem as perguntas são feitas no mundo dos espíritos geralmente reconhecem, se estiverem presentes. Se não lhes respondem em pessoa, obtêm algum amigo para fazer esse tanto por eles.

P.—Como explica a indefinição que por vezes carateriza as respostas a essas cartas?

ESPÍRITO.—Tem a certeza de que há uma definição, uma clareza nas perguntas?

INQUIRIDOR.—Algumas delas são muito claras.

ESPÍRITO.—Assim lhe poderia parecer a si. Não são os carateres em si que o espírito reconhece, mas as ideias neles incorporadas. Por outras palavras, eles não leem a escrita, mas as ideias, e elas podem ser muito confusas.

INQUIRIDOR.—É essa confusão que desejo trazer à luz. Algumas pessoas têm ficado insatisfeitas, e perseveraram e obtiveram respostas corretas. Recentemente incluí um pedaço de retalho num envelope, que a minha filhinha segurou na mão um momento ou dois antes de morrer, e a resposta que recebi, «Vejo-o, papá», foi muito satisfatória. Desejo saber se esse pedaço de retalho foi visto claramente pelo olho do pequeno espírito, ou se a mente da médium recebeu a impressão?

R.—A médium certamente não poderia ter nada a ver com isso, a não ser como um instrumento na matéria. Ora, então, a inferência natural é que o próprio espírito reconheceu de facto o que estava contido no envelope.

P.—Pode ser explicado por qualquer lei magnética?

R.—Bem, sim; pois é através da agência do magnetismo que todas estas manifestações são realizadas. Tudo o que entra em contacto com a vida humana se torna mais ou menos magnetizado. Por exemplo: se tomar um pedaço de papel, ou um pedaço de pano, qualquer artigo, vegetal, animal ou mineral, na sua mão, ele tornar-se-á mais ou menos magnetizado com a sua vida — tornar-se-á mais ou menos impregnado com ela. É geralmente através disso que os seus amigos reconhecem a sua pergunta. Por vezes está consciente de que este magnetismo é muito nublado, extremamente; portanto deve ser

muito difícil para qualquer inteligência distinta ler corretamente através do fumo.

P.—Explicará a filosofia da clarividência, para benefício de algumas pessoas que me pediram para lhe propor o assunto?

R.—Tem sido explicada muitas, muitas vezes. A clarividência é uma faculdade da alma, algo que está sempre presente com a alma, que a capacita a ter no seu alcance todo o passado, todo o futuro, bem como o presente. Numa palavra, pode ser chamada a atmosfera em que a alma existe.

P.—As crianças pequenas, que morrem quando bebés, crescem até à maturidade no mundo dos espíritos?

R.—Sim, crescem, certamente.

P.—Então devem fazê-lo através das leis do abraço materno; isto é, estão na terra com a sua mãe. Não estão?

R.—Bem, não necessariamente. O crescimento está na ordem da Natureza, maturidade, perfeição.

P.—Os homens velhos e rugosos, quando passam para o mundo dos espíritos, regridem para a juventude, ou permanecem velhos?

R.—Bem, não há homens e mulheres velhos no mundo dos espíritos. O espírito, como espírito, nunca se deteriora. Atinge a maturidade, ou a perfeição humana, mas nunca passa além dela. Quando os vossos médiuns veem os vossos homens e mulheres velhos no mundo dos espíritos, apenas veem essa representação deles mesmos como eram quando aqui, não como são como espíritos.

P.—Então o espírito do homem velho é tão jovem como sempre, não é?

R.—Nunca envelhece. Certamente que é.

P.—Não pode um espírito desencarnado regressar a uma forma humana, e viver e habitar com ela num estado normal?

R.—Bem, o seu orador, como inteligência, regressou através desta médium, e vive e habita na forma; mas temporariamente, não permanentemente. Cada espírito que se manifesta através de uma forma humana permanentemente fá-lo em virtude da lei natural. Nenhum espírito pode regressar e possuir um organismo estranho e manter o controlo por qualquer extensão de tempo.

P.—Se ele pode regressar, não contém a médium duas almas, ou dois espíritos?

R.—Não, não necessariamente.

P.—Traçará uma linha de distinção entre a consciência e as faculdades intelectuais?

R.—Seria impossível traçar uma linha de demarcação entre elas. Sendo a consciência uma faculdade da alma, não pode ser separada da alma. A sua consciência é a sua razão humana. Não é filha da educação. A sua manifestação pode depender, e depende, no que diz respeito à vida humana, dela; mas a sua vida não depende dela. É um elemento nascido da alma, um algo de que a alma nunca será separada.

INQUIRIDOR.—Spurzheim faz uma distinção. Ele estabelece uma faculdade chamada conscienciosidade.

R.—Bem, a conscienciosidade, ou um algo que é exibido através desse órgão particular do cérebro, não passa da voz da consciência. Ora essa voz pode falar em tons de trovão, ou pode falar num

sussurro. Seria muito injusto dizer que uma pessoa não tinha consciência porque havia muito pouca manifestação dela. Seria antes justo, e diria que essa pessoa tem uma consciência, mas ela não se manifesta através de órgãos humanos. Acredite em nós, a alma nunca está sem a sua consciência. É uma faculdade que lhe pertence, pela qual ela sempre se manifesta, quer imperfeitamente quer perfeitamente.

P.—A mente do animal não vive depois e não progride?

R.—Não; o animal torna-se o animal perfeito e nada mais. Nunca aspira, nunca pede para ir além da sua condição presente. Pode elevá-lo até uma certa altura, mas não mais alto. Não é assim com a alma humana, as suas aspirações são sem limites, infinitas em si mesmas. A alma nunca está satisfeita com a sua condição.

P.—Qual é o significado daquela passagem da Escritura: «Como uma pessoa pensa, assim ela é»?

R.—Bem, os seus pensamentos são, no sentido mais verdadeiro, vós mesmos. Estes corpos, estas máquinas através das quais atuam, não são de modo algum reais. O que é, então? Ora, os vossos pensamentos, certamente. Portanto, como pensa, assim é.

P.—Alguma vez os espíritos humanos reconhecem um animal depois de ele falecer? Pergunto porque tinha um minto de estimação que morreu, e sempre pensei que nunca poderia ser feliz sem ele.

R.—Bem, é nossa opinião que nunca encontrará esse minto no mundo dos espíritos. Teve forma aqui, mas o seu espírito, como diria o Brama, é absorvido no seio infinito de Brama.

P.—Não é sustentado por alguns que todos os espíritos são de uma só essência?

R.—Isso está correto, certamente. A vida é vida, quer seja vista no animal, no vegetal ou no mineral. Todas as coisas são de uma só essência, com certeza.

P.—Tenho um rapazinho no mundo dos espíritos que me diz que tem um pónei. Ora, diz-me ele uma história errada?

R.—Não, certamente que não. A sua criança habita na superfície da terra, ainda não deixou a terra até ao momento, e o seu pónei é o pónei pertencente à terra, e não ao mundo dos espíritos propriamente dito. 2 de jan.

ESPÍRITO CONTROLADOR.—Estamos agora prontos para considerar quaisquer proposições que tenha de correspondentes ou da assistência.

PERGUNTA.—Irá o espírito controlador por favor dizer-nos, ou definir, a diferença entre as leis naturais e sobrenaturais, para que possamos explicar quando perguntados?

RESPOSTA.—Bem, supõe-se geralmente que aquilo que pertence ao domínio sobrenatural da lei está fora do natural, mas pela nossa parte não podemos ver diferença entre a lei natural e a chamada sobrenatural. Para nós são uma e a mesma coisa. É apenas sobrenatural porque não a compreende, porque acontece estar além do seu sentido humano.

P.—Um correspondente faz a seguinte pergunta: «Por favor pergunte no seu círculo se há evidência histórica conclusiva existente de que o Jesus mencionado nos Evangelhos alguma vez viveu na forma na Judeia.»

R.—Assim é declarado por escritores bíblicos.

P.—Qual é a sua opinião sobre o assunto, se há evidência conclusiva de que Jesus, mencionado no Evangelho, alguma vez viveu na Judeia?

R.—Bem, supondo que devíamos dizer que não acreditávamos que ele alguma vez tivesse vivido, o que diria o senhor?

INQUIRIDOR.—Que exprimia muito aproximadamente a minha.

ESPÍRITO.—Tem muitas coisas para desaprender, muitas para aprender, relativamente a este Jesus, o Cristo. Tão rápido quanto estiver preparado para desaprender o que a chamada Igreja Cristã lhe impôs, irá desaprendê-las. Tão rápido quanto estiver preparado para aprender as que lhe são novas, esteja certo de que as aprenderá. Na nossa opinião, Jesus, o Cristo, nunca habitou na Judeia. Podemos estar enganados, contudo.

P.—Não disse Flávio José, na sua história, que não proferiu nada que tendesse a depreciar o Cristianismo, e não omitiu nada que tendesse a exaltá-lo?

R.—Assim disse ele, afirma o registo.

P.—Não decretou o Imperador Constantino que todas as pessoas que ensinassem ou escrevessem qualquer coisa que estivesse em oposição às doutrinas do Concílio de Niceia deveriam ser severamente punidas?

R.—Certamente que sim.

P.—E que toda a evidência escrita que contivesse qualquer coisa em oposição às doutrinas do Concílio de Niceia deveria ser destruída, queimada?

R.—Estes são factos que ninguém bem versado em História Bíblica tentará negar.

P.—Não é uma máxima humana que aquele que é falso numa coisa pode ser tido como falso em todas as coisas?

R.—Sim, é uma máxima humana, mas até que ponto ou quanta verdade contém é uma coisa completamente diferente. Temos afirmado frequentemente, e certamente em toda a sinceridade, que a vossa Bíblia foi mais a dádiva de Constantino do que de qualquer outra inteligência existente na terra, ou além da terra. Ele escolheu para vós o que teria escolhido para si mesmo.

Rejeitou para vós o que escolheu rejeitar para si mesmo; numa palavra, ele marcou o caminho pelo qual o Cristianismo devia ir para o céu, se é que para lá ia. Mas graças a um Poder soberano, uma Inteligência cuja sabedoria é superior a todos os outros seres, o tempo aproxima-se rapidamente em que esta chamada Dispensação Cristã deve morrer.

P.—Se Cristo não viveu realmente na terra de onde é derivada a ideia?

R.—Dissemos nós que ele não viveu realmente na terra? Deve certamente ter-nos compreendido mal. Apenas dissemos que na nossa opinião ele nunca habitou na Judeia.

P.—Onde habitou ele então, visto que a história de Cristo é derivada do povo da Judeia?

R.—Essa é uma pergunta que não está preparado para ter respondida.

P.—Perguntaria, se Robinson Crusoé não viveu onde a ideia de Robinson Crusoé foi derivada? Não se correlaciona essa pergunta com a de há um momento?

R.—Sim.

P.—Perguntaria além disso se Gil Blas e Dom Quixote nunca existiram, onde originou alguma vez a ideia correspondente a eles?

R.—Eles tiveram certamente uma origem, pelo facto de terem aparecido. Mas no que diz respeito a este Jesus de Nazaré, este Cristo, este fundador da religião cristã, diríamos, como antes afirmámos, ser nossa crença, sim, mais, nós sabemos — tal pessoa teve de facto uma existência terrena. Sabemos também que uma porção do registo relativamente à sua vida é verdadeira, mas uma grande porção dele é inteiramente inverídica. Ora não falamos de especulações, mas de conhecimento positivo.

P.—É o relato de Flávio José sobre Jesus Cristo correto?

R.—Há muitas verdades contidas nos escritos de Flávio José, algumas falsidades também. Ele diz que tal homem como Jesus viveu na terra, e certos atos atribuídos a ele foram realizados, mas ele não dá essa credibilidade a outros escritores históricos que o senhor poderia desejar que ele desse. Não obstante, ele fala muitas verdades, verdades que podem ter estado sob o entulho da superstição durante longos anos, contudo são não menos verdades.

P.—Não são essas passagens no que diz respeito à vida de Jesus, encontradas nas obras de Flávio José, olhadas como interpolações na sua história pelas maiores mentes do mundo?

R.—Certamente que são consideradas como tais por alguns, mas se são as maiores mentes, não sabemos.

P.—Que são reconhecidas?

R.—Ah sim; mas o mundo reconhece coisas estranhas como grandes verdades.

P.—Diz que a maior parte dos escritos de Flávio José são verdadeiros?

R.—Certamente compreendeu-nos mal. Não proferimos tal observação.

P.—É esse relato dos filhos de Deus a casarem com as filhas dos homens, e a gerarem uma nação de gigantes, verdadeiro?

R.—Não lhe sabemos dizer. É nossa opinião que não foi estabelecido pelo escritor como facto, portanto importa muito pouco se é verdadeiro ou falso.

P.—Podem os espíritos desviar balas de canhão do seu curso, e proteger os seus amigos no campo de batalha?

R.—Certamente que podem fazer isto.

P.—Fazem-no?

R.—Bem, é nossa opinião que tem sido feito, mas até que ponto somos incapazes de dizer.

P.—Foi Washington protegido desta maneira?

R.—Não sabemos. Se qualquer espírito tem poder para lidar fisicamente com qualquer objeto ponderável, tem poder para desviar uma bala de canhão do seu curso. A diferença é apenas no grau. 3 de jan.

ESPÍRITO CONTROLADOR.—De acordo com o seu costume, estamos prontos para considerar perguntas de correspondentes ou da assistência.

PERGUNTA.—Quando as pessoas partem desta vida são conhecidas e reconhecidas por esses amigos já na terra dos espíritos quando lá chegam, e podem elas escrever a amigos vivos e dizer-lhes o paradeiro de outros amigos vivos que estão desaparecidos?

RESPOSTA.—Ou, por outras palavras, reconhece o espírito desencarnado os amigos que encontra na terra dos espíritos após a morte? E pode o habitante desse chamado mundo dos espíritos certificar-se corretamente relativamente ao paradeiro de amigos na forma? A vida seria desprovida de prazer, e seríamos meros autómatos se falhássemos em reconhecer aqueles por quem somos atraídos, aqueles que conhecemos na vida terrena na terra dos espíritos. Se o espírito desencarnado não pudesse, sob condições favoráveis, tornar-se conversado com a condição e o paradeiro de amigos na forma, então certamente a alma teria perdido algo do poder que lhe pertencia antes da transformação chamada morte.

PRESIDENTE.—A Sra. L. L. Ingalls, do Minnesota, deseja respostas às seguintes perguntas:

PERGUNTA.—É uma dieta vegetarianista exclusiva mais condutiva à longevidade e ao desenvolvimento espiritual mais elevado do homem do que a sua presente dieta composta de carne, cereais, vegetais, etc.?

RESPOSTA.—O homem é um animal herbívoro e carnívoro, e portanto exige frutos, grãos, vegetais e alimento animal. Prospera melhor espiritual e fisicamente sob este curso do que sob qualquer outro. É-lhe tão natural como é natural ao cavalo e ao boi viverem inteiramente de grãos, frutos e vegetais.

P.—São as guerras alguma vez justificáveis? Não têm elas verdadeiramente a sua origem nas concupiscências malignas dos homens, como dado por São Tiago?

R.—A guerra é justificada pela causa que produz a guerra, mas não justificada por aquilo que produziria a paz. Ora pelo facto de a guerra existir, e sempre ter existido, tanto quanto somos capazes de saber, entre a família humana, havemos de acreditar que é uma necessidade a nascer da vida humana; exatamente tão necessária quanto as vossas tempestades, os vossos terramotos, os vossos tornados violentos são uma necessidade da vida dos elementos.

P.—Viveu o antediluviano verdadeiramente até uma idade tão grande como a registada na história da Bíblia? Se assim foi, não havia uma causa natural para isto? Qual foi essa causa?

R.—As datas existentes com os antediluvianos diferem muito essencialmente das datas do seu dia. Não é para ser suposto por ninguém que seja versado na ciência animal que estes corpos físicos pudessem ser sustentados na terra tanto tempo quanto o registo o leva a supor. Não podemos acreditar que o espírito permanecesse mais tempo na forma física durante esses dias do que permanece durante o tempo presente.

P.—Era o homem no princípio um bárbaro selvagem, cruel, não desenvolvido, ou brando, gentil, civilizado e refinado?

R.—É bastante impossível dizer o que o homem era no princípio, bastante tão impossível como para nós dizer se ele alguma vez teve ou não um princípio. É nossa opinião que ele nunca teve um princípio. É nossa opinião, como alma, alma individualizada, que o homem era bastante tão perfeito em eras passadas quanto agora. A manifestação difere apenas, não o interno.

P.—De onde veio a inspiração dos antigos profetas — de espíritos desencarnados, ou do próprio Deus?

R.—Toda a inspiração acreditamos ser de Deus; todo o pensamento, toda a vida. Não importa por quantos graus, por quantas formas diferentes possa ser filtrada, é não obstante inspiração divina.

P.—Têm os animais brutos espíritos que sobrevivem à dissolução física?

R.—Não como individualidades, mas como vida geral. A individualidade aliada à imortalidade pertence unicamente ao humano.

PRESIDENTE.—H. A., de Fayette, Iowa, envia a seguinte pergunta:

P.—No *Banner* de 10 de dezembro, noto que os espíritos dizem que a Terra de Verão de A. J. Davis é uma produção da fantasia. E dizem então que a alma é retirada da lei das coisas materiais quando deixa o corpo. Ela é, então, pensamento — pensamento absoluto; vive no mundo do pensamento; e daí infero que considera o pensamento como imaterial. Eu perguntaria simplesmente: Pode haver personalidade, lugar, existência, ou qualquer coisa, onde haja...

R.—Os pensamentos nunca estão sem forma e lugar. Os seus pensamentos são vós mesmos reais. O corpo através do qual os pensamentos são projetados não é de modo algum o homem ou mulher real. É apenas o mecanismo mortal, bruto, através do qual o pensamento se manifesta. Ora, para alguns, o pensamento é uma espécie de material, intensamente sublimado, com certeza, pois o pensamento é capaz de ser dissolvido, desintegrado, alterado, portanto deve possuir algo da vida material, caso contrário não estaria sujeito à lei da alteração.

O seu correspondente não precisa de ter receio de que ficará insatisfeito com a sua condição como espírito porque não passa de pensamento, pois esse pensamento é o real, não o ideal, o pessoal, não o fantasioso; um algo inteiramente substancial, não insubstancial. É algo mais do que sopro, algo mais do que forma, algo mais do que realidade, como compreende o termo realidade. É uma imortalidade, uma entidade individualizada; um algo capaz de memória; um algo capaz de amor; um algo capaz de erguer para si mesmo um lar que o satisfaça a si mesmo.

PRESIDENTE.—L. B., de Walpole, N. H., deseja ver respondidas as seguintes perguntas:

P.—Há outras substâncias elementares que atuem no sistema humano, para manter a ordem perfeita nele, que sejam mais finas, ou de uma ordem mais elevada do que a eletricidade e o magnetismo para além desses elementos? Se assim for, quais são elas, ou qual é o seu ofício a realizar?

R.—Há tantos tipos ou diferentes graus de magnetismo e eletricidade quanta a necessidade de um número infinito de graus desta eletricidade e magnetismo. Primeiro, há o mais bruto, que pertence à vida animal; depois há o mais fino, que pertence ao corpo espiritual — o mecanismo desse corpo; terceiro, há um elemento ainda mais fino — um elemento que é vivo, a jogar entre o interno e o externo; e assim por diante, até estarmos perdidos na infinitude do número de graus deste mesmo poder.

P.—O que liga o corpo espiritual ao corpo físico? E como estão ligados, ou quais são os laços?

R.—A lei da atração existente entre a mente e a matéria; nada mais, nada menos.

PRESIDENTE.—Um investigador envia estas indagações:

P.—Pode um espírito viver sem uma alma? E se uma alma poderia possivelmente viver se privada do espírito?

R.—Não sabemos de nenhuma diferença especial existente entre espírito e alma. São apenas termos diferentes usados para designar, não ideias diferentes, mas conceções diferentes de ideias. A alma e o espírito são uma e a mesma coisa.

P.—Não tentam as almas que quando na vida terrena eram de uma natureza egoísta e usurpadora usurpar sobre a vida espiritual de um mortal, com o propósito de levar esse mortal quer à forca, à prostituição, quer controlar o mortal para cometer assassínio ou roubo, ou compeli-los a cometer pecados dessa alma outrora mortal, que os presentes seres mortais pudessem ter detestado naquele cuja mortalidade tinha sido desfeita?

R.—Que o assassino, ou o ladrão, ou a prostituta, que eram tais na vida terrena, são de facto frequentemente atraídos para formas a habitar na terra, sabemos. Tais inteligências vêm por vezes para o bem, grande bem; por vezes vêm para aquilo que a mortalidade chama mal, o qual é apenas um bem menor. Mas há sempre uma lei a controlar o seu regresso. Eles vêm em virtude dessa lei, que governa todas as coisas. Ora deve haver um certo poder, uma certa atração existente no corpo mortal que atrai tais, caso contrário não poderiam vir. Pode ser que alguém possa ser erguido da sua condição infeliz na vida espiritual. Possivelmente pode haver alguém no corpo ou fora dele que possa ser beneficiado por isso, possivelmente possa ser degradado por isso.

P.—Por favor pergunte no círculo se, no julgamento da inteligência controladora, visões corretas da natureza, duração e propósito da relação matrimonial existem geralmente entre o povo dos Estados Unidos?

R.—É nossa opinião que não são geralmente muito corretas.

P.—[Da assistência.] Em que aspeto são as visões predominantes deste povo no que diz respeito ao propósito da relação matrimonial incorretas?

R.—Em quase todos os aspetos.

P.—Qual deveria ser, no seu julgamento, a duração da relação matrimonial?

R.—Deveria durar enquanto a lei mais santa unir duas pessoas.

P.—Qual é essa lei mais santa?

R.—A lei da atração espiritual, não animal.

P.—Como podem as pessoas perceber essa lei mais santa?

R.—Vivendo naturalmente, orando ardentemente por dons mais elevados, luz mais elevada, que serão sempre dados àqueles que os pedirem.

P.—Deveria a relação matrimonial ser controlada pela lei governamental?

R.—Não, não quando os indivíduos são capazes de se governar a si mesmos. Mas quando não o são, então talvez seja melhor estar sob a lei governamental.

P.—Quem determinará se os indivíduos são capazes de se governar a si mesmos nesta matéria?

R.—Mentes que estão erguidas acima das coisas sórdidas do tempo são mais capazes de proferir julgamento nesta matéria.

P.—Podem tais mentes controlar pela força, se acharem necessário?

R.—A lei da força pertence à ordem mais baixa das manifestações da vida. Aquele que é compelido a caminhar em qualquer direção faz geralmente muitos passos falsos; mas aquele que caminha em qualquer direção em virtude da sua própria vontade não comete muitos erros.

P.—Visto que os pais esperam encontrar, abraçar e permanecer na companhia dos seus filhos na terra dos espíritos, por favor declare a condição da qual depende este feliz acontecimento?

R.—A lei da afinidade natural a imperar, o senhor certamente encontrará e habitará com os seus filhos no mundo dos espíritos. Mas se ela não imperar no seu caso, certamente não os encontrará e não habitará com eles. Se os seus filhos o amam, e o senhor os ama a eles, nenhum poder terreno os pode separar. Mas se não há afinidade natural ou espiritual a existir entre vós, então poder algum vos pode atrair juntamente.

P.—Esta lei da afinidade não é a mesma que a lei da atração, pois não?

R.—Sim, é certamente. 3 de jan.

Capitão Charles O'Neil.

Este é um mundo estranho em que vivemos. Eu costumava pensar, antes da morte, que quando passássemos através da morte estávamos fora do mundo; mas encontrei-me tão habitante da terra após a morte como era antes, pois se bem me lembro, o meu primeiro pensamento foi: como hei de ir para casa? Como dar a saber aos meus amigos a minha condição como espírito? Eu tinha ouvido algo sobre este Espiritualismo, mas não sabia nada dele.

Fui ferido em Winchester, capturado e morri pouco depois. Era capitão da Companhia A, 7.º de Cavalaria da Virgínia, nome Charles O'Neil. Tenho mulher e família e muitos outros caros amigos na Virgínia, e se vós, boas pessoas, tendes disposição para me auxiliar, desejo fazer chegar os meus pensamentos até eles.

Estou consciente de que estou a pedir favores a um que era meu inimigo, mas estou consciente, também, se posso depositar confiança no que me foi dito, de que no que diz respeito a esta coisa vós estais em terreno neutro; que auxiliais todos os que vêm, independentemente da cor, posição — amigo ou inimigo.

Tinha trinta e seis anos de idade; nasci no Tennessee. Ficaria grato se a minha família pudesse vir para o Norte, pois não vejo maneira, de acordo com o estado presente dos assuntos, pela qual eles possam ser bem sustentados lá. O seu lar é em quase todos os aspetos um lar não mais, e se havemos de julgar alguma coisa pelas sombras dos acontecimentos do dia presente, estarei muito enganado se não formos rapidamente dominados, e o pouco que nos resta não for devorado.

Gostaria que o meu amigo Thomas Percy — acredito que ele seja um corretor em Nova Iorque, em todo o caso ele estava envolvido nesse negócio quando o conheci —, gostaria que, se ele for capaz de me auxiliar de alguma forma no envio dos meus poucos pensamentos para a minha família, o faça. Houve tempo em que fui capaz de lhe conceder um favor, e espero que ele não recuse o meu pedido. Sou o mesmo. A morte não me mudou em nada exceto na forma, e espero que os meus amigos lidem comigo da mesma maneira como se eu estivesse aqui; não, pelo facto de estar fora da vista, se esqueçam de favorecer o meu pedido. Eles não estão fora da minha vista. Digam aos meus amigos que fui ferido no ombro, perdi o braço; a febre suponho que se tenha instalado, e faleci em poucos dias. Em todo o caso não importa, estou livre do corpo agora, e não gosto de me deter sobre a causa. Bom dia. 3 de jan.